



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TAYNÁ VICTÓRIA DE LIMA MESQUITA

É PRECISO MUDAR OS LUGARES DA MESA: *um estudo das carreiras
militantes de acadêmicos negros na Universidade Estadual de Campinas*

CAMPINAS

2020

TAYNÁ VICTÓRIA DE LIMA MESQUITA

É PRECISO MUDAR OS LUGARES DA MESA: *um estudo das carreiras
militantes de acadêmicos negros na Universidade Estadual de Campinas*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação.

Supervisora/Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Fonseca de Almeida

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DE DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA TAYNÁ VICTÓRIA DE LIMA MESQUITA, E
ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ANA MARIA FONSECA DE ALMEIDA

CAMPINAS

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M562e Mesquita, Tayná Victória de Lima, 1993-
É preciso mudar os lugares da mesa : um estudo das carreiras militantes de acadêmicos negros na Universidade Estadual de Campinas / Tayná Victória de Lima Mesquita. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Ana Maria Fonseca de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ativismo político. 2. Relações raciais. 3. Movimento negro. 4. Experiência. 5. Movimentos sociais. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: It is necessary to change table positions : a study of the militant careers of black academics at the State University of Campinas

Palavras-chave em inglês:

Political activism

Race relations

Black movement

Experience

Social movements

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Ana Maria Fonseca de Almeida [Orientador]

Kimi Aparecida Tomizaki

Matheus Gato de Jesus

Data de defesa: 05-02-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-7062-1166>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5514385703563353>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

É PRECISO MUDAR OS LUGARES DA MESA: *um estudo das carreiras
militantes de acadêmicos negros na Universidade Estadual de Campinas*

Autora: Tayná Victória de Lima Mesquita

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Fonseca de Almeida

Prof^a. Dr^a. Kimi Aparecida Tomizaki

Prof^o. Dr^o. Matheus Gato de Jesus

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Campinas

2020

*“E do drama intenso de uma vida imensa e útil,
Resultou certeza:
As minhas mãos colocaram pedras nos alicerces do mundo.
Mereço o meu pedaço de pão.”*

Mateus Aleluia - Confiança

*Mọ wà!
Eu existo!*

AGRADECIMENTOS

À minha ancestralidade, por não me deixar esquecer o motivo do sonho.

À minha mãe, Tânia Badu, minha primeira morada. Aquela que com suas palavras e ações, sempre me abençoa.

Ao Rubens, meu tio-irmão mais doce. Aquele que ao cruzar minha história, me ensinou a me indignar diante das injustiças.

Ao meu sagrado. À Èṣù pela sorte dos bons encontros. À Ṣàngó, por ter me condenado a ser feliz! A Ọṣun por me ensinar o comportamento do rio. A Ọṣòṣì, por que um Ọḍe, um caçador, é fundamentalmente esperançoso.

À comunidade do Ilé Asé Obá Adákédájó Omí Aladò, porto-seguro. Ao meu Bábàlorìṣá, Moacyr ty Ṣàngó, minha Ìyáláṣé Fabiana ty Ọṣòṣì e minha Ìyá Regina ty Yemonjá, pelas mãos de vida!

Ao Luís Gustavo, por que o amor cura.

À Ana Maria Fonseca de Almeida, minha orientadora, por embarcar em meus sonhos e me ajudar a amadurecer como pesquisadora, sempre com afeto.

Às interlocutoras e interlocutores do NEN e do NCN pela amizade, generosidade e confiança que tornaram essa pesquisa possível.

Aos colegas do FOCUS, em especial Ana Maria, Adriana, Luciana, Chantal, Rosângela, Ingrid, Vinicius e Wânia, pelas trocas incríveis que ajudaram essa pesquisa a florescer.

À Kimi Tomizaki e Matheus Gato de Jesus, pelos diálogos que enriqueceram o texto da pesquisa e me trouxeram suporte enquanto pesquisadora. À Rosângela Moreno, Maurício Ernica e Juliana Basílio por generosamente caminharem junto.

Às trabalhadoras e trabalhadores da Faculdade de Educação da UNICAMP, em especial da secretaria de pós-graduação, representados nominalmente em Antônio, Cláudia, Diego e Luciano, por todo apoio prestado, sobretudo na reta final da pesquisa.

À Giorgia Nascimento, Anna Varani, Bruno Nzinga e Giseli Jancoski. Protagonistas de inúmeros momentos de alegria, acolhimento em todas as tretas... Nossos passos vêm de longe! Orgulho de quem nos tornamos!

À Beatriz Regina Barbosa, abraço que transpõe o espaço e o tempo.

Ao Luís, Bruno e Carol, queridos companheiros de casa em tempos de pandemia. Agradeço pelas risadas, conselhos, madrugadas de escrita, afetos compartilhados que tornaram esse momento mais leve.

À todes aqueles que ao me acompanharem me oferecem um chão firme para pisar. Vocês sabem quem são.

RESUMO

Esta pesquisa pretende contribuir para uma sociologia do ativismo e do antirracismo por meio do estudo das carreiras militantes de estudantes universitários negros que, ao longo de suas trajetórias acadêmicas na UNICAMP, criaram e mantiveram coletivos estudantis. Apoiando-se na análise de documentação produzida por esses coletivos e em entrevistas com os estudantes, o trabalho reconstitui as trajetórias de engajamento e de desengajamento dos mesmos, bem como explora as implicações biográficas e ocupacionais do processo. Além de contribuir para reconstituir uma face da história dos estudantes negros em uma das universidades mais seletivas do país, ao longo das últimas duas décadas, a pesquisa permitiu observar que o modo como os sujeitos entrevistados se relacionam com o universo da política é resultado de experiências que acumularam na infância e na adolescência, resultado de processos educativos elaborados em múltiplos espaços de socialização, relacionados, nos casos aqui estudados, à esfera familiar, à esfera religiosa, à escolarização formal, à vinculação a projetos sociais e de educação não formal, e por fim, a processos de socialização na esfera política, junto a grupos militantes organizados, como partidos, sindicatos e movimentos estudantis universitários. Por meio de experiências vivenciadas nesses espaços, os estudantes puderam desenvolver percepções, sensibilidades e valores favoráveis à adesão à escola e à universidade como projeto de futuro e também favoráveis ao engajamento militante. As particularidades desses processos de socialização anteriores ao engajamento se mostraram significativos não apenas para definir a atração dos estudantes pela bandeira da luta antirracista, como também para definir o tipo de repertório de ação que implementaram. Além disso, observou-se que uma dimensão geracional também ajudava a explicar porque alguns inclinaram-se a uma militância de viés intelectual e mais orientada a atividades de estudo e exploração intelectual, enquanto outros desenvolveram uma militância mais orientada à participação nos debates e enfrentamentos no espaço da universidade. Observou-se também que a adesão à militância foi impulsionada pela possibilidade de deslocamento de uma posição de marginalidade e solidão para a posição de pertencimento a um grupo próprio no contexto da universidade. Percebendo-se em uma posição de *outsiders* com relação ao conjunto majoritário de estudantes e docentes da universidade, do ponto de vista da origem de classe e pertencimento racial, esses estudantes encontram na constituição de uma coletividade negra uma oportunidade para promoverem um espaço de integração, formação, acolhimento e organização política diante dos diversos desafios impostos pela experiência do racismo e outras formas de opressão na universidade. O processo de exposição à militância experimentado pelos sujeitos da pesquisa teve efeitos importantes sobre a percepção de si como pessoa negra vivendo no Brasil e no mundo num determinado momento histórico, assim como sobre suas visões de mundo. Nesse sentido, uma das implicações biográficas do processo de engajamento foi a incorporação, compartilhada por todos os entrevistados, de uma identidade militante e a adesão a um sentido para a própria existência que está atrelado à busca por saídas coletivas, mesmo entre aqueles que atualmente não se encontram engajados em nenhuma organização política. Outra implicação biográfica importante foi a reconversão de capitais políticos em científicos, levando alguns a perseguir uma carreira acadêmica na qual puderam empregar, e, em alguns casos, em uma reconfiguração da militância, por meio da participação na política institucional.

Palavras-chave: coletivos universitários negros; engajamento militante; reconversão de capitais; sociologia das carreiras militantes; sociologia do antirracismo

ABSTRACT

This research aims to contribute to the sociology of activism by studying the militant careers of black university students who, throughout their academic trajectories at UNICAMP, created and maintained student groups. Based on the analysis of documentation produced by these collectives and on interviews with students, the work reconstructs their engagement and disengagement trajectories, as well as exploring the biographical and occupational implications of the process. In addition to helping to reconstruct a face of the history of black students at one of the most selective universities in the country, over the past two decades, the research allowed us to observe that the way the subjects interviewed relate to the universe of politics is the result of experiences that accumulated in childhood and adolescence, the result of educational processes developed in multiple spaces of socialization, related, in the cases studied here, to the family sphere, the religious sphere, formal schooling, the link to social and non-formal education projects, and finally, socialization processes in the political sphere, with organized militant groups, such as parties, unions, and university student movements. Through experiences lived in these spaces, students were able to develop perceptions, sensitivities, and values favorable to adherence to school and university as a project for the future and also favorable to militant engagement. The particularities of these socialization processes before engagement proved to be significant not only to define students' attraction to the banner of the anti-racist struggle but also to define the type of action repertoire they implemented. Furthermore, it was observed that a generational dimension also helped to explain why some were inclined towards an intellectual bias and more oriented towards the study and intellectual exploration activities, while others developed a more oriented towards participation in debates and confrontations in the university space. It was also observed that adherence to activism was driven by the possibility of shifting from a position of marginality and loneliness to the position of belonging to a specific group in the context of the university. Perceiving themselves in a position of outsiders concerning the majority of students and faculty at the university, from the point of view of the class origin and racial belonging, these students find in the constitution of a black community an opportunity to promote a space of integration, training, reception and political organization in the face of the various challenges imposed by the experience of racism and other forms of oppression in the university. The process of exposure to militancy experienced by the research subjects had important effects on their perception of themselves as black people living in Brazil and the world at a certain historical moment, as well as on their worldviews. In this sense, one of the biographical implications of the engagement process was the incorporation, shared by all respondents, of a militant identity and adherence to a sense of existence that is linked to the search for collective solutions, even among those who are not currently involved. are engaged in no political organization. Another important biographical implication was the conversion of political capital into scientific capital, leading some to pursue an academic career in which they were able to employ, and, in some cases, a reconfiguration of militancy, through participation in institutional policy.

Key-words: black university collectives; militant engagement; capital reconversion; sociology of militant careers, sociology of anti-racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Quadro 1** - Pertencimento étnico-racial, identidade de gênero, idade e origem (NCN)
- Quadro 2** - Características sócio-ocupacionais dos avós maternos (NCN)
- Quadro 2.1** - Características sócio-ocupacionais dos avós paternos (NCN)
- Quadro 3** - Características sócio-ocupacionais das famílias (NCN)
- Quadro 4** – Cursos de ingresso e vínculo atual com a universidade (NCN)
- Quadro 5** – Características sociais, cursos de ingresso e vínculo atual com a universidade (NEN)
- Quadro 6** – Características sócio-ocupacionais dos avós (NEN)
- Quadro 7** – Características sócio-ocupacionais dos pais (NEN)
- Figura 1** – Pedido de reconsideração de matrícula, protocolado em 19/12/2013
- Figura 2** - Panfleto de divulgação A (NEN)
- Figura 3** - Panfleto de divulgação B (NEN)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros

ALESP – Assembleia Legislativa de São Paulo

AMLURB – Autoridade Municipal de Limpeza Urbana

ANEL – Associação Nacional dos Estudantes Livres

ANPG – Associação Nacional de Pós-graduação

APG – Associação de Pós-graduação

APN – Associação Pastoral do Negro

CA – Centro Acadêmico

CACH – Centro Acadêmico de Ciências Humanas

CADER – Comissão Assessora de Diversidade Étnico-racial

CANBENAS – Coletivo de Estudantes Negros e Negras Beatriz Nascimento

CB – Ciclo Básico

CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano

CEBES – Comunidades Eclesiais de Base

CEMARX – Centro de Estudos Marxistas

CEN – Coletivo de Estudantes Negros

COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo

COMVEST – Comissão Permanente para os Vestibulares

CONEPPA – Coletivo Negro de Práticas Pedagógicas em Africanidades

CONSU – Conselho Universitário

COPENE – Congresso de Pesquisadores Negros

CSP-Conlutas – Central Sindical e Popular Conlutas

DCE – Diretório Central dos Estudantes

EJA – Educação de Jovens, Adultos e Idosos

ETEC – Escola Técnica Estadual (São Paulo)

EXTECAMP – Escola de Extensão da UNICAMP

FE – Faculdade de Educação

FPC – Frente pró-cotas da UNICAMP

GEFAA – Grupo de Estudos em Filosofia Africana e Afro-diaspórica

GT – Grupo de Trabalho

IA – Instituto de Artes

IEL – Instituto de Estudos da Linguagem

IESCAMP – Instituto de Educação e Ensino Superior de Campinas

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

IMECC – Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica

MNU – Movimento Negro Unificado

MRT – Movimento Revolucionário dos Trabalhadores

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

NCN – Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP

NEAB – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros

NEN – Núcleo de Estudos Negros

ONG – Organização Não Governamental

PAAIS – Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social

PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero

PB – Pavilhão Básico

PEIS – Projeto Educativo de Integração Social

PJ – Pastoral da Juventude

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC-Sal – Pontifícia Universidade Católica de Salvador

PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

QTCA – Quem Tem CorAge

SAE – Serviço de Apoio ao Estudante

SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

TEN – Teatro Experimental do Negro

TMR – Teoria de Mobilização de Recursos

TNMS – Teoria dos Novos Movimentos Sociais

UBUNTU – Núcleo de Estudantes Negras e Negros

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNB – Universidade de Brasília

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNESP – Universidade Estadual de São Paulo

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

UNITAL – Centro Universitário Tiradentes

UPA – UNICAMP de Portas Abertas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Uma sociologia das carreiras militantes	19
Contexto de formação de um “movimento negro de base acadêmica”	21
O Núcleo de Estudos Negros (NEN).....	25
O Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP (NCN)	26
Operações de pesquisa.....	26
Organização da dissertação	31
CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIAS ESCOLARES ATÍPICAS E INSTÂNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	32
1. Posição social das famílias, socialização e construção de disposições para o engajamento militante	33
1.1. Experiências de aproximação com a política na luta por moradia	44
1.2. A escola tem proeminência nos projetos de futuro.....	46
1.3. Socialização para a independência com relação às figuras masculinas.....	47
1.4. Um sistema de valores orientado para o cuidado com os outros	50
1.5. Processos de orientação política no interior das famílias	51
1.6. Lidando com as contradições de classe através de uma postura de autorefinamento.....	52
1.7. A experiência do racismo: entre reproduções e reflexões	53
2. Socialização religiosa na composição de recursos favoráveis à militância	57
3. Socializações concretizadas no processo de escolarização formal	61
4. Vinculação a projetos sociais, cursinhos populares e o processo de adesão à universidade pública.....	69
5. Processos de politização no movimento estudantil, partidos e sindicatos	79
Conclusões.....	92
CAPÍTULO II – PRESENÇA AFIRMATIVA NEGRA EM UM TERRITÓRIO BRANCO	97
1. As condições sociais que favoreceram os processos de adesão ao NCN	100
2. A adesão a uma coletividade negra como processo de deslocamento de uma posição de marginalidade para uma posição de pertencimento	110
2.1. Preta, se compreenda! Tornar-se negra na universidade	111
2.2. O meu igual como meu espelho: a dimensão da representatividade	112
2.3. Procurando enegrecer a consciência.....	114
2.4. Encontrando um lugar para chamar de meu na universidade	115
2.5. É preciso mudar os lugares da mesa.....	116
3. Laços de diferenciação	116
4. Intensidades do engajamento e agências	119
5. Vamos construir um evento que não tenha nada a ver com cotas: fundação do NCN, modo de organização, objetivos, conquistas e derrotas	120
6. As bandeiras que deram sentido às lutas	126

7. Alguns custos, recursos e retribuições do processo.....	128
Conclusões.....	132
CAPÍTULO III – PROCESSOS DE DESENGAJAMENTO E IMPLICAÇÕES BIOGRÁFICAS.....	135
1. Passando o bastão: investindo em novos projetos de futuro após a aprovação das cotas-raciais.....	136
2. Tensões relacionadas aos modos de organização interna e divisão de tarefas	148
3. Crises biográficas	151
4. Implicações biográficas: sedimentação de uma identidade militante, reconversão de capitais políticos em científicos e profissionalização da militância.....	153
Conclusões.....	162
CAPÍTULO IV – AFIRMAÇÃO DE UMA INTELLECTUALIDADE NEGRA COMO AÇÃO POLÍTICA	165
1. O caso de Ras: processos de socialização orientados a um ethos de ascensão pautado na valorização da vida intelectual.....	165
1.1 Aziza e Nala: processos de socialização orientados à participação política.....	170
2. Construindo o Núcleo de Estudos Negros	178
3. Processos de engajamento	182
4. Processo de dissolução do grupo	184
5. Implicações biográficas	188
Conclusões.....	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	207
APÊNDICE I: SOBRE UM OBJETO DE PESQUISA EXPLICITAMENTE AUTOBIOGRÁFICO	216
A constituição de disposições para adesão à escola, universidade e militância	218
O processo de engajamento	231
O processo de desengajamento e reconversão de capitais políticos.....	236
ANEXO 1.....	239
Quadro 1. Pertencimento étnico-racial, identidade de gênero, idade e origem (NCN)	239
ANEXO 2.....	240
Quadro 2. Características sócio-ocupacionais dos avós maternos (NCN).....	240
Quadro 2.1 Características sócio-ocupacionais dos avós paternos (NCN).....	241
ANEXO 3.....	242
Quadro 3. Características sócio-ocupacionais das famílias (NCN).....	242
ANEXO 4.....	244
Quadro 4. Cursos de ingresso e vínculo atual com a universidade (NCN)	244
ANEXO 5.....	246
Figura 2. Panfleto de divulgação A (NEN)	246
ANEXO 6.....	248

Figura 3. Panfleto de divulgação B (NEN).....	248
ANEXO 7	249
Quadro 5. Características sociais, cursos de ingresso e vínculo atual com a universidade (NEN)	249
ANEXO 8	250
Quadro 6. Características sócio-ocupacionais dos avós (NEN)	250
ANEXO 9	251
Quadro 7. Características sócio-ocupacionais dos pais (NEN)	251

INTRODUÇÃO

Durante a greve eu não me sentia bem para falar, mas depois da greve eu já tava bem, mas no começo eu não me sentia bem assim, achava que faltava experiência também, mas isso foi uma coisa que eu aprendi também lá, que as vezes você tem que se expor, e vai acostumando, vai fazendo. Mas no começo eu deixava, tipo assim, “ah não, essa pessoa que sabe falar, então deixa essa pessoa e vai e tomar a frente...” mas aí quando foi no final, na aprovação das cotas, aí acho que eu já tava bem, porque esses dias eu tava olhando uma foto nossa que assim: eu tava em São Paulo e aí eu fui buscar a EDUCAFRO né para eles virem, então eu vim com dois ônibus, e aí algumas pessoas do NCN tava dentro da votação no CONSU e a gente tava lá fora organizando tudo, e aí no final alguém sugeriu pra mim: “a gente podia organizar um corredor pra quando eles saírem aqui eles passarem em frente à nossa bandeira”, que tava escrito “Cotas étnico-raciais na UNICAMP”, e aí eu não sei de onde saiu um megafone, que eu catei aquele megafone e aí eu comecei a organizar aquilo! Enfim, e aí eu tava vendo uma foto da Rafa Kennedy que é bem esse momento assim, lá com o megafone, e foi muito bonito esse processo... (Núbia)



Fotografia: Rafa Kennedy, maio de 2017.

O relato de Núbia¹, que militou no Núcleo de Consciência Negra (NCN) da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP entre os anos de 2016 e 2020, revela, em poucas linhas, diferentes nuances de uma experiência cada vez mais frequente no contexto das universidades públicas brasileiras: a militância de estudantes negros, que alguns autores têm tratado como “militância negra de base acadêmica” (Ratts, 2011). Essa militância é desenvolvida em coletivos de estudantes e professores negros, em Núcleos de Estudos Afro-brasileiros – NEABs, por meio de ações diversas, orientadas para o enfrentamento das diferentes formas pelas quais o racismo é manifestado dentro e fora das universidades. No caso relatado pela entrevistada, o ato de expor-se publicamente, em posição de liderança, na organização de um ato político em nome do NCN, sintetiza resultado de um acúmulo de aprendizagens incorporadas ao longo de um processo de exposição à militância, ao longo do qual, como argumento neste trabalho, se construiu uma competência específica (Crossley, 2003). Trata-se de um processo complexo, composto por idas e vindas, reconhecimentos e desconhecimentos, atrações e repulsas, cuja vivência é atravessada por emoções. Como mostra a história de Núbia, assim como a história de outros militantes recuperadas *a posteriori* por meio de longas entrevistas concedidas a mim no quadro dessa pesquisa, trata-se de um processo que afetou profundamente esses sujeitos, contribuindo para mudar a percepção que tinham sobre si, sobre sua posição no mundo, e sobre os sentidos de ser uma pessoa negra no Brasil e no mundo.

No caso de Núbia e de outros estudantes que se envolveram politicamente com o movimento negro na universidade, a experiência reverberou, inclusive em outras dimensões da vida acadêmica. A militância foi um dos meios pelos quais esses e essas estudantes construíram relações de amizade que os acompanharam ao longo do curso de graduação e, em alguns casos, bem além dele. Foi também um recurso importante para o

¹ Pela necessidade de atribuímos nomes fantasia aos sujeitos entrevistados, com vistas a cumprir com as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), decidimos pela escolha de nomes de origem africana. Essa decisão passa por uma escolha política, que visa demarcar o processo de afirmação da *negritude* pelos quais os entrevistados passaram, e cujo processo, a presente dissertação visa contribuir para visibilizar. Ainda, de fato, alguns de nossos entrevistados atribuíram a si mesmos nomes africanos após os processos de engajamento político, e em alguns casos, receberam nomes de tal origem como resultado de suas vinculações a religiosidades de matriz africana. Aqui, nos referimos ao termo *negritude* na esteira de Kabengele Munanga (1986), enquanto um processo político de conscientização e afirmação da própria identidade, negação da cultura colonizadora imposta historicamente as pessoas negras e incorporação de uma ideologia de combate ao racismo.

enfrentamento das dificuldades acadêmicas que encontraram ao longo da formação, assim como para definir perspectivas futuras de carreira.

Contudo, nem todos os jovens e as jovens estudantes negras que ingressaram na UNICAMP naquele período se engajaram politicamente. A pesquisa que deu origem a essa dissertação teve como objetivo compreender os caminhos percorridos por aqueles que o fizeram. Da mesma forma como o engajamento político não está igualmente distribuído pela população em geral, tampouco é parte da experiência de todo e toda estudante universitário ou de estudantes universitários negros em geral. O que explica, então, a adesão a militância que alguns experimentam? No mesmo sentido, o que explica os processos de desengajamento que todos experimentaram? Quais as implicações biográficas resultantes dessas experiências? Para responder a essa pergunta, a pesquisa apoiou-se em uma sociologia das carreiras militantes que pretende realçar a dimensão processual da participação política sem deixar de lado os acúmulos obtidos pela reflexão de base mais estrutural. Exploro esse ponto em mais profundidade no próximo item.

Uma sociologia das carreiras militantes

Assumindo a noção de carreira, conforme conceituada pela tradição interacionista (Hughes, 1958, Becker, 1963), essa abordagem considera as ações dos sujeitos em uma perspectiva processual, examinando tanto as dinâmicas que levam ao engajamento quanto as diferentes etapas da experiência militante, incluindo aí, sempre que pertinente, inclusive a experiência do desengajamento. Centrando-se nos agentes sociais, enfatiza a “capacidade interpretativa dos agentes, isto é, os significados que eles atribuem a seus atos nas situações de escolha em que se encontram” (Agrikoliansky, 2001, p. 34), permitindo apreender as várias lógicas que guiam os comportamentos, ajudando a explicar o percurso que define a carreira militante. Essa abordagem pressupõe que os grupos associativos não podem ser considerados como o resultado de um equilíbrio estático, resultante da simples coexistência de sujeitos, reunidos num mesmo espaço e submetidos aos mesmos determinantes e contextos (Fillieule, 2001, 2010, Agrikoliansky, 2001).

Nesse sentido, trata-se de um conjunto de abordagens teóricas que tensionam alguns dos postulados constitutivos das, já clássicas, Teoria dos Novos Movimentos Sociais - TNMS e Teoria da Mobilização de Recursos - TMR, marcadas por um modelo de racionalidade homogeneamente compartilhado, segundo o qual todos os sujeitos assumem uma percepção estática dos sentidos, custos e benefícios da ação política

(Fillieule, 2001). Com o objetivo de se contrapor a isso, a perspectiva adotada pela sociologia das carreiras militantes, combinando ferramentas do interacionismo simbólico aos conceitos de carreira e trajetória, implementa uma concepção de militância enquanto processo resultante da articulação de diferentes histórias: a história social das famílias, que se concretiza nas experiências de socialização que, por sua vez, estão na origem da constituição de disposições para a ação; a história dos sistemas escolares, dos seus lugares na sociedade e a posição dos sujeitos nelas, dos contextos e das diferentes etapas de uma carreira militante (Pudal, 2009 apud Tomizaki, 2009).

Assim, trata-se de uma perspectiva teórica que nos convida a observar não apenas a constituição das disposições para o engajamento e as diferentes situações que atualizam essas disposições, mas também a vivência desse engajamento, isto é, os custos assumidos pelos agentes sociais, as aprendizagens e outras dinâmicas envolvidas no processo, inclusive, quando é o caso, o desengajamento (Fillieule, 2010, Gaxie, 2005).

Nessa perspectiva, a partir da análise das trajetórias de militância observadas para dois grupos de ativistas identificados com maior detalhe mais à frente, procuramos identificar os elementos que caracterizam seus percursos, procurando por regularidades, mas também assinalando as singularidades. Essa análise permitiu desvelar a complexidade dos sentidos da ação para os sujeitos, os variáveis sentidos que orientam o engajamento individual e as diversas formas pelas quais, ao longo de suas carreiras militantes, dimensões subjetivas foram sendo ajustadas às suas condições objetivas de existência, sempre considerando que os processos de comprometimento com uma causa derivam da “inscrição dos atores sociais em múltiplos mundos e submundos sociais que podem, ocasionalmente, entrar em conflito” como aponta Fillieule (2001, p. 207)².

Além disso, procuramos identificar também as modalidades de ação colocadas em curso por esses estudantes, assim como as dinâmicas posteriores de reconversão de capital político e científico, delineando as consequências biográficas dos processos de engajamento, isto é, os efeitos sobre suas trajetórias acadêmicas e seus percursos ocupacionais (Giugni, 2005).

Tratando-se de uma análise centrada nas carreiras militantes no contexto de coletivos universitários negros, pretendemos contribuir, enfim, para uma melhor

² Ver também Oliveira (2010) para uma discussão sobre a pertinência de uma perspectiva interacionista para estudos relacionados a movimentos sociais no Brasil.

caracterização do que Alex Ratts tem designado como “movimento negro de base acadêmica” (Ratts, 2011), como explicamos mais à frente.

Esta pesquisa se integra a um campo de estudos mais amplo, dedicado a investigação dos processos de engajamento político em diferentes modalidades de militância no contexto brasileiro, por meio de uma problematização mais geral dos processos de produção e reprodução interna dos movimentos negros contemporâneos (Anjos, 2008, Moreno, 2009, Seidl, 2009, Oliveira, 2010, Konrath e Ruskovisk, 2016, Brenner, 2018, Lima, 2020, Guimarães, Rios e Sotero, 2020, entre muitos outros). Em particular, a pesquisa procurou explicar a adesão à militância por parte de jovens universitários negros que constituíram dois coletivos negros apartidários no curso de suas trajetórias como estudantes da UNICAMP: o Núcleo de Estudos Negros (NEN), que existiu entre 2003 e 2008, e o Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP (NCN), que foi fundado em 2012 e existe até os dias de hoje. Na próxima seção, apresento em linhas gerais o contexto geral que ajuda a compreender o engajamento estudantil que está na origem dos dois grupos.

Contexto de formação de um “movimento negro de base acadêmica”

Conforme sinaliza Rios (2009), Ratts (2011) e Santos (2014), o cenário que cerca a presença negra nas universidades brasileiras, marcado pela ampliação do ingresso, pela ampliação das taxas de conclusão de curso e, finalmente, pela articulação política de intelectuais negros no espaço universitário, é resultado de um longo histórico de reivindicações e conquistas do movimento negro que receberam uma inflexão particular nos últimos 50 anos.

Como mostram diversos estudos, a garantia do direito à educação tem sido pauta fundamental da luta do movimento negro desde a primeira metade do século XIX (Gonçalves e Gonçalves Silva, 2000, Passos, 2004, Santos, 2014, Gomes, 2018). Entre os anos 1930 e 1960, essa luta é exemplificada pela atuação de importantes entidades negras que atuaram no país, como a Frente Negra Brasileira - FNB e o Teatro Experimental do Negro – TEN. A luta pelo direito à educação, em especial à educação básica, para além de estar associada à luta contra a desigualdade racial, dava ensejo também a ações concretas por parte dessas entidades, que desenvolveram experiências bem documentadas de promoção do que hoje denominamos como Educação de Jovens, Adultos, e Idosos – EJA (Barbosa, 1998, Nascimento & Nascimento, 2000, Gonçalves e Silva, 2000, Santos, 2014, Gomes, 2017).

Em pelo menos dois momentos da história do Brasil, as atividades de ambas organizações foram interrompidas pelo advento de ditaduras. No primeiro, o advento do Estado Novo e da ditadura Vargas culminou na interrupção das atividades da FNB, por seu caráter de partido político. No segundo as atividades do TEN foram interrompidas pelo autoexílio de Abdias do Nascimento, em 1968, num contexto de endurecimento da ditadura militar instalada no país em 1964.

No que se refere às universidades, conforme salienta José Jorge de Carvalho (2005), ao passo que as universidades brasileiras ampliaram seus contingentes de alunos e professores repetidas vezes ao longo do século XX, a participação de pessoas negras enquanto estudantes ou docentes seguiu residual, caracterizando o que Carvalho denominou como um “confinamento racial do mundo acadêmico”, em favor das pessoas brancas (Carvalho, 2005, p. 99). Nesse sentido, ainda que intelectuais negros sejam identificados na história do país desde o período escravista (Chalhoub e Pinto, 2016), no contexto universitário,

Houve grande hostilidade e rejeição à presença de vários quadros negros importantes nos postos docentes. Conforme expliquei em outro trabalho, nem Guerreiro Ramos nem Édison Carneiro conseguiram entrar na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Clóvis Moura também ficou fora das universidades públicas do estado de São Paulo; Pompílio da Hora, erudito professor do Colégio Pedro II, foi recusado duas vezes de entrar na carreira diplomática descaradamente por sua condição racial; e Abdias do Nascimento somente foi professor nos Estados Unidos e na Nigéria como consequência do seu exílio durante os anos da ditadura; ao regressar ao Brasil, nunca foi acolhido por nenhuma universidade pública, enquanto a maioria dos acadêmicos brancos exilados conseguiu retomar seus postos anteriores ou foram relocados em outros (CARVALHO, 2005, p. 99- 100).

Assim, ainda que as iniciativas no âmbito da educação, bem como inúmeras outras iniciativas no campo da cultura e da saúde, entre outras, evidenciem a atuação de intelectuais negros, elas ainda não caracterizam aquilo que vem sendo chamado mais contemporaneamente de movimento negro de base acadêmica, uma vez que esse refere-se à atuação de intelectuais que apresentam vínculos institucionais permanentes com o espaço universitário, isto é, a “entrada e permanência de corpos negros discentes e docentes no espaço acadêmico, com significativa atuação individual e coletiva, como portadores de um projeto político acadêmico que tem memória e história” (Ratts, 2011, p. 29).

Se, durante os anos mais duros da ditadura militar, os movimentos negros passaram por um processo de refluxo, os anos que antecederam a redemocratização foram de revigoração. No final da década de 1970, mais precisamente em 1978, em uma manifestação pública nas escadarias do Teatro Municipal, em São Paulo, aconteceu o ato de fundação do movimento negro contemporâneo (Rios, 2012, Santos, 2014, Gomes, 2018), a partir da formalização do Movimento Negro Unificado – MNU. Conforme salienta Joel Rufino dos Santos (1999), a movimentação negra neste período foi marcada por uma geração de negros universitários, resultado do “boom educacional dos anos 60” (Santos, 1999, p. 118), que logrou criar um contingente mais amplo de “pretos doutores” (Santos, 1999, p. 118).

É neste contexto de revigoração que Alex Ratts (2011) considera ter se formado o que ele tem denominado como um movimento negro de base acadêmica. Segundo o autor, esse movimento

se caracteriza pela ação organizada de docentes e discentes, por vezes técnicos administrativos, que se afirmam negros/as no espaço acadêmico e na contemporaneidade, constroem grupos de atuação como os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs) e os Coletivos de Estudantes Negros, dentre outros (Ratts, 2011, p. 29).

Este período foi marcado também por uma reconfiguração da produção em Ciências Sociais do ponto de vista da autoria das pesquisas. Como mostra Rios (2009), os negros se deslocam da posição de “informantes dos pesquisadores estabelecidos” e passam a ocupar a posição de autores, “ensaístas e intelectuais” (p. 22).

Entre as décadas de 1980 e 1990, foram criados os primeiros Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros - NEABs (Ratts, 2011, Ferreira e Coelho, 2019) e, a partir da década de 1990, passaram a acontecer os primeiros encontros e seminários organizados por pesquisadores negros, culminando no I Congresso de Pesquisadores Negros – COPENE, em 2000 e na formalização da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN – na mesma ocasião (Ratts, 2011, p. 37).

Para compreender essa movimentação, é importante ter em mente que ocorria, no mesmo período, a gradual incorporação das reivindicações do movimento negro na esfera governamental. Nesse processo, um evento fundamental foi a participação massiva do movimento negro, com destaque para a atuação do movimento de mulheres negras (Carneiro, 2002), nas atividades de preparação e durante a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de

Intolerância, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), em Durban, África do Sul, entre finais de agosto e início de setembro de 2001.

A conferência de Durban, além de contribuir para aprofundar a internacionalização do movimento negro brasileiro (Trapp, 2013), a partir das atividades de preparação desenvolvidas em conferências no Rio de Janeiro, Chile e Genebra entre dezembro de 2000 e julho de 2001, deixou como um importante saldo político local a reorientação da luta do movimento e a abertura do governo ao acolhimento das demandas do movimento negro. Ao se tornar signatário do Plano de Ação de Durban, o governo brasileiro, na época sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso, reconheceu internacionalmente a existência do racismo enquanto um problema nacional e se comprometeu a estabelecer medidas para o seu combate (Gomes, 2017).

A partir desse marco, a implementação de ações afirmativas nas universidades públicas se tornou uma das principais pautas de reivindicação do movimento negro (Trapp e Silva, 2010, Dos Santos, 2012, Leitão e Kunrath Silva, 2017), culminando nas primeiras experiências de implementação de programas de cotas étnico-raciais para ingresso em cursos de graduação, a partir de 2003, por parte de universidades.

A abertura dos governos Lula e Dilma para as demandas dos movimentos sociais e, em particular, para as demandas do movimento negro (Rios, 2008) culminou na criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2003, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), em 2004, assim como a instituição do Estatuto da Igualdade Racial, formalizado pela Lei nº 12.288/10, e a criação da Lei de Cotas, a Lei nº 12.711/12 (Gomes, 2017, p. 34-37).

Outro saldo importante do período pós-Durban foi o surgimento dos primeiros Coletivos de Estudantes Negros (CENs) em universidades privadas e públicas do país. Alex Ratts (2011) elenca algumas experiências que ocorreram a partir de 2001: a criação do Enegrecer na UNB, a criação do Coletivo de Estudantes Negros e Negras Beatriz Nascimento (CANBENAS) na UFG, o Núcleo de Estudantes Negras e Negros (UBUNTU) na UNEB o Coletivo Denegrir na UERJ (p. 37) e, acrescentamos, a criação do Núcleo de Estudos Negros (NEN) na UNICAMP em 2003, que teria a lacuna deixada por sua dissolução, em 2008, ocupada pelo surgimento do Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP (NCN), em 2012.

Esses estudantes negros da UNICAMP sobre cujas trajetórias nos debruçamos não estiveram no mesmo momento na universidade. Como será visto, o trabalho se apoia mais fortemente sobre os estudantes que estiveram envolvidos com o NCN. As entrevistas

realizadas com estudantes ligados ao NEN ofereceram elementos de inteligibilidade importantes para a análise do primeiro grupo de entrevistas e neste texto, foram analisadas de forma comparada. Estudar os dois grupos comparativamente possibilitou perscrutar continuidades e transformações tanto no que diz respeito às características sociais de seus membros quanto no que se refere aos sentidos que esses membros atribuíram à ação desenvolvida nos grupos. Além disso, analisar o processo de engajamento político de jovens estudantes negros de uma mesma universidade em dois momentos distintos permitiu examinar a maneira como suas histórias de ativismo são marcadas pelas tensões e disputas específicas de cada período. Por fim, mas não menos importante, esse estudo permitiu reconstituir uma face da história dos estudantes negros nessa universidade ao longo das duas últimas décadas. Essa intenção comparativa nos leva a apresentar as informações necessárias para situar os dois grupos em relação um ao outro.

O Núcleo de Estudos Negros (NEN)

O NEN foi fundado em 2004 e dissolvido em 2008. Durante seu tempo de existência, congregou alunos negros, em sua maioria de pós-graduação, vinculados a cursos de Ciências Humanas. Segundo relatos de alguns ex-membros e o histórico apresentado em um *folder* do grupo produzido em 2008 (figuras 8 e 9), o NEN surgiu como resultado das inquietações de duas estudantes negras, Nala, do curso de Ciências Sociais, e Fayola, da Pedagogia. Ambas participaram juntas do II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros - COPENE, realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) entre 25 e 29 de novembro de 2002, retornando a Campinas entusiasmadas com a possibilidade de constituírem, na UNICAMP, um espaço de acolhimento, ou nas palavras de Nala, um “Núcleo de solidariedade” e discussão das relações étnico-raciais entre universitários negros. Segundo os relatos, o Núcleo chegou a congregar vinte estudantes efetivos em seu período mais ativo. O perfil da ação política do grupo era acadêmico e tinha como objetivo garantir um espaço de formação interdisciplinar, voltado a visibilização de epistemologias negras.

Nesse contexto, sua atuação consistia no desenvolvimento de atividades de estudo, eventos e seminários. Como veremos adiante, disputas internas a respeito da modalidade de ação política que deveria ser assumida pelo Núcleo, culminou com a decisão tomada pelo conjunto dos estudantes, no ano de 2008, de dissolver o grupo. Essas disputas que, afinal, não puderam ser resolvidas, opunham, de um lado, a proposta de

institucionalização e criação de um NEAB na Universidade e o impulso para que o grupo assumisse uma posição de maior participação em demandas mais amplas para os estudantes negros da UNICAMP.

Destaca-se também, de partida, que parte expressiva dos estudantes um dia engajados no NEN tornaram-se pesquisadores ou professores em diversas universidades públicas de todo o país, tendo todos, sem exceção, tomado as relações étnico-raciais como objeto de pesquisa privilegiado em suas carreiras.

O Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP (NCN)

O NCN é um coletivo de estudantes negros fundado na UNICAMP em 2012 e que se mantém ativo até os dias atuais. Também se caracteriza por uma ação apartidária e, a partir de 2014, passou a se configurar como um coletivo exclusivo para pessoas negras. Em um contexto marcado pela emergência de uma “Frente Pró-Cotas” nessa universidade, o Núcleo surgiu como resultado do trabalho realizado por um grupo de estudantes, sob a liderança de duas estudantes negras, Abayomi, na época estudante de doutorado em Educação e Adenike, estudante de mestrado em Linguística Aplicada, para fazer avançar a discussão sobre relações étnico-raciais para além da temática das cotas. A primeira manifestação pública do grupo foi um evento denominado “Quem Tem CorAge”, que teve lugar em 2012. A partir dali o grupo se consolidou e passou a se intitular Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP, funcionando como um lócus de organização política de estudantes negros, desvinculado das demais instâncias do movimento estudantil. O caráter da ação política do grupo é híbrido, combinando ações de perfil acadêmico com ações confrontacionais de defesa dos interesses dos estudantes negros da UNICAMP. O mais importante saldo político reivindicado pelo grupo até agora, é a implementação da política de cotas étnico-raciais na universidade ocorrida em 2017, o que gerou uma série de transformações que levaram a uma maior representação institucional dos estudantes negros nas diferentes instâncias da vida universitária.

Operações de pesquisa

As análises apresentadas neste texto se baseiam fundamentalmente em entrevistas realizadas com quatro sujeitos que estiveram vinculados ao NEN entre os anos de 2004 e 2008, sendo duas delas membras fundadoras, e quatorze sujeitos vinculados ao NCN entre os anos de 2012 e início de 2020, sendo que três delas foram membras fundadoras do grupo.

Entre os entrevistados no contexto do NEN, três são mulheres cisgêneras e um é homem cisgênero. Os quatro se autodeclararam negros. A idade dos entrevistados no momento das entrevistas variou entre 38 e 46 anos. Em relação ao momento de engajamento no NEN os entrevistados tinham entre 24 e 31 anos.

Já entre os entrevistados no contexto do NCN, oito são mulheres cisgêneras, cinco são homens cisgêneros e uma pessoa se identifica como não-binária. Entre eles, dez se autodeclararam pretos e quatro se autodeclararam pardos³. A idade dos entrevistados no momento das entrevistas variou entre 22 e 38 anos, estando a maior parte deles concentrada em idades entre 25 e 27 anos. Em relação ao momento de engajamento no NCN, os entrevistados tinham entre 18 e 29 anos quando se juntaram ao grupo, tendo a maior parte deles entre 18 e 20 anos na época (Anexo 1).

Com relação a cronologia dos engajamentos e desengajamentos no NEN, o conjunto de entrevistas permite cobrir tanto o processo de fundação do grupo, quanto o processo de dissolução. Ainda, em dois casos, o ingresso no NEN se deu ao longo dos cursos de graduação. Esse é o caso das duas entrevistadas que fundaram o grupo, Nala, na época graduanda em Ciências Sociais, e Aziza, na época graduanda em Pedagogia. Já nos outros dois casos, os processos se deram na pós-graduação, Layla, na época mestranda em Antropologia Social e Ras, na época doutorando em Sociologia.

Com relação a cronologia dos engajamentos e desengajamentos no NCN, no contexto da experiência dos entrevistados, o conjunto das narrativas permite cobrir nove momentos: (I) o ponto de partida é 2012, relativo a organização da primeira edição do evento Quem Tem CorAge, que culminaria na fundação do NCN, onde temos Abayomi, Adenike e Ayana como representantes; (II) o segundo momento em 2013, que marca o primeiro ano de existência do NCN, onde temos, além das militantes fundadoras, os processos de engajamento de Zuri, Paki e Obi; (III) o ano de 2014, momento evocado

³ É importante demarcar uma diferença com relação ao modo como os membros do NEN se autodeclararam, com relação aos membros do NCN. Preferem o termo “Negro”, enquanto o segundo grupo, varia entre os termos “preto”, “pardo” e “preto de pele clara”. Essas nomenclaturas demarcam diferenças geracionais. A partir dos anos 70, os movimentos negros passaram a afirmar a utilização do termo negro num sentido de ressignificação de uma palavra comumente usada de forma pejorativa. Trabalharam também para que o termo compreendesse, para fins analíticos, a junção de pretos e pardos. Já uma geração muito mais recente, tem operacionado as nomenclaturas preto, pardo e preto de pele clara, por uma influência dos debates em torno da ideia de colorismo e pigmentocracia, ainda que afirmem em mais de um relato a utilização destes termos de forma intercambiável, em alusão a definição do IBGE: “uma pessoa parda que compõe a categoria negros do IBGE”, “uma pessoa preta segundo o IBGE”. Quanto aos conceitos de colorismo e pigmentocracia, em síntese, colorismo é um conceito cunhado por Alice Walker (1982) para designar o processo pelo qual pessoas negras são classificadas e discriminadas de formas diferenciadas com base no fenótipo. Pigmentocracia é também um conceito empregado no mesmo sentido.

pelos próprios entrevistados como de renovação do grupo, marcado pelo desengajamento de todas as militantes fundadoras, além de Zuri e Paki, e o engajamento de Akin, Taió, Jamila, e Lueji; (IV) o ano de 2015, marcado pelo desengajamento de Lueji e o engajamento de Hanna e Malik; (V), o ano de 2016, quando ocorreu a greve pela implementação de cotas étnico-raciais e que marca os processos de engajamento de Talib e Núbia, e os processos de desengajamento de Malik, Hanna e Jamila, (VI) o ano de 2017, marcado pelos processos de desengajamento de Taió e Obi; (VII) o ano de 2018, marcado pelos processos de desengajamento de Talib e Núbia; (VIII) o ano de 2019, marcado pelo processo de desengajamento de Akin e o reengajamento de Zuri e Núbia, no contexto de organização das primeiras bancas de hétero-identificação para o ingresso através da política de cotas, e por fim, (IX) os primeiros meses do ano de 2020, marcado pelos desengajamentos de ambos, Zuri e Núbia.

Em seis casos o ano de ingresso no NCN coincide com o ano de ingresso em cursos de graduação na Universidade. Essa é a situação de Zuri, Akin, Taió, Malik, Jamila e Talib. Em outros dois casos esse processo se dá apenas um ano depois do ingresso na graduação, Ayana e Hanna. Nos demais casos, o engajamento no NCN se dá em diferentes momentos da formação dos entrevistados. No caso de Lueji, se engaja no NCN quatro anos após seu ingresso na graduação e no caso de Paki, seu engajamento no NCN se dá cinco anos após o ingresso. Por fim, quatro entrevistados se engajaram no NCN já no contexto da pós-graduação: Abayomi no primeiro ano de doutorado, Adenike no segundo ano de mestrado, Obi, no terceiro ano do doutorado e Núbia, no primeiro ano de mestrado. Entre os estudantes entrevistados, identificamos quatro lideranças, considerados referências e porta-vozes do grupo por todos os demais, a saber, Abayomi, Akin, Taió e Obi.

Com relação ao NEN, Nala e Aziza permaneceram vinculadas durante os quatro anos de existência do grupo, Layla, durante três anos e Ras, durante os últimos dois anos.

Já com relação ao NCN, o tempo médio de engajamento dos entrevistados foi de dois anos. Em apenas três casos, o tempo de engajamento não superou um ano, e em apenas mais três casos o tempo de engajamento variou entre três e cinco anos. Os entrevistados que correspondem a esse maior tempo de engajamento são Taió, Akin, e Obi, os três militantes indicados como os porta-vozes e principais referências do NCN por todos os demais participantes da pesquisa.

No que se refere ao NCN, o recorte que fizemos com relação aos estudantes selecionados para entrevistas, implica que este trabalho cubra experiências de

engajamento e desengajamento que ocorreram desde a fundação do NCN até o início do ano de 2020. Escolhemos, contudo, nos concentrar nas experiências de estudantes que constituíram o grupo em um momento em que a universidade não havia aderido à política de cotas. Dessa maneira, não foram entrevistados os diferentes sujeitos que seguem fazendo existir o grupo após desengajamento dos membros mais antigos, todos eles ingressado na universidade após a implementação das cotas. Fica em aberto para pesquisas futuras observar regularidades e singularidades do perfil e sentido da ação política de estudantes negros engajados em coletivos na universidade após a implementação desta política.

É importante comentar que os processos de entrevistas foram impactados por minha posição de proximidade com relação aos entrevistados e ao grupo. Sendo eu mesma uma ex-militante do NCN, tendo estado engajada no grupo entre os anos de 2014 e 2016, constituí uma relação de profunda amizade com alguns membros e de coleguismo com relação a outros. Nesse sentido, em níveis diferentes, os membros do NCN que foram entrevistados já me conheciam e vice-versa. Essa relação prévia contribuiu para que minha proposta de entrevista fosse acolhida com rapidez. Os entrevistados foram bastante solícitos e os diálogos foram estabelecidos em um clima espontâneo e generoso.

Com relação ao NEN, tive grande dificuldade em acessar seus membros. Além das quatro pessoas entrevistadas, outras seis pessoas foram contatadas. A maioria delas não retornou o contato. Duas retornaram, indicaram interesse em participar da pesquisa, mas depois não responderam mais nossos contatos.

As entrevistas foram conduzidas via videoconferência, utilizando o serviço de comunicação Google Meets, em consideração ao isolamento imposto pela pandemia mundial de COVID-19. Os diálogos foram orientados por um roteiro semiestruturado. Os sujeitos foram convidados a compartilhar informações sobre a posição social de suas famílias – renda e riqueza, estrutura e o volume de capitais – social, educacional, informacional, cultural, entre outros (Bourdieu, 1998), assim como a história da chegada nessa posição. Solicitou-se também informações sobre a maior ou menor proximidade com as esferas política e religiosa (Crossley, 2003), assim como outras experiências significativas que pudessem contribuir para compreender o ambiente social em que cresceram. Foram também convidados a compartilhar informações sobre suas trajetórias escolares até à universidade para que se pudesse obter informações sobre seu rendimento em disciplinas, participação em grupos de pesquisa, realização de estágios e pesquisas de iniciação científica, usufruto de bolsas auxílio a permanência e vinculação a grupos

associativos diversos, antes, durante, ou depois do processo de engajamento no NEN ou NCN. Além disso, as entrevistas versaram sobre as trajetórias de engajamento no movimento negro de forma geral e nos coletivos em específico, explorando os motivos que proporcionaram seus encontros e permanência no NEN ou NCN, a organização interna e as principais atividades desenvolvidas cotidianamente pelos grupos e nos grupos, a relação deles com as demais esferas do movimento estudantil da universidade, bem como em relação ao conjunto de estudantes e profissionais brancos e as esferas burocráticas, buscando por possíveis pontos de inflexões nessas relações, pelos laços de identificação e diferenciação dos estudantes em relação aos demais membros dos grupos, pelos impactos do processo de engajamento nas redes de sociabilidade, pelas aprendizagens, custos, prejuízos e retribuições envolvidos no processo, pela identificação de lideranças, bem como outros elementos relevantes. Por fim, o roteiro de entrevistas explorou, quando pertinente, as trajetórias de desengajamento dos sujeitos, bem como consequências biográficas do processo e implicações para seus percursos acadêmicos e ocupacionais.

Os resultados que obtivemos demonstram que uma característica em comum entre os entrevistados dos dois grupos é uma trajetória expressada numa origem social, experiências familiares, religiosas e políticas comuns e uma posição fronteiriça na academia, enquanto grupo étnico-racial minoritário. Assim, uma das importantes significações do forjamento de uma coletividade negra em uma das universidades mais seletivas do país, foi um processo singular e comunitário de deslocamento subjetivo e objetivo de um lugar de solidão e marginalidade para um lugar de pertencimento a um grupo. Na militância, os sujeitos “ficam mais pretos”, conforme sintetizou um entrevistado, afirmando politicamente a própria negritude, a própria humanidade, o direito de fruição de um espaço de poder historicamente negado e contribuindo para (re)estruturar, por suas práticas, esse mesmo espaço. Trata-se, sobretudo, de um processo de reconciliação consigo mesmo e de (re)configuração da percepção de si e seu lugar no mundo, pela sedimentação de uma identidade militante que os acompanha para além dos processos de desengajamento desses núcleos. No entanto, conforme exploraremos adiante, embora os entrevistados vinculados ao NEN e NCN tenham se visto atraídos por uma mesma bandeira (a movimentação antirracista na universidade), os repertórios de ação que os atraíram foram diferentes. Na geração do NEN, uma abordagem de viés acadêmico. Na do NCN, uma abordagem que combinava o viés acadêmico à ação política confrontacional.

Organização da dissertação

Considerando o pequeno número de pessoas entrevistadas no âmbito do NEN, decidimos analisá-lo em comparativo com relação a geração do NCN. A dissertação está dividida em quatro capítulos e um apêndice, além dessa introdução e de uma conclusão. No primeiro capítulo, exploramos o processo de constituição de disposições à militância, que seriam convertidas em ação nos processos de engajamento no NCN. No segundo capítulo, exploramos fundamentalmente os processos de engajamento político e os sentidos da adesão dos sujeitos. Observamos as mediações, as variáveis lógicas individuais do engajamento, a agência diferenciada dos integrantes, custos e retribuições envolvidos nos processos. No terceiro capítulo, nos debruçamos sobre os processos de desengajamento, procurando compreender os diferentes mecanismos e lógicas envolvidos, além de observarmos as implicações biográficas da experiência do engajamento militante, do ponto de vista individual, das carreiras acadêmicas, das trajetórias ocupacionais. No capítulo quatro, apresentamos um esboço de análise comparada, aplicando a mesma estrutura analítica que utilizamos para análise da experiência do NCN, agora com foco na experiência do NEN, salientando regularidades e singularidades entre os grupos. Na conclusão, retomamos as linhas de força das análises realizadas, apontamos os avanços que pensamos ter obtido e exploramos algumas questões que esse estudo permitiu levantar e que podem ser pontos de partida para estudos futuros. No Apêndice I, apresento um exercício de análise sobre minha própria trajetória de adesão à militância junto ao NCN da UNICAMP e as implicações biográficas do processo.

CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIAS ESCOLARES ATÍPICAS E INSTÂNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

Como a literatura especializada sinaliza, o processo de engajamento, bem como a trajetória militante, resulta de múltiplos ajustes entre idiosincrasias pessoais, disponibilidades biográficas e constrangimentos de cada contexto (Agrikoliansky, 2001, Fillieule, 2010, Giugni, 2004). Neste sentido, salienta-se o peso da posição social, responsável por conformar experiências de socialização que podem ser percebidas como fatores importantes para o engajamento (Oliveira, 2005, 2010; Reis, 2009).

O argumento que desenvolvemos neste capítulo é o de que os processos de socialização política, uma das dimensões de um processo mais amplo de socialização, corresponde à aquisição de disposições duráveis, práticas e percepções sobre o universo da política, que variam segundo a trajetória social e as contingências econômicas, políticas e sociais (Seidl, 2009, Moreno e Almeida, 2009, Tomizaki, 2016). Deste modo, consideramos que os processos de engajamento político de nossos entrevistados são alimentados pelo passado (Willemez, 2004), isto é, pelo aprendizado social que ocorre ao longo das experiências vividas.

Isto posto, o objetivo deste capítulo é apresentar os resultados da análise das trajetórias sociais dos estudantes, observando, em especial, os processos de socialização que experimentaram no contexto das famílias e demais instâncias socializadoras. A partir de informações reunidas por meio das entrevistas, perguntamos se seria possível identificar, para cada caso, experiências de socialização que permitissem a incorporação de um sistema de percepções, sensibilidades e valores favoráveis ao engajamento militante.

Conforme observamos, os entrevistados foram socializados para desenvolver habilidades como a resiliência, autonomia e autorrefinamento. Além disso, os meios em que viviam e as experiências que vivenciaram os levaram a se tornar especialmente sensibilizados com relação às injustiças sociais. Para alguns, isso se deu por meio também do envolvimento em atividades coletivas, grêmios estudantis, sindicatos e partidos políticos, constituindo, por meio dessas experiências, capitais militantes que seriam atualizados em seus processos de adesão ao NCN da UNICAMP.

1. Posição social das famílias, socialização e construção de disposições para o engajamento militante

Neste item, tomamos como unidade de análise as famílias. Por meio de um estudo dos seus percursos sociais, de suas condições de vida e dos recursos de que dispunham quando seus filhos eram adolescentes é possível identificar os sistemas de valores que orientaram os processos de socialização dos jovens, levando-os a construir disposições favoráveis ao engajamento militante.

Em sua maioria, os entrevistados se autodenominam como periféricos, compartilhando da experiência de nascer e crescer em distritos de cidades do Estado de São Paulo. Apenas três entrevistados são oriundos de diferentes estados brasileiros: Abayomi, nascida em Recife – PE e radicada em Salvador – BA desde criança, Adenike, nascida no Rio de Janeiro – RJ e radicada em São Paulo desde infância, e Obi, nascido em Passos – MG, onde viveu até o ingresso na universidade.

De forma geral, os entrevistados são netos de avós pouco escolarizados, oriundos de cidades do interior do estado da Bahia e Minas Gerais, e que vieram ao Estado de São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho. As mulheres dessa geração atuavam em sua maioria como empregadas domésticas, babás, lavadeiras e costureiras, e no caso dos homens, atuavam como caminhoneiros e pedreiros. Vale destacar que nove entrevistados não souberam compartilhar nenhuma informação sobre a escolaridade dos avós, sobretudo os avós homens, indicando provavelmente sua pouca influência para a história familiar (Moreno & Almeida, 2017).

A maioria dos pais e mães dos entrevistados apresentou uma pequena ascensão em relação aos avós, no que se refere à escolarização. Duas mães não chegaram a finalizar o ensino fundamental, três mães chegaram até o ensino médio, e uma recentemente concluiu uma formação técnica em enfermagem. Cinco delas finalizaram a educação básica na modalidade EJA. Por fim, oito mães chegaram até o ensino superior. Seis já finalizaram seus cursos e duas delas ainda não concluíram. É importante destacar que apenas três mães obtiveram diplomas de ensino superior quando os filhos ainda eram pequenos. As outras cinco mães que chegaram ao ensino superior o fizeram quando os filhos já estavam cursando o ensino médio ou ensino superior. Entretanto, nenhuma das mães, com exceção da formada em Psicologia, exerce ocupação relacionada aos diplomas de ensino superior obtido. Sete mães dos entrevistados executam ocupações manuais, atuando como domésticas, cozinheiras, babás e auxiliares de limpeza. Essas mulheres

apresentam uma trajetória estabilizada em relação às próprias mães, que no geral atuavam como domésticas e babás. Outras sete mães executam ocupações não manuais atuando como secretárias, vendedoras em lojas de roupas e móveis, operadoras de telemarketing, e duas delas servidoras públicas, atuando como bancária e psicóloga, respectivamente. Essas mães apresentam uma trajetória ascendente com relação às suas próprias mães, marcada também por ocupações manuais.

Seguindo a tendência que indica uma maior taxa de escolarização entre as mulheres, em especial em países subdesenvolvidos (Ferraro, 2010), os pais dos entrevistados apresentam trajetórias de baixa escolarização. Um deles nunca teve acesso a escola, seguido de três pais com ensino fundamental incompleto e um pai com ensino fundamental completo. Dois pais cursaram o ensino médio, e um possui ensino médio incompleto. Dois outros finalizaram recentemente o ensino técnico, um em Tecnólogo em Construção Civil e outro em Enfermagem, respectivamente. Apenas um dos pais finalizou o ensino superior, em Ciências Contábeis. Três estudantes não souberam informar a escolaridade dos pais, indicando, mais uma vez, sua pouca participação na história familiar. Quanto às ocupações profissionais, os pais escolarizados até o nível técnico e o pai escolarizado até o ensino superior, atuam nas profissões canceladas por seus diplomas. Nove pais exercem ocupações não manuais, atuando como vendedores, enfermeiros, contadores, motoristas, e um deles, como Técnico de Laboratório, enquanto servidor público. Esses pais apresentam uma trajetória ocupacional ascendente em relação aos seus próprios pais, que exerciam ocupações manuais, em geral como pedreiros. Os demais pais atuam em ocupações manuais, como pedreiros, jardineiros e operários, apresentando uma trajetória ocupacional estável com relação aos seus próprios pais.

Assim, no que se refere a experiência de escolarização e tipos de ocupação profissional exercida, as famílias dos entrevistados podem ser divididas em dois grupos: um caracterizado por famílias pouco escolarizadas e marcada por ocupações manuais urbanas. Outra caracterizada por famílias mais escolarizadas e marcada por ocupações não manuais urbanas.

Com relação ao primeiro grupo, fazem parte sete famílias, a de Akin, Jamila, Adenike, Zuri, Taió, Malik e Abayomi.

Os pais de todas essas famílias apresentam uma trajetória de estabilidade com relação à ocupação profissional de seus próprios pais. Ainda, entre eles, cinco são

marcados por experiências de migração recente, sempre das mães, e dois, de experiências de migração das mães e pais.

No caso de Akin, a mãe estudou até o segundo ano do ensino fundamental e nunca foi alfabetizada. Já o pai, nunca teve acesso a escolarização. Akin é o filho mais novo de quatro irmãos e foi morador do distrito do Grajaú, em uma mesma casa, onde viveu até o ingresso na universidade, e onde os pais moram até os dias de hoje. A moradia está localizada em uma região intermediária, em termos de estrutura e recursos, dentro do distrito:

O Grajau é um distrito muito grande né? e muito desigual... morar onde eu moro, na Vila Narciso, que é um bairro de um conjunto de sete, oito ruas, hoje asfaltadas, e tal, com sobrados, é diferente de morar do lado, Jardim Eliana, que também é asfaltado só que é um bairro mais antigo... então tem uma estrutura melhor, tem praça, outras coisas, mas dentro da minha viela onde eu moro, é totalmente diferente esse conjunto de ruas de quem mora na viela né... a viela é a única favela do bairro né... mas mesmo assim, estar naquela favela é diferente de estar no Cantinho do Céu, em outros lugares muito próximos, que são imediatamente do lado da represa e não tem absolutamente nada, as ruas são de barro, uma condição muito precária (Akin).

Na família de Akin, a renda fixa da família sempre esteve atrelada ao trabalho do pai, mineiro, que migrou para São Paulo nos anos 80 e que atuou enquanto jardineiro por quase 35 anos, numa mesma empresa, até ser demitido no contexto da pandemia mundial de COVID-19. A mãe de Akin complementava a renda recebida pelo pai, de um salário mínimo e meio, atuando como cozinheira e doméstica eventualmente, até agravar-se sua condição de saúde.

Sempre foi muito difícil né, sempre teve altos e baixos, teve momentos que eram mais difíceis por conta de coisas específicas, quando minha mãe começou a tomar remédio, até conseguir remédio no serviço público, mas nunca teve uma estabilidade financeira, a gente nunca viajou em família, nem pra praia, sempre foi uma coisa muito, meio de subsistência mesmo, nunca teve carro, coisas desse tipo, constituir posses (Akin).

Nesse contexto, o ingresso de Akin no mundo do trabalho aconteceu ainda na infância, sendo interrompido aos 10 anos de idade por sua vinculação a um projeto social focado no combate ao trabalho infantil. Na família, embora Akin relate que não havia uma grande pressão dos pais para que trabalhasse, a inserção em espaços de trabalho também não chegava a ser desincentivada.

Que aí era bicos tipo, tanto carregar, fazer milhares de coisas pra vizinhança... trabalho braçal né, agente de pedreiro também, e daí eu e meus irmãos faziam isso... e minha irmã por outro lado ajudava minha mãe no trabalho como doméstica... eu trabalhei em uma pastelaria por pouco tempo e no supermercado também, tinha 09 anos, 10 anos, e aí eu e meus irmãos ia pra supermercado pra empacotar mercadoria e tal e ganhar um trocado... era quase todo dia (Akin).

A casa onde Jamila viveu até o ingresso na universidade também ficava localizada em uma viela, no distrito da Brasilândia - SP. A família de quatro filhos, entre os quais Jamila é a terceira, é chefiada exclusivamente pela mãe desde que Jamila tinha três anos. Sua mãe, que atuou durante grande parte da vida como doméstica e, nos últimos 10 anos, cozinheira escolar, logrou completar o segundo ano do ensino médio quando Jamila já estava na universidade, através da modalidade EJA.

Adenike é a segunda filha de três irmãs. Sua mãe e pai, ambos migrantes da Bahia e Minas Gerais, respectivamente, viviam inicialmente no Complexo do Alemão, RJ, com Adenike e sua irmã mais velha, e acabaram se mudando para Barra Mansa, RJ e posteriormente São Paulo, quando as filhas eram pequenas. Profissionalmente, atuaram por toda a vida como doméstica e operário siderúrgico. O pai de Adenike possui ensino fundamental incompleto. Já sua mãe, após completar a educação básica através da modalidade EJA, concluiu recentemente um curso superior em Pedagogia.

A adolescência de Adenike é marcada pelo divórcio dos pais. Concomitantemente ao processo de divórcio, sua mãe conquistou um apartamento vinculado à Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano – CDHU. Embora naquele momento não houvesse sequer fornecimento de energia elétrica na rua, a conquista dessa moradia representou um momento de maior estabilidade. Adenike e suas irmãs cresceram nesse apartamento, onde sua mãe vive até os dias de hoje. Em consonância com a experiência de outros entrevistados, após a separação dos pais, a família passou a ser mantida financeiramente pela mãe. Apesar das dificuldades financeiras, a mãe fazia um penoso investimento para que as três filhas tivessem a oportunidade de viajar e experimentar de uma vida social:

A minha mãe fazia muito esforço pra tentar fazer com que a gente tivesse o máximo de experiências possíveis, então eu lembro que a gente as vezes viajava pro Rio, a gente nunca saiu do país, a gente quando viajou, viajou só pro Rio, e era sempre a minha mãe né, essas lembranças eu tenho depois que a minha mãe se separou né, ela começou a trabalhar fora e foi aquilo, agora eu tenho o meu dinheiro, agora eu vou fazer o que eu puder por minhas filhas... então, ela sempre

comprava a roupinha pro Natal, pro Ano Novo, levava a gente pras festinhas das amiguinhas e eu lembro que uma vez a gente foi a praia, a gente foi pro Paraguai uma vez pegar coisas pra vender, e a gente fez umas viagens pro Rio assim... (Adenike).

Com vistas a complementar a renda familiar, Adenike relata que seu ingresso no mundo do trabalho iniciou por volta dos 13 anos. Até seu ingresso na universidade, trabalhou como babá, entregadora de panfletos, vendedora em lojas de roupas e telefonista.

Zuri, filhe⁴ do meio de três irmãos, morou até o acesso à universidade em uma pequena casa construída em terreno de propriedade de seu avô. Nete de portugueses, seu pai é nascido em São Paulo e sua mãe, mineira, tendo migrado também em meados dos anos 80 em busca de melhores condições de trabalho em São Paulo. Experimentando do abandono do pai, quando tinha 15 anos, Zuri e as irmãs passaram a ser exclusivamente sustentadas pela mãe, que escolarizada até os primeiros anos do ensino fundamental, trabalhou durante a maior parte da vida como doméstica e também auxiliar de limpeza em empresas terceirizadas.

Taió se apresenta como a filha de uma empregada doméstica e um pedreiro. A mãe é migrante também de Minas Gerais. O pai é paulista. Nos primeiros anos da infância, Taió vivia em uma pequena casa, no distrito do Grajaú, SP, situada em um grande terreno compartilhado por outros familiares, ligados à sua família paterna. Apesar da simplicidade da casa, e da condição financeira da família, ela avalia que o fato de ser filha única, impactou nos acessos que teve ainda criança, em relação a seus primos:

Era uma casa pequena, era uma casa bem simples, a minha família sempre foi muito humilde, uma família pobre... por eu ser filha única eu tinha em relação aos meus primos alguns acessos, por que tipo, meus primos são em quatro, cinco, dois, três irmãos, então é muito mais difícil de você poder, algumas coisas básicas né, de você poder proporcionar. Por exemplo, eu lembro que eu ia no cinema tipo, com seis anos eu fui no cinema. Mas eu tinha primos meus que não tinham ido, não por que eu tinha condição melhor, mas por que a mãe não tinha condições de levar tipo, quatro filhos. E eu era uma criança só pra investir, então eu acho que isso fez um diferencial assim, na minha trajetória escolar e tudo, mas foi isso, eu morava nessa casa, uma casa pequena, o meu sonho era ter um quarto só pra mim que eu vim a ter só quando minha mãe se separou do meu pai e voltou com ele, que a gente alugou uma outra casa na periferia daqui... (Taió).

⁴ Em consideração à identidade de gênero de Zuri, utilizaremos a letra “e” para designar palavras com flexão de gênero, que lhe façam referência.

Também sustentada, após a separação dos pais, exclusivamente pela mãe, que trabalhou durante toda a vida como doméstica, Taió ingressou no mundo do trabalho por volta dos 12 anos de idade. Entretanto, a principal preocupação da mãe foi sempre garantir que a filha não desenvolvesse atividades que impossibilitassem os seus estudos. As melhores oportunidades de trabalho foram experimentadas na UNICAMP, quando Taió desenvolveu seus primeiros projetos de iniciação científica.

Minha mãe fazia os bicos, trabalhava de doméstica e no final de semana fazia bico em buffet, cozinhava e tal, e aí tipo eu comecei a fazer isso sabe, comecei a arrumar emprego de garçoneiro, trabalhar em buffet, e aí foi surgindo a oportunidade de trabalhos fixos né, então normalmente trabalhava de sexta, sábado e domingo, quinta, essas coisas, por que minha mãe também não deixava eu pegar nenhum serviço que atrapalhasse meus estudos né, minha mãe já é uma senhora né, ela não me teve muito cedo, então ela é daquela época das pessoas que achavam que estudar é praticamente garantir a melhora né, a ascensão social das pessoas, então ela não permitia, mas eu trabalhava sim, garçoneiro... e até eu entrar na faculdade. E aí na faculdade, na UNESP eu trabalhei de garçoneiro também a faculdade inteira, só quando eu fui pra UNICAMP que eu tive oportunidades melhores de trabalho (Taió).

Já no caso de Malik, até completar 12 anos de idade, seus pais e as duas irmãs viveram na mesma casa, na região central de Santos. Embora as contas fossem pagas sempre no limite dos prazos, “quando estava pra atrasar”, e a mãe, atuando como diarista, fosse a principal responsável pela manutenção da vida financeira da família, as condições de sobrevivência estavam sempre garantidas. A partir dos 12 anos, por advento da experiência de abandono paterno, a condição financeira se torna mais instável e Malik, sua mãe e irmãs passam a se mudar frequentemente de casa, vivendo em regiões mais periféricas, até se estabelecerem em uma casa em São Vicente, alugada, mas onde a família vive a quase dez anos. Ainda assim, salvo as implicações afetivas do abandono paterno, as condições de sobrevivência seguiram sendo garantidas, também exclusivamente por sua mãe:

Foi tranquilo até, por que a gente encontrou uma casa que era muito barata, era extremamente pequena também, mas também era meio barato, minha mãe voltou a andar de bicicleta essa época, mas de todo modo a gente ficou com o mesmo problema de pagar as contas “no grito” como minha mãe fala, mas nunca faltou nada importante, nunca cortou luz, água, sempre teve comida, foi mais o baque emocional mesmo... (Malik).

A partir dos 16 anos, Malik ingressa no mundo do trabalho, através de um programa de “menor aprendiz”. Desenvolve diversas funções até ingressar na

UNICAMP: trabalha em imobiliária, empresa multinacional de engenharia química, lojas de videogame, empresas de logística e tendo concluído um curso técnico, após o ensino médio, passa a trabalhar no setor de segurança do trabalho da Prefeitura de Santos. Mais recentemente, sua mãe completou um curso técnico em enfermagem, embora continue atuando profissionalmente como diarista.

Por fim, temos a experiência de Abayomi. A mãe e o pai não completaram o ensino médio e são ambos filhos de migrantes que se deslocaram para Brasília para a construção da cidade. Sua mãe é oriunda de uma família mineira e o pai de uma família cearense. Ao passo que Abayomi nasceu em Recife – PE, passou toda a infância se mudando com a família por diferentes estados do Nordeste, até se radicarem em Salvador, quando Abayomi ainda era criança. As mudanças se deviam às oportunidades de trabalho conquistadas pelo pai, que atuou durante a maior parte da vida como contratador de obras:

Então eu ainda era criança quando a gente veio pra Salvador, e aí desde então eu sou radicada aqui, e, nunca tivemos casa própria, sempre foi um rolê de, quando tem emprego paga aluguel, quando não tem é despejado, enfim né, essa vida de a gente não ter lugar fixo e de meus pais serem trabalhadores, né, nenhum dos dois tem ensino superior então eles não tinham carreira, eles trabalhavam com o que aparecida, os dois sempre trabalharam, mas sempre foi nesse contexto (Abayomi).

Com relação ao segundo grupo, caracterizado por pais mais escolarizados e pela atuação em ocupações não manuais urbanas, fazem parte sete famílias, a de Lueji, Ayana, Hanna, Paki, Núbia, Obi e Talib. Todos os pais e mães dessas famílias passaram por um processo de ascensão com relação a escolarização e ocupação profissional dos seus próprios pais. Entre eles, Lueji, Paki e Obi declaram que as condições objetivas de existência sempre foram estáveis.

No caso de Lueji, única filha de um casal que atua a muitos anos no funcionalismo público, a mãe como bancária e o pai como técnico de laboratório, teve a criação amparada durante toda a infância e adolescência com a participação de ambos os genitores, e a condição de moradia sempre foi fixa. Desde criança, Lueji morou juntamente com a mãe, tias e avó em uma casa de propriedade da última, situada no Conjunto Habitacional – COHAB da Vila Miguel Vicente Cury, em Campinas, São Paulo.

Pra mim assim, nunca faltou nada, acho que o que eu ouço da minha família né é que era tudo mais simples assim, mas ninguém também passou fome, nada, era só uma coisa mais simples né, minha avó e meu avô sempre trabalharam e tal, meu avô era caminhoneiro, minha avó era babá mas nunca faltou nada também e pra mim quando eu era criança

minha mãe sempre trabalhou, sendo da geração da família que tem ensino superior, então consideraria assim uma infância classe média baixa e hoje classe média assim por conta de concurso público, bastante gente concursada na família, e etc. (Lueji).

Já Paki é filho de uma secretária e um contador, sendo que ambos exercem essa profissão desde a sua infância. Em seu caso, a mãe apresenta uma trajetória de ascensão com relação a escolarização e ocupação profissional de seus próprios pais, pouco escolarizados e trabalhadores manuais. Contudo o pai apresenta uma trajetória de estabilidade, dado que os avós de Paki também eram escolarizados em nível superior e profissionais de ocupações não-manuais. Salienta-se também que Paki, embora tenha nascido no Brasil, viveu até os doze anos de idade em Portugal, terra natal de seu pai, retornando para passar o resto da infância e adolescência com toda a família na casa da avó materna, no bairro paulista de classe média da Freguesia do Ó. Ambos os pais estiveram presentes durante toda a criação do filho, que é o mais novo com relação a uma irmã.

No caso de Obi, também filho mais novo com relação a uma irmã, nasceu, cresceu e morou até a entrada na universidade em uma mesma casa, de propriedade dos pais, situada em Passos – MG. Os pais, a mãe professora e o pai vendedor autônomo, ambos escolarizados em nível superior em meados dos anos 70, também apresentam uma trajetória de ascensão com relação aos próprios pais, e acompanharam juntos a criação dos filhos. Um dos episódios que ilustra a posição de conforto material da família remonta à festa de aniversário de um ano, organizada pelos pais para Obi:

Uma das memórias que eu sei é que quando eu fiz um ano, por exemplo, meus pais fizeram uma festa para mais de 100 pessoas. Jogar dinheiro fora festa para criança de um ano... a festa foi pros adultos né, por que a criança só pensa em dormir. Mas quer dizer que tinha essa condição financeira de fazer isso... das minhas memórias quando eu era pequeno minha mãe levava a gente numa loja para comprar as roupas e a gente podia escolher as roupas, o que significa bastante né, ainda mais uma loja de roupa de criança que é tudo absurdamente caro... (Obi).

Com relação aos demais, as condições de vida são narradas como menos estáveis. Talib, cujos pais são escolarizados até o ensino médio, passou os primeiros anos da vida vivendo com a mãe na casa da avó materna, também em um bairro de COHAB da cidade de campinas, a Vila Teixeira. Sua mãe teve os estudos interrompidos por sua gravidez, ainda na adolescência, completando o ensino médio posteriormente através da modalidade EJA. A mãe atua há muitos anos como operadora de telemarketing e o pai, como motorista. Ambos se separaram quando Talib, filho único, era ainda criança. Nesse

sentido, a mãe é evocada como a principal personagem em sua criação. Sua trajetória também é marcada por mudanças de casa, em diferentes bairros populares da cidade de Campinas, como parte das lides cotidianas da família em busca de aluguéis menos onerosos à renda familiar.

Hanna, filha única de uma vendedora de móveis e filha mais velha de um bombeiro (que anos depois faria um curso técnico em enfermagem, atuando hoje como enfermeiro), também é marcada pelo processo de separação dos pais durante a infância. Hanna viveu parte da infância em um cômodo construído pelo pai em cima da casa dos avós paternos, no meio de Itaquera - SP. As lembranças daquele tempo estão envolvidas nas experiências de violência policial que afetavam diariamente o cotidiano dos moradores do bairro. Seus pais se separam e Hanna e sua mãe se mudam para área rural de São Roque, onde seus avós maternos haviam acabado de estabelecer residência. A casa, que começou estruturada em um cômodo e um banheiro, foi sendo ampliada aos poucos, durante toda a sua infância, até se tornar uma casa de cinco cômodos, para moradia de oito pessoas da família. Nos momentos de maior instabilidade financeira, batatas colhidas de hortas da região garantiam as refeições. Ao mesmo tempo, o clima emocional da infância na roça era leve. Hanna cresceu explorando o barro, construindo suas próprias bonecas com espigas de milho e inventando brincadeiras, conectadas à paisagem que o entorno oferecia.

Após a separação dos pais, seu sustento sempre foi garantido pela mãe, que atuou por toda vida como vendedora em lojas de móveis. A capacidade da mãe de planejar-se financeiramente e acumular algumas posses a despeito de sua posição profissional é demarcado em tom de surpresa no relato de Hanna:

Mas ela, minha mãe, eu não sei de verdade como ela conseguiu o que ela tem porque assim, meu pai, ele tá recebendo bem agora apesar dele ter três filhos né, que gera um gasto um pouco maior e cuidar dos meus primos que ficaram lá em casa, mas ele tá recebendo bem, e minha mãe... não tenho a mínima ideia de como ela conseguiu construir tudo que ela conseguiu, mas sempre nas gambiarras, sempre, oh mulher da gambiarra! Sempre dando um carro de entrada e parcelando o resto da casa... daí, ela não terminava de pagar uma casa e dava aquela casa que ela não pagou de entrada em outra casa e ficava pagando duas casas, recebendo um salário minúsculo assim... Mas hoje a gente tem um sítio... então ela é incrível, de verdade, por que hoje a gente tem uma casona com uma piscina, interior de São Roque, o custo de vida lá não é muito alto, mas ela aluga a chácara, aluga a piscina, limpa tudo sozinha... ela deu a volta por cima, sou feliz por ela... (Hanna).

Núbia também passou os primeiros anos da infância em uma pequena casa de fundos, construída por seus pais, em um terreno compartilhado com tias, tios e os avós maternos, no distrito da Brasilândia – SP. No “quintal”, como a família costumava chamar o local de moradia, todos os parentes se ajudavam financeiramente. Quando completou nove anos, seus pais decidiram se mudar para cidade de São José dos Campos, devido a promessas de trabalho e buscando um lugar mais tranquilo para criar sua única filha, fora da grande São Paulo. A partir daí, o fato de viverem em casas alugadas, combinado a sérios problemas de saúde que levaram Núbia a passar por uma cirurgia delicada para tratar um tumor cerebral, impactaria a estabilidade financeira da família, obrigando o pai a vender os poucos bens que tinha: um carro e a concessão de uma linha que lhe permitia trabalhar motorista de “lotação”. Entretanto, para Núbia, durante a maior parte da sua infância e adolescência, a vida era “pobre, mas possível”. O pai de Núbia atuava como motorista e prestador de serviços, consertando eletrodomésticos, enquanto a mãe atuava como psicóloga concursada pelo Estado, o que garantia a regularidade de um salário mensal.

Ayana também teve como um primeiro espaço de moradia a casa dos avós paternos. Como ela conta, era uma “casa toda improvisada”, com partes em alvenaria, partes em madeirite, “para lá de Santana – SP”. Ainda que fosse improvisada, a casa era grande e “tinha quarto pra todo mundo”.

Sua mãe, que migrou ainda criança do interior da Bahia para a cidade de São Paulo, atuou durante boa parte da infância e adolescência de Ayana como artesã e vendedora de roupas. Já seu pai, paulista, atuou durante anos como segurança patrimonial e vendedor de artigos eletrônicos. Ao longo de toda a infância, Ayana declara ter morado em cerca de dez casas diferentes, situadas em bairros próximos ao emprego do pai, que trabalhava como segurança na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. O motivo das mudanças era a dificuldade dos pais em manter o pagamento dos aluguéis em dia. Após o processo de divórcio dos pais, a garantia de seu sustento se tornou responsabilidade exclusiva da mãe, que ainda trabalhava como artesã.

Então fui morar com minha mãe no bairro do Imirim, que é ali bem próximo também, mais perto da minha escola...também era um bairro popular assim. São Paulo é essa coisa, eu não morava num bairro que era quebrada, periferia, mas também não era classe média... era uma casa que era a cozinha, o quarto e o banheiro, acho que essa foi a época mais difícil... assim, pra mim tava tudo bem sabe, mas pra ela foi pesado. Minha mãe tentando sustentar a gente com artesanato...minha

mãe trabalhava muito. Eu lembro que, nessa época, comecei a ajudar bastante com o trabalho, assim, com o biscuit. Sempre fazia bastante, aí vinha a minha tia, com uma amiga dela, trabalhar junto e aí a mulherada ficava trabalhando na cozinha, e aí tinha um quarto né, que a gente dividia e aí era tudo, era o quarto, era a sala, era tudo... e aí só que era uma casa que tinha muitos problemas. Tipo, quando chovia muito forte chovia dentro de casa, em cima da cama, aí tinha que ficar tirando água de dentro de casa. O banheiro tinha muito problema assim, era uma casa que deu muito B.O essa época, mas nunca faltou comida, nunca faltou comida assim... (Ayana).

Esse momento, considerado de grande instabilidade, foi interrompido pelo segundo casamento da mãe, quando Ayana tinha 12 anos. Gerente de uma loja de carros importados, o padrasto dispunha de uma renda que garantiu maior estabilidade financeira para Ayana e sua mãe. Adquiriram nessa época seus primeiros bens, um carro e uma casa própria, em Santa Bárbara d'Oeste, onde a mãe e o padrasto vivem até hoje.

É importante destacar que, em todas as famílias, as narrativas dos entrevistados demonstram a atuação afirmativa das mães, tanto no que se refere à garantia do sustento material dos filhos, quanto para seus percursos escolares. Um valor comum incorporado, que observamos a partir das narrativas, é a *resiliência*. Os entrevistados, experimentando os efeitos da ausência paterna, tanto do ponto de vista material, quanto emocional, em diferentes momentos da adolescência, têm na figura das mães as principais protagonistas de suas trajetórias de vida.

Nesse contexto, embora alguns entrevistados tenham ingressado no mundo do trabalho ainda na infância e adolescência, conforme comentamos anteriormente, são atravessados de forma geral pela exigência, em especial das mães, de que trabalhassem apenas na medida em que a escolarização não fosse impedida e o desempenho escolar não fosse prejudicado.

É importante também observar certa regularidade no tamanho das famílias, em geral compostas apenas por um ou dois filhos, fator sociodemográfico que consideramos ter interferido positivamente nas possibilidades de investimento das famílias e, principalmente, das mães, na escolarização dos entrevistados (Glória, 2008). Entre os quatorze entrevistados, seis são filhos únicos: Lueji, Ayana, Núbia, Taió, Talib e Hanna. Em três casos, possuem apenas mais um irmão ou irmã: Abayomi e Paki, ambos filhos mais velhos, e Obi, o filho mais novo. Em mais três casos, dois irmãos: Malik, Zuri e Adenike, filhos do meio. Apenas em dois casos, o de Akin e Jamila, a família é composta por quatro filhos, sendo Akin o caçula da família e Jamila a terceira de quatro irmãos.

1.1 Experiências de aproximação com a política na luta por moradia

Conforme as narrativas dos entrevistados demonstram, para muitos deles, a experiência de viver em casas alugadas, combinada à instabilidade profissional dos pais e a busca por melhores condições de trabalho e segurança em outros estados e cidades, obrigou as famílias a se mudarem com frequência durante a infância e adolescência dos entrevistados.

Muitos deles, sendo moradores de bairros periféricos de grandes centros urbanos, vivenciaram uma experiência comum que interpelava o cotidiano das famílias: a violência policial e urbana:

Eu nasci em Itaquera, SP. Lá eu morava com a minha mãe e com o meu pai, daí meu pai construiu uma casa em cima da casa da mãe dele. Só que era tipo um cômodo, assim, e aí a gente morava bem no meio da favela. E era bem louco o bagulho... assim, várias vezes a minha mãe pedia pra eu abaixar [para se proteger de tiroteios], aí é uma situação muito engraçada de lembrar, assim muitas coisas... tinha bastante violência policial, era bem no meio da comunidade mesmo (Hanna).

Nasci no Rio de Janeiro e, na época, a minha família morava no morro do Alemão, lá no Complexo do Alemão. (...) A casa que a gente tinha era uma casa muito boa porque era a única casa que tinha água encanada (risos). Quando começou a ter um aumento do tráfego, quando o tráfego começou a ganhar muito espaço no morro, começou a ficar muito poderoso, ele [o pai] falou “não, vai muito longe, isso aqui vai crescer muito e eu não quero as minhas filhas nesse lugar”. Aí nós éramos em duas né, minha irmã mais velha e eu. A minha irmã mais nova nasceu na outra casa, por que a gente saiu de lá, e fomos morar em Barra Mansa... e aí a casa lá era bem ruim, eu tenho lembranças não boas (risos), não era uma casa legal, tinha o banheiro do lado de fora, aquela coisa um pouco traumática também, enfim... (Adenike).

Hoje é um bairro de classe média eu diria assim, e antigamente era um bairro de periferia, a gente tinha muita intervenção da polícia, muita gente que cresceu com as minhas tias e até comigo foi assassinada e já teve toque de recolher, ataques do PCC, várias coisas, mas hoje é bem tranquilo (Lueji).

Na época, o lugar que a gente ia [para passear] era a balsa, a balsa lá na zona sul, no Grajaú lá, que era onde acontecia tudo, as pessoas faziam piquenique, as pessoas passeavam só que também era onde apareciam os corpos das pessoas mortas, os carros roubados, aquela dinâmica, década de 90, “Sobrevivendo no Inferno” do *Racionais* é a trilha, é o cenário dessa situação (Taió).

Na tentativa de escapar da violência, há casos como o de Abayomi. Conforme comentamos anteriormente, ela passou toda a infância se mudando pelo Nordeste, até a

família se radicar em Salvador. Os bairros escolhidos eram periféricos, mas nunca ficavam em “quebrada”. Abayomi percebe em sua mãe uma estratégia: temendo sobretudo que seu irmão, um homem negro em formação, fosse vítima do genocídio (Anunciação, Trad e Ferreira, 2020) que acomete a juventude negra e periférica em todo o país, aproveitava-se da autonomia de viver em casas alugadas para garantir que a família não fixasse moradia em bairros favelados e mais violentados pelos aparatos repressores do Estado.

Então ela usou isso como uma estratégia, a gente morava em periferia, mas a gente não morava em “quebrada”, sabe. Dava um jeito de pagar pra morar em um lugar que não era um lugar de luxo, mas que era de classe média baixa sabe? A gente conseguiu morar em apartamento na década de 90 do século passado que era uma coisa que não era comum para as famílias negras..., mas é isso, apartamento, mas era condomínio? Não, era apartamento em cima de um comércio. Aqui em Salvador também, aquela coisa, conseguia pagar aluguel por um tempo e também quebrava e ia pra outro lugar, mas minha mãe manteve uma estratégia de, ainda que a gente estudasse em escola pública, a gente não morava em periferia (Abayomi).

Nesse sentido, a luta pelo direito à moradia acaba por representar uma primeira referência de luta política, conforme exemplifica o caso de Akin, cuja casa é fruto de uma ocupação de moradia que ocorreu no início dos anos 90, e da qual seu pai participou. A participação nesse movimento, que era liderado por um militante do Partido dos Trabalhadores – PT, levou à própria filiação dos pais de Akin a esse partido.

O relato de Jamila, moradora do distrito da Brasilândia, reproduzido abaixo, também é representativo do mesmo processo de aproximação com a política.

Na minha família não tinha ninguém mais envolvido com a política. A gente só exercia o nosso direito de cidadão de ir lá e de votar nos políticos anualmente, regularmente. Mas teve processos que tinham a ver com muita política sim. Por exemplo, eu era criança, eu lembro que o chão da nossa viela era de terra e quando chovia molhava muito e aí tinha um vizinho nosso que era muito envolvido com políticos da região e a gente conseguiu mobilizar o pessoal da viela pra reivindicar asfaltar o chão e aí teve uma obra e eu tava no meio disso, juntei abaixo assinado, foi um processo de exercer também... (Jamila).

1.2 A escola tem proeminência nos projetos de futuro

Em relação aos projetos de futuro explícitos dos familiares dos entrevistados, as famílias com menor capital informacional sobre o sistema escolar se caracterizam por uma maior distância com relação ao acompanhamento do cotidiano da escola e as atividades e práticas por ela valorizadas. Projetam, sem grandes expectativas em termos de certificação profissional (Paixão, 2005), que os filhos continuem estudando até completarem o nível médio, demonstrando um certo ajustamento entre a condição de classe e as expectativas quanto ao futuro. Entretanto, ainda nesses casos se observa um esforço das famílias para a produção de sentidos que favorecessem o engajamento dos filhos em relação à escola, seja pela afirmação sistemática do valor dos estudos, seja por cultivar nos filhos a autonomia, mesmo sem ter a experiência ou o tempo livre necessários para ajudar cotidianamente nas tarefas escolares, etc. Nesse sentido, a *autodeterminação* e o *auto-investimento* (Viana, 2003), além do veredito escolar favorável, foram fundamentais para que os entrevistados avançassem em seus processos de escolarização. O caso de Akin exemplifica bem a aquisição dessa condição de *autonomia*.

Quando eu era muito pequeno eu tinha vontade de ser jardineiro, por que meu pai era jardineiro, e aí ficou isso por um tempo. Depois eu fui mudando, vontades..., mas sempre foi uma coisa... não tinha nenhum projeto da família de que eu tinha que ser algo... as pessoas tinham a expectativa de que eu ia terminar o ensino médio e entrar na faculdade em algum momento por que eles falavam que eu era muito inteligente, era o único dos irmãos que era mais aplicado na escola... Meu irmão Leandro... ele fez até sétima série regular e aí ele abandonou e depois que ele foi preso eu sei que agora ele cursou mais um ou dois anos dentro da prisão, minha irmã fez até a sexta série e meu outro irmão fez até a oitava série... (Akin)

Akin relata que com o passar dos anos, foi se tornando completamente independente, no sentido inclusive de decidir sozinho, nos anos finais do ensino fundamental, em que escola se matricularia. Essa condição de autonomia se complexificaria ao longo dos anos, fazendo de Akin o arrimo da família.

Eu acabei me tornando, isso antes de entrar na universidade, a estrutura da família, sabe? E essa família ficou em São Paulo mas muito dependente de mim assim... em termos financeiros, em termos de cuidado, nunca desocupeei esse papel, inclusive esse papel foi ficando muito mais centralizado comigo na medida que meus irmãos seguiram o rumo das famílias deles né, saíram de casa e que meu irmão foi preso né... daí eu tava aqui, no meu segundo ano da universidade, meu irmão

foi preso... ele foi preso duas vezes né, saiu, voltou... daí sempre eu que dava conta dessas demandas, tanto dos meus irmãos, da minha mãe sempre com muitos problemas de saúde e agora dos meus pais, mais senhores, meu pai desempregado, enfim... (Akin)

A maior parte das famílias, incluindo aquelas com pouco capital informacional sobre a dinâmica do espaço escolar, investiu na escolaridade dos filhos ainda que com grande sacrifício. Assim como as famílias estudadas por Zago (2000), Thin (2006), Almeida (2007), Piotto (2008), procuraram garantir o sustento e, principalmente, retardar na medida do possível o ingresso dos jovens no mundo do trabalho, pelo menos enquanto estivessem na escola básica. Os jovens entrevistados contam que eram incentivados constantemente, em geral com muito afeto e persuasão, a perceber a relevância dos estudos. Além disso, são famílias que buscavam garantir que os jovens tivessem acesso às melhores escolas públicas possíveis e os estimulavam a participar de projetos sociais comunitários, que serviram para a ampliação da socialização escolar dos filhos, para além do espaço da escola (Thin, 2006). Por fim, imprimiram em seus filhos um *ethos* do esforço e responsabilidade (Almeida, 2007), que os impulsionaram a aderir aos estudos.

1.3 Socialização para a independência com relação às figuras masculinas

Além disso, há os casos em que a ideia de futuro projetada pelos pais explicitamente passava, em especial no caso das filhas, porque elas garantissem sua própria *independência* e pudessem, assim, serem poupadas de experiências dolorosas.

Na verdade, o percurso, a vida do meu pai foram bem complicados assim, em todos os sentidos né... de afeto, financeiro, escolar assim... e a escola tem uma importância muito grande pro meu pai... assim, ele pegava muito no nosso pé, muito! (...) Ele sempre foi muito crítico, muito politizado, o meu pai, apesar de ele ter estudado pouco, [de] ter sido autodidata, ele sempre foi muito crítico, ele criava a gente para ser diferente. Ele não criou a gente pra ser uma mulher cristã. Ele criava a gente pra ser independente, não tinha esse negócio de casar, nunca teve conversa de casamento na minha casa, de neto, nunca teve... minha irmã teve um filho agora, já com 35 anos, ela teve o primeiro filho... e foi o primeiro mesmo, minha irmã mais nova até hoje não teve filho e eu também não... e nunca houve essa conversa... a conversa era estudar, ser independente, ter sua independência financeira, se quiser arrumar alguém depois que você tiver bem, você arruma e casa. Se quiser ter filho também que tenha, senão não, não precisa (Adenike)

Assim, a minha mãe... ela sempre falava, o sonho da minha mãe era que eu fizesse faculdade porque assim, ela é uma pessoa, uma mulher muito humilde, que sofreu muita violência doméstica. A separação dela é marcada por um ato assim, a minha mãe deu facada no meu pai na

separação, por que meu pai tentou matar ela, várias vezes. E enfim, e aí ela tinha essa coisa da independência, você tem que ser independente. Mesmo sendo empregada doméstica e ganhando pouco, ela é independente financeiramente. E aí ela falava que, pra eu ser independente, eu precisava trabalhar e que eu não podia fazer o que ela fazia. Como meu pai era muito violento, ela me carregava pra essas casas onde ela trabalhava e eu cresci praticamente dentro dessas casas em que ela trabalhou como doméstica, era o bom disso e o ruim também. Mas ela me incentivava muito, né, a estudar. E ela falava, “você vai fazer faculdade, você tem que fazer, você não vai fazer isso que eu faço” (Taió).

Taió, também uma das lideranças do NCN, sinaliza em seus relatos o peso da postura violenta de seu pai com relação à sua mãe, e sobretudo, a postura altiva com que sua mãe reagia, para que adquirisse um sistema de valores pautado na insubmissão:

A questão do meu pai me influenciou bastante nessa coisa política de pensar o feminismo, pensar as mulheres. A minha mãe nunca se submeteu, inclusive uma das coisas que me falava era pra participar desses grupos de mulheres... (Taió).

Por intervenção da mãe, Taió se viu incentivada desde criança a participar em atividades coletivas e orientadas à socialização política, sempre com vistas a fazer da filha uma pessoa bem informada e independente.

E aí a minha mãe sempre me incentivava muito aos estudos, a buscar informação, a participar de coisas. Então desde criança, desde a festinha junina da escola. Quando eu cresci, comecei a participar do grêmio da escola. Em todas essas coisas minha mãe me incentivou muito, e minha mãe também, ela é cristã mas ela não está inserida, ela não vai numa igreja específica, não tem essa vinculação religiosa, mas ela sempre me incentivava a participar de qualquer coisa, tipo, eu fui batizada na Igreja Católica né, aí ela me incentivava a participar das coisas, mas ao mesmo tempo, meu avô desde que eu era pequena ele ia na igreja evangélica né, na frente de casa, e aí sempre tinha as coisas pras crianças, pros jovens, e ela falava, vai lá né, sempre me liberava pra poder fazer isso... Em uma época ela estudou a bíblia, Testemunha de Jeová e aí também ela, ah, vai estudar a bíblia, legal. E ela me incentivava a fazer coisas coletivas, a estar. Estar me envolvendo com essas coisas. E ela também é muito envolvida com essas coisas, não no âmbito da política, mas assim, do conselho da escola ela fez parte... (Taió).

Zuri também teria na reflexão sobre situações familiares dolorosas uma alavanca para buscar sua própria independência. O clima emocional da casa de Zuri foi profundamente marcado pela delicada condição de saúde mental de seu pai. Esquizofrênico e sem acesso a tratamento específico, flertava com “as drogas e a loucura”, impactando seu próprio conforto e a convivência de todos.

E assim, meu pai destruiu aquela casa tanto simbolicamente quanto fisicamente né, por conta da loucura. A minha mãe era uma pessoa que tentava construir, meu pai era a pessoa que tava ali para destruir. Por causa dos seus surtos psicóticos, pela sua manipulação, seu machismo, também pelo seu racismo também... então tinha surto em que ele quebrava a casa inteira né... Então teve uma vez que, nossa, ele tirou uma onda, meu Deus, ele cortou os fios de todos os eletrodomésticos, tudo que você ia colocar na tomada ele cortou... aí, logo depois, ele teve uma... ele arrancou a porta todos os todos os armários... a gente não sabia que ele era esquizofrênico... Descobri quando fiquei adulto, jovem, porque fui procurar tratamento pra mim, pra lidar com todas as marcas, e aí depois, cavucando com a minha mãe, ela chegou a levar ele no médico uma única vez. E aí o médico passou um monte de remédio para ele, e ele ficou suave, ficou bom, ótimo, e aí duvidou dos remédios e achou que ele não era louco, que o médico tava enganando ele, e ele tinha aquela brisa de que iam levar ele pro hospício, então ele parou de tomar a medicação (...) Então, nessa em que eu cresci, é uma casa muito conturbada, com muitas camadas, muitas camadas, uma camada psicológica extremamente fragilizada... uma camada em termos subjetivos de não-paz... uma casa que não tem uma estética, um ar de acolhimento... não era uma casa em que você podia habitar para ser feliz... a vontade de você querer sair daquele lugar era o que você mais tinha... (Zuri)

A reflexão sobre as diversas precariedades que atravessava sua vida foi o estopim para que desejasse profundamente traçar alguma estratégia com vistas a garantir melhores condições de vida para si e sua própria independência.

(...) uma violência muito grande e tudo acontecendo com esse corpo, então esse corpo habitava esse ambiente dessa casa que era muito agressivo, tinha o ambiente do balé que era agressivo também, ao mesmo tempo é muito sexista, tinha que lidar e driblar isso, essa é minha ginga, né (...) porque todas as questões que eu estou vivendo de raça, de gênero eu passo sem comunicar com ninguém, sem ter com quem falar dessas coisas. Com a minha mãe não ia rolar, muito presa a religião, a religião era justificativa pra tudo né... E aí eu penso, eu preciso ter uma vida diferente da minha mãe, decidido isso (Zuri).

Conforme poderemos ver mais adiante nesse capítulo, a vinculação de Zuri a um cursinho pré-vestibular popular seria o estímulo necessário para que construísse e depois efetivasse um projeto de futuro que passava pelo acesso à universidade.

1.4 Um sistema de valores orientado para o cuidado com os outros

Ayana, que participou do NCN no contexto de sua fundação, relata que sua mãe foi uma grande inspiração para que se *sensibilizasse com o social*. Sua mãe é descrita como uma pessoa sempre muito comprometida com a justiça social e interessada na transformação do mundo.

Quando eu tava fazendo a faculdade, ela começou a faculdade também. O sonho dela era fazer serviço social. Ela tinha muito forte essa coisa da desigualdade... Eu acho que eu puxei um pouco dela, de ter essa ânsia de lutar contra as desigualdades, embora ela nunca fosse uma mulher militante assim. Esse olhar pras injustiças eu acho que eu peguei muito dela assim... e depois ela percebeu que, com esse diploma, era muito difícil fazer alguma coisa... né... E aí ela desencantou da profissão (Ayana).

Além disso, sua mãe é apresentada como uma mulher bastante estratégica e aguerrida, valores que Ayana observa na sua própria maneira de se posicionar diante dos seus projetos de futuro e lides cotidianas, especialmente no tempo presente, na condição de mãe de uma criança de cinco anos.

A minha mãe sempre foi estratégica com as coisas, tipo o jeito dela subir na vida, tipo, vir pra São Paulo com a quarta-série, trabalhando como babá e tudo mais (...) E eu não gosto de dar ponto sem nó, entendeu? Quando eu tenho um objetivo, eu já tô mirando uma estratégia pra fazer isso acontecer e foi assim que eu consegui fazer as coisas darem certo. Mas eu tenho que fazer mil coisas, tenho que pensar mil passos, calcular absolutamente tudo, principalmente agora sendo mãe né? A estratégia tem que estar muito bem amarrada pra fazer a coisa acontecer, porque qualquer passo em falso, qualquer tempo que eu perco pensando em ilusões e possibilidades já é um desvio do caminho que... pra voltar.... sabe... Foi que nem engravidar. Quanto tempo eu fiquei longe da universidade? Quando tempo eu sai da militância por conta disso? Ser mãe na universidade é complicado mas as meninas aqui engravidam e continuam fazendo as coisas e pra mim foi uma mudança que quase me tirou completamente do percurso (Ayana).

No processo de socialização familiar de Ayana, soma-se aos valores defendidos pela mãe, entre outras coisas, a criação que passou a vivenciar no contexto do segundo casamento da mãe. O padrasto, cuja família passou pela experiência do refúgio, é caracterizado como uma pessoa marcada também por um *ethos* do esforço e *devotamento*.

Uma família de descendência ucraniana, né? Aquele trajeto típico de europeu que veio fugindo da guerra. Nessa situação de

extrema vulnerabilidade, chegam aqui muito expostos e vulnerabilizados, mas aqui encontram todas as condições pra se desenvolver, né? Então eles são [de] uma família que vem aqui pro sul do país, ali na região do Paraná e todo mundo prospera. Tem uma pessoa que ficou rica inclusive, um primo dele, e daí os outros ficaram como ele assim, classe média (...) ele é super bonzinho, organizado, tranquilo assim... (Ayana).

1.5 Processos de orientação política no interior das famílias

Em alguns casos também os pais dos entrevistados apresentam um trajeto de envolvimento em atividades voluntárias, relacionadas às associações de bairro, instituições religiosas, unidades hospitalares:

A minha mãe, logo quando a gente mudou, começou a atender como voluntária e atende até hoje numa casa de pessoas com câncer chamada Gesto. Meu pai foi chamado como motorista para levar brinquedos e comida de São José até o norte de Minas, numa cidade chamada Pavão, pela igreja assim né? A instituição em que eles vão é da igreja católica, mas a moça que chamou não é...E aí ele faz isso todo ano, sem cobrar. Eles passam o ano inteiro arrecadando brinquedo e roupa para criança...(Núbia).

Meus pais tinham uma vida social relativamente agitada, eles faziam parte de alguns grupos na igreja, então iam fazer atividades na casa de alguém (...) às vezes coisas muito ligadas ao bairro, tipo associação de bairro... às vezes muito ligada à igreja, organizando essas ações de assistência, voluntariado (Obi).

Há também o caso de Lueji, cuja socialização política se deu desde o berço. Nascida e criada compartilhando da mesma casa com a avó, mãe e tias, o engajamento militante é parte da história pessoal das mulheres negras da família: sua avó sempre foi engajada na pastoral afro e em um afoxé da cidade, duas de suas tias foram estudantes da UNICAMP nos anos 1990 e participaram da fundação do NEN, de projetos sociais relacionados à educação popular, além de seguirem envolvidas com a militância política durante toda a vida. Destaca-se uma das tias, Aziza, que, filiada ao PT durante muitos anos, chegou a se lançar pré-candidata à prefeitura de Campinas pelo partido, nas eleições de 2016.

Já no caso de Ayana, uma de suas tias, frequentemente mencionada como uma grande influência para que ela projetasse acessar a universidade pública, acabou por se tornar advogada na vida adulta e apresentava uma forte inclinação a questões relacionadas aos direitos humanos, além do engajamento político-partidário:

Por que ela é essa pessoa, ela fez direito, mas não queria ser polícia, sempre foi dessa coisa dos direitos humanos... Essa minha tia chegou a trabalhar com a Martha, tava envolvida no mandato político, mas ela saiu por que era muita falcatura e ela não concordava. E ela trabalha até agora em um clube escola. Ela sempre foi essa pessoa que gostava de ir no SESC, então essa referência eu tinha (Ayana).

Por fim, há o caso de Paki, cujo envolvimento dos pais com movimentos de contracultura, como o movimento *Hippie* e o *Punk*, davam o tom do clima cultural e emocional da casa:

Meu pais são muito leitores, é uma casa muito musical também, meus pais eram os descoladinhos da Freguesia, meu pai andava com os punks da periferia, minha mãe era a *hiponga* tal... Eu acho que por essa pressão dos meus pais, por conta dos meus pais sempre me obrigarem a passar em alguma coisa pública e também por ser uma casa muito cultural eu nunca... eu só fiquei de recuperação uma vez na vida. Eu não vou dizer que eu era *nerdão*, mas eu sempre estudava, eu fazia parte dos alternativinhos, eu fazia minhas responsabilidades e depois fazia minhas bagunças... (Paki).

1.6 Lidando com as contradições de classe através de uma postura de autorefinamento

Os relatos demonstram também que a postura de vigilância de alguns pais com relação aos filhos passava por imprimir neles noções de *autorefinamento*. Os relatos de Hanna e Adenike são representativos. No caso de Hanna, o reconhecimento da própria condição de classe e a exigência de não abrir espaço para que fossem olhados de forma estereotipada na cidade. No caso de Adenike, a preocupação da mãe para que a filha nem a família fossem percebidos no espaço da escola como descuidados, “relaxados”.

Mas eles tinham muito a questão de ser pobre. Minha avó sempre falava que a gente era pobre, mas era limpinho e educados, sempre, sempre, sempre e era uma questão que eles jogavam para as filhas né, para as filhas e para mim assim, de quando se apresentar para alguém ou quando eu ia para a cidade que era 45 minutos de casa, sempre tinha que tá limpinha. A gente morava no meio do barro, o tênis enchia de barro, mas chegando na

cidade tinha que limpar o tênis tinha que tá toda alinhada, toda aceitável (Hanna).

Aí, nessa escola, eu gostava bastante também, eu gostava muito das professoras... só que era à tarde né. Então eu me arrumava sozinha por que minha mãe tava trabalhando né, deixava comida pronta, a gente comia e ia... Só que aí um dia, ela chegou mais cedo e ela viu que eu não me arrumava direito. Isso também é muito marcante na minha vida assim... é tão engraçado... ela ficou muito revoltada! “Como que você vai toda descabelada pra escola, você não tá nem tomando banho pra ir pra escola” (risos) Aí ela me trocou de escola e eu entrava de manhã. Só que, aí, o que ela fazia, eu ia junto com ela, só que ela saia bem mais cedo, eu ficava sentada na porta da escola esperando a escola abrir, todo dia, por que ela que tinha que levar, por que ela ia me arrumar pra eu ir pra escola bonitinha (Adenike).

1.7 A experiência do racismo: entre reproduções e reflexões

Com relação ao lugar de um debate sobre as relações raciais no contexto das famílias, os entrevistados apontam em sua maioria que a questão do racismo não era explicitamente tematizada. Apontam também que em alguns casos a questão era abordada do ponto de vista da reprodução de narrativas e práticas racistas, conforme exemplificam os relatos a seguir:

Meu vô era preto e minha vó também, só que ela tinha uma pele um pouco mais clara, ela era uma parda da pele mais escura, por parte de mãe... consciência racial eles não tinham muita, a não ser pelo viés de racismo introjetado, de reproduzir racismo. Minha mãe sempre falou que não queria que eu casasse com preto e tivesse filhos pretos porque ia ser aquela criança ranhenta né... hoje eu fico chocada quando eu lembro... (Hanna)

Minha avó que é do interior da Bahia, sempre abominou os referenciais negros. Isso é muito louco... as religiões de matriz africana, mas também não poder trazer amigos negros pra casa, ela abominava. Eu tinha dois amigos da rua, gêmeos, ela não tolerava que eu trouxesse pessoas negras pra casa, e ela era preta, entendeu? (Paki).

Na família do meu pai são todos negros e negras, mas eles não assumem de maneira nenhuma. Inclusive hoje ainda o debate é um pouco melhor, mas antes, era um negócio, era um tabu mesmo, muito, muito complicado, negro não, moreno, marrom bombom, outra coisa. Então, assim, a questão racial negra era uma coisa que não entrava na minha casa, a não ser por aquele viés clássico que sempre entra né, de querer clarear a família né? Eu lembro que quando a gente era pequena a gente culpava a nossa mãe né, falava muito ah, mãe, se você tivesse se casado

com um homem branco a gente não teria cabelo assim... (risos) e a gente dizia isso na frente do nosso pai inclusive. Essas crueldades do racismo que a gente nem percebe né, uma criança já com esse tipo de mentalidade... (Adenike)

Há narrativas como as de Akin e Zuri, em que a experiência do racismo se revelava nas dinâmicas das famílias, interraciais:

Eu acho que eu nunca tive um processo de me tornar negro. Tive um processo de passar a valorizar, mas nunca me entendi como alguma coisa que não fosse negro. Porque meu pai é negro, hoje em dia eu acho essas categorias muito difíceis de dizer né... eu sempre fui negro, sempre fui isso... hoje em dia posso ter questões se meus irmãos são pardos, negros, ou brancos, mas o que eu sei em termos de vivência com eles, na minha infância, adolescência era que eu era o negro da família e eles eram os brancos, tanto minha mãe, quanto meus irmãos. Não só como eles me chamavam, mas como eles me viam e como eles me colocavam, na minha família e no meu entorno também, e meu pai era negro. Então sempre foi uma coisa contrastante entre nós, e era racismo e homofobia ali junto né, aliado, não havia um debate antirracista, havia a experiência do racismo, todos os xingamentos, as brincadeiras, mesmo os apelidos né? Minha mãe até hoje me chama de negão, né, sempre num tom de muito carinho, mas eu sempre fui marcado assim, pelo meu pertencimento. Meus irmãos me xingavam muito, e eu achava que meu pai não gostava de mim por eu ser feminino... Então ele ficava muito mais próximo do meu irmão que era um ano mais velho que eu, os olhos brilhavam, era o filho mais machinho dele... mas meu pai também, nunca foi uma pessoa que ficava me oprimindo assim, mas sempre senti uma distância que eu não sabia dizer o que era... e todo mundo gostava mais do meu irmão que era mais bonito por que era mais branco (Akin).

Então, como meu pai se casou com uma mulher negra e minha mãe é a única negra das esposas e o meu pai é meio loucão, meu pai saiu de casa, nos abandonou, e minha mãe ficou ali naquela casa. Então, as outras casas que estão divididas nesse terreno já foram construídas destinadas para os filhos... mas minha mãe que tá lá hoje né, então é legado de gente branca, portugueses, é um clima extremamente estranho porque eu tive uma criação portuguesa, meus tios têm um jeito “português” das coisas, eles não conversam entre si, são muito egocêntricos, muito individualistas, e por minha mãe ser preta ainda as coisas complicaram mais porque eles são muito mais racistas (...) a minha mãe nessa casa, uma casa que é de portugueses, que a minha avó faleceu, que era a única que conversava com minha mãe, pro resto da família a minha mãe é considerada uma empregada... quando ela relata você pode perceber na fala dela que é como se ela fosse uma empregada mesmo (...) então essa noção de raça eu já tive desde muito novo. Minhas irmãs são brancas né, eu tenho uma irmã mais velha que se considera branca, ela é preta de pele clara, ela assumiu a identidade branca desde os 16 anos, tem cabelo crespo também, vive uma série de questões de mulher preta mas ela se vê como uma mulher branca... daí eu já consigo perceber alguma diferença entre minha irmã mais nova e minha irmã mais velha que ao mesmo tempo tem uma experiência meio parecida comigo porque ela tem um corpo que parece com o meu,

apesar de minha irmã se identificar racialmente diferente... minha irmã mais nova é branca, nasceu com os olhos azuis, loira, bem branca mesmo... As pessoas falavam que as filhas do Paulinho, meu pai, uma era café, a outra leite e a outra café com leite... (Zuri).

Com menor frequência, há relatos que apontam experiências onde a questão do racismo era percebida e debatida do ponto de vista de sua desconstrução:

Eu já me entendia enquanto negra, desde pequena eu já sofria, eu sempre fui racializada né? Sofri racismo quando era novinha. A minha mãe trabalhou essas questões com muito carinho, com muito afeto. Ela é muito afetuosa nesse sentido sempre tentou me motivar, elevar minha autoestima pra que eu me sentisse bem com meu corpo, com minha cor (Jamila)

A minha mãe fazia um trabalho para eu não me achar feia. Ela não falava por que eu era negra, mas ela falava, você não é feia por que você é minha filha, eu acho você linda, mas sempre tinha esses diálogos, “você não pode abaixar a cabeça pra ninguém, você tem que olhar no rosto das pessoas”, isso é uma coisa muito importante inclusive falar aqui, por que a minha mãe sempre teve isso, você tem que falar olhando pras pessoas (Taió).

No caso de Lueji, ao passo que nasceu em uma família de militantes do movimento negro, foi criada sendo considerada por seus familiares como uma pessoa branca. É no espaço da universidade e na aproximação com alguns militantes do Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP, com uma perspectiva sobre negritude informada pelo conceito de colorismo, que Lueji passa a se reconhecer enquanto negra.

Então, minha família sempre foi muito militante assim com relação com a questão racial, sempre foi muito enegrecida assim com relação a todas essas questões, mas sempre me colocaram como branca né, e eu sempre me entendi como branca e alguns bullyings que eu sofria, algumas coisas que eu sofria eu não entendia muito por que afinal eu era branca né, e aí na universidade algumas pessoas começaram a falar ah, por que você é uma mulher negra, e eu tipo, gente, do que vocês tão falando, sabe? E comecei a ler algumas coisas, sobre colorismo e tal, e tanto que a gente teve aquela conversa emblemática eu, você e a Bia que foi o momento assim... inclusive meu namorado na época achava que eu era negra né? Ele é branco... e foi o momento assim... Agora todas as coisas fazem sentido assim, e obviamente né, entendendo a diferença do que é ser uma preta clara, pra uma pessoa retinta né, meu cabelo que é 3C e não é um cabelo 4C né, entendendo todas essas nuances né que o próprio racismo construiu né, mas encontrei um lugar assim de pertencimento racial (Lueji)

Nesse sentido, um fator recorrente para formação dos entrevistados no que se refere à cultura africana e afro-diaspórica, foi a música. Um bom exemplo é o de Taió,

cuja participação da família em escolas de samba e clubes negros foi também fundamental para uma percepção positiva de seu pertencimento étnico-racial:

O meu pai é baterista de escola de samba, por exemplo né, e a minha mãe conheceu o meu pai em um clube negro, e eu nasci e cresci numa família negra, tudo bem, tinha uns brancos, mas majoritariamente negros. Meu pai envolvido com escola de samba, meu tio, então assim, essas conversas dentro de casa não eram raras, eu escutar as músicas negras entendeu, hoje eu gosto dos cantores, eu acho que o meu gosto musical por exemplo é muito marcado pela influência do meu pai, da família né, eu cresci dançando samba rock, essa cultura de dança preta, minha mãe dança samba rock era uma coisa que tipo, samba, meus tios tocam samba, então pela cultura eu sabia que eu era negra (Taió).

No mesmo sentido temos o exemplo de Jamila. Na medida em que sua família adquiriu um computador e internet, suas possibilidades de acesso a “história do povo preto” se ampliaram, sobretudo por via da musicalização:

Eu pesquisava letra de música, *rap*, eu gostava de ouvir *Blues*, Jimmy Hendrix, de pesquisar a história das músicas então eu fazia essas pesquisas, então um pouco dessa história do povo preto eu tive contato sozinha mesmo pesquisando sozinha, por que eu tive computador, tive internet, essas coisas a minha mãe conseguiu quando a gente foi ficando mais velho, por que antes a gente não tinha dinheiro pra nada disso (Jamila).

No caso de Obi, o gosto musical da mãe por sambas se configurava como a única vida de discussão sobre questões relativas à experiência do racismo:

Minha mãe tinha uma coleção de vinil bastante grande... muitos sambas. Todo ano ela comprava, sambas do Rio de Janeiro, cresci ouvindo Clara Nunes, Alcione (...) quase não se comentava sobre racismo. Às vezes a minha mãe falava alguma coisa, mas muito conectada ao samba, às vezes essa discussão era trazida pelos enredos, eu não tenho memória da gente sentar para conversar sobre isso, e por exemplo, pra esse assunto aparecer espontaneamente numa conversa geralmente era através dos sambas (Obi).

Conforme poderemos observar adiante, se no contexto familiar os entrevistados eram, no geral, pouco socializados para lidar com as barreiras raciais, além de aprendizagens vivenciadas no contexto das escolas, projetos sociais, cursinhos populares e outras instâncias socializadoras por onde vários deles tiveram passagem, na ocasião da experiência de engajamento no movimento negro, passarão por um intenso processo de formação, modificação e aprofundamento da própria consciência racial, influenciando também a perspectiva das famílias. Esse aspecto será discutido no capítulo três.

As narrativas dos entrevistados informam a incidência de práticas familiares de socialização que consideramos terem contribuído para estruturar disposições favoráveis ao engajamento militante. Das lides cotidianas impostas pelas condições objetivas de existência, os jovens demonstram que um valor incorporado pelas famílias é a *resiliência*. Neste contexto, a busca por melhores condições econômicas e de moradia, a exposição à violência policial e urbana, à violência de gênero, à condição de refúgio, entre tantas outras experiências contribuíram para que os entrevistados fossem *sensibilizados com o social*, incentivados à *autonomia e independência* e à incorporação de um *ethos do esforço, responsabilidade e devotamento*. No que se refere a um processo de reflexão sobre as relações raciais, a cultura, em especial, a música, se apresenta como via importante de formação. Ainda, em alguns casos, a adesão de familiares a atividades filantrópicas vinculadas a associações de bairro, instituições religiosas, hospitalares, bem como trajetórias de engajamento em partidos políticos, entidades do movimento negro e do movimento de educação popular, além do incentivo familiar para que os entrevistados participassem de atividades coletivas e explicitamente políticas, configuraram processos de aproximação com a militância.

2. *Socialização religiosa na composição de recursos favoráveis à militância*

Ao longo deste item, temos como objetivo observar as implicações da aproximação com a esfera religiosa, que alguns entrevistados experimentaram, para a configuração de disposições favoráveis ao engajamento.

Em relação aos grupos religiosos, o catolicismo, como a religião oficial de referência das famílias, é destacado, sobretudo na infância, sendo substituído em alguns casos, em especial quando os entrevistados tinham entre 10 e 14 anos, pela religião evangélica.

No caso de Malik, o seu interesse pela leitura é remetido às experiências que vivenciou enquanto Testemunha de Jeová durante a infância. Além disso, a motivação da mãe para que ele frequentasse a igreja passava pelo desejo de que o filho fosse socializado para aquisição de bons valores, como a *honestidade*. Uma das atividades desempenhadas por Malik, devido à religião, era o *proselitismo*, em “trabalho de rua”:

Eu, na verdade, por uns três anos, fui Testemunha de Jeová. Meu pai de criação era testemunha de Jeová, minhas tias também. Meu pai era desassociado, a gente não podia ficar falando muito dessas coisas, nem

eu nem minhas irmãs, mas a minha mãe tinha uma ideia um tanto vaga de que Testemunhas de Jeová eram pessoas honestas e quis que eu fosse. Aí eu fiz o estudo semanal da bíblia. Iam em casa, eu frequentava o salão do reino, fiz trabalho de rua... aí depois... eu meio que saí (Malik).

No caso de Talib e Hanna, o envolvimento com a religião evangélica aconteceu por iniciativa própria. Talib se aproximou de uma igreja evangélica movido pela curiosidade em entender como a igreja funcionava, mas também incentivado pelos colegas do bairro. Já Hanna, ao se envolver intensamente com a religião evangélica, acabou por incentivar o restante da família. No espaço da igreja, mesmo afirmando sempre ter sido muito tímida, era muito incentivada à *fala pública*, através das atividades de evangelização.

Quando eu nasci, sempre teve aquele negócio de fazer catequese e tals, mas a minha mãe nunca me colocou nisso. Em questão de religião era bem sem religião. Só que quando eu tinha 12 anos, eu comecei a frequentar a igreja. Todas as pessoas que eu conheço, assim, com 12, 14 anos começaram a ir na igreja (risos). No bairro... assim... tinha muita igreja e eu sempre ficava curioso. E sempre que eu via aqueles cultos de libertação, eu ficava..., meu Deus, eu preciso ir... Então eu fui evangélico..., mas depois fui parando de ir... (Talib)

Olha, no começo, católico..., todos eles eram católicos não praticantes assim... Mas, apesar de não serem praticantes, eles sempre me forçaram muito a fazer a crisma, catequese e toda aquela coisa, que eu sempre furava, obviamente, para ficar bebendo com meus amigos na passarela. Nunca fui muito religiosa, apegada, mas aí isso era na minha infância né? Na adolescência, toda a minha família por parte de mãe deu uma guinada para igreja evangélica, muito motivados por mim também porque eu comecei a ir. Daí eu fazia aquela pressão para todo mundo ir... daí todo mundo acabou indo... Eu fiquei bastante tempo na igreja, fui pregadora da “palavra de Deus”, Missionária, até os 15, 16 anos... por parte de pai, meu pai sempre foi do candomblé (Hanna).

A relação da família de Ayana e de Akin com a religiosidade era bastante sincrética. Ayana acabou tendo a oportunidade de conhecer diversas religiões por meio de familiares do pai. Akin, por sua vez, acabou frequentando denominações evangélicas por anos durante a adolescência, até passar a frequentar também a igreja Congregação Cristã do Brasil, onde aprendeu a tocar trombone.

A minha tia Nanã, ela é Nanã por causa da Nanã Orixá mesmo, que salvou a vida dela... É uma coisa por que a minha família por parte de pai era macumbeira né, nesse início. A família da minha mãe é assim... a maioria evangélica ou não frequenta. Aquela coisa, a minha mãe é católica, mas não frequenta a igreja, daí meu pai... todo mundo é muito sincrético na família do meu pai, tem coisa de santo, de religiões orientais, tudo quanto é coisa nas paredes. A casa do meu avô é muito

louca assim. Minha tia é Nanã, porque Nanã salvou a vida né? E eles eram da umbanda, mas aí eu não sei o que aconteceu que, enfim, eles foram mudando e passando por outras religiões, agora a maior parte é da Igreja Messiânica do Brasil, (...) Mas eu tenho uma das tias que frequenta várias coisas no *off*, por que com ela eu fui pra tudo, eu já fui pra Xamã, Igreja kardecista, vários lugares, com essa tia Solange, e aí essa tia Nanã, tira cartas, é taróloga, por que a minha bisavó era cigana, aí tem essa coisa que Sara é a cigana da família, mas aí eles estão no Johrei né, o meu pai tem o Ohricari que é a permissão pra ministrar com as mãos, eu sei rezar o Mato Norito, tudo, frequentei mas não segui né... (Ayana).

Eu fui batizado em igreja católica. Meus pais... a gente já frequentou algumas denominações de igrejas evangélicas diferentes, Congregação do Brasil e igrejas neopentecostais menores. Mas minha mãe, principalmente... sempre foi muito confuso pra mim por que, ao mesmo tempo em que frequentava igreja, ela escutava terço no rádio. É uma coisa meio misturada. Fui por algum tempo em igreja católica, mas era muito pequeno. Depois frequentei algumas menores, pentecostais e aí mais na adolescência eu comecei a frequentar Congregação Cristã do Brasil e fiquei por lá por alguns anos, até uns 14, 15 anos. Hoje não me considero religioso (Akin).

É interessante observar que, após adultas e engajadas nos movimentos negros, cinco entrevistadas, três delas que durante a infância e adolescência não possuíam relação significativa com nenhuma religião, passaram por um processo de *africanização* da experiência religiosa, se tornando vinculadas a comunidades tradicionais de matriz africana: duas das entrevistadas se tornaram umbandistas, Lueji e Ayana, duas se tornaram candomblecistas após o envolvimento com o movimento negro, Adenike e Taió, e no caso de Abayomi, candomblecista desde a infância. O restante dos entrevistados atualmente diz não professar nenhuma religião.

No caso de Núbia, criada na igreja católica, o interesse pelas religiões de matriz africana foi motivado por seu envolvimento com o NCN. No entanto, não se engajou em nenhuma delas:

Meus pais sempre foram católicos e eu fui batizada na igreja católica. Já os meus avós eram católicos e mudaram para a Igreja Cristã do Brasil. E aí isso era muito forte na família da minha mãe, se tornou forte né... que eles também, os meus tios e primos, a maioria toca alguma coisa, tanto que em São Paulo eu fazia aula de piano com a minha tia-avó porque ela tocava na igreja e ensinava as crianças... então toda a família da minha mãe, alguém troca alguma coisa que seja violino, trompete, trombone, e aí eu era católica né, então principalmente mais próximo da igreja católica e aí eu fiz catequese, crisma, mas aí quando eu mudei para Campinas eu já era meio revoltada porque eu não gostava

muito dessa coisa de dar dízimo, entendeu, eu lembro que eu falava com minha mãe, você não me dá dinheiro nem para comprar um lanche na escola por que eu vou levar dinheiro para igreja que tem um monte de ouro pendurado? E aí quando eu mudei para Campinas me afastei bastante, até que enfim eu entrei no Núcleo, fui vendo outras pessoas, fui vendo outro jeito de pensar a espiritualidade... e aí eu me aproximei um pouco mais do Candomblé (...), mas eu sou meio afastada, eu tento não mexer muito... (Núbia)

Já Lueji, socializada na infância na igreja católica, se tornou umbandista após o engajamento no movimento negro:

Minha avó é católica, a gente foi criado na católica, todo mundo crismado. Eu só fiz primeira comunhão. Eu ia bastante na igreja quando era criança, gostava bastante das atividades, ia no coral, ia fazer dança e tal, aí na adolescência, não quis... assim, parei de ir, minha avó continua católica e hoje eu sou umbandista (Lueji).

O relato de Adenike sobre a relação de sua mãe com a religiosidade cristã salienta sua posição progressista. No que se refere à conversão ao Candomblé, ela demonstra a profunda conexão dessa escolha com a afirmação de uma identidade negra e uma nova percepção sobre o sentido da própria existência no mundo.

Minha mãe, por outro lado, sempre foi religiosa. Quando a gente era pequena, ela ia em tudo, ela acendia vela pra Deus, pra pomba-gira, pra quem puder... A gente foi criado sendo levado em benzedeira. Tudo que ensinavam de simpatia, de reza, ela fazia. Tudo. Mas ela não tinha essa coisa, ah, eu sou católica, sou evangélica, não, era uma coisa bem sincrética. Ela tinha muita fé, ela tinha essa coisa de acreditar em alguma coisa maior e positiva. Só que aí, depois que ela se separou do meu pai definitivamente, ela começou a frequentar a Congregação Cristã do Brasil e hoje ela é evangélica já há muitos anos..., mas ela também faz uma leitura bem diferente... assim, ela nunca teve preconceito por exemplo, em relação aos meus amigos homossexuais, não faz o discurso da mulher bela recatada e do lar, nunca teve esse discurso moralista, puritano, enfim, foi a escolha dela, o caminho dela (Adenike).

Eu tenho não só uma religião, eu tenho um caminho, uma filosofia de vida, uma visão de mundo né? Eu sou do candomblé né, sou iniciada no candomblé, sou Ìyàwó de Şàngó. Sou iniciada há três anos. Tô esperando passar a peste pra tomar a minha obrigação de três anos e é maravilhoso assim, por que eu também tinha essa coisa da fé, muito forte, que eu herdei da minha mãe. Herdei não, acho que fui desenvolvendo na minha convivência com ela, apesar do meu pai também ter uma influência grande, não consegui deixar de acreditar que tinha alguma coisa boa, que tinha que ser boa, eu pensava que tem que ter alguma coisa boa, por que já tinha muita coisa ruim... e aí primeiro era Deus, mas aí eu tentava, tentei fazer primeira comunhão, não

consegui, e as pessoas não tinham resposta, elas achavam que por que sim era resposta e não é resposta! Não, gente, tem que questionar... se você falar, olha, isso não tem uma explicação lógica, é a fé, aí tudo bem, agora afirmar verdades por afirmar, aí não dá né. Aí eu comecei também a questionar essa coisa do Deus do velho testamento né, aquela ideia das vinganças, da justiça, da morte, da tortura, enfim... e aí eu fiquei durante muito tempo sem acreditar em nada né... minha mãe falava que eu não era ateia, que eu era a toa né (risos) e aí eu fiquei circulando assim, eu fui no espiritismo kardecista, mas aí eu também encontrava problemas, essa coisa do karma, na verdade eu acho que o discurso kardecista é quase eugenista né, essa ideia de que o ser humano tem que evoluir e essa evolução necessariamente leva a algo que é branco, que é europeu, é um discurso de base eugenista né, horrível... e aí eu descobri o candomblé né, que na verdade o candomblé pro meu Pai de Santo, que eu acredito, não é nem uma religião né, o candomblé é uma filosofia, uma maneira de vida, uma maneira como você enxerga o mundo e seu papel no mundo antes e depois do candomblé... Mudou minha vida, mudou mesmo, hoje influencia em tudo sabe... o meu processo de pesquisa, a minha relação com as pessoas, a minha relação com a natureza, enfim... (Adenike).

Conforme observamos, a adesão de alguns entrevistados a diferentes religiões contribuiu para que tivessem acesso, além da socialização religiosa (Berlivet e Sawicki, 1994) a um modo de vida *socialmente regulado* e a uma tendência *gregária*. Além disso, encontraram nas atividades de *proselitismo* religioso, sobretudo nas experiências de evangelização, um espaço de aprendizado do *exercício da fala pública* e do *convencimento* de terceiros em torno de uma causa. Ainda, após a vinculação com o movimento negro, cinco entrevistadas passaram por um processo de *africanização* da profissão religiosa, tornando-se devotas de religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé.

3. *Socializações concretizadas no processo de escolarização formal*

Neste item, procuramos caracterizar de forma geral as experiências escolares dos entrevistados, salientando acontecimentos relevantes para a aproximação dos jovens com a política.

As trajetórias de escolarização dos jovens se desenrolaram, pela maior parte, nas escolas públicas da rede estadual e em menos casos, em escolas municipais, sobretudo nos anos finais do ensino fundamental. Nessa etapa, as escolas geralmente são localizadas nos bairros de moradia das famílias. Entretanto, boa parte deles acabou migrando para

escolas públicas mais próximas do centro da cidade. Nesse contexto, além do acesso a escolas mais estruturadas, os entrevistados passaram a ter contato com estudantes de origens sociais mais abastadas que as suas, culminando no compartilhamento de projetos de futuro que contribuíram para direcionar os entrevistados a vislumbrar o acesso à universidade como algo possível e mesmo desejável. Além disso, no contexto do ensino médio, passaram por cursos de profissionalização, programas de “menor aprendiz”, e em quatro casos, ingressaram em Escolas Técnicas Estaduais – ETECs. Professores são também indicados como influências para que desenvolvessem um interesse pelas ciências humanas. Ainda no que diz respeito ao contexto da escola, duas entrevistadas se vincularam ao grêmio estudantil: Taió e Adenike. Talvez não por acaso, a primeira seja considerada pelos colegas como uma das lideranças do NCN e a segunda, tenha sido uma das militantes fundadoras.

Os entrevistados declaram que os estudos se constituíram para eles em uma atividade prazerosa desde a infância. Eram considerados excelentes alunos em suas escolas, atraindo uma atenção especial por parte de seus professores. O entrevistado que declarou apresentar maiores dificuldades de aprendizagem no contexto da escola, destacou-se e foi também reconhecido como acima da média desde as primeiras experiências de formação na atividade que configuraria objeto central de estudos do curso em que posteriormente se graduaria na UNICAMP, a dança. Percebemos, assim, que o veredito escolar favorável, além de um *ethos* do esforço e responsabilidade cultivados nas famílias, foi importante para que os entrevistados aderissem cedo ao jogo escolar e tivessem suas ambições quanto à escolarização ampliadas e retroalimentadas com o tempo. Ademais, conforme as narrativas indicam, sendo trãsfugos em relação a seus grupos de origem, para a grande maioria dos entrevistados a efetivação de uma trajetória longa de escolarização se deu em um contexto de sucessivas apostas, “em um tiro só”, que lograram serem favoráveis, mobilizando as expectativas das famílias e a percepção de si dos sujeitos. Apesar disso, em alguns casos, as lembranças mais significativas da escola têm relação com a percepção de contradições de raça e classe, e casos explícitos de racismo.

No caso de Akin, ao passo que a adesão à escola era legitimada e aprofundada em decorrência de seu próprio sucesso escolar, seu interesse pelos estudos tinha relação também com um desejo de se diferenciar em relação aos seus irmãos e responder a experiências de homofobia e racismo no contexto da família, como ele relata abaixo.

Eu tive períodos muito diferentes na escola né... eu lembro de uma coisa, quando eu era muito pequeno, aí tinha isso né, como eu era mais feminino e mais escuro em relação aos meus irmãos, eles se colocavam como brancos e eu negro, eu como bichinha e eles como homens de verdade, que eu não tinha nada de legal, a única coisa de legal era que eu era aplicado, aprendi a ler rápido e tal... (Akin).

Ayana também estudou durante toda a vida em escolas públicas. Ela classifica as escolas que frequentou durante o ensino fundamental como profundamente precarizadas, embora sua mãe se esforçasse para garantir à filha a melhor opção possível dentro do contexto em que viviam:

Só que, naquele momento em que eu estudava, sempre era uma virada e a escola ficava a pior. Todo dia não tinha aula de alguma coisa por falta de professor. E eu ficava muito puta por que eu não queria ficar obrigada dentro da sala sem professor. E eu só queria ir embora... era horrível, todo dia... não tinha aula de alguma coisa. Todo ano, umas duas vezes no ano, tinha briga de gangue contra outra escola, motim assim que rolava, a galera ia com pau, tacava fogo... Eu nunca andei com a galera, eu andava com as meninas mais nerds, mas, por exemplo, eu gostava muito de dançar, todo intervalo tocava *black* ou *funk*, aí eu dançava, fazia coreografia, descia até o chão na escola, ia pra escola com roupa de decote, mostrando a barriga, sem uniforme, enfim... (Ayana).

No contexto do ensino médio, Ayana ingressou em uma ETEC por incentivo de uma tia que logrou cursar o ensino superior privado já depois de adulta. Nesta escola, Ayana percebeu de forma mais explícita as contradições raciais e de classe.

No momento em que eu estudei era principalmente o lugar onde iam pessoas das melhores escolas públicas da região que queriam um estudo melhor mesmo. Alguns eram de uma classe média, mas tinha muitas pessoas pobres e também alguns casos perdidos de escola particular, sabe, gente com grana, que os pais apostaram tudo e cansaram de gastar dinheiro com esse filho, mas assim, na ETEC também já tinha essa diferença racial muito grande, principalmente no interior paulista. E em Santa Bárbara tem uma festa dos Confederados né, que é uma festa onde eles exaltam a bandeira escravocrata dos Estados Unidos, bizarro né, Americana, uma cidade fundada por americanos né, não é uma cidade ok em termos do racismo. Então na ETEC, foi esse processo de eu deixar de ser quem eu era pra poder alcançar esse espaço de prestígio, então não era só a questão de estudar e ter esse conhecimento, era um acultramento de mim mesma, tudo, eu deixei de ouvir pagode, de ouvir rap, de ouvir funk, coisas que eu gostava de dançar, e comecei a achar que isso era uma cultura inferior mesmo né, comecei, enfim, comecei a me vestir de maneira diferente, eu queria ser quem eu não era e foi uma coisa que eu demorei pra redescobrir depois né (Ayana).

Além de passar por um processo de negociação em relação à sua identidade, com o objetivo de se adaptar ao contexto da nova escola, rejeitando as expressões culturais

historicamente negras, ainda nos seus primeiros meses no contexto dessa ETEC, Ayana foi vítima de um caso de racismo, protagonizado por uma professora.

Nos primeiros meses, uma professora de história, ela fez história na USP, tipo, ela apresentou o Mito da Caverna do Platão e pediu que a gente escrevesse uma dissertação sobre o mito, sobre o que a gente achou, isso no primeiro ano né, a gente tinha 14 anos... e só que eu faltei nessa aula né, e aí ela fez a proposta de que eu fizesse essa redação em casa, só que aí ela falou pra eu pesquisar sobre o que ela passou na aula e fazer essa redação, e eu fiz uma puta de uma redação, eu fiz analogias e estabeleci relações muito complexas e eu gostava de escrever, eu sempre fiz as melhores redações, desde a primeira série... sempre ganhei todas as coisas da escola sabe, e aí essa professora, ela me deu nota insuficiente e escreveu: Ayana, o objetivo dessa atividade era uma reflexão, não um cópia e cola... Escreveu assim... e eu fiquei, eu fui atrás dela, pra perguntar porque ela tava dizendo aquilo... e ela só falou assim, essa atividade não é de uma pessoa de primeiro ano... e eu falei, mas fui eu quem fiz, e ela falou, fica tranquila que você já tem sua nota... mas eu falei assim, eu não quero nota, eu quero saber por que que não é, né... e ela simplesmente me ignorou e saiu andando, e aí eu fui até a sala dela, tem uma sala dos professores, tentar conversar com ela, ela tava corrigindo prova, ela falou, olha você já tá com B, você tirou MB na outra atividade, você vai ficar com B, tá ótimo, por que você quer mais? Eu falei, eu quero conversar sobre a minha atividade, eu escrevi aqui, e tal, ela falou, olha, eu não tô com tempo, eu tô corrigindo prova, tipo, sai daqui sabe... só que era pra conversar com coordenadores pra resolver a situação só que ela era coordenadora na época... e ela se recusou a me ouvir (Ayana).

Diante desse caso, Ayana contou com o apoio da mãe, que é considerada por ela uma grande influência para seu processo de engajamento militante, já que a mãe sempre foi “sensível às injustiças sociais”. A mãe de Ayana, incutiu na filha um sentimento emergente de *direito* (Laureau, 2007) estimulando-a protagonizar uma postura crítica, além de participar ativamente da vida escolar da filha, buscando discutir a situação junto à direção da escola. Entretanto, o envolvimento da mãe não foi bem recebido:

E aí eu contei essa história pra minha mãe. Minha mãe nunca faltou às reuniões meu pai nunca foi em reunião nenhuma né..., mas a minha mãe sempre foi, e aí ela nessa ocasião, ficou bem puta assim e foi comigo até a escola e marcou uma reunião com a direção e foi comigo, e aí, quando a gente tava lá, uma professora viu e contou pra essa outra. No dia seguinte, ela me humilhou na frente da sala, falando, o que que eu fui fazer lá, falar pra direção, por que eu não resolvo essa situação direto com ela, por que eu preciso da minha mamãezinha, começou a gritar pra uma adolescente de 14 anos, sabe... e assim, eu chorei por conta disso, foi uma situação horrível... a minha mãe olhou nos meus olhos e falou, se você quiser levar essa situação adiante eu tô com você, se você quiser denunciar eu não sei onde que vê isso, não sei com quem a gente pode falar, mas a gente vai com isso até onde você quiser ir.. e ela me deu essa força (Ayana).

A situação humilhante a que Ayana foi submetida, embora não tenha tido o desfecho esperado por ela e pela mãe, foi ressignificada, na medida em que ao invés de afastar-se da escola, Ayana tomou para si a tarefa de garantir as melhores notas nessa disciplina, com o objetivo de responder à professora.

E eu falei, eu vou tirar a melhor nota com ela daqui até o final do ano, e dito e feito, e ainda no ano seguinte peguei outra disciplina com ela e tirei só as melhores notas daí... então, e depois por ironia do destino eu fui fazer um curso como o dela né, numa universidade pública de igual prestígio (Ayana).

A incorporação de um sentimento emergente de direito também se revela no relato de Núbia. Estudando ao longo do ensino médio no Colégio da Embraer, após ingresso via vestibulinho, destaca um episódio em que questionou abertamente a postura do diretor da escola.

Eu lembro que a gente teve um embate com o diretor que tinha sido militar e que foi trocado para ser diretor da escola... E aí ele falava assim, que se a gente se contentava com a média, que a gente era medíocre, foi bem tenso... E aí na minha sala aí eu comecei a discussão com ele, a gente ficou duas aulas discutindo com ele (Núbia).

Ainda, no contexto desta escola, além de uma forte formação interdisciplinar, Núbia foi incentivada ao envolvimento em atividades voluntárias, voltadas a estudantes de escolas públicas.

A escola tinha um ensino muito completo assim né. Quando eu entrei a gente tinha, para além das matérias do currículo básico né, tinha português, matemática, história, geografia, química, física, a gente tinha POPs que é um Programa de Orientação Profissional, a gente tinha aula no terceiro ano de Questões Contemporâneas que é meio, atualidades, filosofia e sociologia, inglês, em determinado momento do colégio, eu tava no segundo ano, começou a ter espanhol, aí a gente tinha o 5+ que eram tempos livres em que você poderia passar... os professores ficavam cada um em uma sala e aí durante os 5+ você poderia resolver o que fazer com seu tempo, normalmente eu ia tirar dúvidas com os professores, fora os horários de PPU, que cada um ia pra Exatas, Humanas, aí nas Exatas eu lembro que tive elétrica, mecânica e informática, aí no Pré-humanas eu tive teorias do estado, administração e marketing, aí era isso... Aí a gente também tinha um programa que chamava Alternativas Sustentáveis que era um horário né, 50 minutos por semana, que assim a escola tem vários projetos e tem um terreno enorme, então dentro da escola tem uma agrofloresta, então quem quisesse podia fazer parte da agrofloresta, tinha minhocário, uma casa sustentável, tinha um aquecedor solar para secar frutas, e eu fazia parte do projeto que levava essas coisas para fora do colégio, então eu ia na escola que tinha do lado que era pública para fazer minhocário e uma sementeira com os alunos do fundamental (Núbia).

No caso de Hanna, seu acesso ao ensino fundamental se deu integralmente em uma escola pública. Durante todo o período escolar, Hanna se classifica como “nerd”. No ensino médio, estudou em uma escola privada, a partir de uma bolsa 100% garantida através da ONG em que era atendida desde criança. Hanna passou a conviver com os filhos da elite de São Roque: “filho de dono de supermercado, filho de vereador, filho de dono de adega, só com a galera mais tops das tops”.

Se no contexto da escola pública em que Hanna cursou o ensino fundamental, seu sentimento era de integração, no contexto da escola particular, ela se sentia marginalizada.

Essa escola particular dava muitos recursos, mas porque eu pedia, não tinha dinheiro para comprar o uniforme daí eu pedia uniforme dos anos passados para as amigas daí era a única que andava com uniforme desatualizado, mas tudo bem pelo menos eu tava com uniforme. Comer lá também era tenso, eu pedi muitas vezes lanche das meninas... era pago né ou de casa, só que minha mãe me dava R\$50,00 para comer o mês inteiro. Daí eu ia na loja de um real e comprava aquelas bolachas pão de mel dura, salgadinho, nossa senhora, foi tenso o negócio... No ensino médio era essa questão de pedir muitas vezes, só que não era exatamente um pedir, na realidade era uma troca, por que eu sempre fui muito inteligente, muito dedicada, minhas notas sempre foram muito boas, então eu passava cola, eu era amiga de todo mundo, ajudava as pessoas a fazer trabalho e em troca meio que as coisas iam rolando assim, o povo ia dividindo o lanche no recreio, eles ficavam meio chocados às vezes com a minha falta de coisas... tanto que no meu aniversário de 15 anos eles me deram um netbook sabe, eles fizeram uma vaquinha e me deram o netbook e eu falei não tenho nem internet para isso, que eu vou fazer, olha, mas era bem nessa linha de troca, mais engraçado que nessa turma de 25 alunos filhinhos de papai tinha duas pessoas mais pobres que era eu e a Riana e no final do terceiro ano as únicas pessoas que passaram em universidades públicas foi eu e ela... (Hanna).

As principais memórias desse período são dolorosas. Em uma delas, uma colega da escola lhe oferece as cascas de seu lanche, e Hanna, na época, aceita com alegria, passando a ressignificar o episódio apenas após o ingresso no movimento negro.

A outra memória mais vívida foi de um intervalo, tava na hora do recreio daí a Larissa, ela subiu para pegar o croissant dela que ela sempre comia o croissant, daí ela descascou todo o croissant dela tirou toda a casca do croissant dela, comeu só o recheio e me deu a casca pra eu comer. E eu comi, por que eu fiquei grata pela casca do croissant da menina, eu falei, muito obrigada... e eu comi, e hoje eu fico olhando... olha o que eu me submetia, e pra mim não era estranho e pra ela também era super naturalizado (Hanna).

Obi estudou durante todo o ensino fundamental em uma escola privada. Nessa escola, uma das principais lembranças também se refere a um caso de racismo. Sua postura diante da situação, também demonstra a incorporação de um sentimento emergente de direito.

Eu lembro de uma ocasião que tinha um aluno que eu não lembro exatamente quem, mas ele falou alguma coisa assim, me associando a fumo de charuto preto, alguma coisa assim, e aquilo me deixou muito chateado, eu fui na direção para falar com a coordenadora, a gente tinha uma coordenadora pedagógica na época que era negra, fazia parte do movimento antirracista na cidade, então eu tive bastante sorte de ter tido essa acolhida por parte dela na escola. Quando eu entrei nessa escola em 1995 eu acho que tinha mais uma aluna negra sei lá, eu tava na quinta série eu acho que ela tava na oitava, depois no ano seguinte acho que entrou mais uma, mas dava para contar nos dedos de uma das mãos, durante os quatro anos que eu estudei nessa escola dá para contar nos dedos quantos alunos negros tinham (Obi).

Contudo, embora não estivesse ileso da experiência do racismo, Obi considera que o fato de ser sempre o “melhor aluno” amenizava as experiências, afetando como as pessoas o tratavam de forma geral. Ele era preto, mas surpreendia o estereótipo racista por apresentar um desempenho excelente na escola.

A trajetória escolar de Lueji é marcada por uma curta passagem, de seis meses, por uma escola particular, no contexto do ensino médio. Frequentando escolas públicas desde a educação infantil, foi matriculada em uma escola privada durante o primeiro ano do ensino médio. Entretanto, declara não ter conseguido se adaptar a essa escola, “por conta de o ensino estadual ser muito defasado”. Nesse período, sua mãe havia se mudado para Brasília, por exigências do trabalho. Lueji resolveu, então, ir morar com a mãe. Retornou, então, à rede pública, sendo matriculada em uma escola localizada no Plano Piloto, isso é, numa das regiões tradicionais da cidade, o que lhe deu acesso a inúmeras atividades extracurriculares.

Essa escola era muito boa... assim, pública, mas um super investimento assim, acho que Brasília é um dos maiores pisos salariais pra professor no Brasil... tinha uma escola de línguas que a gente fazia separado, lá tinha escola pública de dança, escola pública de música (Lueji).

Zuri, por sua vez, declarou apresentar dificuldades de aprendizagem desde os primeiros anos do ensino fundamental. Contou que, na sétima série, foi transferido para a turma “C” da escola, considerada a mais fraca. A turma era composta majoritariamente por pessoas negras.

E na 7ª C só tinha meninas negras e aí nesse momento eu conheço a turma que eu fico com ela até o final do ensino médio e tenho amigas ótimas, e eu conheço uma amiga que foi a Kelly, ela era gorda e preta e tinha uma alegria muito grande, ela sorria muito, e ela era muito feliz, e ela era muito brincalhona, e aí a gente se tornou grandes amigas... daí a Deise também, ela era branca mas ela era muito amiga minha também, então a gente foi criando vínculos também, e aí eu aceitei esse lugar que talvez eu não seria inteligente... talvez eu não era boa mesmo talvez, e realmente talvez eu era a malandrinha da turma, que talvez eu era zoeira... então eu fui assumindo esse lugar né, através da brincadeira... (Zuri).

No caso de Jamila, marcada por um deslocamento no ensino médio para uma escola central, a localização, a estrutura das casas que circundavam a escola e as condições de vida dos próprios estudantes fizessem com que ela “se sentisse diferente”, ter acesso a um maior volume de conteúdos e tempo de estudo a proporcionavam prazer. Jamila enumera uma lista de professores que considera terem tido um papel especial na sua vida, atualizando sua disposição aos estudos e proporcionando acesso a recursos culturais antes não experimentados:

Tive muitos professores especiais no Boa Nova, um professor de geografia, uma de português que era muito competente e levava a gente pra museu, festas, teatro que eu já não tinha acesso por falta de recursos, isso me incentivou bastante a continuar estudando, tive um professor de física também que foi importante, de sociais, tive muitos professores bons e encantadores no ensino médio... (Jamila).

As escolas se configuraram para os entrevistados como mais um espaço de socialização para a adesão a atividades coletivas interdisciplinares, e o envolvimento em trabalhos voluntários. Em alguns casos, aproximaram-se também de grupos militantes organizados, enquanto participantes de grêmios estudantis. Professores são apontados como figuras importantes para que os estudantes adquirissem um interesse mais amplo por conteúdos relacionados às ciências humanas e sociais. Migrando no contexto do ensino médio para escolas centrais, escolas técnicas públicas, e em alguns casos, escolas particulares, ao passo que os jovens passaram a ter acesso a recursos culturais diversos, também compartilham de experiências de acirramento das contradições raciais e de classe. Nesse sentido, parte dos entrevistados demonstram a incorporação de um *sentimento emergente de direito*, posicionando-se de forma crítica diante das autoridades escolares, intervindo a favor de seus próprios interesses.

4. Vinculação a projetos sociais, cursinhos populares e o processo de adesão à universidade pública

Ao longo deste item, abordamos experiências compartilhadas pelos entrevistados em instâncias de socialização para além das famílias, da religião e da escola. Aqui, destaca-se a passagem por projetos sociais e cursinhos populares enquanto espaços que contribuíram não apenas para adesão dos entrevistados à universidade pública, bem como para a constituição de disposições favoráveis ao engajamento.

Entre os entrevistados, Obi, ingressante em 2006 no curso de matemática, Paki, ingressante em 2009 no curso de Ciências Sociais e Lueji, ingressante em 2010 no curso de Pedagogia da UNICAMP, são os únicos entrevistados que declararam que o acesso à universidade pública era um projeto declarado e perseguido pelas famílias desde a infância. Em relação aos demais entrevistados, um elemento que atravessa as trajetórias, e que consideramos essencial para a conformação de suas disposições quanto ao futuro e à militância, é a experiência comum de terem passado anos da infância e adolescência sendo atendidos por diferentes projetos sociais desenvolvidos por espaços religiosos e ONGs. Tiveram acesso a atividades extracurriculares diversas, como cursos de línguas, musicalização, artes marciais, dança, teatro, letramento digital e reforço escolar. Nesses espaços, os entrevistados foram socializados para uma experiência gregária e estimulados ao *protagonismo juvenil*, disposições que seriam atualizadas na adesão deles à militância. Além disso, uma parte expressiva dos entrevistados teve passagem por cursinhos pré-vestibulares populares, experiência que contribuiu tanto para o treinamento dos sujeitos no que se refere ao exame vestibular, quanto para a socialização política dos mesmos, conforme demonstram os relatos selecionados a seguir.

Por volta dos 10 anos de idade, Akin passou a ser atendido por uma instituição chamada “Projeto Travessia”. O programa, em parceria com o Ministério da Cultura, instalou um ponto de cultura na região do Grajaú, onde Akin passou a fazer diversas atividades, como aulas de rádio, multimídia, mosaico, grafite, entre muitas outras, entre os anos de 2007 e 2011.

Eu lembro que um belo dia uma mulher com caderninho na mão bateu na porta de casa por que ela tava pelo bairro, aí o primeiro lugar que ela foi, foi a viela, que é a única viela da rua, né, é uma rua asfaltada com vários sobrados e aí tem uma única viela... e daí eu lembro que eu fiquei achando que era o conselho tutelar, que era o medo que minha mãe botava na gente né, que as pessoas sempre falavam: “ah, vou chamar o

conselho tutelar pra vocês que ficam aprontando demais, se não for bem na escola”, esse tipo de coisa. Aí eu olhei com desconfiança..., mas ela fez um cadastro, depois passou a convidar a gente pra fazer coisas (Akin).

No contexto desse projeto, a mãe e os irmãos de Akin também foram atendidos, mas por pouquíssimo tempo. Apenas Akin permaneceu, até o projeto se dissolver.

O projeto se dissolveu, ele tinha o objetivo de continuar com as ‘mães multiplicadoras”, ele tinha um foco no protagonismo juvenil e na coisa de ter mães multiplicadoras, minha mãe não foi uma das mães multiplicadoras mas tinha outras, algumas delas eu tenho contato até hoje e a ideia era que elas seguissem com o projeto e tal e eu no final das contas fui o único jovem multiplicador que ficou até o final e aí a gente ganhou um prêmio, a gente eu falo, o ponto de cultura, ganhou um prêmio chamado cultura viva que foi 15 mil reais, isso em 2008, 2009 e no fim das contas as mães multiplicadoras acabaram comprando um terreno, uma casa pequena no cantinho do céu, um bairro vizinho ao meu, ali na rua de terra tal, bem perto da represa... e daí enfim, a gente fazia umas coisas lá, eu sei que esse projeto passou pra outro projeto social, enfim , tem outras coisas acontecendo com outros projetos mas no final das contas a gente acabou dispersando também, eu acabei seguindo com outros projetos e indo pra outras coisas, acessando outras coisas muito também a partir desse né. (Akin)

Permanecendo no Projeto, Akin teve a oportunidade de frequentar congressos e seminários, na condição de representante do ponto de cultura. Akin relata que fazia parte da proposta de protagonismo juvenil e das mães multiplicadoras que os próprios membros do ponto de cultura tomassem a palavra, ao invés dos monitores e coordenadores.

Daí eu lembro que um dos projetos que eu pessoalmente ajudei a tocar foi o de cineclube, que era uma coisa que eu gostava e daí tinha uma parceria com o “Cine Brasuca”, daí a gente conseguiu com o projeto que a gente fez um prêmio de mil reais na época, era uma graninha... e daí a gente escreveu o projeto junto com uma educadora, foi meio que as minhas vontades e ele quem ajudou a estruturar e botar no papel, tal... e com uma outra educadora que era e daí o projeto foi selecionado e eu fui pra uma atividade de formação de alguns dias, em um hotel de Atibaia, tinha 12, 13 anos e eu era... a Rose tava nesse projeto, tinha pessoas de vários outros projetos, mas como eu sempre fui grandão as pessoas achavam que eu era muito mais velho, e tinha 12 anos mas achavam que eu tinha 16... então eu lembro que teve essa atividade de formação tal, eu gravava as coisas, tal, tinha uma época da oficina de rádio, eu tinha envolvimento com a coisa da multimídia... (Akin).

Conforme o relato de Akin exemplifica, a vinculação a esse projeto culminou em experiências e aprendizados importantes, instrumentalizando-o muito cedo à posição de porta-voz e a construção de projetos, habilidades que seriam reatualizadas anos depois, no processo de engajamento militante de Akin no NCN da UNICAMP.

Após a dissolução do Projeto Travessia, Akin seguiu se envolvendo em outros projetos sociais. Vinculou-se ao Projeto Quixote, ONG voltada ao atendimento clínico, pedagógico e social de crianças e jovens classificados em condição de risco. A vinculação ao projeto exigia que Akin tivesse uma rotina regrada e disciplinada:

Era na Vila Mariana, atravessava a cidade pra fazer as oficinas e eles, e eu ia por que eles pagavam a passagem e davam uma remuneração de 125 reais além das passagens... daí era uma parceria com a Price Waterhouse Coupeer, e daí era de segunda à sexta, à tarde inteira, daí tinha, da escola pra lá direto assim, acordava de manhã, tinha que tá 7 horas da manhã na escola por que também tem aquela coisa que se você chegar um minuto atrasado você não entra, e eles não querem saber, e daí de lá eu ia direto pro Quixote, daí Quixote, enfrentar a cidade inteira de volta... chegar em casa nove horas da noite... e no outro dia a mesma coisa uma rotina assim intensa... eu fiquei lá cerca de um ano... no Quixote... fazendo as oficinas e tal.

Saindo do Quixote, Akin seguiu se vinculando a projetos sociais, no contexto do ensino médio. Participou como monitor do “Programa ACESSA Escola”, durante o segundo e o terceiro ano do ensino médio, o que considera uma experiência fundamental para que pudesse estudar com foco no vestibular.

Além disso, Akin estudou durante um período de três meses em um cursinho popular. Conforme relatado por outros entrevistados, a vinculação ao cursinho popular teve implicações importantes para sua formação política, favorecendo que ingressasse na universidade com uma perspectiva militante e crítica sobre esse espaço:

Foi importante por questões mais políticas assim, pra ter acesso, não mudou radicalmente minha visão política das coisas mas ampliou, tive acesso a mais coisas, a uma literatura marxista que eu não conhecia, a uma visão mais crítica da história, não acho que eu fiquei de esquerda por que eu fui pra esse projeto, muito pelo contrário, muitas coisas eu já conhecia, mas me deu mais acesso, outra visão de universidade e daí eu resolvi prestar tudo, e daí eu não tinha muita referência da UNICAMP, mas eu prestei tudo o que eu podia prestar, me matriculei em tudo que eu podia matricular, e daí eu pude escolher pra onde eu ia assim, no final das contas.

Jamila também foi atendida por uma ONG durante o terceiro ano do ensino médio. Monitores do Instituto Acaia, entidade sem fins lucrativos voltada a atividades socioeducativas, fez uma visita à escola de Jamila, convidando para participação na ONG. Vinculada ao Acaia, em específico, ao “Centro de Estudos Acaia Sagarana”, programa da organização voltado a alunos de ensino médio de escolas públicas, com vistas a ampliação das chances de ingresso desses jovens nas universidades públicas do país, Jamila acessou, além das aulas semanais voltadas ao conteúdo do vestibular, de atividades de formação

interdisciplinar que a possibilitaram experiências únicas e improváveis segundo sua posição de origem:

Eu viajei pro Pantanal, conheci a população ribeirinha, atravessei a fronteira de Corumbá com a Bolívia, fiz trabalhos de escrita, me lembro até hoje como foi esse processo de aprendizagem, aí fiz cursinho pré-vestibular e no final do terceiro ano do ensino médio passei em UNICAMP, UNESP, UFSCAR, só não passei na USP por que perdi a prova por atraso, por causa da condução, passei nas outras universidades, tudo no curso de letras que era o meu desejo.

O curso da trajetória escolar de Hanna também foi modificado a partir de sua vinculação a uma ONG. Participando do Instituto Quero Ser, no final do ensino fundamental, Hanna teve acesso a uma bolsa 100%, em escola privada onde percorreu todo o ensino médio, começou a tocar flauta, jogar capoeira, passou a se interessar profundamente pela leitura e se apaixonou pelo futebol. Através dessa ONG, aos 14 anos, Hanna teve a possibilidade de viajar aos EUA, numa experiência que, por motivos de preconceito racial, deixou uma lembrança negativa:

Através dessa ONG fui pros EUA jogar bola, tinha 14 anos e foi horrível. Hoje em dia eu consigo olhar pra trás e ver o que aconteceu. Passei um mês na casa de uma família típica filantrópica, fiquei vinte e sete dias, uma casa próxima do lago, com *Jet Ski* e eu era ótima, meu inglês era fluente na época. Eu fazia inglês naquela ONG, era uma das melhores, meu boletim era ótimo. Só que a gente foi com o time de meninos que era do Grêmio da cidade, e só tinha filhinho de papai, só tinha gente muito rica, foi eu e mais uma menina loira, e era engraçado ver como ela conseguia se integrar no meio dos meninos e como eu não conseguia, por mais que eu me esforçasse e eu falava inglês sabe, não era problema de comunicação, tinha alguma outra barreira, eu conseguia me comunicar bem mas não me sentia integrada nem um pouco , e eu jogava bem futebol, enfim (Hanna).

Além da vinculação ao Instituto Quero Ser, Hanna usufruía do Centro Cultural da cidade. Durante o ensino médio, a rotina era bastante intensa: acordava às 05h40 da manhã para se dirigir de casa à cidade, ia para a escola e durante toda a tarde permanecia no centro cultural, acessando a internet e a biblioteca, fazendo aulas de violino e ginástica olímpica. Ainda durante o terceiro ano do ensino médio, Hanna passou a estudar em um cursinho pré-vestibular popular, descobrindo o interesse pelo curso de graduação em Ciências Sociais:

E eu fazia cursinho duas vezes, porque o ensino médio que eu fazia, na verdade eles juntaram toda matéria dos três anos nos dois primeiros anos e no último ano eles faziam revisão dessa matéria né, e daí eu comecei a fazer, eu fiz esse terceiro ano do ensino médio e à noite eu fazia esse cursinho Popular. E lá eu conheci o Rogério que fez Ciências Sociais e ele super pregava contra todo mundo fazer Ciências Sociais ele não queria que ninguém quisesse fazer Ciências Sociais. E como ele sempre pregava contra eu fui ver o que era... e aí eu falei nossa, eu posso mudar o mundo com isso daqui... e eu falei nossa, eu vou muito fazer isso... e daí eu entrei nas Sociais... sei lá com minha nota eu teria conseguido outra coisa, mas eu realmente queria Sociais (Hanna).

Em relação a Zuri, o momento de virada, que levaria definitivamente ao universo da dança, se deu quando tinha 14 anos. Vinculando-se a projetos sociais da cidade, Zuri passou a jogar vôlei. Naquele contexto, afirma que já apresentava grande flexibilidade e habilidade. No mesmo período, aconteceu uma oficina de Balé na cidade, que a convite da amiga Deise, Zuri decidiu conhecer:

Só que eu pensei, ah, isso é coisa de patricinha, eu maloqueira, fui...achei interessante, na verdade fiquei estimulado a fazer os passos por que, como assim eu não vou saber fazer esse passo? como assim? eu vou fazer essa dança! aí começo a gostar, começo a ir, esse projeto social me marcou muito também porque ele tinha vínculo com um projeto chamado participação jovem, então você tinha alguns professores na cidade que estavam preocupados com a cultura, com o esporte, é um projeto direcionado também a tentar ocupar o contraturno da escola, tirar a galera do crime, da rua... no momento eu não tinha nem noção que era isso... (Zuri).

No contexto do Participação Jovem, Zuri passa a ter acesso, além das aulas de balé clássico, pintura em tela, marcenaria e culinária, além de ingressar em uma fanfarra. Nos anos seguintes, o professor de balé resolve construir uma companhia de dança. O momento de consolidação dessa companhia é visto por Zuri como o momento de sua adesão ao engajamento político. Entretanto, embora essa experiência tenha contribuído para sua formação política, não percebe nela uma socialização explicitamente orientada para autonomia:

E aí que começou o meu engajamento político, entender o que era a relação de Prefeitura, Câmara, Vereador, e tinha os eventos que tinha, então o balé da cidade era convidado pra se apresentar... então, só que esse bale não era remunerado, não tinha uma ajuda de custo para essa galera... fazendo parte do participação jovem que era um projeto paralelo a essa companhia, e que era uma galera petista, então ali veio muita coisa de formação política também, pensar sobre drogas, pensar sobre o que que é que o partido, e etc... só que ali não foi também um

trabalho de autonomia, ali foi uma introdução né para mim, tinha um lance também filantrópico, agora tinha outros professores que nem tanto, que engajavam mais... (Zuri).

Zuri viu a companhia de dança se estabelecer, passar a receber investimento da prefeitura e ganhar uma sede, até se configurar numa estrutura escolar, com turmas designadas por faixa etária. Zuri participava da turma principal da companhia, que era a que disputava festivais e participava de congressos.

Passa-se sete anos, nessa empreitada de conhecer pessoas, disputar troféu, e aprender a coreografar e apresentar seus trabalhos, e crescer e tal, eu conheço outras pessoas negras nesse processo, conheço outros grupos de dança, conheço outras academias e vou atrás dessa empreitada né... E aí o que acontece, eu percebo que eu não vou conseguir, por ser negra, entrar em uma companhia de dança, por ser negra... só que aí eu já tinha tido um desbravamento muito grande, viajado pelo Brasil, pro Paraguai, outros lugares... dançando... eu juntava os meus dinheiros do geladinho, vendia bolo, pastel, salgadinho, chaveirinho, vendia telas que eu pintava, fazia rifa.. pra ajudar.... e fui conhecer outras pessoas e daí eu pensei que eu não ia conseguir entrar numa companhia de dança remunerada porque essa companhia que eu estava ela nunca ia ser remunerada, se eu quisesse eu teria que entrar em outra companhia, e aí eu consigo perceber que existe uma dança hegemônica, mas não com essa palavra, com as companhias principais, ditas, e eu falei beleza, são essas que eu vou me aventurar... (Zuri).

Aos 17 anos, Zuri percebe que para seguir carreira no Balé, precisaria se vincular a uma companhia de balé clássico nos termos do Royal Ballet. Até então, estava tendo acesso a um “balé de periferia”. Embora dominasse de forma potente sua corporeidade na dança, havia um conhecimento específico e uma legitimidade que só seria adquirida em uma companhia de elite:

Eu tinha uma flexibilidade imensa, eu tinha uma musculatura, uma explosão muscular muito grande, eu tinha uma hiperpotência de corpo, tipo assim com 17 anos, mas não sabia subir na ponta, não sabia fazer coque, eu não sabia usar meia fina, não sabia costurar uma sapatilha de ponta... para comprar uma sapatilha de pontas tem que investir 300, 400 reais aí... aí como é que eu banco isso né... eu preciso de balé clássico, eu não preciso de qualquer balé clássico eu preciso do Royal Ballet... e aí não rola... uma frustração muito grande, eu percebo que eu tenho que trabalhar, minha mãe tá fazendo pressão pra eu ir trabalhar... (Zuri)

Nesse momento de decisão sobre seu futuro, Zuri acaba por contar com o apoio de um namorado, que havia logrado ingressar como bolsista no curso de formação em uma das companhias mais tradicionais de São Paulo. Esse rapaz acaba por atuar como um mediador entre Zuri e a proprietária da companhia, contribuindo para que ele frequentasse as aulas.

E aí é um conservatório na Vila Madalena em São Paulo, tá bem dentro da história da dança ocidental, como balé estágio, e ela oferece o ballet clássico que eu precisava... e aí eu vou com a minha roupa, com meu cabelo, com o jeito que eu sou, e faço uma aula, ninguém fala nada, faço esse teste, ninguém me responde nada... aí ah, vem outro dia, vou para outro dia, aí começo a frequentar, até então eu converso com a dona da escola e ela acaba me concedendo uma bolsa pra fazer aula, mas se eu quisesse dançar com a escola teria que pagar todas as outras coisas... fico nessa escola durante três anos, tenho o contato com a companhia, que é uma companhia profissional. A galera começa a perceber que eu sou pobre, sou a única mulher preta do lugar mesmo, só tinha eu... aí eu não sei andar como menina, eu não sei falar como menina branca... eu não sou polida, eu sou maloqueira, eu sou da periferia, eu tenho cara de sapatão né... ali começa o meu adestramento pra ser essa mulher né... eu tenho quase 20 anos, e eu falo que eu tenho 15 anos, por que se você é velho, pra começar a subir na ponta, ninguém vai investir em você... eu fico nessa escola e acontece uma série de exclusões, aí tem muito pano... (Zuri).

No espaço dessa escola Zuri foi vítima de diversas situações de racismo. Negre e periférica, sua presença numa companhia de balé clássico daquela envergadura foi percebida como uma transgressão. Zuri relata que uma situação em particular acabou por se configurar como um estopim, culminando com que desistisse da dança. Esse momento, narrado na entrevista como uma fonte de angústia e sofrimento psíquico, culminou com que Zuri desejasse profundamente a morte. Zuri conhece desde muito cedo a linguagem da violência. Conforme salienta bell Hooks, uma forma de conhecimento particular que atravessa a vivência das pessoas negras é o sofrimento, uma forma de conhecimento que “se expressa por meio do corpo, o que ele conhece, o que foi profundamente inscrito nele pela experiência” (Hooks, 2017, p. 124). A centralidade do corpo é destacada de forma contundente na reflexão de Zuri, já mencionada anteriormente, mas que aqui retomamos:

Eu já pensava muito em morte. Aos 12 anos eu não conseguia lidar com essas questões psicológicas do meu pai, e familiar, eu não conseguia lidar com ser uma pessoa que não ia ter oportunidade, e ainda era uma pessoa muda né, então implodia, implodia... então lá com os meus 12 anos de idade já começa a manifestação dos primeiros quadros de pânico, os meus primeiros quadros de ansiedade, meus quadros

convulsivos né... um mar de ignorância né, uma violência muito grande e tudo acontecendo com esse corpo, então esse corpo habitava esse ambiente dessa casa, o que era muito agressivo, tinha o ambiente do balé que era agressivo também, ao mesmo tempo muito sexista. Tinha que lidar e driblar isso, essa é minha ginga né... Ao mesmo tempo tinha que despontar nessa companhia e assim talvez eu seja tratada como pessoa, lá eu me vejo na verdade sendo a pessoa preta, a menina negra isolada, com cabelo todo deformado, com esse corpo magro e não porque é um físico, genética, é o magro desnutrido né, daí não tinha uma saúde boa também né, então aí eu percebo que essa ruptura lá na companhia, por causa de racismo, nessa companhia lá que é considerada uma figura importante para a história da dança brasileira do país... eu me vejo querendo acabar com tudo sim, acabar com tudo, saio desse lugar, paro de dançar durante um ano, e fecho mais uma vez tudo, tudo para mim, porque todas as questões que eu estou vivendo de raça, de gênero eu passo sem comunicar com ninguém, sem ter com quem falar dessas coisas com a minha mãe não ia rolar, muito presa a religião, a religião era justificativa pra tudo né... e aí eu penso, eu preciso ter uma vida diferente da minha mãe, decidido isso (Zuri).

A decisão de fazer faculdade foi incorporada por Zuri como uma estratégia de superação de sua condição de origem, representada pela atuação da mãe. Estratégia vista como possível em um contexto de expansão das universidades privadas e públicas, e de adesão a diferentes modalidades de ação afirmativa. Zuri afirma que temia muito que fosse obrigada a trabalhar no telemarketing, ou em uma fábrica e “perder a coluna”, experiências dolorosas vivenciadas por sua mãe. Pensando num diploma de graduação como válvula de escape, Zuri acaba por se vincular a um cursinho popular, concomitantemente a sua vinculação a uma ETEC, no curso de dança:

E aí foi a minha salvação, aí as coisas começaram a mudar... esse cursinho é fruto de uma ocupação, numa favela, na Avenida Brasil do lado do antigo Extra, feito de professores que na época, muitos deles eram petistas e também vieram de formação de UNESP, UNICAMP, USP, federais e juntaram para montar numa garagem um cursinho pré-vestibular, eles dão aula gratuita para população...eles começaram esse cursinho já tem uns 15 anos para trás, começaram dando aula para 2,3 pessoas e foi juntando.. e eu chego nesse cursinho... E aí eu começo a estudar nesse cursinho, e ao mesmo tinha passado já pela ETEC, fui da primeira turma da manhã da ETEC de dança, e não passei pela prova escrita, passei pela prova específica... (Zuri).

Assim como relatado por outros entrevistados, a passagem pelo cursinho é considerada um divisor de águas, tanto para ampliação das chances de acesso à universidade, mas sobretudo para a socialização política. No contexto do cursinho, Zuri

também encontrou na figura de um professor um amigo, que o apoiou emocionalmente e materialmente na ocasião do ingresso, no curso de dança, na UNICAMP:

E daí no cursinho tive professores negros, tive professores muito competentes, é um lugar para mim que eu tenho um carinho muito grande por que foi o lugar que eu mais tive amigos, um lugar onde eu aprendi que eu era negra... teve um professor que foi muito importante para mim que eu até chamava ele de pai, que era o Jonas, que era um professor negro que também era petista, é petista até hoje... e ele me ensinou a pegar no caderno, a ler, como estudar, como me organizar pra estudar, corrigia meus exercícios e foi ele que me falou o que era a UNICAMP... ele foi na minha casa, conversou com a minha mãe, descobriu minha história, minha trajetória na companhia, o racismo, me apoiou.. e foi ali no cursinho que eu tive meu empoderamento político, foi o lugar aonde eu fiz a minha primeira assembleia, foi ali que eu soltei meu “Black”, foi nesse lugar... eu me construí naquele lugar. Fiquei um ano... eu lembro que quando eu vim para cá e não tinha grana quem me deu a grana foi a esposa do meu professor Jonas que me deu R\$ 100, uma bolsa, um caderno, estojo de caneta e uma nécessaire com coisas de higiene, lençol, travesseiro... e consegui uma carona e vim fazer a inscrição na universidade eu já tinha o quê, 23 anos quando eu vim, eu era a segunda pessoa mais velha... passei em primeiro lugar, foi um ano em que entraram três pessoas negras de uma vez... (Zuri).

No caso de Adenike, a descoberta em relação à universidade pública foi marcada pelo caminho trilhado por sua irmã mais velha. Assim como no seu acesso à ETEC, seguindo os passos da irmã, Adenike se vinculou ao cursinho popular da Poli, onde estudou por um ano. Embora a irmã fosse estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Adenike não seguiu os passos da irmã nesse sentido. Desejava profundamente ser estudante da UNICAMP:

Na verdade eu acho que foi porque eu fiquei muito impressionada que na lista de livros da UNICAMP tinha um livro do Malik de Alencar que eu não conhecia, que é o Demônio Familiar, super, uma ode ao racismo, que na época eu não tinha criticidade pra entender né, a gravidade do texto, mas eu gostava muito do Alencar né, e eu já tinha lido várias coisas dele mas não conhecia aquele texto e pensei, ai que legal, bem diferente essa lista, pensei que legal, vou gostar dessa faculdade.. e era Letras/Português, eu falei aí, isso mesmo, vou fazer essa faculdade... (Adenike)

A primeira tentativa de ingresso foi frustrada. Concomitantemente, contando com o apoio financeiro de um de seus chefes no trabalho que executava como telefonista, no Banco do Brasil, Adenike acabou por estudar durante um ano no cursinho Objetivo,

ingressando na UNICAMP em 2006. Assim como todos os demais entrevistados que em algum momento da trajetória passaram por cursinhos populares, Adenike se refere a experiência na Poli como um momento chave para sua formação política. Contudo, as discussões eram mobilizadas em torno das questões de classe, ignorando as relações raciais:

Os professores eram sensacionais assim, mudou realmente a minha vida totalmente, então toda política sobre os vestibulares, os debates políticos mais aprofundados, a criticidade necessária né, para entender, tudo começou ali. Com aqueles professores, naquele espaço a minha vida começou a mudar totalmente. Por que o ensino médio pra mim, passou, foram só conteúdos, eu não tive mais que duas amigas, era uma escola, a ETEC era uma escola de pessoas de classe média alta. (...) Foi bem difícil assim pra minha autoestima, saí sem nenhuma na verdade. O que eu era, é inteligente, e o vestibular tirou isso de mim né... e quando eu cheguei que eu me deparei com o vestibular, falei caramba, eu não sou nem inteligente, agora ferrou, a única coisa que eu era, era inteligente... mesmo com todo discurso do cursinho popular, não tinha um aprofundamento na questão racial, tinha muito na questão da classe então não necessariamente contribuiu pra diminuir esse impacto do racial na gente né. Poxa você é feia e você é burra além de tudo. Foi um momento bem difícil assim... e aí no Objetivo, foi pior ainda. Foi um período de tortura assim, eles ainda pegam conteúdos que são mais distantes ainda, “ah isso aqui é só uma pincelada, vocês estão cansados de ver isso”, eu nunca tinha visto aquilo na vida, não fazia a menor ideia e todo mundo já tava cansado de ver, então foi bem difícil, foi a fase que eu me senti mais burra... e aí foi importante lembrar da coisa que os professores falavam no cursinho popular, que não mede a capacidade que não tem a ver com inteligência ou burro, mas na hora que a gente tá ali é difícil né... enfim (Adenike).

Uma regularidade observada entre todos os entrevistados, é o fato de que, ingressaram na UNICAMP em cursos menos concorridos, mais relacionados às Ciências Humanas: nove estudantes ingressaram em cursos oferecidos pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, duas entrevistadas ingressaram em cursos oferecidos pelo Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, duas na Faculdade de Educação - FE e um entrevistado no Instituto de Artes - IA. No caso de um entrevistado, Obi, o ingresso se deu pela pós-graduação. Observa-se, assim, que se trata de sujeitos que se graduaram (e hoje estão em grande maioria se pós-graduando) em campos de conhecimento amplamente interessados na ação política, de um ponto de vista conceitual.

Os relatos dos entrevistados demonstram que a passagem por projetos sociais e cursinhos populares foi uma experiência relevante para construir disposições e

competências que lhes permitiram assumir protagonismo no espaço universitário, para ocuparem posições de porta-vozes e lideranças. Essa experiência também lhes permitiu acumular recursos acadêmicos importantes para a militância na universidade, como a competência para escrever projetos e pleitear editais, a capacidade de participar ativamente de seminários, conferências e debates, entre outros. Além disso, nesses espaços, em especial nos cursinhos populares, os entrevistados tiveram maior aproximação com uma literatura de esquerda, bem como com militantes organizados em partidos, além de uma exposição significativa a perspectivas críticas sobre a história, sobre o exame vestibular, sobre o funcionamento e a finalidade das universidades públicas. Consideram, sem exceção, a vinculação a esses espaços como um momento, às vezes inicial, de formação política, de organização da própria indignação diante de experiências dolorosas e de adesão a uma perspectiva militante de esquerda.

5. *Processos de politização no movimento estudantil, partidos e sindicatos*

Neste item, analisaremos os casos particulares de alguns entrevistados que passaram por processos de socialização política no contexto de movimentos estudantis universitários, antes do ingresso na UNICAMP, bem como processos de engajamento militante em partidos e sindicatos, constituindo competências políticas que seriam acionadas no contexto do engajamento no NCN.

Entre as entrevistadas, duas chegam à UNICAMP após a passagem por outras universidades públicas: Taió e Abayomi. Em comum, compartilham da experiência de terem se tornado militantes dos movimentos estudantis, chegando à UNICAMP com uma identidade militante consolidada:

No caso de Taió, sua trajetória foi particularmente marcada pela vinculação a um cursinho popular. Como informamos anteriormente, Taió é uma das poucas entrevistadas para quem a passagem pela universidade fazia parte de um projeto familiar. Ela relata que desde muito pequena a mãe a incentivou a uma *vivência gregária*, permitindo e mesmo incentivando que ela participasse das festas infantis promovidas pela escola e pelas instituições religiosas do bairro, do grêmio escolar, de grupos de estudos. Além disso, embora não fosse militante do movimento negro, educava a filha constantemente para que assumisse uma postura ativa e digna enquanto mulher negra.

Você não pode abaixar a cabeça pra ninguém, você tem que olhar no rosto das pessoas, isso é uma coisa muito importante inclusive falar aqui, por que a minha mãe sempre teve isso, você tem que falar olhando pras pessoas, você não pode abaixar a cabeça, e quando a gente é jovem, adolescente, a gente não leva isso muito a sério. Aí eu fui fazer história né, e tal, tava estudando algumas coisas do movimento negro no século XX e aí eu tava vendo um book de um cara que foi um dos fundadores do MNU. Eu nem lembro mais quem é essa pessoa né? E aí ele é um pouco mais velho do que a minha mãe, ele tem uns 70 anos, e ele falava assim no vídeo, a gente fez o movimento de juventude negra, aquela coisa, clubes negros, jornais da imprensa negra e tal, até chegar no MNU, e uma das conquistas maiores da nossa juventude foi as pessoas negras olharem direto na cara das pessoas brancas. Quando ele falou isso, eu falei, nossa, faz todo sentido. Por que, até então, os negros tinham a postura de não encarar nos espaços públicos, nos lugares, as pessoas brancas, e a nossa geração foi a geração que quebrou com isso, a geração que tinha o orgulho de ser negro, a geração que mudou os cabelos... e eu tô falando com você aqui e atrás do computador tem um painel de fotos e tem uma foto minha de quando eu era bebe, eu tô vendo essa foto... e minha mãe usava o cabelo *black power* né, cê vê nas fotos a minha mãe com o cabelinho, então eu acho que tem um pouco disso, a minha mãe não é militante, ela cresceu em SP nessa efervescência cultural negra urbana, minha mãe na juventude foram os clubes negros, e aí foi isso (Taió).

O sonho de que a filha se graduasse em nível superior era evocado com frequência, entretanto, faltavam a ambas o capital informacional necessário para tornar real esse projeto. Taió possuía um breve conhecimento sobre as faculdades privadas, entretanto, representavam um sonho distante, por questões financeiras. Foram professores que acompanharam Taió durante o ensino médio, os responsáveis por compartilhar com ela informações sobre a existência e modos de ingresso das universidades públicas:

Aí quando eu fui pro ensino médio alguns professores começaram a falar, olha você tem que fazer faculdade, tem que fazer faculdade, aí chegou um dia que eu falei assim tipo, pra um professor meu de geografia, professor branco inclusive, que me incentivou muito assim, ele falou assim pra mim, eu fiz um trabalho e ele falou, “nossa, esse trabalho tá nível de faculdade, você não pensa em fazer faculdade?” tinha um professor negro também, substituto, que sempre conversava sobre isso comigo, sempre falava do meu cabelo, por que no ensino médio também eu já deixei meu cabelo enrolar, já tava no processo de transição naquele período, aí ele falou pra mim, “você tem que fazer faculdade” e eu falei, “eu não sei como vou fazer faculdade por que eu não tenho condições de pagar, nem se eu e minha mãe trabalhar a gente não tem dinheiro pra pagar a faculdade”, né, por que ia ser praticamente o salário das duas inteiro. Aí ele falou que ele tinha estudado na UNESP e que existiam universidades públicas, nossa aquilo ali pra mim foi tipo como se tivesse descoberto o lugar do ouro né. Aí eu perguntei como que faz pra entrar? aí ele me explicou que tinha vestibular, que eu tinha que fazer cursinho pra me preparar, aí ele me explicou a qualidade do ensino, ele me trouxe esse debate, aí o que que eu fiz, eu comecei a

prestar aquelas provas de cursinho pré-vestibular do ETAPA, do Objetivo, eu acertava assim um número razoável de questões, tinha uma bolsinha lá, mas ainda assim não era suficiente, era 700 reais por mês, naquela época era muito dinheiro né. Até hoje é muito dinheiro (Taió).

Nesse processo de traçar uma estratégia para o ingresso em universidade pública, Taió acabou conhecendo a existência de cursinhos populares. Se vinculou ao CECUSP, cursinho popular que estava sob a administração do Núcleo de Consciência Negra da USP. Tendo em vista sua disposição a se engajar em atividades coletivas, não é surpresa saber que passou a participar de tudo que era oferecido pelo cursinho, para além das aulas, em especial dos debates.

Como relatado por outros entrevistados, a participação no cursinho foi acompanhada pela aproximação de Taió a uma militância política de esquerda.

Eu lembro que eu ia nos debates sobre ditadura, eu comecei a ler Che Guevara, essas coisas assim, e aí eu comecei a me sensibilizar pra uma militância de esquerda né, conhecer os movimentos em São Paulo, que faziam isso, tavam fazendo projetos nessas questões, e aí eu ingressei na universidade (Taió).

Ingressando na Universidade Estadual de São Paulo, UNESP, no ano de 2012, para cursar licenciatura em matemática, Taió logo se envolveu nas atividades do movimento estudantil. Conforme salienta, as experiências que vivenciou na ação política naquele espaço se configurariam numa “escola”, onde adquiriria uma competência política (Bourdieu, 1979, Gaxie, 1978, 2002), que seria posteriormente colocada a serviço da luta pela implementação das cotas étnico-raciais na UNICAMP.

Fui pra UNESP e aí eu acho que foi um momento bem marcante por que na UNESP eu de fato me tornei militante assim. Foi a minha escola ali, foi a UNESP. Por que eu ingressei lá e eu fui morar na moradia da UNESP, e na UNESP a moradia é meio que um carro chefe do movimento estudantil né? A UNESP tem outra configuração assim, política e social em termos de renda. As pessoas que estudam lá são mais pobres, então assim é outro perfil de aluno... tinha bastante negros na moradia, por mais que precisava ter mais negros na universidade, a gente se concentrava ali na moradia. E aí eu comecei a me envolver com o movimento da moradia, só que como o movimento da moradia era a vanguarda dos movimentos, rapidamente eu já me envolvi no movimento estudantil numa posição muito privilegiada, lá dentro da UNESP, e aí eu me envolvi no movimento das cotas na UNESP. A gente ocupou a reitoria... a gente foi preso, reintegração de posse, o caramba, tipo, ali eu me envolvi no movimento pelas cotas, aprendi a ocupar a reitoria, a ocupar os lugares... Também foi o lugar onde eu aprendi também, comecei a entender a importância de ocupar os espaços burocráticos,

também comecei a entender mais ou menos como as coisas funcionam. Eu me lembro que naquela época a gente chegou a ir na ALESP pedir pros deputados votarem o aumento do ICMS nas universidades, aquelas coisas assim, foi ali que eu comecei a aprender a me letrar politicamente, não tipo, de consciência, mas de ação política, a nossa existência é uma ação política, mas quando a gente tem umas pautas concretas a gente precisa ter estratégia e sistematizar isso pra que isso aconteça. Então foi ali que eu aprendi o processo né, de sistematizar, e tal, numa experiência muito exitosa né, que foi a implementação das cotas (Taió).

Uma outra experiência que marcou seu trajeto é sua vinculação ao cursinho popular da universidade, atuando como professora. A vinculação ao cursinho, é explicada por ela como resultado do profundo sentimento de gratidão que sentia, por ter logrado ingressar na universidade após a participação no CECUSP.

Ao mesmo tempo, a vinculação ao movimento estudantil na universidade reorientara os interesses de Taió do ponto de vista científico e profissional. Os tópicos e o sentido da formação em matemática não contemplavam as questões que mais a intrigavam e motivavam naquele momento. Reconvertendo seu crescente processo de questionamento da ordem social em objeto de estudo, Taió decidiu prestar vestibular novamente, para o curso de graduação em História, ingressando na UNICAMP em 2014:

E também foi uma experiência muito louca. Eu fiquei tão grata com o que aconteceu comigo, quando eu entrei na faculdade, na faculdade pública de graça, aí aquela coisa, moradia né, meu, uma menina pobre, da periferia de SP, né, minha mãe tinha acabado de separar do meu pai a gente vivia numa kitnet que não tinha nada, entendeu, passava vários apertos, uma menina pobre da periferia de São Paulo ter um lugar pra morar de graça, uma faculdade boa pra estudar de graça, tipo, e aquilo né, a vida universitária, eu tava muito grata em relação a tudo aquilo, aí eu fui dar aula em um cursinho popular, que era um projeto da UNESP. E aí eu comecei a me envolver com aquilo, comecei a me envolver com o movimento, comecei a elaborar as questões, eu ia pras aulas, eu até conseguia passar nas disciplinas tal, mas a partir dessa experiência que eu tive, política, eu passei a não me interessar pelos conteúdos mais, tipo, eram coisas que eu fazia, mas que não me davam prazer fazer. Aí no segundo ano da faculdade eu falei, bom, vou dar aula no cursinho e vou estudar pro vestibular junto com meus alunos, e eu entrei na UNICAMP junto com alguns alunos meus, isso foi muito legal, por que depois eu encontrava eles lá, e aí eu fiz isso, saí por isso, também foi muito louco, por que tinha essa questão mais profissional e tal, de carreira, mas eu também tava em um momento de fazer um balanço da minha vida, de como eu queria viver a universidade também, como eu queria viver as relações, e aí eu fui pra UNICAMP e ingressei em História (Taió).

Abayomi é a única entrevistada que chegou à UNICAMP como pós-graduanda. Antes disso, havia cursado licenciatura em Educação Física na Universidade Federal da Bahia, onde ingressara em 2003 depois de uma passagem dolorosa pela Pontifícia Universidade Católica de Salvador – PUC-Sal. Sua chegada na PUC-Sal se deu incentivada por uma promessa de emprego. Trabalhando desde os 17 anos como operadora de telemarketing, tinha como principal prazer em seu tempo livre a prática de atividade física. É no contexto da academia que frequentava diariamente, que uma de suas professoras lhe questiona sobre a possibilidade de cursar Educação Física, dizendo que se ela o fizesse, lhe arrumaria um emprego:

Aí olha a chave do negócio né, pra pobre: “se você fizer educação física eu arrumo um emprego pra você”. Aí eu pensei: eu vou sair do telemarketing! Eu só pensava nisso né, eu estava há três anos no telemarketing. Aí eu prestei na pública, Jornalismo, e na privada Educação Física. Acabei passando, passei super bem colocada e aí foi a minha chance de sair do telemarketing. Já comecei a trabalhar com Educação Física e Saúde na primeira semana da faculdade. Na primeira semana, eu bati na porta dela, falei, “você não disse que ia arrumar um emprego pra mim?” e ela arrumou (Abayomi).

Embora os pais não tivessem estabelecido para seus filhos desde o princípio um projeto de futuro que passasse pelo acesso ao ensino superior, apoiaram a escolarização de Abayomi e seu irmão fazendo sacrifícios financeiros para que o acesso de ambos ao mercado de trabalho fosse postergado, e para que pudessem dedicar mais tempo aos estudos. Assim, a proposta da professora de Abayomi na academia unia o útil ao agradável: por um lado, apresentava a possibilidade de que Abayomi saísse de um espaço de trabalho mal remunerado que a adoecia, cumprindo também com as expectativas de sua família. Por outro, apresentava a possibilidade de que Abayomi o fizesse se dedicando a uma outra tarefa que considerava prazerosa desde criança: estudar.

Entretanto, o desejo de cursar ensino superior, embora tenha sido potencializado, não foi plantado por essa professora. Abayomi classifica seu processo de vislumbrar o ingresso na universidade como um processo de certo modo solitário, mas sempre apoiado por seus pais.

A entrada na universidade não se deu na primeira tentativa. Abayomi passou a trabalhar no telemarketing e fazer cursinho ao mesmo tempo, sempre acompanhada pelo investimento em atividade física.

Fiquei um tempo construindo minha carreira no telemarketing né, “super carreira”, aquela carreira ótima (risos), bombando, trabalhando várias horas por dia, ouvindo desaforo pra caralho, nossa, era horrível! E aí a noite cursinho. E eu trabalhava até às quatro horas da tarde, aí eu ainda tinha tempo de fazer atividade física nesse meio tempo, ou estudar. Então entre quatro da tarde e seis que era o horário do cursinho, tinha dia que eu estudava, tinha dia que eu fazia atividade física, mas normalmente eu estudava depois do cursinho, depois que eu saía do cursinho eu estudava de madrugada (Abayomi).

O primeiro ingresso na universidade foi marcado por experiências dolorosas. Abayomi afirma que a primeira impressão deixada pela PUC-Sal foi de que aquele espaço não era para si. Em um curso que toma o corpo como principal objeto de estudo, Abayomi passou a desenvolver distúrbios de imagem, embora tivesse, do ponto de vista do condicionamento, um tipo físico “*malhado*” e padrão. Anos depois, Abayomi perceberia que a fonte de seu desconforto estava no tratamento que recebia enquanto portadora de um corpo racializado como negro.

Eu odiava aquele lugar. Eu consegui FIES, que era o que tinha na época... mas eu odiava aquele lugar numa força... aquele tanto de gente branca, e aí eu comecei a lidar com a mediocridade dos brancos. De eu ver o tanto de branco medíocre fazendo ensino superior, aquilo me revoltava. Eu odiava. E aí eu já estava naquela “eu vou largar, não vou aguentar, não aguento isso aqui... Meu Deus eu odeio vir pra esse lugar!” E aí eu pagava cem reais por mês com o FIES, e aí até os cem reais começaram a faltar... aí eu peguei, falei, o que que eu vou ter que fazer? Vestibular de novo, pra pública, por que eu entendi que eu posso continuar estudando (Abayomi).

Conforme Abayomi salienta, o fato de sentir-se completamente marginalizada no espaço dessa universidade privada, não foi suficiente para tomar de si o projeto de graduar-se em uma universidade. Assim, se colocou a trabalhar para tornar o ingresso na universidade pública possível: seguiu frequentando a PUC-Sal no período da manhã, enquanto trabalhava na academia no período da tarde, até à noite. Durante as madrugadas, estudava com foco no vestibular. Abayomi declara que naquele período dormia apenas quatro horas por noite. No final daquele ano de 2003, logrou ser aprovada na UFBA.

Ingressando na universidade pública, Abayomi logo se encantou com toda estrutura que aquele espaço lhe oferecia, de forma totalmente gratuita. Ao contrário da experiência interior, não se sentia deslocada ali. Ainda que reconheça que a presença negra naquela universidade não era majoritária, declara que na UFBA teve outra sensação. E passou, a partir dos primeiros meses, a explorar massivamente o espaço:

A melhor coisa que tinha pra mim era ter um espaço público de biblioteca, aí que eu tive a dimensão de como é fantástico você ter um

espaço público pra estudar, você pode ficar ali sentada na grama, você pode pegar um livro... a dimensão do espaço físico, a dimensão do território assim sabe, ter a noção de que aquilo era meu, sabe? E aí eu tinha uma mania de sair batendo nas portas e perguntar: o que funciona aqui? (Abayomi).

De sua atitude curiosa, querendo saber como tudo funcionava, descobriu que existiam muitas coisas que podiam lhe beneficiar dentro da universidade, embora as informações não fossem democratizadas. Conforme explorava a universidade, a dimensão de sua importância “*para pessoas como nós*”, pessoas negras e pobres, se ampliava. Uma das primeiras descobertas que a impactou em seu projeto de vida, foi entender o que era um grupo de pesquisa:

Eu passei em uma porta e tinha uma mulher entrando, eu perguntei: o que que funciona aí? (risos) “Ah, aqui é o LEPEL”, e eu perguntei, “o que que é o LEPEL?” aí ela, “Ah, é um grupo de pesquisa.” Aí eu me perguntei: o que desgraça é um grupo de pesquisa? Aí ela, uma mulher branca, me explicou o que era um grupo de pesquisa: “Ah, se você um dia quiser fazer um mestrado, um doutorado, é aqui que você vai ficar”. Eu lembro dessa frase. Aí eu: “o que desgraça é um mestrado, um doutorado?” Velho, era uma dimensão de patrimônio cultural que eu não tinha nada... aí fui pesquisar o que era mestrado e doutorado. Quando eu descobri, eu falei, porra, eu quero fazer isso aí, quer dizer que eu posso estudar alguma coisa e ganhar pra isso? Aí mexeu com toda a minha estrutura de projeto de vida, foi isso. Eu falei, porra, eu vou passar a vida fazendo isso, velho... eu achava que eu precisava ser advogada pra estudar... aquilo mexeu com tudo... (Abayomi).

Nesse exercício de procura por compreender como funcionavam os espaços da universidade Abayomi acabou por bater na porta do Centro Acadêmico – CA de seu curso na universidade. Sendo tratada com “*despeito*”, por um “*cara branco*”, Abayomi descobriu as datas das reuniões, e compareceu, para surpresa de todos.

O movimento estudantil da UFBA se configurou como o primeiro espaço de socialização política de Abayomi. Até então, para além da socialização religiosa no contexto de terreiros de Candomblé, e embora sua mãe sempre fosse “*bastante vinculada a posicionamentos de esquerda, ainda que não reivindicasse isso*”, nenhum familiar havia participado efetivamente de grupos políticos ou culturais. Nesse processo, a participação em um encontro nacional de estudantes foi crucial para que Abayomi se dispusesse à militância:

Aí ia ter o Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física em Brasília, e eu queria ir, falei, eu quero ir. “Ah, mas não tem vaga no buzu, e isso e aquilo”. Aí eu falei, “tá, então tudo bem...” Faltando 24 horas pro ônibus sair eles me ligam: “Você ainda tem interesse em ir? Seu nome está aqui na lista.” Aí eu falei, vou. Aí fui, fui pro Encontro

Nacional... aí foi toda a mudança da minha vida, na hora que eu cheguei lá o pessoal falando de socialismo, de organização política, eu falei, caralho velho, existe isso, as pessoas se juntam pra lutar pelas outras! Gata, eu não dormia, eu queria participar de todos os espaços, eu queria ir em tudo, tudo, tudo, tudo... quando eu voltei, foi uma semana né, parecia que eu tinha passado uns três anos fora... aí quando eu voltei a gente já puxou uma greve na UFBA, foi uma greve de quatro meses, aí eu já tava envolvida, aí foi ladeira abaixo né (risos) (Abayomi).

A participação nas atividades do CA, aliada ao contexto político da Universidade entre 2003 e 2004, muito marcada por greves contra a reforma universitária (Mancebo, 2004)⁵, configurou um momento fecundo para que Abayomi tivesse acesso a perspectivas e modos de explicação sobre a realidade que nunca haviam sido proporcionadas a ela anteriormente.

Ainda naquele ano, Abayomi se filiou ao Partido dos Trabalhadores – PT, onde permanece até hoje. Progressivamente, passou a ocupar posições de liderança em entidades do movimento estudantil em âmbito local e nacional.

E a posição de liderança foi por que eu ia em tudo. Quando eu descobri que existia, eu simplesmente me vinculei a tudo e aí comecei a estudar bastante o movimento, tive toda uma dedicação, comecei a me dedicar de uma forma muito intensa, por que foi a resposta pra coisas que eu já procurava, foi o momento político também, 2004 foi um momento muito forte na universidade, foi um momento de luta contra a reforma universitária e então foi um momento de greve e isso forma uma militância. A realidade me chamou de um jeito muito intenso, não teve como correr.

Conforme salienta Crossley (2003), o *habitus ativista* é estruturado através do envolvimento no ativismo. Ainda, segundo o autor, “é este mesmo *habitus* que leva o ativista a continuar no ativismo e assim contribuir para a perpetuação do ativismo como prática social” (Crossley, 2003, p.51). Assim, enquanto *habitus*, deve ser visto como uma estrutura-estruturante, uma disposição adquirida em direção a um tipo específico de prática (a ação política) e retroalimentado pela participação nessa prática. Nesse sentido, Abayomi, se expondo as ações políticas desenvolvidas pelo movimento estudantil na universidade, adquire conhecimentos e experiências que lograram transformar sua

⁵ Abayomi se refere à Lei Orgânica do Ensino Superior, proposta pelo Ministério da Educação em 2004. Naquele contexto, os estudantes consideravam que a reforma culminaria na privatização das universidades do país. As movimentações contra a reforma culminaram em greve e ocupação da reitoria. Ata da Reunião Extraordinária do Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia, realizada no dia 26/10/2004. Comissão Permanente de Arquivo – CPARQ, 2004. Disponível em: <<https://cparq.ufba.br/ata-da-reuniao-extraordinaria-do-conselho-universitario-da-universidade-federal-da-bahia-realizada>>. Acessado em: 13/08/2020.

curiosidade, sua disposição ao auto-investimento nos estudos e seu criticismo em engajamento.

A partir desses primeiros espaços de socialização política e engajamento militante, Abayomi constrói uma atuação nacional: participa do M15, um movimento local, se articula à Corrente do Trabalho do PT, participa do coletivo Juventude Revolução, também vinculado ao PT, se torna diretora de seu CA na UFBA, diretora do DCE da UFBA, diretora da Executiva Nacional de Educação Física, e coordenadora de Comunicação de Esportes, no contexto da União Nacional dos Estudantes – UNE.

A chegada de Abayomi na UNICAMP se deu em 2009, quando ingressa no programa de Mestrado em Educação. Abayomi relata que embora já tivesse participado de projetos de iniciação científica, não tinha “*a autoestima de dizer, ah, eu vou fazer mestrado*”. Sua inscrição no processo seletivo foi feita sem grandes esperanças, com o objetivo de atender às expectativas de um namorado que tinha como projeto bem definido cursar no mestrado no Sudeste. Essa aposta desconfiada acabou por ser positiva, com a sua aprovação no processo. Na UNICAMP, Abayomi se tornaria uma das fundadoras do NCN. Além disso, atua em um dos processos de refundação da Associação de Pós-Graduandos da Faculdade de Educação da UNICAMP, APG, além de ocupar o cargo de vice-diretora da Associação Nacional de Pós Graduandos – ANPG, em 2015, entre outras experiências de uma longa lista.

Adenike afirma que seu envolvimento com a política na universidade se deu inicialmente a partir da vinculação a um coletivo feminista e ao Núcleo de Diversidade da UNICAMP – NUDO. A vinculação ao movimento negro se deu posteriormente, por influência da irmã, que passou a se relacionar com redes de militância negra na UFRJ.

O meu primeiro grupo na UNICAMP foi o “Coletivo Feminista”... foi o coletivo feminista e o NUDO, que era o Núcleo de Diversidade da UNICAMP, inclusive fomos o grupo que organizou a primeira “Festa do Babado”!⁶ Aí a gente começou a fazer esse diálogo com o movimento LGBTQI+, foi muito importante pra mim, só que a minha irmã no Rio, começou a ter um contato maior com a questão racial, e eu ia bastante pra lá né, em todo o carnaval, era muito pobre mas dava

⁶ Inicialmente organizada pelo NUDO e pelo Coletivo Feminista, a Festa do Babado passou a ser desenvolvida anualmente, desde 2012, pelo que se tornou o “Coletivo Babado”. A festa passou então a representar o encerramento das “Semanas do Babado”, que consistiam num conjunto de eventos organizados pelo coletivo e voltados à discussão das relações de gênero e diversidade sexual na universidade. As festas aconteciam no *Campus* de Barão Geraldo e atraíam centenas de participantes, culminando frequentemente numa reestruturação dos calendários das baladas da região em torno do evento. A última Semana do Babado, seguida da festa, aconteceu no ano de 2015.

para dar um jeitinho, todo mundo enfiado no quartinho dela lá do alojamento... e aí eu comecei a conhecer as pessoas e passei a ter mais contato com esse debate racial e o debate feminista. Então foi nesse momento que eu conheci o coletivo feminista né, que comecei a fazer parte também... foi bem bacana e ficou uma formação super massa, a gente fazia grupo de estudos e debates, organização de eventos né, só que aí em paralelo a isso tinha a minha vivência com a minha irmã e com os amigos que ela tava conhecendo né, o pessoal do movimento negro e principalmente mulheres do movimento negro que traziam questões que eu não via no coletivo feminista por exemplo né e questões que me afetaram de maneira muito direta (...) Essa coisa da baixa autoestima, nunca se sentir bonita e você acha isso normal, porque o bonito ou você é ou você não é, e eu simplesmente não era... E aí elas foram trazendo os relatos delas próprias e isso foi começando a me afetar né, e elas eram muito bonitas né, quando eu olhava para elas, elas tinham uma imponência com aquele cabelo, com aquela cor, elas expressavam uma beleza sabe, uma majestade que eu falei, gente eu quero isso para mim! (risos). E aí eu comecei a entender isso né... a não só entender, mas eu comecei a mudar isso né... Eu fui aos poucos, bem aos poucos, num processo, virando essa chave da autoestima né, da maneira como eu me enxergava e uma coisa também que foi fundamental foi passar a enxergar o outro. Eu não era capaz, hoje eu percebo isso né, eu não era capaz de enxergar a beleza de uma pessoa negra. Acho que primeiro eu tinha que chegar no outro pra depois enxergar em mim, essa coisa do espelho.

A aproximação de Adenike com o movimento negro, em particular o feminista negro, veio acompanhada inicialmente de uma ressignificação da própria estética, marcada pelo processo de transição capilar⁷ e valorização dos seus cabelos crespos em sua naturalidade. Adenike relata o importante papel da acolhida dos amigos na moradia para esse processo, e como essa aproximação com debates voltados as relações raciais serviu como mola para sua participação na Frente Pró-Cotas da UNICAMP:

O cabelo também, a primeira vez que eu cortei o cabelo, que não restava mais nada de química, porque eu passei pela transição fazendo escova né, chapinha, não tive coragem de fazer o *big chop*⁸, mas fui fazendo a

⁷ Termo frequentemente utilizado para se referir ao processo de interrupção de alisamentos químicos ou mecânicos em cabelos crespos ou cacheados. Embora o termo esteja se tornando cada vez mais frequente nos últimos anos, impactando o cenário da indústria de cosméticos no país, a discussão é antiga e remonta mesmo no Brasil, no campo do movimento negro e no campo acadêmico, aos debates em torno do movimento *Black Power*, em meados dos anos 60. A tese de Nilma Lino Gomes “Sem perder a Raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” (2002), representa uma das obras mais famosas desenvolvidas por uma intelectual brasileira sobre o debate. Para uma revisão mais aprofundada, ler: Carvalho, Mayra Bernardes Medeiros. *Esse Boom é Nosso? Discursos sobre a transição capilar na publicidade de cosméticos*. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019.

⁸ O termo *big chop*, cuja tradução direta seria “grande corte”, se origina no que ficou conhecido como o “The natural hair movement”, emergente nos EUA em meados dos anos de 1960 e que passou a retomar força naquele país e no Brasil a partir dos anos 2000. Trata-se de uma alternativa mais radical com relação ao processo de transição capilar, à partir da raspagem completa dos cabelos, com vistas a eliminar imediatamente as fibras quimicamente modificadas.

transição... foi bem complicado e tal... e aí um dia minha irmã achou um cabeleireiro aqui em São Paulo, aí ela cortou o cabelo com ele, ficou lindo, e aí eu fui lá cortar o cabelo com ele né, também... E aí ele cortou e nossa, mas ficou tão lindo, ficou tão lindo, e ele ficou bem cacheado, cabelo novo né, eu nunca tinha visto... Eu lembro que eu cheguei em casa e a primeira coisa que eu fiz, eu saí correndo e fiz uma escova. Foi a primeira coisa que eu fiz. Aí quando eu voltei para a Unicamp, um dia eu lavei o cabelo e saí com o cabelo daquele jeito... apavorada né, morrendo de medo, e aí foi uma festa! “Meu deus, seu cabelo tá lindo!” aquela coisa assim... aí quando você me pergunta de relacionamento, eu acho que a universidade é muito interessante, a moradia, conviver com pessoas que tinham uma cultura progressista... havia essa acolhida né e agente também vinha fazendo essa discussão e a gente acabou fazendo algumas coisas de forma mais enfática, e as pessoas foram ouvindo, era legal, eu acabava influenciando, acabei influenciando algumas pessoas à minha volta, e aí eu falei, poxa, a gente precisa fazer isso maior né, fazer eventos maiores e tal, crescer, esse debate precisa ser mais aprofundado, não é só o cabelo, e aí começou o debate de cotas na Unicamp, finalmente, já tava saindo as primeiras turmas da UERJ, UNB... e aí um grupo de alunos começou a pensar na Frente Pró-cotas, falei, ah, vou participar da Frente Pró-cotas... e aí eu comecei a fazer uma coisa mais organizada, especifica do movimento negro (Adenike).

A experiência de Lueji também é considerada por nós como uma variação em relação ao restante do conjunto de entrevistados, por que se trata de uma entrevistada que também chega ao Núcleo depois de se engajar em outros projetos sociais vinculados à universidade.

Conforme já comentamos, Lueji pertence a uma família de militantes dos movimentos sociais e do movimento negro. Sua avó sempre teve participação na pastoral afro e em um afoxé da cidade de Campinas, SP. Duas de suas tias, Aziza e Fayola, participaram da criação do NEN, na UNICAMP. Ademais Aziza foi durante muitos anos filiada ao Partido dos Trabalhadores, tendo chegado a se pré-candidatar a prefeita pelo partido, em 2016. Ainda, Aziza atuou como professora em um cursinho popular da cidade, Hebert de Souza, durante o final de sua graduação na UNICAMP.

Nascendo em uma família de mulheres negras que se tornaram professoras, e que estudaram no início dos anos 1990 na UNICAMP, o ingresso na universidade pública foi vivido por ela ao longo da infância e da adolescência como um dado. Suas primeiras experiências no campus de Barão Geraldo se deram em visitas feitas ainda na primeira infância:

Ir pra UNICAMP era dado, inclusive eu ia bastante com elas quando criança, tanto com minha avó e minha tia no cursinho da moradia que elas faziam. Então eu sabia que existia uma moradia estudantil, um cursinho, e também ia nas aulas com minha mãe, minhas tias na UNICAMP, muitos professores que eu tive, já tive aula com eles quando era criança. Então sempre frequentei bastante a universidade. Minha mãe ingressou na UNICAMP quando eu tinha três anos (Lueji).

O contexto familiar foi um espaço de persuasão permanente para que Lueji ingressasse na universidade e também fosse sensibilizada ao social. Demonstrando sua identificação com as mulheres da família, Lueji acabou por refazer caminhos trilhados por suas mais velhas. Ingressando em 2010 no curso de Pedagogia da UNICAMP, logo no segundo mês de curso ela aderiu a um projeto de educação popular na universidade. Atuou como professora no Projeto Educativo de Integração Social – PEIS, projeto de Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA, vinculado à Faculdade de Educação da UNICAMP. Em 2012 se desengajou do PEIS, se incorporando no mesmo ano ao cursinho popular Hebert de Souza, onde sua tia já havia atuado nos anos 90. O engajamento nesse projeto foi intenso e após entrar como professora, Lueji logo se tornou coordenadora de extensão e, posteriormente, coordenadora pedagógica. Sempre muito próxima a militantes vinculados ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado – PSTU, acompanhava os coletivos e entidades dos quais o partido fazia parte, se engajou em campanhas para candidatura ao DCE vinculadas a eles, até se tornar parte do partido, em 2014.

Outra experiência de socialização política no contexto de um partido é a de Paki. Chegando na UNICAMP em 2009, para cursar ciências sociais, acaba por alugar um quarto na pensão de uma família de militantes do PSTU. Em pouco tempo, acaba por se engajar no partido e a se aproximar do Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST e Movimento dos Trabalhadores sem Teto – MTST, por influência das pessoas com quem compartilhava a moradia. Assim, na medida em que se vincula ao partido, passa a fazer parte de múltiplos coletivos ligados ao PSTU, como a Assembleia Nacional dos Estudantes Livre – ANEL, o coletivo universitário Pra Fazer Diferente, a Central Sindical e Popular Conlutas - CSP-Conlutas, o Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe, entre outras entidades que fazem dele um dos participantes do NCN que chega ao grupo com uma bagagem prévia de capitais políticos.

Por fim, temos a experiência de Obi. Ingressante na UNICAMP como graduando do chamado Cursão⁹ 2002. Foi através de sua atual esposa, na época namorada, mulher negra que na ocasião era estudante de Pedagogia também na UNICAMP, que Obi passou a se interessar por discussões relacionadas às relações étnico-raciais, por volta do ano de 2005. Obi passou então a se aproximar do debate, de um ponto de vista conceitual, estudando por conta própria. Tornando-se funcionário técnico administrativo da universidade em 2009, logo se aproximou do movimento sindical da Universidade, incentivado à adesão por se tratar de um grupo com “participação significativa de pessoas negras”, num contexto em que ele não tinha conhecimento de nenhum outro coletivo negro na UNICAMP.

E aí eu tava no momento em que eu queria me envolver com alguma causa coletiva não tava muito certo se eu ia me filiar a algum partido político, que tipo de militância que eu iria fazer, e aí pensando que eu poderia fazer que poderia ter algum impacto bem concreto, e eu pensei que seria o movimento negro, seria a melhor escolha, porquê já me interessava e eu vinha lendo cada vez mais, e porque dentro da Universidade já tinha alguma coisa organizada. Aí nesse momento eu tava olhando principalmente pra isso (Obi)

Já tendo assumido que desejava se engajar politicamente, Obi passou a avaliar onde poderia ser mais útil e em que organização teria maiores possibilidades de adesão efetiva.

Tentei me engajar no PSOL... não consegui... mais uma questão de tempo, porque estudando e trabalhando eu conseguia fazer as coisas que eram na UNICAMP, qualquer coisa que fosse fora disso já tava muito difícil (Obi).

Assim, assumindo posição no sindicato, Obi participou de diferentes campanhas além de se tornar parte de sua diretoria, chegando ao NCN com essa bagagem.

Dentre estes entrevistados, três são reconhecidos por todos os demais como lideranças e referências do Núcleo: Abayomi, Taió e Obi. Akin, também considerado uma liderança, embora não tenha tido participação em movimentos universitários, partidos ou sindicatos, chega à UNICAMP, conforme mencionado anteriormente, com um histórico de protagonismo e posição como jovem multiplicador nas diversas ONGs nas quais foi atendido durante a infância e adolescência. Considerando as regularidades entre as trajetórias sociais das lideranças e os demais membros do grupo, observamos que o

⁹ O Curso 51/Cursão se trata de uma proposta interdisciplinar que possibilita o ingresso nos cursos de Engenharia Física, Física, Física Médica, Física Biomédica, Matemática, Matemática Aplicada e Computacional. Após a conclusão de um núcleo comum de disciplinas, o aluno pode optar por uma dessas carreiras em específico.

principal fator que os distingue é um aprendizado, anterior ao engajamento no NCN, de um conjunto de habilidades e regras do campo político, em especial o universitário, que logrou legitimar suas posições como principais protagonistas do grupo.

Adenike, embora não seja apontada como uma liderança pela maioria dos entrevistados, é lembrada, juntamente com Abayomi, como uma das principais responsáveis pela criação do evento QTCA, que culminaria na fundação do NCN. Já o caso de Paki e de Lueji fogem à regra. Nenhum dos dois, embora também apresentassem trajetórias prévias de engajamento político, em partidos e movimentos sociais, foram apontados como lideranças. Neste caso, acreditamos que isso se deve ao curto tempo de engajamento que tiveram no NCN, cerca de um ano. Em relação a Lueji, seu engajamento no NCN se dá em 2014 e finda no início de 2015, por ocasião de um acidente biográfico que culmina em seu desengajamento de todos os espaços de atuação política que ocupava, além do núcleo. No caso de Paki, sua participação no NCN se inicia em 2014 e se finda no final do mesmo ano, por ocasião da finalização de seu curso de graduação, a desarticulação de seu grupo político na universidade e seu retorno para cidade de São Paulo. Esses processos serão melhor explicados no capítulo três.

Conclusões

Esse capítulo teve como principal objetivo analisar a gênese de disposições ao engajamento militante na trajetória de nossos entrevistados. Pudemos observar que os jovens compartilham de diversas regularidades biográficas, posição de classe e experiências de socialização que constituíram disposições favoráveis ao engajamento militante no contexto da universidade.

É possível afirmar que a adesão desses estudantes à escola e, posteriormente, à universidade pública como projeto de futuro permitiu o encontro com um movimento negro de base acadêmica. A ambição universitária, objetivamente improvável considerando o histórico de exclusão de seus grupos de origem, pode ser pensada como resultado da relação complexa entre um conjunto de experiências, circunstâncias, constrangimentos, alianças e aprendizagens que alargaram as fronteiras assumidas quanto às suas condições objetivas de existência. Esse conjunto de experiências permitiu também que constituíssem disposições favoráveis ao engajamento. Para iluminar este processo, tomamos ao longo do capítulo cinco unidades de análise, que informam instâncias socializadoras experimentadas pelos jovens de forma articulada: processos de

socialização relacionados à esfera familiar, à esfera religiosa, à escolarização formal, à vinculação a projetos sociais e de educação não-formal, e por fim, a processos de socialização na esfera política, junto a grupos militantes organizados, como partidos, sindicatos e movimentos estudantis universitários.

As famílias dos entrevistados possuem em comum um histórico de migração, em maioria para bairros periféricos da cidade de São Paulo e cidades da região metropolitana. No que se refere à escolarização, os pais dos jovens apresentaram uma pequena ascensão em relação aos seus próprios pais, concluindo o ensino médio. A Adesão à escola por parte dessas famílias é bastante clara. Em alguns casos, ela é demonstrada pelo prolongamento da escolaridade dos próprios pais, em geral mães, que continuam a estudar depois do nascimento dos filhos, chegando ao ensino superior, na maioria das vezes após o ingresso dos filhos à universidade, o que é o caso das mães de Taió, Adenike, Paki, Hanna e Ayana.

Com relação à ocupação, as famílias dos entrevistados podem ser divididas em dois grupos: um composto por famílias que se dedicam a ocupações manuais urbanas, atuando como jardineiros, pedreiros, empregadas domésticas, costureiras, entre outras funções. Esse é o caso das famílias de Akin, Jamila, Adenike, Zuri, Taió, Malik e Abayomi. Outro caracterizado por famílias inseridas em ocupações não manuais urbanas, atuando como bancárias, técnicos de laboratório, secretárias, contadores, vendedores, entre outras funções. Essa é a experiência das famílias de Lueji, Ayana, Hanna, Paki, Núbia, Obi e Talib. No primeiro caso, todas as famílias apresentam uma trajetória de estabilidade com relação à ocupação de seus próprios pais, além de experiências de migração recente, sobretudo das mães, oriundas de cidades do interior dos estados da Bahia e Minas Gerais. No segundo caso, os pais dos entrevistados apresentam uma trajetória de ascensão com relação à ocupação de seus próprios pais.

A maior parte das famílias foram chefiadas pelas mães e se tornaram monoparentais após divórcios ocorridos ainda na infância dos entrevistados. O tamanho dos núcleos familiares é em geral pequeno, com um ou dois filhos e em apenas duas situações, quatro filhos, o que consideramos ter contribuído para o maior investimento das famílias na escolarização dos filhos. Ademais, em todos os casos os entrevistados estão entre os filhos mais novos.

A maior parte dos entrevistados vivenciou condições de vida bastante instáveis ao longo de toda infância e adolescência. Nas narrativas, além da busca por melhores condições econômicas e de moradia, destacam-se experiências relacionadas à discriminação racial, à violência urbana, à violência de gênero, à condição de refúgio, entre outras. De certo modo, essas experiências acabaram por informar aprendizagens que contribuíram para que os entrevistados fossem *sensibilizados com o social*, incentivados à *autonomia e independência* e à incorporação de um *ethos do esforço, responsabilidade e devotamento*. Observamos que uma aprendizagem incorporada na luta por melhores condições de vida e transmitida aos jovens, foi a resiliência.

No que se refere a um processo de reflexão sobre as relações raciais, observamos que o assunto era pouco tematizado no contexto das famílias. Em muitos casos, era mesmo abordado do ponto de vista da reprodução do racismo. Em menor número, a questão era enfrentada sob ponto de vista da desconstrução das perspectivas racistas e do fortalecimento da autoestima dos sujeitos. Além disso, a cultura, em especial, a música, se apresentou como via importante de conscientização quanto às contradições raciais no Brasil.

Também no contexto das famílias, alguns jovens tiveram, no histórico de participação dos pais em atividades voluntárias diversas e em partidos políticos, entidades do movimento negro e de educação, um incentivo à aproximação com a militância e a adesão a atividades coletivas.

Outra esfera de socialização importante foi a religiosa. A adesão de alguns entrevistados, em maioria à religiosidade católica e evangélica, propiciou que fossem socializados a um modo de vida *socialmente regulado*. Além disso, atuando na linha de frente de atividades cotidianas de *proselitismo* religioso, desenvolveram o *exercício da fala pública* e puderam aprender a defender uma ideologia. É importante destacar que, em alguns casos, após os processos de engajamento no movimento negro na universidade, os jovens passaram por um processo de *africanização* da profissão religiosa, aderindo a diferentes religiões de matriz africana.

A escola também se constitui como importante instância de socialização de valores e comportamentos favoráveis ao engajamento militante. Nas escolas, alguns entrevistados experimentaram as primeiras experiências de aproximação com grupos militantes organizados, participando de grêmios estudantis. Além disso, foram

socializados para a adesão a atividades coletivas interdisciplinares e para a participação em atividades voluntárias. Ainda, no contexto das escolas, professores são mencionados como importantes referências para que os jovens aprofundassem seus interesses em tópicos relacionados às ciências humanas e sociais, além da adesão a um projeto de futuro que passasse pelo ingresso na universidade pública. A maioria dos entrevistados passou também pela experiência de migrar, no contexto do ensino médio, de escolas localizadas em seus bairros de origem para escolas públicas centrais, escolas técnicas e em menor número de casos, escolas particulares. Nessas instituições, declaram terem acessado recursos culturais outrora não experimentados. Talvez mais importante tenha sido a experiência mais explícita das contradições raciais e de classe que puderam vivenciar ao compartilhar o espaço com sujeitos cuja posição social de origem era diferente das suas. Diante de tais contradições, parte dos entrevistados demonstram em suas narrativas a incorporação de um *sentimento emergente de se sentir sujeito de direitos*, intervindo a favor de seus próprios interesses, com uma postura crítica.

A passagem por projetos sociais desenvolvidos por ONGs e também por cursinhos populares pré-vestibulares também se constituíram como instâncias socializadoras importantes. Nesses espaços, os jovens foram incentivados e aprenderam a assumir protagonismo ocuparem a posição de *porta-vozes* e de *lideranças*. Em especial no contexto dos cursinhos populares, declaram sem exceção terem tido uma maior exposição a uma perspectiva crítica e política da história, da universidade pública e sua função social. Aproximaram-se de uma literatura de esquerda, participaram de debates focados sobre as desigualdades de acesso ao direito à educação, à pertinência das relações étnico-raciais e de gênero, entre outras pautas. Tiveram também, nesses cursinhos, contato com militantes organizados em partidos. Consideram, assim, os cursinhos populares como um importante espaço de formação política e onde desenvolveram sua adesão a uma perspectiva militante e de esquerda.

No que se refere a experiências de socialização política em grupos militantes organizados, seis entrevistados passaram por movimentos estudantis universitários, partidos e sindicatos anos antes do processo de engajamento no NCN. Dentre eles, três são reconhecidos por todos os demais sujeitos como lideranças e referências do Núcleo. Consideramos que as competências políticas adquiridas por esses entrevistados em suas experiências militantes prévias ao NCN foram cruciais para que fossem legitimados como os principais protagonistas do grupo.

Por fim, ao ingressarem na universidade, todos os entrevistados se vincularam a cursos relacionados às Ciências Humanas, nos quais compartilham com um grande número de colegas e professores o interesse na ação política, que podem desenvolver inclusive de um ponto de vista conceitual, no contexto da graduação e pós-graduação.

CAPÍTULO II – PRESENÇA AFIRMATIVA NEGRA EM UM TERRITÓRIO BRANCO

Ao longo do capítulo anterior, observamos processos de socialização que parecem estar associados à constituição de disposições favoráveis ao engajamento militante nos entrevistados. Contudo, conforme a literatura especializada enfatiza, processos de engajamento militante não são determinados simplesmente pela posição de origem e socializações experimentadas pelos indivíduos. Disposições ao engajamento militante precisam ser ativadas e, para compreender esse processo, é preciso observar os contextos práticos de ação no acionamento dessas disposições incorporadas (McAdam, 1993, Passy, 2000, 2002, Agrikoliansky, 2001, Fillieule, 2001, 2010, Sawicki e Simeant, 2011, entre outros).

O objetivo deste capítulo é analisar os processos de engajamento dos estudantes no NCN, procurando compreender as condições estruturais envolvidas nos processos de adesão à militância, bem como os diferentes sentidos atribuídos pelos estudantes a esta adesão. Para atingirmos este fim, na primeira parte do capítulo nos concentraremos na análise dos processos de engajamento dos estudantes, salientando fatores que favoreceram o encontro e incorporação deles ao grupo, procurando evidenciar algumas mediações, motivações à permanência no NCN, bem como tensões, custos e retribuições envolvidos nos processos. Na segunda parte, abordaremos de forma um pouco mais aprofundada o processo de fundação do NCN, seu modo de organização e os principais objetivos e bandeiras políticas defendidos pelo grupo, segundo a narrativa dos estudantes, bem como as maiores conquistas. Embora nosso enfoque nesta pesquisa seja a análise das carreiras militantes dos estudantes, observar aspectos organizacionais do grupo em que se engajaram se faz relevante, na medida em que, conforme salienta Fillieule (2001), a “oferta” da militância é em grande medida determinada pelas próprias organizações, que acabam por selecionar o perfil de seus militantes em função de variados códigos formais e informais, sistemas de crenças e formação ideológica, modos de organização, reestruturação das redes de sociabilidade dos participantes, custos e retribuições possibilitados.

Conforme a literatura especializada enfatiza, além de disposições ao engajamento, são necessárias condições estruturais que exponham os indivíduos à participação (McAdam, 1993), além de disponibilidades biográficas à militância, isto é, a ausência de

constrangimentos pessoais opostos ao engajamento (McAdam, 1986, Giugni, 2004). Além disso, a existência de relacionamentos anteriores que funcionem como mediadores entre os indivíduos e as organizações é frequentemente apontada como necessária, tanto para os processos de recrutamento, quanto para ampliar a credibilidade do convite ao recrutamento (Passy, 2000, 2002, Diani, 2003, Sawicki e Simeant, 2011). Conforme veremos ao longo do capítulo, as trajetórias de engajamento dos estudantes entrevistados para essa pesquisa refletem a pertinência dessas afirmações.

As narrativas dos entrevistados permitiram observar que diferentes aspectos foram relevantes para transformar as disposições dos estudantes em ação. Por um lado, houve condições estruturais que favoreceram que os estudantes fossem expostos e aderissem a redes de mobilização no movimento estudantil e no NCN. Um aspecto que tem centralidade diz respeito às políticas de permanência estudantil oferecidas pela UNICAMP, em especial, a Moradia Estudantil. Uma das ações comuns encabeçadas por estudantes da Moradia vinculados aos movimentos por permanência, é promover a recepção de alunos oriundos das classes populares, fazendo o levantamento de casas dispostas a acolher alunos ingressantes como hóspedes nos primeiros dias de aula, uma vez que a atribuição de moradia acontece, em geral, a partir da terceira semana de aulas. A maior parte dos estudantes entrevistados foi beneficiada por esse processo. Assim, da acolhida enquanto hóspedes, e posteriormente, a vivência comunitária estabelecida nesse espaço, como moradores oficiais, os estudantes constituíram suas primeiras e principais redes de amizade entre estudantes de condição social e pertencimento racial semelhante, todos, em geral, vinculados aos movimentos estudantis, em especial o movimento por permanência estudantil. Ainda, para aqueles que estiveram vinculados ao NCN desde sua fundação, a moradia estudantil se constituiu como o espaço em que se desenvolveram as primeiras atividades do grupo.

Além dessa acolhida inicial, os estudantes compartilhavam de uma ampla disponibilidade biográfica, ou seja, da ausência de constrangimentos pessoais opostos ao engajamento, traduzida, por exemplo, na condição dos entrevistados enquanto estudantes em dedicação exclusiva, o que foi possibilitado por terem sido alunos beneficiados pelas bolsas auxílio permanência da universidade e no contexto da pós-graduação, bolsas de mestrado ou doutorado. Além disso, a permeabilidade de seus cursos de graduação e pós-graduação aos temas mobilizados no processo de engajamento no movimento negro, todos eles relacionados às ciências humanas, e a possibilidade de reconverter, no contexto

das atividades acadêmicas, os capitais políticos adquiridos em capitais científicos, se constituíram como condições favoráveis a adesão dos entrevistados à militância.

A narrativa dos entrevistados demonstra também que a existência de redes de relacionamento anteriores na mediação entre os indivíduos e o Núcleo, atuando nos processos de recrutamento e o aprofundamento das relações de amizade entre os membros do NCN, foi fundamental para suas permanências no grupo. No que se refere à oferta associativa, evidenciou-se que o NCN figurou ao longo dos seus primeiros oito anos de atuação como o único coletivo negro apartidário da universidade. Nesse sentido, representava uma estrutura para adesão política que quase não contava com concorrências. O grupo refletia em seu modo de organização as características que marcam os novíssimos movimentos sociais. Eram horizontais, defendiam pautas fluidas, estavam presentes na esfera virtual, rejeitavam a institucionalização e desconfiavam da esfera partidária. Essa desconfiança se apresentou como um dos mecanismos velados de filtragem dos membros. Nesse sentido, os participantes do grupo foram, em todos os tempos, na sua maioria militantes independentes, desvinculados de partidos políticos.

Além disso, os relatos dos entrevistados indicam que compartilhavam de um sentimento geral de deslocamento no contexto da universidade, percebendo-se como *outsiders* de um ponto de vista racial e social. O sentimento de solidão e o enfrentamento de situações explícitas de racismo são relatados. Assim, esses estudantes se mostravam bastante receptivos à proposta de constituir uma coletividade negra no campus, objetivo que o NCN parecia atender, se apresentando como um espaço de aquilombamento que tinha como tarefas fundamentais: promover o acolhimento e integração, com vistas a garantir a permanência dos estudantes negros; se constituir como um espaço de formação para as relações étnico-raciais e também um espaço de organização e mobilização política negra, de enfrentamento as diferentes formas pelas quais o racismo é manifestado na universidade. Ainda, a sensibilização desses estudantes com relação as baixas taxas de ingresso de estudantes negros na universidade, informada, em partes, pela condição de marginalização que experimentaram, tornava a principal pauta política assumida pelo Núcleo a partir do ano de 2014 especialmente atrativa: lutar pela implementação da política de cotas étnico-raciais na universidade.

Por fim, as narrativas revelam que os estudantes incorporaram ao longo do processo de engajamento, uma identidade militante, configurando um sentido para a

própria existência que passa necessariamente por saídas coletivas, perspectiva que os acompanha mesmo após os processos de desengajamento do NCN.

1. As condições sociais que favoreceram os processos de adesão ao NCN

Os estudantes entrevistados apontam que suas vivências universitárias são marcadas por uma contradição: ao passo que compartilham de um sentimento comum de estranhamento desse novo espaço, em muitos casos traduzida em um encantamento com a efetivação de um destino interiorizado como improvável (Zago, 2006) e pela fruição de um tipo de território nunca antes visitado como seu, são também interpelados por um sentimento de marginalização, solidão, exotificação, conforme já relatado em outros trabalhos dedicados à experiência de alunos negros na UNICAMP (Silva, 2001, Mendes, 2006, Gomes, 2008, Lima, 2020) e em trabalhos dedicados à experiência de pessoas não-brancas vinculadas à academia em outras partes do mundo (Lee, 2011, Hooks, 2018, Kilomba, 2019).

No que se refere ao sentimento de encantamento, comentários relacionados à sensação de bem-estar e deslumbramento proporcionada pela arquitetura da Universidade e do bairro em que está situada, são comuns:

Foi bem estranho, bem diferente, bem cenário de filme dos EUA. Nunca tinha estado na universidade (Malik).

Eu fiquei encantada com o lugar, com o bairro, no sentido de nunca ter caminhado em um lugar tão rico, arborizado, e com casas tão bonitas, eu achei bonito o lugar, achei um bem estar, promovia uma sensação de bem estar essas árvores, passarinhos (Ayana).

Fiquei completamente encantada, achei a estrutura da universidade muito bonita, gostei do bairro, eu achei que era um bairro de elite, os casarões e tudo mais, eu vim da periferia, da favela né, então outra arquitetura, o espaço é diferente, mas eu gostei muito (Jamila).

Para além do encantamento que a estrutura do lugar evocava, novas possibilidades de futuro pareciam ser disponibilizadas, ainda que de forma um tanto sutil, no contexto da universidade, contribuindo a reorientar as perspectivas dos entrevistados e dando origem a novos projetos de futuro, como relata Adenike.

Eu tava tão deslumbrada com tudo, tudo pra mim era maravilhoso. Eu lembro até hoje, que eu fiquei muito impactada e agora eu tô bem perto

de ter esse sonho... eu tava na recepção lá dos calouros, e uma professora lá tava com um crachá, e tava escrito Prof^ª. Dr^ª. Eu nunca tinha visto essa expressão, eu vi aquilo, eu falei “gente, é isso que eu quero!” Quando eu defender esse doutorado em qualquer lugar eu vou colocar Prof^ª. Dr^ª Adenike (risos).

Entretanto, nem tudo são flores. As narrativas dos entrevistados demonstram que esse sentimento de encantamento veio acompanhado de sentimentos de deslocamento que fizeram os estudantes colocarem em dúvida seu valor. Ao se perceberem como minoria, racial e social, foram levados a um enfrentamento doloroso com sua própria condição de marginalidade com relação aos demais colegas dos cursos. As contradições de raça, classe e gênero, configuram um espaço hostil, onde esses estudantes se vêem como *outsiders within* (Collins, 2016)¹⁰ em relação ao grupo social e étnico-racial hegemônico no espaço da universidade.

Acho que a experiência do racismo é bem forte no campus. O tempo todo vai ter uma pessoa que vai ficar estranhamente espantada ao me ver e o meu ano foi o pior ano de entrada de pessoas pretas na UNICAMP né, tanto que teve reformulação do PAAIS em 2016 (Malik).

Quando eu entrei no campus mesmo foi que eu senti o baque porque eu fui a única pessoa negra da minha turma. E eu penso assim, meu Deus, eu fui a última da última chamada, se não fosse eu não ia ter uma alma negra nessa turma. E aí isso foi muito forte assim... então isso também deixou mais evidente ainda que eu era negra de fato, né... (Núbia).

Tive experiência de ser abordado por segurança, de pedirem pra mostrar minha documentação, isso na área da saúde. De homofobia, de tá junto com meu namorado e o motorista do Ônibus Circular da UNICAMP parando o ônibus pra falar que a gente tava sendo muito obsceno por estarmos de mãos dadas... Eu sempre usei a Ouvidoria para reclamar, mas não dava em nada, isso pensando nas coisas mais objetivas e anunciadas... tinha também de me confundirem e perguntarem se eu tava trabalhando, pedirem informações entendendo que eu era um funcionário da universidade... nesse sentido... e a forma também como alguns professores lidavam, meio que querendo ouvir, mas meio que como se eu fosse parte do objeto a ser analisado né. “Nossa, o campo está aqui!” (Akin).

Um dos efeitos dessa experiência de confronto com a desigualdade e de se ver numa condição de marginalidade é que ela leva os entrevistados a desnaturalizar a própria história de vida, conforme sintetiza o relato de Akin:

¹⁰ Outsider Within, que também pode ser traduzido como “estrangeiras de dentro” é um conceito cunhado por Patricia Hill Collins (2016) para descrever a condição de fronteira [ou fronteira] ocupada por pessoas negras, em especial mulheres, em espaços de poder como a academia.

Acho que desigualdade assim... se perceber muito, muito pobre em torno dos seus amigos é uma coisa meio difícil até por que não é uma coisa que está dada meio de cara assim, quem é muito, muito pobre, quem é muito, muito rico né (...) é na universidade que a gente lida com tudo muito intensamente, tem que lidar mais profundamente com a vida dessas pessoas também, daí é meio... sei lá, amplia nossa perspectiva também, o que são essas coisas né. Daí eu pensei, quando eu entrei na universidade... que eu comecei a olhar também pra trajetória da minha família com outros olhos, né? Que pra mim era meio que, ou normal ou próximo das outras famílias que estavam na escola (Akin).

Entre os estudantes, apenas um relato foge à regra, o de Lueji. Ela afirma ter tido uma experiência de acolhida muito positiva no curso de graduação em Pedagogia, se relacionando com a maior parte da turma e constituindo laços duradouros de amizade. Além disso, suas condições de permanência na universidade estavam garantidas por recursos financeiros familiares. Ainda, por ter passado a se perceber negra apenas no final do curso de graduação, avalia que a compreensão da experiência do racismo não impactou fundamentalmente sua trajetória acadêmica.

As circunstâncias do ingresso levaram a que, na maioria dos casos, os entrevistados fossem expostos desde os primeiros momentos na universidade a redes de mobilização do movimento estudantil, e em especial, aos movimentos ligados à luta por permanência, encabeçados por moradores da Moradia Estudantil da UNICAMP.

Conforme já relatamos, a maioria dos entrevistados são os primeiros membros das famílias a acessarem uma universidade pública. De forma geral, esses estudantes chegaram à UNICAMP com uma compreensão muito vaga sobre o modo de funcionamento e os recursos disponibilizados por essa instituição. Nesse sentido, um desafio prioritário imposto a esses sujeitos foi a garantia de seu sustento material dentro desse espaço. Em grande maioria foram obrigados a se deslocarem de suas cidades de origem e não contavam com recursos financeiros familiares que possibilitassem a manutenção na universidade em dedicação exclusiva. Uma parte dos entrevistados chegou ao campus no próprio dia designado para matrículas, que geralmente acontece no primeiro dia de aula, sem uma definição clara sobre onde estabeleceriam moradia, tampouco sobre o custo de vida na cidade. Nesses casos, projetavam, de forma geral, aliar a inserção no mercado de trabalho aos estudos. Em outros casos, possuíam uma ideia vaga sobre os programas de apoio à permanência oferecidos pela UNICAMP, socializados através de redes sociais e pesquisas na internet, ou através das primeiras

aproximações com a universidade no evento UNICAMP de Portas Abertas – UPA. Esses casos são exemplificados pela narrativa de Jamila e Ayana, transcritos abaixo:

Eu vim um pouco perdida, eu vim pra ganhar a vida, sabia que a UNICAMP tinha permanência estudantil por que eu tinha pesquisado um pouco, sabia que tinha bolsa que tinha moradia, mas eu vim ganhar a vida, então eu fuzei no grupo da moradia no Facebook, eu precisava de um lugar pra ficar e tudo mais, fiquei um tempo na casa de uma amiga aqui na moradia, uma amiga que eu fiz na hora, me encontraram na UNICAMP, me trouxeram pra moradia, e eu fiquei com eles até ter o termo¹¹, depois com o termo eu já tinha amizade com o Akin que eu encontrei na rodoviária vindo pra UNICAMP também, a gente começou a procurar casa junto, ele passou por um monte de coisa até a gente achar casa, aí a gente abriu uma casa junto (Jamila).

Na verdade, eu tinha uma estratégia que era o SAE, eu já soube por causa do UPA, por que no UPA eu falei pro monitor, “olha eu vou prestar noturno pra conseguir trabalhar”, tava quase fazendo a inscrição e aí ele falou, “olha, não presta noturno”, por que era 2011 na época, tinha muito caso de estupro... ele disse que era muito perigoso a noite e tal... e eu falei que ia ter que trabalhar pra me sustentar e tudo mais... e aí ele falou, “olha, tem o SAE, vai lá no guichê do SAE”, e aí eu fui e conversei, fui saber sobre as bolsas e tudo o mais, vi que tinha moradia e fui perguntando pras pessoas assim, e aí eu fui na internet, perguntei, entrei em contato com um morador antes de entrar e vi que pelo meu perfil era meio possível conseguir as bolsas... senão a moradia, a bolsa trabalho sabe, e aí qualquer uma das duas já era meio caminho andado, então isso me convenceu a prestar o diurno, curso integral, e aí eu já entrei em mente com as coisas do SAE (Ayana).

Ao chegar na UNICAMP, descobrem que há vários programas de apoio à permanência estudantil que podem beneficiá-los, permitindo que se dediquem integralmente aos estudos. Assim, a grande maioria desses estudantes tornam-se profundamente dependentes dos programas de bolsas auxílio à permanência oferecidos pela universidade. Onze tiveram acesso concomitante a todas as bolsas auxílio oferecidas, como a bolsa alimentação, transporte, auxílio social. Alguns deles tiveram também acesso a bolsa de auxílio emergencial.

O acesso à Moradia Estudantil – reservada a estudantes que podem comprovar não ter recursos para arcar com aluguéis praticados pelo mercado imobiliário local, segundo os critérios estabelecidos pelo Sistema de Apoio ao Estudante da UNICAMP - SAE – é, nesse quadro, uma condição incontornável para a permanência no curso. E a importância das relações estabelecidas na Moradia para os processos de acolhimento inicial desses estudantes remonta aos primeiros dias na universidade. Entre os quatorze

¹¹ Termo de concessão das bolsas auxílio, emitido pelo SAE e com vigência de um ano.

estudantes entrevistados, dez viveram durante toda a trajetória acadêmica na Moradia Estudantil da universidade.

No entanto, o acesso à Moradia Estudantil não é uma simples consequência da comprovação de insuficiência de renda. Embora a comprovação garanta, para um número limitado a 946 estudantes, o direito à Moradia, a atribuição do local específico, no complexo habitacional situado nos arredores da UNICAMP é gerida pelos próprios estudantes moradores, que se encarregam de autorizar as solicitações de moradia.

Em primeiro lugar, aqueles e aquelas recém-chegados devem se apresentar ao prédio da administração da Moradia, onde terão acesso a lista das casas e o número de vagas oficialmente disponibilizadas. Depois disso, cabe ao estudante circular pelo espaço, batendo de porta-em-porta, apresentando-se e solicitando acolhimento nas casas.

As casas são construídas para serem habitadas idealmente por quatro estudantes. No entanto, na atualidade, segundo informações disponibilizadas pelos movimentos estudantis por permanência, grande parte das casas tem acolhido até sete pessoas¹², em um espaço constituído por um quarto, sala, cozinha e banheiro. É importante destacar que a numeração disponibilizada oficialmente pela administração da Moradia não parece refletir a real condição das casas, já que muitas delas também são permanentemente ocupadas por moradores que não possuem o termo de aprovação da bolsa moradia. Em alguns casos, são estudantes que, por imprevistos diversos, não lograram atender aos requisitos necessários para solicitação anual de bolsas e acabam por serem excluídos do processo, como pela ausência de entrega de documentação ou não cumprimento de prazos de inscrição. Em outros casos, são alunos não elegíveis à bolsa moradia pelos critérios socioeconômicos estabelecidos pela universidade. Há indicação de que há, na universidade, uma carência crônica de moradia e auxílio moradia para a população estudantil, embora não tenha sido possível encontrar dados precisos que permitam examinar isso. Ademais, as vagas são limitadas a 946 vagas, em uma comunidade acadêmica de cerca de mais de 30 mil alunos em cursos de graduação e pós-graduação. Nesse contexto, alguns estudantes acabam por estabelecer residência na moradia de forma informal (já que nenhum tipo de hospedagem é permitido oficialmente pela administração da universidade) desde que encontrem casas cujos moradores oficiais estejam dispostos

¹² Para maiores informações sobre o histórico e dinâmicas da moradia e do movimento por permanência estudantil, ver: Moradia Estudantil da UNICAMP. Disponível em: <https://www.cal.iel.UNICAMP.br/?p=979>. Acessado em: 03/11/2020. E o documentário “Moras à Luta”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0X0095DdGWI>. Acessado em: 03/11/2020.

a assumir o risco da perda de suas próprias bolsas, por hospedarem alunos sem autorização da instituição para habitar na Moradia.

Tradicionalmente, estudantes vinculados aos movimentos por permanência estudantil, bem como a representação discente da moradia, organizam-se todos os anos, pouco antes de cada calourada, mapeando casas da Moradia que estariam dispostas a acolher estudantes ingressantes e oriundos das classes populares enquanto hóspedes, desde o período de matrículas. A possibilidade de ser acolhido na Moradia nesse momento inicial de ingresso, no geral é socializada a partir de redes sociais, bem como pelos próprios centros acadêmicos e por estudantes da Moradia que se distribuem pelo Campus com o objetivo de informar a estudantes ingressantes essa possibilidade de acolhimento.

Contudo, não são todos os moradores que abrem as portas de suas casas para acolhida de alunos recém ingressantes, e que ainda não foram aprovados no processo seletivo da bolsa Moradia. As casas que geralmente o fazem, são ocupadas justamente por moradores articulados aos movimentos estudantis, e em especial, o movimento por permanência estudantil.

Em oito dos casos discutidos nessa dissertação, os estudantes foram acolhidos como hóspedes em casas da Moradia desde o dia da matrícula. Assim, puderam ser inseridos desde muito cedo, nas suas trajetórias acadêmicas, em redes sociais de mobilização na universidade. A moradia estudantil, percebida como um espaço um pouco mais homogêneo, do ponto de vista da origem social dos estudantes, se torna não apenas o primeiro lugar de habitação, mas também um dos espaços institucionais onde esses estudantes se sentem pertencentes, identificados nas trocas de experiências entre os moradores. Conforme um dos entrevistados, Akin, sintetiza, sentem que esse é o “bloco da periferia”¹³ da universidade.

¹³ Em 2016, na ocasião das mobilizações pela implementação de cotas na universidade, o Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP, a Frente Pró-Cotas e representantes do movimento por permanência estudantil vinculados à Moradia constituíram uma chapa de concorrência à representação discente no Conselho Universitário – CONSU, denominando-a “Bloco da Periferia”. O Objetivo era que membros desses grupos, considerados principais articuladores da luta pelas cotas na universidade, pudessem ter voz e voto nas reuniões do Conselho, em especial aquelas que decidiriam os rumos da adesão da política de cotas na Universidade. A legitimação da atuação política dos grupos pela comunidade acadêmica resultou que essa chapa, apartidária e sem recursos financeiros de campanha, conquistasse 853 votos, garantindo duas das cinco cadeiras disponíveis aos discentes, além de uma suplência. Configuraram-se como a chapa mais votada no campus de Campinas, em primeiro lugar no IFCH, IEL, IA, IE, IB, IQ, Engenharia Elétrica, Arquitetura, Farmácia e ProFIS. Foram também a segunda chapa mais votada no IMEEC, IFGW, IG, FE, Cursão e FEF. No pleito, também a chapa Lutar Sem Temer (que era vinculada ao PSOL e competia também pela gestão do DCE da UNICAMP), obteve 30% dos votos, conquistando duas cadeiras. A chapa Todas as Vozes (que era vinculada a UJS/PT e também competia pela gestão do DCE) obteve 18% dos

Os primeiros dias de Akin na UNICAMP exemplificam essa posição de incerteza quanto à garantia das próprias condições de vida no contexto do acesso à universidade. Viajando da cidade de São Paulo, mais especificamente do distrito do Grajaú, para Campinas – SP, sem nunca sequer ter pisado nessa cidade, não sabia nem mesmo em que lugar dormiria naquela noite. Naquele dia, teve a sorte de ter dois bons encontros. Ainda na rodoviária de Campinas, a caminho da UNICAMP, conheceu uma jovem aluna negra ingressante, oriunda da Brasilândia, que se tornaria sua primeira e uma das melhores amigas no contexto da universidade. O segundo encontro se deu ao ser acolhido como hóspede em uma casa da moradia estudantil que naquela noite abrigou onze alunos recém-chegados. A partir daquele dia, foi encaminhado a uma outra casa, que era habitada por dois militantes fundadores do NCN, onde foi acolhido também como hóspede. O contato inicial com esses dois militantes, contribuiria para que ele fosse logo convidado à participação no NCN.

Acordei muito cedo de madrugada. Vim sozinho, com o dinheiro que eu tinha juntado (da bolsa) do (programa do governo de São Paulo) ACESSA ESCOLA. (Já) que eu já não estava trabalhando mais... eu tinha um dinheiro guardado. Fui pra rodoviária e, daí, dentro do ônibus... do outro lado, exatamente do outro lado, sentam duas meninas... A Cíntia e a Jamila. Eu cheguei a morar depois um tempo com elas. Elas eram da Brasilândia... se conheceram em um curso que ...fizeram lá. A Cíntia depois passou em outra chamada da USP, acabou indo prá lá..., mas daí foi a primeira amizade que eu fiz. Foi bastante importante. Enfim, era uma pessoa com uma condição socioeconômica muito parecida com a minha... daí, junto a gente fez muita coisa e tal... Com o tempo fui encontrando outras pessoas e tal, foi mais ou menos assim o acolhimento (...) eu tinha a visão de que eu ia trabalhar prá me manter, se eu tivesse ido pra USP com quase toda certeza eu teria trabalhado e aí teria tido outras relações, estaria em outros lugares hoje, fazendo outras coisas. Mas chegando aqui eu vi que tinha outras possibilidades também, que tinha moradia, tal. Foi um período de muitas dificuldades também, até conseguir as bolsas. Muita, muita dificuldade. Eu fiquei meio que pulando de casa em casa. A primeira vez (em) que eu dormi na moradia foi quando eu vim confirmar matrícula... eu fiquei com mais 11 pessoas na casa de um pessoal do PSTU, tal, e acabou que me colocaram em contato com um cara que era do Grajaú e estava na graduação... Aí eu fiquei na casa dele. Era pra ser temporário, mas acabei ficando mais tempo. Daí eu fui meio que já conhecendo, me adaptando à universidade, fazendo minhas redes... e daí no segundo semestre eu mudei de casa. Abri uma casa junto com aquela amiga que

votos, conquistando uma cadeira. E as chapas, Apenas Alunos (vinculada ao PSDB e que também pleiteava a gestão do DCE), e a chapa ContraGolpe (vinculada ao MRT), obtiveram 15% e 5% dos votos, respectivamente, não conquistando nenhuma cadeira no CONSU.

eu conheci na rodoviária, a Jamila, e com outros amigos mais próximos (Akin).

O relato de Adenike também é representativo. Vindo de São Paulo, chegando à UNICAMP “*sem eira nem beira*”, com “*apenas R\$150,00 no bolso*” e a promessa de que ficaria hospedada na casa da irmã de uma vizinha de sua família, que morava em “Campinas”, mas na realidade, vivia em Hortolândia – SP, não fazia ideia de quão distante a casa era do Campus, nem que seria necessário utilizar diariamente um total de seis conduções considerando a ida e a volta da Universidade. Foi uma colega, que conheceu na ocasião da matrícula, a responsável por informá-la da possibilidade de ser acolhida como hóspede na Moradia da UNICAMP:

A Gabi eu conheci né, nesse dia, mas na primeira semana de aula eu não consegui ir pra lá ainda. Ainda tava vendo esse negócio de Hortolândia, esses corre aqui como que vai fazer que eu não tinha um tostão furado no bolso... aí a Gabi me ligou... teve a primeira aula né, pros calouros, tal, e aí ela me ligou, falou, “você não apareceu, não te vi, tu desistiu?” Aí eu, “não, eu vou sim, tô vendo umas coisas tal, o lugar que eu arrumei aqui não sei como vai ser direito vou ver como é que é...” aí, tava desesperada, mas aí eu tinha marcado de almoçar no bandejão com a Gabi. Mal sabia que o bandejão ia ser o lugar mais importante (risos). E aí falei para ela né, que eu estava em Hortolândia. Ela falou espera aí, vou te apresentar uma amiga minha, e ela me apresentou a Alessandra, e a Alessandra falou que eu podia ficar de hóspede na casa dela na moradia, e fui pra moradia e aí fiquei lá *forever*. E aí tive todas as bolsas durante a graduação, a assistência estudantil da UNICAMP como ela funciona facilita absurdamente a nossa vida né, a minha irmã no Rio de Janeiro não teve assistência nenhuma. Ela teve anemia várias vezes na faculdade. (...) Aí quando você me pergunta de relacionamento, eu acho que a moradia é muito interessante, conviver com pessoas que tinham uma cultura progressista... havia essa acolhida né (Adenike)

Nesse contexto, fica explicitado na narrativa dos entrevistados a centralidade da fruição das bolsas auxílio para que permanecessem na Universidade, além do papel privilegiado da Moradia como espaço de acolhimento, encontro e socialização política, que dava também condições para socialização frequente entre as pessoas negras e de origem popular da universidade. Ali, nos novos lares que estabeleciam, essas pessoas se juntavam e se acolhiam.

Nesse ponto, a centralidade das emoções, enquanto fator articulador da ação política (Alvarés, 2011), já se apresentava, conforme comenta uma das fundadoras do NCN:

Quando eu cheguei aí eu não conhecia nada, então era uma coisa muito solitária. O que existia era obviamente a gente se juntar e conversar sobre os problemas. Eu morava na moradia e a gente conversava, dava colo prá todo mundo, e isso então era uma característica que ficou muito marcada prá mim e que foi o que a gente queria muito deixar forte no Núcleo, que a gente tinha que ser um ponto de apoio afetivo entre nós... por que na UNICAMP era muito sofrido e a gente não tinha com quem contar, e a gente queria ser um ponto de apoio afetivo. Que era o que a gente começou a fazer antes do Núcleo, né? (Abayomi).

Observamos assim que esse sentimento de deslocamento e a percepção de que ocupavam uma posição marginalizada na universidade serão alguns dos elementos importantes para que os estudantes estivessem bastante receptivos à proposta de adesão a uma coletividade negra na UNICAMP, e também sensibilizados com a pauta, apresentada pelo NCN como prioritária a partir de 2014, da ampliação do acesso de pessoas negras na Universidade, através da implementação da política de cotas étnico-raciais.

Além de serem expostos, desde os primeiros momentos na universidade, à movimentação política encabeçada pelo movimento pró-permanência estudantil no contexto da moradia, a exclusividade do NCN ao longo de quase oito anos como único coletivo negro apartidário da universidade configurou uma oferta militante que contava com poucas concorrências.

Adicionalmente, na imensa maioria dos casos, redes de amizades constituídas na moradia foram responsáveis por convidá-los à participação no NCN. Esse é o caso de Ayana, que foi convidada por um colega de casa na moradia estudantil a participar das reuniões de organização do primeiro QTCA em 2012, o de Zuri, convidado por Adenike, em 2013, também o de Akin e Jamila, convidados por Ayana, na ocasião de seus ingressos na universidade, em 2014, o de Malik e Hanna, que também souberam da existência do NCN na moradia estudantil, isso sem considerar o caso de Abayomi e Adenike, que encabeçaram o processo que culminaria na fundação do NCN em reuniões estabelecidas também na moradia estudantil. Em um caso, o de Obi, o convite para o engajamento no NCN foi mediado por sua participação na condição de ouvinte das atividades desenvolvidas no primeiro QTCA, em 2012, em outro caso, o de Lueji, o convite partiu de uma amiga em comum no curso de graduação em Pedagogia, em 2014, em mais dois casos, o de Paki e o de Talib, a primeira participação em reuniões do NCN foi resultado do convite de membros do partido político em que haviam se engajado, e por fim, o caso de Núbia, mobilizada a participar do NCN após pedir auxílio a um membro do núcleo sobre como agir diante de uma experiência explícita de racismo ocorrida no campus,

também em 2016. Já Taió chega ao NCN depois de observar, logo no dia da matrícula, uma atividade pública do Núcleo, que aconteceu durante a calourada. Com uma experiência prévia de militância vivenciada na UNESP, Taió chega à UNICAMP com uma identidade militante sedimentada.

No primeiro dia que eu cheguei na faculdade, eu já fui recebida por uma atividade do NCN, eu lembro de você, lembro do Portuga né, que também tava naquele momento, várias pessoas, tava tendo roda de capoeira, tava tendo *stencil*, várias coisas, então isso foi importante por que eu também já sabia quem eram as pessoas com quem eu tinha que falar naquele momento e aí eu encontrei vocês e sou muito grata por tudo isso (...) Na primeira semana, eu já fui na reunião do NCN por que não fazia sentido pra mim tá na universidade e não tá envolvida com nada né (Taió).

Além disso, os estudantes se encontravam disponíveis ao engajamento quando foram recrutados. Conforme comentamos na introdução desta dissertação, em seis casos o processo de engajamento no NCN se confunde com o próprio processo de ingresso na universidade. Zuri, Akin, Taió, Malik, Jamila e Talib aderem ao núcleo no primeiro ano de curso de graduação. Em outros dois casos, o de Ayana e Lueji, o processo de engajamento se dá no segundo ano de curso, e apenas no caso de Lueji e Paki o processo se dá no final dos cursos de graduação. Ainda, entre os entrevistados que se engajaram no NCN ao longo dos cursos de pós-graduação, o processo se dá no primeiro ano, Abayomi, Núbia, ou no segundo, Adenike e em apenas um caso, no terceiro, Obi. Obi é também o único entrevistado que se engaja no NCN na condição não apenas de estudante, mas também de funcionário técnico-administrativo na universidade. Assim, para a maioria dos estudantes entrevistados, a militância embasou de forma privilegiada a fruição da universidade desde o princípio, a despeito de outras esferas sociais que poderiam fazer parte da vida acadêmica.

Todos os estudantes estavam vinculados, conforme já comentamos, a cursos de graduação e pós-graduação vinculados às Ciências Humanas. Nesses cursos, as aprendizagens mobilizadas pelos engajados em seus processos de adesão à militância no NCN, como exemplo, o conteúdo das pautas debatidas, o exercício sistemático de leitura e escrita, o exercício da oratória, entre outras práticas que fazem parte da ação militante, eram um recurso importante, o que contribuiu para que a conciliação entre as atividades acadêmicas e a militância fossem possibilitadas. Como veremos no próximo capítulo, a grande maioria deles reconvertiu os capitais políticos e informacionais adquiridos no contexto do engajamento do NCN em capitais científicos, incorporando em seus projetos

de pesquisa, seja no âmbito da graduação, seja no âmbito da pós, a problematização de questões relacionadas às relações étnico-raciais. Um bom exemplo é o caso de Núbia, que modificou o tema de seu mestrado explicitamente em função do envolvimento com a movimentação pró-cotas ao longo da participação no NCN, por sugestão da orientadora. Se engajando no grupo no ano de 2016, cursava o segundo ano do mestrado em Demografia, e tinha como sujeitos de pesquisa mulheres trabalhadoras em cooperativas de materiais reciclados. No entanto, após a adesão ao Núcleo, passou a estudar em seu mestrado processos de estratificação horizontal em universidades federais brasileiras após à adesão às cotas.

Além disso, conforme já afirmamos, todos eles, com exceção de Obi, no contexto do engajamento, foram alunos bolsistas, beneficiários dos programas de auxílio permanência e também de bolsas de fomento à pesquisa. Assim, vivenciavam a universidade em tempo integral, o que contribuiu para assumir o custo de investir energia e tempo na participação no Núcleo.

A dimensão emocional também contribuiu para dispor, organizar e “energizar” a ação (Jasper, 2011, p. 147, Alvarez, 2011). Ao passo que redes sociais prévias são determinantes para maioria dos processos de convite ao NCN, relações de amizade duradouras se constituíram também a partir da organização no grupo, sendo que a maioria dos entrevistados revela que suas redes de sociabilidade se tornaram compostas prioritariamente pelos membros do NCN com quem militaram. Cabe destacar também que o NCN é declarado pelos estudantes como um espaço emocionalmente saudável e confortável para participar, a despeito das tensões e disputas cotidianas, que serão melhor exploradas adiante.

2. A adesão a uma coletividade negra como processo de deslocamento de uma posição de marginalidade para uma posição de pertencimento

Diferentes motivações são elencadas como determinantes para que os entrevistados fossem incentivados a permanecer engajados, após os encontros iniciais com o NCN. As narrativas dos entrevistados permitem concluir que a constituição dessa coletividade negra tem como sentidos fundamentais o desejo de constituir e se integrar a um lócus de enfrentamento e de certo modo, deslocamento de uma posição de marginalidade e solidão, uma posição percebida como hostil, para uma posição de

pertencimento a um grupo, de afirmação identitária, além do objetivo de mobilizar politicamente o enfrentamento diante das diferentes formas pelas quais o racismo, de um ponto de vista simbólico, individual e institucional, é manifestado na universidade. Ainda, um sentido comum atribuído à participação no NCN diz respeito a busca por um aprofundamento da própria consciência racial e política, seja em termos de formação quanto a temática das relações étnico-raciais, seja em termos de socialização política, nas palavras de Ayana, “aprender a militar”.

Ao passo que esses sentidos são recorrentes em conjunto na narrativa de todos os entrevistados, em alguns deles parecem mais decisivos para motivar os processos individuais de adesão ao NCN, conforme exploraremos adiante.

2.1 Preta, se compreenda! Tornar-se negra na universidade

Uma motivação apresentada por alguns estudantes, como particularmente significativa para que se engajassem no NCN, diz respeito a um processo de reelaboração da própria identidade racial no contexto da universidade. Num território majoritariamente ocupado por pessoas brancas, percebem-se como figuras destoantes. Descobrimo-nos negros, por intervenção de olhares externos, sentem a necessidade pessoal e política de estar no NCN com vistas a se autocompreenderem como pessoas negras. As histórias de Lueji e Ayana, são bastante representativas desse processo.

Lueji, embora tenha sido criada em uma família de militantes do movimento negro, sempre foi tida como branca por seus familiares. No contexto da universidade passou a ser interpelada por colegas e um namorado que a gritaram: negra!¹⁴ Bastante confusa, passou a pesquisar sobre a ideia de colorismo¹⁵, com vistas a tentar compreender o que significava ser tida como uma pessoa “*negra de pele clara*”. Dos diálogos com as colegas e seu estudo independente, passou então a repensar eventos hostis experimentados ao longo de sua trajetória, que até então compreendia como bullyings, mas a partir da sua identificação como negra, passavam a fazer sentido: era racismo. Assim, seu processo de identificação racial, foi logo acompanhado do interesse pela

¹⁴ Essas entrevistadas fazem referência ao poema e performance da artista peruana Victória Santa Cruz, “*Me gritaron: ¡Negra!*”. O poema relata o processo pelo qual a palavra “negra”, inicialmente atribuída por outros como um insulto, passa a ser afirmada orgulhosamente como identidade na trajetória de vida de uma mulher.

¹⁵ Em síntese, colorismo é um conceito cunhado por Alice Walker (1982) para designar o processo pelo qual pessoas negras são classificadas e discriminadas de formas diferenciadas com base no fenótipo. Pigmentocracia é também um conceito frequentemente empregado no mesmo sentido.

militância no movimento negro, com vistas a se autocompreender diante dessa nova condição de pertencimento.

Ayana também aderiu à militância a partir de uma experiência de “gritaram-me negra”¹⁶. Heteroidentificada como uma pessoa negra por um amigo, foi convidada a participar das reuniões de organização do primeiro QTCA. Ao chegar na casa M10, na Moradia Estudantil, sentou-se na janela, envergonhada. Daquela posição, observava Abayomi, “*todo bafo, com aquele cabelão, sentada na mesa*”, e todos os outros participantes, incluindo algumas pessoas brancas. Embora sentisse que era percebida por aquelas pessoas como uma mulher negra, e se entendesse marcada por esse tipo de atravessamento, devido ao pertencimento racial de seu pai e suas próprias características fenotípicas, ela não tinha ainda plena certeza de que poderia se autonegar como uma pessoa negra. Além disso, num contexto em que o NCN era ainda aberto para pessoas brancas, Ayana afirma que não sabia dizer exatamente se estava ocupando aquele espaço enquanto uma mulher negra ou apenas, “afrodescendente”. Ao longo dos primeiros meses, as pessoas brancas foram saindo do grupo, e Ayana se viu permanecendo. Foi ao longo do tempo de engajamento, compartilhando das vivências e debates no contexto do NCN que Ayana passou a definitivamente a se sentir segura na afirmação positiva de sua identidade negra.

2.2 O meu igual como meu espelho: a dimensão da representatividade

Há casos em que uma motivação particularmente relevante para o processo de engajamento no NCN era a busca por representatividade. No entanto, os desfechos dessa busca são bastante diferentes, conforme as singularidades da experiência individual dos estudantes.

Um dos exemplos é Talib. Para ele, a representatividade se traduzia em um sentimento de admiração com relação às lideranças do NCN. Acompanhou, em seu ano de ingresso na universidade, em 2016, a efervescência das mobilizações pró-cotas. Participando das assembleias, Talib encontrou na imagem pública, nos posicionamentos, na corporeidade de Taió e Akin, identificação e referências positivas para si mesmo. A forma como ambos os militantes “*se impunham e debatiam*” produziu em Talib o desejo de se aproximar daquele grupo e das pessoas que o constituíam.

Outro exemplo é Zuri. Em seu caso, a principal motivação para estar no NCN era também a busca de um espaço em que se sentisse representado. Contudo, não encontrar entre os participantes do grupo outras pessoas negras que compartilhassem do mesmo conjunto de experiências pelas quais foi atravessado ao longo de sua trajetória de vida, se conformou em um laço de diferenciação doloroso:

Era o lance da representatividade assim, poder ver as pessoas negras juntas, saber como as pessoas negras lidavam, como sobrevivem, como existem com o racismo... e isso foi uma grande frustração, por que eu não encontrei uma história igual a minha... e isso é bom, mas também é muito dolorido... (Zuri)

Marcado por expressões de sofrimento psíquico, Zuri teve sua condição de saúde mental ainda mais fragilizada no contexto de ingresso à universidade, configurando uma experiência de ostracismo por parte dos demais colegas do curso. Vivenciando diversas crises, sentia seu corpo, seu principal recurso na graduação em dança, imobilizado pela ansiedade. A frequência à sala de aula tornou-se difícil, o contato com os demais colegas de turma se tornou incipiente, e Zuri passou a se ver marginalizado, por não conseguir sequer falar com as outras pessoas. O seu silêncio foi erroneamente compreendido por outros estudantes da turma como esnobismo. Era um de três estudantes negres da turma. E havia sido aprovado em primeiro lugar no vestibular.

Naquele contexto, Zuri busca no NCN um ponto de apoio. Contudo relata não ter sentido que o grupo tenha sido capaz de acolher suas demandas. Afirma se sentir desconfortável, na medida em que não compreendia boa parte dos debates cotidianamente tocados pelo grupo, como a questão do “*empoderamento, do turbante, do significado do meu Black*”. Ao mesmo tempo, pouco compreendia o que estava sentindo, e quase não conseguia falar sobre sua condição de saúde.

Converso muito com Abayomi e ela fala que a melhor militância que eu podia fazer na época era estar bem, cuidar da minha saúde, e ao mesmo tempo eu não conseguia entender o que era esse autocuidado (Zuri)

Essas questões relacionadas à saúde mental, se configuram em uma crise biográfica (Caetano, 2018) que tornaria a sua participação no NCN, bem como seu próprio trajeto na graduação, bastante intermitente. Engaja-se e desengaja-se várias vezes, até desengajar-se do Núcleo definitivamente em 2020, por razões que serão discutidas no próximo capítulo.

Contudo, relações desenvolvidas por Zuri no contexto da participação no NCN, e que se fizeram ativas mesmo em suas experiências de desengajamento do Núcleo, por força da convivência na Moradia Estudantil, acabaram por se configurar como uma fonte de acolhimento. No contexto do NCN, Zuri conheceu Akin, Jamila e Taió. A condição desses estudantes, enquanto *“pessoas pretas periféricas de São Paulo”*, gerava identificação. Assim, ao passo que estar nos espaços públicos da universidade, e nas atividades do NCN, não era possível nos momentos de crise, nas redes de amizade que se constituíram, Zuri encontrava pessoas que lhe fortaleciam.

2.3 Procurando enegrecer a consciência

Há também os estudantes que permanecem no Núcleo na expectativa de que o grupo faça jus a seu nome: procuram um espaço em que possam constituir ou aprofundar uma consciência negra, traduzida na busca por um processo de formação para as relações étnico-raciais.

Essa foi a principal motivação para o engajamento de Malik, por exemplo. Embora o estudante já se soubesse negro, considera a participação no Núcleo *“um divisor de águas”*. A cada reunião, se percebia adquirindo novas aprendizagens. Ao mesmo tempo, se tornava cada vez mais inquieto. Em suas palavras, o novo conjunto de conhecimentos apresentados, o levava a questionar constantemente a si mesmo: *“o que eu tenho a dizer sobre isso? Preciso aprender mais!”*. Ao passo que a busca por conhecimento era uma motivação para adesão, o atendimento dessa expectativa se configurava como a principal retribuição. Como veremos adiante, seu processo de desengajamento se dá justamente no momento em que sente que a expectativa da formação não está mais sendo atendida.

Apesar de Hanna também ter se engajado no NCN em busca de formação, e inicialmente essa expectativa tenha sido atendida, num momento de acirramento das lutas encabeçadas pelo NCN na universidade, o sentimento de que lhe faltava formação para atuar fora dos bastidores culminaria também em um processo de *“desidentificação”* (Fillieule, 2010), com relação ao grupo. Embora avaliasse que a relação com os militantes mais experientes, *“que já tinham um debate muito mais afinado e já sabiam o que estavam fazendo”*, culminou em aprendizagens importantes, representando sua primeira inserção na *“discussão de desigualdade motivada pelo racismo”*, o que se tornaria tópico privilegiado em suas pesquisas de iniciação científica, e posteriormente na pós-graduação, sentir que num momento de forte mobilização e pressão externa enfrentada

pelo grupo, ainda possuía pouco acúmulo de debates quanto às relações raciais fez com que Hanna se percebesse parcialmente desintegrada do coletivo, no contexto da greve pró-cotas. Naquele momento, a posição de liderança dos estudantes mais experientes se intensificou. Embora para os demais entrevistados a posição de visibilidade ocupada por alguns militantes não seja apontada como um problema, mas antes como resultado inerente aos diferentes processos de aprendizagem da militância, na percepção de Hanna esse processo foi entendido como uma divisão entre o trabalho intelectual e o braçal:

Para mim houve uma exclusão mesmo, a formação de um grupo que tinha o debate que era o grupo chamado, que era o grupo que ia para discussões, e as outras pessoas que ficavam mais no serviço braçal mesmo... então tinha uma divisão do intelectual pro braçal... e essa falta de formação pra mim foi a parte que mais me quebrou, mais me deixou desgostar mesmo (Hanna).

Assim, a percepção de uma diferenciação, orientada pela experiência, se configuraria no caso de Hanna como uma motivação para o desengajamento, como será comentado adiante.

2.4 Encontrando um lugar para chamar de meu na universidade

Em algumas narrativas, a percepção do NCN como um espaço de acolhimento, constituição de redes de amizade e de pertencimento a um grupo é bastante destacada. Nesse sentido, temos como exemplo o caso de Núbia. Caminhando pelo campus, observava frequentemente os militantes do NCN em suas reuniões nas mesas do Ciclo Básico II - PB. Segundo afirma, um comportamento que lhe chamava a atenção era o fato de que quando passava pelo grupo, “*as pessoas sorriam*” o que a transmitia um sentimento de aconchego e convite. Ao vivenciar uma situação explícita de racismo no campus, Núbia procura então o apoio daquele grupo de pessoas negras que pareciam tão acolhedoras. Conforme passou a participar do grupo e conhecer as pessoas, essa percepção se confirmou: “*eu me senti num lugar de acolhimento assim, a gente podia almoçar junto e conversar, acho que foi meio, “aí, encontrei meu grupo na Universidade”, sabe? “Finalmente, depois de tantos anos”, intensificando sua adesão ao grupo.*

2.5 *É preciso mudar os lugares da mesa*¹⁷

Por fim, alguns estudantes tiveram como principal motivação para engajar-se no NCN a crença de que a própria presença no mundo e na universidade fazia sentido a partir do comprometimento com saídas coletivas para transformação da realidade. Essa motivação caracteriza os processos de engajamento de Akin, Obi e Taió, os três, militantes mais experientes com relação ao restante do grupo, conforme os relatos abaixo exemplificam:

Eu achava importante as ações antirracistas na universidade, estar em torno de pessoas negras (...) eu não me descobri negro na universidade e muito menos antirracista. Mas minha vida foi ficando muito mais dedicada a essas questões, isso ficou muito mais central na minha vida depois do NCN né, sem dúvida né, isso influenciou de forma muito marcada minhas pesquisas, meus interesses, minhas amizades (Akin).

Eu já fui na reunião do NCN por que não fazia sentido pra mim tá na universidade e não tá envolvida com nada né. Também me aproximei dos movimentos da moradia, mas eu achei que foi um espaço bem hostil, por causa das pessoas brancas, e eu saí. Cheguei a me aproximar da Frente Pró-cotas, não foi interessante pra mim, também me afastei. Mas aí vivi uma militância lá no Núcleo e posteriormente no movimento de Campinas (Taió).

Era um espaço em que eu via que eu tinha a possibilidade de ajudar a construir alguma coisa, então essa possibilidade de realizar algo me fazia ficar ali (Obi).

3. *Laços de diferenciação*

Como já comentamos, os entrevistados compartilham de forma geral do mesmo conjunto de sentidos para o processo de engajamento no NCN, ainda que algumas expectativas pareçam proeminentes em alguns casos, com relação a outros.

No que diz respeito aos laços de diferenciação entre os membros do grupo, as narrativas dos entrevistados permitem inferir quatro aspectos principais: um deles, que

¹⁷ A sentença “É preciso mudar os lugares da mesa”, que nomeia este tópico, bem como compõe o título desta dissertação, foi inspirada na afirmação “nós viemos para bagunçar os lugares da mesa”, evocada em debate desenvolvido por Taina Ap. Silva Santos e Bruno Nzinga Ribeiro no artigo: “Carta às historiadoras e historiadores do futuro: “negros” não são etc.” O texto foi publicado originalmente na coluna de Douglas Belchior, no site Carta Capital, em Junho de 2017, poucos dias após a aprovação da implementação da política de cotas na UNICAMP, fazendo um balanço do processo, do ponto de vista da militância do NCN. O artigo está disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultural-arte/17529/carta-as-historiadoras-e-aos-historiadores-do-futuro-negros-nao-sao-etc>. Acessado em: 11/01/2021.

foi evocado justamente pelos militantes engajados em partidos políticos, indica que ser partidário representava o grande laço de diferenciação com relação aos demais. Os outros três estão mais relacionados a gênero e questões geracionais, do ponto de vista da experiência militante.

Conforme salientam Guimarães, Rios e Sotero (2020), uma das características mais marcantes da ruptura dos coletivos negros contemporâneos com relação aos mais tradicionais diz respeito à quebra da hierarquia de gênero, na medida em que as mulheres e pessoas LGBTI+, outrora relegadas aos bastidores, passam a assumir a posição de lideranças. Essa configuração também se reflete no NCN. O grupo teve sua fundação encabeçada por mulheres negras e é desde aquele tempo majoritariamente ocupado por elas.

Contudo, embora as mulheres sejam maioria e executem papéis de liderança, isso não significa que não existam tensões. Conforme exemplifica o relato de Taió, e a análise dos demais relatos demonstra, a reprodução do machismo no cotidiano do NCN é percebido como um problema a ser debatido e combatido, mas ao mesmo tempo inerente a todos os espaços de organização política:

E tem a questão de gênero que eu acho que acontecia. Em alguns momentos, algumas tensões, tanto com os homens heterossexuais, quanto os homens gays, eu acho que existiam tensões ali, em relação à masculinidade né, em relação à forma como as pessoas achavam que as mulheres ali desafiavam ou então questionavam algumas relações de poder né. Enfim, o espaço acadêmico também envolve muito essa questão, mas, assim, isso acontece em todos os coletivos e esses não foram os motivos pelos quais eu saí. Se eu tivesse saído por esses motivos, eu não estaria militando em lugar nenhum mais na minha vida. E hoje, por exemplo, eu fiz parte, continuo fazendo parte de grupos de mulheres negras que também lidam com as mesmas questões, reprodução de patriarcado, etc. Como as mulheres negras lidam com isso e respondem também tem a ver com o machismo, e a gente aprende a lidar com isso também enquanto pessoa que produz e está suscetível a reproduzir e também enquanto pessoa que é afetada né, então eu acho que é um desafio da militância, não é uma questão de um coletivo específico (Taió).

Outro ponto de diferenciação comum diz respeito a questões geracionais e relacionadas aos diferentes tempos de experiência militante. Os entrevistados que tiveram no NCN seu primeiro lócus de engajamento, afirmam que o pouco repertório era um elemento que os diferenciava com relação às lideranças. Contudo, militantes mais

experientes, como Taió e Obi, trazem novos elementos para o debate. Um primeiro é a percepção de que a imaturidade política de alguns membros levava o grupo a ser pouco propositivo, sobrepondo exageradamente momentos de comunhão à luta política. Um segundo, é a discordância quanto à forma da crítica diante de algumas pautas, conforme exemplificam os comentários de Taió e Obi, descritos abaixo.

Tinha muita gente que não queria fazer militância, atuação política. Só queria tá ali naquele espaço e se encontrar lá e às vezes falar sobre nada, e tudo bem pra mim, mas acho que não fazia sentido só aquilo, por que a gente galgou espaço, passou a ser reconhecido, então a gente precisava defender aquele espaço politicamente, então só uma atuação como essa seria suficiente, por que é isso né, o racismo é um trator (Taió).

Mas, então, acho que isso é um ponto assim de diferença não sei se também por conta da idade também, maturidade política mesmo, estar vivendo a Universidade de um outro momento também né, sim, porque quando eu entrei na UNICAMP não tinha nem PAAIS e assim também algumas críticas, e assim não só do Núcleo, mas assim, algumas críticas sobre as coisas que acontecem na universidade sem entender que as questões burocráticas levam um tempo. E que, não querendo justificar, mas por exemplo, com relação ao PAAIS, acho que tem que fazer uma crítica justa. Dá pra falar que o PAAIS estagnou, mas não dá pra falar que ele não fez nada. Eu entrei na UNICAMP em 2002, e eu pude ver de um ano para o outro, e percebi um ingresso maior de estudantes negros, então às vezes uma coisa que me fazia ficar um pouco... é a forma da crítica, se por um lado alguns momentos eu queria que fosse um pouco mais apressada no momento de tomada de decisão, eu acho que me incomodava as vezes a crítica apressada demais, inflamada, que não é cuidadosa para de fato levar os fatos em consideração (Obi).

Um terceiro ponto, também relacionado a questão da maturidade e experiência, diz respeito a diferenças de expectativa quanto ao sentido da ideia de acolhimento no NCN. Um dos incômodos de Taió está relacionado a percepção de que alguns militantes, entendiam que, pelo Núcleo ser um “*espaço negro*”, uma espécie de “*família estendida*”, os membros estariam preparados para lidar com todo tipo de demanda pessoal, exigindo do coletivo a resolução de problemas que não poderiam ser solucionados naquele espaço.

É que algumas questões, que às vezes eram pessoais, não no sentido de falar isso é problema seu, mas coisas que deviam ser elaboradas em outros espaços né, por exemplo, com terapia, com tratamento espiritual né, enfim, coisas que precisavam de uma coisa mais ampla, de outros recursos pra ser resolvidos. Eu acho que muitas pessoas traziam isso pra aquele lugar e... assim, as pessoas não tinham noção de como isso impactava também as pessoas que também estavam ali, e que às vezes tinham um pouco mais de experiência e recursos pra algumas questões, mas que também não estavam preparadas pra lidar com aquelas

situações. Por que é isso, eu penso principalmente nessas questões subjetivas né, por que assim cada um tem seu axé, sua energia, sua forma de estar e se expressar no mundo, e cada um tem o seu caminho, cada um está no seu estágio específico de resolução, ambientação, experimentação, aceitação, das coisas... do que aconteceu no seu caminho né... isso diz muito sobre o seu amadurecimento, crescimento, sua experiência né, não em relação ao outro, então assim, tem coisa eu acho que também faz parte da idade, eu acho que, por ser um grupo de jovens ali, as pessoas... às vezes com questões tão urgentes, né, traziam assim, e por ser a primeira experiência política de muitas pessoas, as pessoas queriam sobrepor isso a uma coisa que ali a gente poderia fazer juntos. É por que é isso: tem coisas que a gente poderia fazer juntos e tem coisas que a gente não poderia fazer juntos, entendeu? E às vezes, isso se sobrepunha (Taió).

Conforme será possível observar no próximo capítulo, tensões relacionadas às questões apontadas acima, serão recuperadas nas narrativas de outras entrevistadas, configurando motivações para seus processos de desengajamento.

4. *Intensidades do engajamento e agências*

Quanto às intensidades da participação ao longo dos processos de engajamento, todos os entrevistados, independentemente do tempo total de adesão, afirmam terem sido participantes profundamente envolvidos durante o período em que militaram no grupo. A maior parte dos entrevistados também indica ter atuado sobretudo nos “bastidores” das ações, sendo a “linha de frente”, a maior exposição pública, encabeçada pelas lideranças do grupo. Há casos, como o de Núbia e Akin, em que os papéis ocupados no grupo foram variando conforme o tempo. Núbia afirma ter inicialmente passado por um processo silencioso de observação e aprendizagem, ao longo de boa parte do seu primeiro ano de engajamento, até sentir que havia adquirido o *know-how* necessário para assumir a fala pública em nome do grupo, em determinadas atividades. Ainda, a conquista das cotas favoreceu o aprofundamento de sua ligação com o grupo. Núbia afirma que após a implementação das cotas, passou a tomar o NCN “*quase como um projeto de vida*”. No caso de Akin, a sua constituição como uma liderança é descrita também de forma processual e impulsionada sobretudo por seu longo tempo de participação, o que culminava na constituição de hierarquias veladas e diferentes níveis de responsabilidade.

Eu sempre fui muito ativo, todo período que eu tive no Núcleo eu estive muito envolvido, em papéis diferentes né, nos bastidores ou nos bastidores e mais à frente. Eu sempre estive muito envolvido né emocionalmente, enfim... E aí com o tempo, o NCN tinha uma rotatividade grande né, aí as pessoas vão saindo, você vai ficando mais

velho e as demandas foram aumentando e daí eu fui meio que obrigado a ocupar esses espaços e aí eu estive no NCN em momentos de atuação muito intensa na universidade, daí pra construção das políticas públicas de acesso né, sobretudo, daí a gente é meio que levado pelos anos, pela hierarquia que vai se criando né, em termos de temporalidade né, daí não é nada oficial mas você vai sendo mais responsabilizado por estar há mais tempo, por saber lidar com situações, falar publicamente, lidar com as instituições... (Akin)

Em outros casos, embora os entrevistados afirmem no contexto do NCN terem atuado apenas nos bastidores, alguns militantes reconverteram as competências políticas incorporadas na atuação no Núcleo no investimento na fundação de outros coletivos, dentro e fora da universidade, assumindo neles posições de liderança. Conforme será recuperado no capítulo três, esse é o caso de Ayana, que participou do processo de fundação de um cursinho popular, assumindo a posição de coordenação, e também mais recentemente participa do processo de fundação de um coletivo de mães, e esse também é o caso de Malik, fundador e um dos principais articuladores do Grupo de Estudos em Filosofia Africana e Afrodiaspórica do IFCH – GEFAA.

5. *Vamos construir um evento que não tenha nada a ver com cotas: fundação do NCN, modo de organização, objetivos, conquistas e derrotas*

Conforme comentamos brevemente na introdução desta dissertação, o NCN foi fundado em 2012 e se mantém ativo até os dias atuais. Sua fundação foi resultado dos acúmulos obtidos pela experiência coletiva de uma rede de estudantes aglutinada na construção de um evento, denominado Quem Tem CorAge - QTCA, ainda em 2012.

O ponto de partida para a idealização do evento foram as inquietações compartilhadas por Abayomi e Adenike, que compartilhavam uma relação de amizade e viviam em uma mesma casa na Moradia UNICAMP. Naquele tempo, a “Frente Pró-Cotas da UNICAMP” – FPC, havia acabado de se constituir, após a implementação da Lei Federal de Cotas, Lei Nº. 12. 711/12, e Adenike fazia parte do grupo. Abayomi, contudo, tinha uma posição desfavorável à política de cotas e, embora assumisse que o debate em torno da implementação da política em diferentes universidades brasileiras estava promovendo uma maior visibilidade da questão do racismo no país, entendia que era necessário constituir na universidade espaços de discussão que abordassem as relações étnico-raciais para além das cotas, posição que Adenike também compartilhava, mesmo defendendo a luta pelas cotas. Assim, as duas amigas iniciaram um processo de recrutamento, procurando agregar outras pessoas negras e também pessoas brancas

apoiadoras em torno da produção de um evento “*que não tivesse nada a ver com cota*” e marcasse a presença negra na universidade, promovendo uma articulação política para além das entidades estudantis. A partir da adesão de um primeiro pequeno grupo de amigos, no “boca-a-boca”, a rede de participantes foi se ampliando, a ponto de tornar-se pequena a “cozinha da casa M10”, local das reuniões do grupo.

Ayana se juntou ao grupo bem no início. Ela afirma que, desde o princípio, o objetivo do grupo era que o QTCA se tornasse um evento anual. Inspirados pela experiência do Núcleo de Consciência Negra da USP (1987 até os dias atuais), o grupo escolheu nomear o grupo como Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP. A nomeação foi um momento importante de constituição do grupo. Em primeiro lugar, esse passo transformava o grupo em algo concreto e real, materializando, para os próprios estudantes envolvidos, o desejo de constituir um coletivo permanente, naquele momento ainda pensado como aberto a estudantes negros e brancos comprometidos com o antirracismo, o que mudaria algum tempo depois. Ao mesmo tempo, a nomeação tornava o grupo real para a comunidade mais ampla, pois era em nome dele que se daria a busca por patrocínios para subsidiar as atividades previstas.

Desde seu primeiro ano de existência, em 2013, o grupo passou a se encontrar nas mesas do Pavilhão Básico II da universidade, semanalmente, às sextas-feiras, 12h. Esta definição de horário tinha a ver com garantir a participação de um maior número de pessoas, considerando o ritmo de aulas dos membros na universidade. Concentrando as reuniões neste horário, dialogavam por volta de 1h45 minutos, seguindo, para almoçarem, em geral juntos, no Restaurante Universitário, mais conhecido pelos estudantes como “bandejão”, que permitia a entrada dos estudantes até às 14h da tarde. Essa informação, aparentemente acessória, se faz importante na narrativa de nossos entrevistados e em nossa análise. Em diversas narrativas, o momento de socialização pós-reunião do Núcleo, no bandejão, é destacado como especial. Para os estudantes, a possibilidade, vista por eles como inédita, de constituir uma mesa inteira de estudantes negros no salão do bandejão, era traduzida emocionalmente num sentimento de pertencimento a um grupo e de enfrentamento de uma sensação de solidão e de invisibilidade no campus. Além disso, Abayomi afirma que cada reunião era vista como um pequeno evento, para o qual os membros se preparavam ansiosamente e de forma particular no que se refere, por exemplo, à vestimenta: “*a gente se arrumava tudo, botava turbante, se encontrava as pessoas pretas todas juntas, tirava foto (risos) era muito legal*” (Abayomi). Assim,

incorporando indumentárias africanas, como por exemplo o uso do turbante, os membros do grupo faziam uma declaração pessoal sobre si mesmos, mas também coletiva, afirmando, pela estética, o orgulho de seu pertencimento racial (Crossley, 2003, Gomes, 2017).

Se, por um tempo, o grupo foi aberto à participação de pessoas brancas, a partir do ano de 2014, o grupo passou a ser aberto apenas a pessoas negras. Conforme os relatos dos entrevistados indicam, as pessoas brancas e apoiadoras da luta antirracista passaram a se encaminhar para outros coletivos, com destaque para a Frente Pró-Cotas. A decisão de manter o grupo aberto apenas a pessoas negras passava pela necessidade de garantir um *espaço seguro* (Collins, 2016, p.185), à permanência, autonomia, protagonismo e, em alguns casos, permitindo a exposição do íntimo das pessoas negras engajadas. Partia-se da premissa de que a abertura à participação de pessoas brancas poderia atrair curiosos, não necessariamente comprometidos com o principal objetivo do grupo, o enfrentamento do racismo. Mesmo no caso da participação de brancos antirracistas, na perspectiva dos entrevistados, as dinâmicas das relações raciais geravam tensionamentos que tornavam a posição das pessoas brancas frequentemente hostil.

O grupo se organizou, desde sua fundação, de forma horizontal, dividindo tarefas a partir de comissões (como por exemplo, comissões de comunicação, finanças, cultural, entre outras). Compartilham essa forma de organização com outros grupos que têm sido categorizados como parte dos “novíssimos movimentos sociais”, por Gohn (2017).

Além da organização horizontal, compartilham outras características com coletivos negros universitários que surgiram mais recentemente no Brasil, como a desconfiança com relação à esfera político-partidária; a rejeição à institucionalização, a adesão a múltiplas pautas, várias delas estabelecidas contextualmente; a presença forte na esfera virtual, em páginas criadas e mantidas em redes sociais diversas, entre outras (Mesquita, 2003, Maia, 2013, Medeiros, 2017, Lima, 2018, Bringel & Sposito, 2020, Guimarães, Rios, Sotero, 2020).

Assim, o Núcleo não produziu um estatuto pré-definido. Contudo, os princípios compartilhados pelos participantes estavam bem claros para todos os entrevistados, que atribuem, em suas narrativas, os mesmos principais objetivos ao coletivo conforme comentamos anteriormente. As decisões eram tomadas coletivamente, por votação ou consenso. Além disso, embora apartidário, o NCN nunca foi fechado à participação de

pessoas negras simultaneamente engajadas em partidos políticos. O grupo é relatado como bastante heterogêneo, aglutinando em alguns períodos, pessoas vinculadas a diferentes partidos localizados à esquerda do espectro político, como o PSTU, PSOL, MRT e PT, além de anarquistas. Contudo, a grande maioria dos participantes era composta por militantes independentes. Além disso, a participação no grupo era voluntária, não implicando em nenhum tipo de remuneração ou, em outras palavras, “liberação” para militância, como frequentemente acontece em organizações políticas vinculadas a partidos políticos.

Quando perguntados sobre a existência de lideranças oficialmente estabelecidas, todos os entrevistados afirmam que o NCN era um grupo completamente horizontal. Entretanto, quando perguntados sobre os principais porta-vozes e referências do grupo, todos os entrevistados indicam os mesmos quatro nomes: Abayomi, Taió, Akin e Obi. É curioso também observar que as únicas duas pessoas que não indicaram referências e porta-vozes, afirmando que todos, em diferentes níveis, são referências, foram exatamente Taió e Akin, vistos eles mesmos como referências pelos demais. Conforme já foi comentado no capítulo anterior, esses estudantes percebidos como lideranças se diferenciam com relação aos demais entrevistados enquanto estudantes que chegam ao Núcleo com uma experiência de militância constituída em outros espaços de ação política. Nesses espaços, os militantes adquiriram capitais políticos, traduzidos em competências políticas (Gaxie, 1978) que puderam colocar a serviço da atuação no NCN. Entre essas competências, parecem ter desempenhado um papel especial a incorporação das regras específicas do jogo político no movimento estudantil contemporâneo, o manejo de uma retórica militante, a capacidade de produzir editais, manifestos, panfletos, entre outros.

É importante destacar que uma das habilidades frequentes que acionam e retroalimentam a legitimidade conquistada por essas lideranças orgânicas no contexto da militância no NCN, como observado em outros coletivos universitários negros (Guimarães, Rios, Sotero, 2020) é a boa oratória e o exercício da fala pública. Chegando ao NCN em um contexto em que não havia estatuto, manuais, cartilhas, nem bases teóricas definitivas que determinassem o conteúdo dos discursos públicos, essas lideranças atuam em nome do grupo se manifestando a partir de seus próprios recursos, percepções e formação teórica e política. São lideranças e colocam a serviço do grupo suas bagagens. Sendo mais experientes no jogo político, mediam as relações e em alguns casos “*dão o tom*”, conforme uma entrevistada afirma, mas não sofrem da mesma desconfiança que é

observada com relação aos militantes simultaneamente vinculados a partidos. São militantes autônomos, voluntários, não partidários.

As narrativas dos entrevistados apontam que a emergência do NCN gerou pressões nas entidades e correntes do movimento estudantil que já atuavam na universidade, implicando que passassem a se posicionar de forma mais incisiva com relação ao racismo. Por um lado, o NCN respondia, enquanto grupo independente, à pouca visibilidade oferecida às relações étnico-raciais nesses movimentos (Mesquita, 2003, Lima, 2020). Até à implementação da política de cotas na UNICAMP, em 2017, se constituíram como o único coletivo negro apartidário da universidade. Por outro lado, as narrativas salientam que eram objeto de disputa política em relação às entidades mais tradicionais, que compreendiam o NCN como uma afronta às formas institucionalizadas de fazer política na universidade.

As entrevistas indicam que, além das pressões externas, o cotidiano do grupo foi e ainda é frequentemente marcado por tensões internas. Na imensa maioria das entrevistas, as principais tensões comentadas dizem respeito a disputas entre militantes partidários participantes do núcleo. Por parte dos militantes independentes, a participação de membros de partido é frequentemente classificada como parte de uma estratégia de cooptação do espaço, entendendo que isso prejudicava o encaminhamento das pautas do grupo, conforme os relatos abaixo ilustram:

Alguns coletivos davam atenção, mas no sentido de disputa, acontecia um pouco isso, eu acho que eu peguei um pouco o fim do movimento de pessoas assim, tipo PSTU, PT, PSOL, MRT também... como muitas das vezes a gente ficava discutindo muito se ia se alinhar a um partido ou outro, teve essa fase de a gente não conseguir avançar muito em algumas questões por conta disso... (Malik)

Do que eu entendo, o NCN sempre tentou ser uma esfera apartidária né, mas tinha pessoas dos partidos que colocavam suas questões e que tentavam nos angariar né, pessoas negras articuladas, que sabem falar nos espaços... tentavam cooptar-nos (Núbia).

Começou a ficar um clima mais tranquilo conforme também foram se dissipando alguns embates partidários, as tensões foram ficando menores, por que algumas pessoas só colavam lá no Núcleo pra fazer presença né, mas a partir do momento que sei lá, PSTU perdeu atuação na universidade, se diluiu, se diluiu também no NCN, e daí outro grupo que ocupava mais massivamente já não tem mais um inimigo pra combater dentro do NCN, então já não tem mais interesse em ocupar massivamente aquele espaço, que era o pessoal do MRT (Akin).

Já da perspectiva de militantes simultaneamente engajados em partidos, a desconfiança de membros do Núcleo com relação à presença de militantes partidários é tida como ofensiva.

Aí eu ser do PT, eu ser trotskista, era um problema pra outras pessoas. Teve muita reprodução da política branca (...) algumas pessoas eram muito resistentes. As pessoas achavam que iria colocar hierarquia, que o grupo não ia ser coeso, o que na verdade nunca foi, as pessoas acabam pegando tarefa pela afinidade que tem com determinada coisa. Eu que tinha mais experiência de militância, óbvio que eu pegava as coisas mais densas, porque eu sabia como resolver. Mas quando a gente começa a politizar o processo, é normal ter racha, quanto mais começa a politizar, mais as pessoas começam a colocar as posições políticas e a disputa política é isso né... (Abayomi).

Era essa dupla jornada que eu acho que, eu sempre quis chamar a atenção, olha, faz sentido ser essas duas coisas, militante de partido e do NCN. Cara, era contraditório, era tipo, era como se isso não podia ser pronunciado né, ter uma alergia a se falar sobre o partido e tal (Paki).

Contudo, apesar das tensões e conflitos, o Núcleo é apontado explicitamente, inclusive pelos militantes marcados por multiposicionamentos ativistas, como Lueji e Obi, como o espaço mais saudável e tranquilo para se militar, o que contribuía para que, com relação aos outros espaços de militância, o Núcleo fosse percebido como um refúgio.

Segundo Abayomi, desde o processo de organização do QTCA, os participantes mais familiarizados com discussões relacionadas às relações étnico-raciais perceberam que havia “*gente preta sem nenhum debate racial*”. Assim, passaram a constituir rotinas de formação teórica e política. A formação passou a se configurar, então, como um dos eixos da ação do grupo. Além disso, um outro objetivo central do grupo, compartilhado nas narrativas de todos os entrevistados, era a constituição de um espaço de organização política preta que tinha na noção de acolhimento e afetividade características fundamentais.

A ideia era a gente se organizar politicamente como pessoas pretas né. A gente queria formar um quilombo e ser resistência naquele lugar, aí se organizar politicamente como pessoas pretas inclui a afetividade né, por que a nossa política tem uma outra dimensão, ela não é só a política da disputa, é uma política do acolhimento (Abayomi).

Conforme salienta Stephanie Lima (2020), a centralidade do afeto se apresenta como um enquadramento regular da ação política desenvolvida pelo que a autora denomina como “sujeitos políticos universitários negros”, não apenas no contexto do NCN, mas em coletivos de todo o país. Segundo as narrativas dos entrevistados, essa característica fará parte dos princípios do grupo até os dias de hoje.

A formação para as relações étnico-raciais era conduzida coletivamente, por meio de atividades específicas dirigidas pelos membros do grupo, bem como por meio de eventos abertos a toda a comunidade acadêmica, como o próprio QTCA, cine-debates, rodas de conversa, festivais, entre outros. Esses eventos contavam com a participação de convidados externos à UNICAMP, como intelectuais negros vinculados a outras universidades brasileiras, lideranças do movimento negro, sacerdotes de religiões de matriz africana, mestres de capoeira, *griots*, entre outros indivíduos considerados representantes legítimos de epistemologias negras geralmente não incorporadas no mundo acadêmico. Além disso, o próprio cotidiano da militância é entendido como um espaço contínuo de formação, no sentido da aquisição de competências políticas. A dimensão do acolhimento, também era gestada informalmente nas relações cotidianas estabelecidas pelo grupo, seja no contexto das atividades desenvolvidas pelo NCN, seja pela constituição de redes de sociabilidade que ultrapassaram o pertencimento ao grupo.

Em várias das narrativas, o grupo é referido como um espaço de quilombamento. A mobilização da experiência dos Quilombos, tecnologia africana bantu empregada por escravizados em todo país para a composição de territórios de ação organizada, refúgio e resistência permanente ao sistema escravista (Moura, 1992, Nascimento, 1980) é recuperada pelos entrevistados para traduzir o sentido da existência do NCN, conforme elaborado por Abdias do Nascimento (1980, p. 227): como uma reunião fraterna, um espaço de convivência, de comunhão existencial, com vistas a sobreviver, resistir e desgastar as estruturas racistas. Nesse sentido, todos os entrevistados se referem ao núcleo como um espaço de acolhimento e refúgio, integração e constituição de redes de sociabilidade entre pessoas negras, e de mobilização política antirracista, com enfoque na universidade.

6. *As bandeiras que deram sentido às lutas*

Abayomi afirmou que, ao longo do primeiro ano de existência do NCN, o grupo decidiu não estabelecer um posicionamento quanto à adoção ou não de cotas pela UNICAMP. Afinal, não havia uma posição consensual entre todos os membros sobre a pertinência da defesa desta política. Contudo, é interessante observar que, ao passo que a fundação do NCN foi motivada pelo desejo de mobilizar ações antirracistas na universidade para além das cotas, segundo a narrativa dos demais entrevistados, uma das principais bandeiras defendidas pelo grupo a partir do ano de 2014 foi justamente a

necessidade de enfrentar o problema das baixas taxas de acesso das pessoas negras à universidade e a defesa da implementação da política de cotas. Nesse sentido, é importante destacar que, em 2014, Abayomi, que inicialmente era contra a política de cotas, havia se desengajado do NCN. Ao mesmo tempo, entre outros novos militantes favoráveis à política, Taió se engajara no grupo também no ano de 2014, trazendo a bagagem de ter participado do processo de implementação de cotas étnico-raciais na UNESP. A presença de Taió e sua experiência na UNESP culminou numa reconfiguração dos sentidos da ação política do grupo. O NCN passou a partir de então a colaborar intensamente com a Frente Pró-Cotas, buscando a implementação de cotas raciais, inicialmente em programas de pós-graduação da UNICAMP, o que levou à primeira experiência, em 2015, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Em 2016, o NCN participou intensamente das mobilizações pela implementação da política de cotas para o acesso aos cursos de graduação na universidade. A política foi finalmente aprovada em 2017 e implementada, pela primeira vez, em 2019. Os estudantes são unânimes em afirmar que a adesão da UNICAMP às cotas foi a maior conquista política do grupo até o momento.

Outra bandeira destacada é o combate ao epistemicídio e a luta por tornar visível a produção intelectual negra no âmbito dos currículos de graduação e de pós-graduação. Essa bandeira é traduzida pelos estudantes também como parte da demanda advinda da implementação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileiras nos currículos da educação básica.

Outra pauta defendida pelo grupo, articulada às lutas por acesso, diz respeito a tornar visível a presença das pessoas negras na universidade. Nesse sentido, afirmam que desejavam mostrar que embora poucas pessoas negras existiam na universidade e “a luta dos estudantes também tem cor”. Esse objetivo também estava diretamente relacionado ao de promover um espaço de “protagonismo negro” com o qual pessoas negras pudessem se identificar e que, pela via do acolhimento, contribuísse para permanência dos estudantes negros na universidade.

Outra pauta fundamental era conscientizar racialmente, não apenas as pessoas negras, mas todo o conjunto da universidade. Um segundo objetivo atrelado, era o questionamento da branquitude, de forma geral, e do racismo também no âmbito da esquerda.

7. *Alguns custos, recursos e retribuições do processo*

Conforme as narrativas demonstram, ao passo que o processo de engajamento pode gerar retribuições materiais e simbólicas (Gaxie, 2005), que contribuem para fortalecer e retroalimentar o processo, estar envolvido na militância também implica custos. Nas palavras de Akin, “*a militância também pode ser vista como um fardo, uma responsabilidade, um despendimento de energia*”.

Um exemplo é se sentir marcado na universidade por ser parte do movimento negro. Ao passo que em alguns círculos, isso pode ser percebido como um valor positivo, em outros, isso pode ser assumido como motivação para hostilização. Abrir mão de viver algumas experiências, como fazer intercâmbio, ou poder dar maior atenção a sua vida pessoal e familiar são outros elementos comentados pelos entrevistados. Ainda, ao passo que a grande maioria dos entrevistados tenha se formado em fase, desenvolvido projetos de pesquisa, participado de estágios, entre outras experiências que fazem parte da vida acadêmica, um preço pago por aliar os estudos com a militância se traduzia em um sentimento de exaustão. Além disso, a possibilidade de ser punido por decorrência do envolvimento em determinadas ações políticas era real. Um exemplo é o caso de Akin, que chegou a passar por dois processos de sindicância abertas pela reitoria da universidade, devido justamente a sua posição de visibilidade ao longo da greve pró-cotas de 2016, o que avalia como um processo de perseguição política endossado pela universidade. O processo de desgaste emocional que atravessa a militância também é corroborado por Taió, conforme exemplificam os relatos abaixo.

Eu fui sindicado duas vezes, uma por conta do Kemp, pelo fato de eu ter aberto, eu e mais três pessoas termos abertos Boletim de Ocorrência por que ele agrediu pessoas e me xingou pessoalmente né, foi um caso que teve repercussão inclusive na mídia¹⁸. E aí a UNICAMP resolveu processar todo mundo que abriu boletim de ocorrência contra ele. E aí a outra coisa foi num trancaço¹⁹ no IMEEC, na saída da ocupação, depois da ocupação teve um trancaço no IMEEC por conta de declarações racistas de uma professora, aí milhares de vídeos, aparece uma pessoa negra, falaram que era eu, mas inclusive de forma muito nítida não era eu, inclusive por que eu evitei fazer piquete e eu falava pras pessoas, a gente fazia alguns protocolos dentro do Núcleo né, pra não se expor, a gente sempre teve uma política de cuidado, de não ir pra piquete, a gente falava explicitamente pras pessoas, se a gente

¹⁸ G1 Campinas e Região. 12/07/2016. Confusão entre professor e alunos da UNICAMP acaba na polícia; veja vídeo. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/confusao-entre-professor-e-alunos-da-UNICAMP-acaba-na-policia-veja-video.html>. Acessado em: 04/11/2020.

¹⁹ O termo é utilizado pelos estudantes como sinônimo de piquete.

achava que a polícia ia chegar a gente não ficava dentro do prédio da ocupação, e daí tentava se preservar né... e aí teve processo judicial também por causa do Kemp. Tinha uma advogada, do movimento social, a gente foi pra várias audiências, oitivas e etc. No final das contas parece que fecharam, depois reabriram, fecharam... é uma coisa que hoje em dia não me aflige mais assim, mas na época me afligia por que eu achava que eu podia perder minha bolsa e eu tinha acabado de passar no mestrado, um ano depois da ocupação né, essas coisas começaram a surgir, dá um medo né... (Akin)

Eu acho que o desgaste emocional... eu faço terapia nem sei quantos anos mais, por que pra você tá nesse espaço, você tem que tá muito convicto de quem você é, de quem você quer ser e também preparado por que política é espaço de disputa e a gente ainda está fazendo política numa forma que se a pessoa a internaliza do jeito que ela está passa a reproduzir também as violências do jeito que elas acontecem (Taió)

Além disso, conforme é salientado em algumas narrativas, o processo de conscientização é declarado também como um caminho sem volta. E em algum sentido, isso pode ser doloroso. O aprofundamento da própria existência política e a compreensão da complexidade do racismo, ao mesmo tempo que contribui para que os indivíduos repensem as próprias trajetórias de vida, para além das explicações individuais, também gera sofrimento, justamente pelo entendimento dessa complexidade.

Foi aí que eu entrei mais na discussão de desigualdade motivado pelo racismo... e aí que começou a vir depressão e várias *bad*s psicológicas, inclusive sou depressiva até hoje, porque eu não superei isso e eu acho que eu nunca vou superar a desigualdade racial no Brasil. (...) Esse reconhecimento racial, que ao mesmo tempo que foi bom, foi bastante dolorido o processo né porque você reconhece, daí vem um baque que daí você olha para trás da sua vida e você começa a ver todo o seu passado marcado por isso e finalmente cai a ficha de que não era culpa sua...ok, eu não sou o ser humano perfeito né, mas minha vida podia não ter sido tão dificultada assim, ela podia ter sido um pouco mais *easy* né... (Hanna)

Adicionalmente, a participação na militância também pode gerar estranhamentos no contexto das famílias, que não compreendem a retórica assumida pelos entrevistados a partir da militância, nem a pertinência de seguir dedicando-se a participação política, apesar dos custos e do sofrimento que percebem fazer parte do novo modo de viver dos filhos:

Teve muitas coisas que eu discutia que eu fiquei bem envolvida mesmo com as questões raciais do movimento estudantil, do movimento negro na universidade, por exemplo, eu não conseguia mais conversar com a minha família de um jeito que eles entendessem. Com minha mãe por exemplo, ela não entendia, ela dizia: “cês já passaram por tantas coisas,

por que que vocês continuam estudando sobre isso, continua militando, você já não passou por tanto racismo?” Eu tinha que explicar pra ela que esses processos da universidade são às vezes... processos. É de um nível micro né, são operações que a gente vai discutindo, entrando, a questão da intelectualidade, a questão da epistemologia, dos autores, de uma abordagem teórica, minha mãe queria muito entender por que eu tava tão envolvida com aquilo tudo sendo que ela achava que tinha outras prioridades (Jamila).

Contudo, a narrativa dos entrevistados revela que esse custo é negociado constantemente, na medida em que, parafraseando o entrevistado Obi, eles preferem colocar grande parte dessas experiências não na conta da militância, mas na conta do racismo.

Ainda, das atividades decorrentes do engajamento no NCN e, em especial, a intensa circulação, ampliação da visibilidade do NCN e dos seus membros a partir do processo de mobilização pela implementação das cotas na universidade, foi oportunizado que os estudantes acumulassem recursos, ampliando suas redes, adquirindo aprendizagens e formando alianças em termos políticos e acadêmicos.

Em decorrência da mobilização pelas cotas, por exemplo, os estudantes ampliaram suas redes de contato não apenas com professores da Universidade, mas também de outras universidades do Brasil e do mundo, e lideranças de diferentes organizações do movimento negro no país, que participaram das diferentes atividades que compuseram a mobilização por cotas, como por exemplo, as três audiências públicas, nas quais membros do NCN participaram como parte dos Grupos de Trabalho – GTs responsáveis por sua organização.

Uma experiência que atravessou as trajetórias de engajamento, em especial das lideranças do grupo, em diferentes momentos do processo, mas se intensificou durante as mobilizações pró-cotas e após a sua implementação, diz respeito à reputação que os entrevistados adquiriram, passando a ser convidados com maior frequência a atuar como palestrantes em eventos dentro e fora da UNICAMP.

Conforme veremos no próximo capítulo, no caso de Taió, por exemplo, a circulação nacional que ela teve ao longo processo de luta pelas cotas, permitiu estabelecer redes que a levaram a atuar como assessora parlamentar no mandato de uma deputada, após seu desengajamento do NCN. No caso de Obi, a trajetória militante impulsionou sua candidatura a processos seletivos de doutorado no exterior, sendo aprovado em ambos. Desenvolveu um estágio doutoral na universidade de Harvard por um período de seis meses em 2019, como parte de suas atividades enquanto doutorando em Sociologia na UNICAMP, com bolsa

CAPES, e atualmente cursa doutorado em Filosofia na City University of New York Center – CUNY, em Nova York, com financiamento integral desta universidade, desenvolvendo suas atividades de forma concomitante ao doutorado em Sociologia que está cursando no Brasil.

Da experiência do engajamento, os entrevistados sentem ter adquirido “*consciência e força para enfrentar o mundo*”, conforme afirma Jamila. Além disso, a adesão à militância seguiu valendo o preço pago na medida em que os sujeitos aderiram profundamente a uma percepção de sua própria existência no mundo que passava pela necessidade de intervir coletivamente com vistas a modificar a realidade. Nas palavras de Ayana, “*a militância é isso né, a militância não é uma coisa gostosa né, a gente milita por que precisa*”. Os estudantes atribuem então, um lugar decisivo ao engajamento, como uma prática necessária para a própria autoestima. Por fim, a retribuição de perceber-se ocupando a posição enobrecedora de ser “*instrumento de uma transformação*”, a retribuição proporcionada pelo acolhimento, a possibilidade de constituir uma “*família estendida*” e “*compartilhar a vida*” para além do NCN, a partir das redes de amizades desenvolvidas, e a multiplicidade de aprendizagens decorrentes do processo de engajamento, fizeram a permanência no NCN valer o preço, a despeito das perseguições, conflitos e desgastes, ao longo do período de adesão.

Ainda, conforme Akin relata, o número de pessoas engajadas no NCN variava entre quatro a 20 no máximo. No entanto, na ocasião da greve por cotas, o grupo era constituído por apenas seis estudantes. Três deles eram aqueles militantes considerados pelos demais entrevistados como lideranças, uma estava no grupo desde 2014 e outros dois eram estudantes que haviam aderido mais recentemente ao grupo. Assim, é curioso observar que, embora o número de engajados diretamente no processo de mobilização pela adoção de cotas, em nome do NCN, tenha sido reduzido, todo o conjunto de 14 entrevistados considera como uma conquista pessoal e coletiva a implementação da política. Por um lado, por que entendem que as conquistas atuais são processuais e remontam a lutas passadas, das quais participaram. Nesse sentido, a máxima de Jurema Werneck, “*nossos passos vêm de longe*”, é evocada. Por outro lado, como já comentamos, e exploraremos melhor no próximo capítulo, a despeito dos processos de engajamento no NCN, todos os entrevistados demonstram um profundo apego à identidade militante. Seguem se considerando militantes do movimento negro, mesmo nos casos em que não estão associados a nenhum grupo, ao passo que politizam as ações desenvolvidas em outras esferas da vida.

Conclusões

Os processos de adesão dos estudantes ao Núcleo de Consciência negra têm relação com a oferta tentadora de deslocarem-se de uma condição de marginalidade e solidão, da posição de *outsiders*, para uma condição de pertencimento a um grupo próprio, onde pudessem ser integrados, acolhidos e organizarem-se para responder aos desafios impostos pelas diferentes formas pelas quais o racismo era percebido na universidade.

Em seus primeiros momentos na UNICAMP, esses estudantes foram interpelados pela percepção de sua própria condição minoritária enquanto negros e oriundos das camadas populares. Chegando à universidade com pouco capital informacional sobre seu funcionamento, e sem garantias familiares quanto a sua manutenção financeira nesse espaço, são em grande maioria acolhidos como hóspedes em casas da moradia estudantil, criando as primeiras redes de amizade, e são rapidamente inseridos em relações sociais articuladas ao movimento estudantil pró-permanência e em alguns casos, membros do NCN, configurando os primeiros convites à participação no coletivo. Além disso, o sentimento geral de deslocamento no contexto da universidade, contribui para que se mostrem bastante receptivos à proposta de constituir uma coletividade negra no campus.

Adicionalmente, o fato de o NCN ter representado durante muitos anos o único coletivo apartidário da universidade, coloca essa organização em uma posição privilegiada na dinâmica das ofertas militantes, não contando com concorrências semelhantes.

Concordando com o que é apontado na literatura especializada, redes de amizade direta ou parcialmente relacionadas ao NCN foram os principais responsáveis pelo processo de recrutamento dos estudantes entrevistados. Outro elemento que favoreceu a ativação das disposições ao engajamento em ação foi a condição de ampla disponibilidade biográfica dos entrevistados. Além de vivenciarem a universidade em dedicação exclusiva, em especial pela fruição das bolsas auxílio permanência oferecidos pela universidade, e estarem vinculados a cursos de graduação e pós-graduação relacionados às ciências humanas, nos quais as aprendizagens mobilizadas na ação política podiam ser mobilizadas para garantir sucesso acadêmicos, permitindo que os entrevistados reconvertessem capitais políticos em capitais científicos, soma-se o fato de que a adesão ao engajamento também se confunde, de certo modo, com o próprio processo de ingresso

na universidade, já que a grande maioria deles se engaja nos primeiros anos de curso, colocando a militância numa posição privilegiada diante de outras experiências que poderiam fazer parte de suas vidas acadêmicas.

O modo de organização do grupo, horizontal, autônomo e avesso a institucionalização, acaba por selecionar seus membros no sentido de favorecer o engajamento de militantes apartidários, condição comum à maioria dos entrevistados. Nesse sentido, militantes mais experientes, e cujas trajetórias de engajamento remontam a outros espaços de mobilização política, acabam por ocupar papéis de liderança, colocando a serviço do grupo suas competências políticas (Gaxie, 1978), legitimando suas posições pelo sistemático exercício da fala pública. Ainda, por não serem partidários, não sofrem da mesma desconfiança pela qual passam os militantes simultaneamente engajados em partidos, cuja adesão ao grupo é frequentemente entendida como parte de estratégias de aparelhamento e cooptação.

Os entrevistados apresentaram motivações comuns ao processo de engajamento. De forma geral, os sentidos da adesão passam pelo desejo de ter acesso a formação para as relações étnico-raciais e a militância, pela busca por representatividade, pela busca por acolhimento, e em alguns casos, como resultado de processos recentes de reelaboração do próprio pertencimento racial. Além disso, há processos de engajamento motivados principalmente pela incorporação de um sentido para a própria existência no mundo e na universidade, necessariamente atrelados a mobilização coletiva com vistas à transformação da realidade social. Contudo, de forma geral, todos esses elementos se fazem presentes nas narrativas dos entrevistados, embora alguns pareçam ter papel proeminente para as lógicas individuais de adesão entre uns e outros. Ao passo que essas expectativas são atendidas no curso da participação no grupo, e os esquemas interpretativos socializados no grupo são incorporados, os processos de engajamento são intensificados. Além disso, as aprendizagens, as redes de sociabilidade, a visibilidade e o prestígio adquiridos por meio do envolvimento no NCN se configuram como algumas das retribuições materiais e simbólicas dos processos de engajamento, sendo negociadas, com relação aos custos do processo, como o cansaço e a possibilidade de perseguição, em favor da manutenção da adesão.

Ainda, embora o cotidiano do grupo seja atravessado por tensões e conflitos, relacionados, de forma geral, a disputas internas entre partidos, questões de gênero, geracionais e percepções diferenciadas quanto a extensão das demandas a serem

acolhidas pelo grupo, entre outros tópicos cotidianos, o grupo é indicado pela maioria dos entrevistados, incluindo aqueles simultaneamente posicionados em diferentes esferas de militância, como um espaço afetivamente confortável para se militar.

Por fim, as redes de sociabilidade dos entrevistados se tornaram profundamente atreladas ao engajamento, orbitando em torno de seus membros. Relacionando-se, em alguns níveis, como em uma “família estendida”, os entrevistados compartilham o cotidiano, para além das atividades relacionadas ao NCN, constituindo relações de amizade duradouras e retroalimentando os processos de engajamento. Nesse sentido, conforme será discutido no capítulo seguinte, para a grande maioria dos entrevistados os processos de desengajamento do Núcleo foram vividos com pesar, e em parte deles, por força de crises biográficas.

CAPÍTULO III – PROCESSOS DE DESENGAJAMENTO E IMPLICAÇÕES BIOGRÁFICAS

Entendemos que o desengajamento representa um fenômeno tão diverso quanto aquele que explica o engajamento, um fenômeno variável tanto do ponto de vista das *motivações*, quanto com relação ao *modo* como se formalizam os processos, e das razões objetivas e subjetivas que as explicam, além dos diferentes caminhos que os sujeitos percorrem após o desengajamento (Fillieule, 2010).

Ao passo que os processos de engajamento são também informados por ajustes e negociações entre as múltiplas esferas de vida em que os atores estão inseridos (Passy & Giugni, 2000, Fillieule, 2010), sendo considerados, neste cálculo, os custos e retribuições envolvidos nos processos, o mesmo ocorre com relação ao desengajamento. Em alguns casos, a possibilidade de reconversão dos capitais políticos obtidos em atividades relacionadas a outros âmbitos da vida social e em novos projetos de futuro, contribuem fundamentalmente para a deserção. Em outros, os processos são diretamente afetados pela dimensão da modificação do apego emocional em relação ao grupo, os membros, e a causa. Ainda, podem acontecer por força de crises biográficas, como transformações importantes no status individual de cada sujeito, relacionadas ao sustento material, reconfiguração familiar, questões de saúde, entre outras experiências que podem tornar a adesão ao grupo impossibilitada ou pouco significativa diante de contingências que atravessam as vivências dos atores.

Diversificadas também são as implicações biográficas resultantes da adesão de cada sujeito à militância. Aqui, assumimos a noção de implicações biográficas na esteira de Giugni (2004), entendendo-as como efeitos sobre o curso da vida de atores envolvidos na militância que podem ser remetidos, ao menos em parte, aos processos de adesão à militância.

No presente capítulo, temos como objetivo analisar os processos de desengajamento dos estudantes entrevistados com relação ao NCN, procurando sinalizar algumas implicações biográficas que parecem estar associadas à adesão à militância que vivenciaram neste grupo.

O capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, discutimos os diferentes sentidos da deserção dos membros com relação ao grupo. Na segunda parte do capítulo, nos debruçamos sobre algumas implicações biográficas, a saber, a sedimentação de uma identidade militante e a conversão da militância em uma atividade incorporada a vida profissional, seja na atuação como educadores, na constituição de carreiras acadêmicas, ou na esfera da política institucional.

1. Passando o bastão: investindo em novos projetos de futuro após a aprovação das cotas-raciais

Conforme sublinhamos anteriormente, a luta pela política de cotas-raciais que ocorreu entre os anos de 2014 e 2017 se configurou como a principal pauta defendida pelo NCN. Essa pauta, ao passo que contribuiu para dar sentido à adesão dos estudantes ao grupo, ao ser conquistada, também se configurou como uma razão significativa para o desengajamento. O sentimento de “missão cumprida” é expressado pelos militantes que estiveram envolvidos no grupo até poucos anos depois da aprovação da política de cotas, em 2017.

Diante dessa conquista, embora felizes e realizados, os estudantes declaram terem ficado exaustos. No caso de Jamila, o intenso envolvimento nas atividades do grupo e na condução da greve pelas cotas, ao passo que trouxe aprendizagens importantes, também se tornou cada vez mais difícil de compatibilizar com as responsabilidades exigidas por seu curso de graduação. Jamila afirma ter se desengajado por que “estava sem tempo nenhum e precisava muito se formar”. Além disso, a família exigia mais de sua presença física, em sua casa na Brasilândia, em São Paulo. Ainda, há um ponto importante, que diferencia a posição de Jamila com relação ao restante do grupo de estudantes entrevistados. Ela não direcionou sua formação para a constituição de uma carreira acadêmica. Vinculada ao curso de Letras, demonstra em seu relato que o desengajamento também passou por um cálculo com relação ao repertório que sua formação e profissão desejada, inicialmente como professora na Educação Básica, exige:

Eu dediquei bastante tempo ao Núcleo, eu ia nas reuniões, fazia ata, fazia formação, isso tomava uma energia muito grande que por que eu coloquei isso em um lugar bem importante da minha vida também, essa luta foi muito importante pra mim e eu passei muito tempo fazendo isso organizando atividades, ajudando, colaborando, então eu tive que sair pra conseguir me formar, fazer todas as matérias, ir em todas as aulas, ler todos os textos (...) teve uma questão também que eu acho que as relações raciais não tem um lugar central em muitos outros ambientes por exemplo, eu faço um curso de licenciatura e não é sempre que o

racismo, as Relações Étnico-Raciais vão ter um papel central como tinha no Núcleo, então eu não acho que é um prejuízo mas é um ponto né, não é sempre que eu vou ter como dizer que essa bagagem tem um espaço central, então eu sai do Núcleo por causa disso eu tinha que estudar muita coisa e eu tava sem tempo, eu precisava entregar muitos trabalhos, e eu precisava me dedicar mais em outras frentes, que era a coisa do meu curso mesmo, precisava organizar muitas coisas, muito trabalho pra fazer na minha casa, muito trabalho na casa da minha mãe, precisava ficar mais perto da minha família por que eles estavam em um momento em que precisavam muito de mim, então eu comecei a ir por outros caminho pra seguir minha vida e me estruturar enquanto mulher independente né, eu preciso ter um emprego, preciso de um monte de coisa que eu vou precisar trabalhar muito pra conseguir ter quando eu sair da faculdade (Jamila).

O relato de Malik também compartilha uma dimensão importante envolvida em alguns processos. Ao passo que o grupo deixa de atender as expectativas individuais e os sentidos assumidos pelos atores para suas lógicas de adesão, a permanência no grupo perde também o sentido. No caso específico de Malik, sua principal motivação para adesão ao grupo passava pela formação para as relações étnico-raciais e constituição de uma “consciência negra”. Ele relata que embora em seu segundo ano, pensasse em se afastar do grupo, a greve por cotas contribuiu para que um novo sentido fosse atrelado à participação. Além disso, as reuniões, assembleias, e as formas variadas pelas quais o grupo atuava na greve, constituíam para si um importante espaço de aprendizado. Na medida em que o grupo tem sua principal pauta atendida e as reuniões posteriores se tornam menos organizadas, já que a pauta mais urgente já havia sido acolhida, o interesse de Malik mingua.

Mas depois... ainda... assim, teve o problema das coisas não avançarem, não encaminhava as pautas, passava a reunião e tinha coisa que não andava, quem pegava coisa pra fazer não fazia, eu tentava mas eu vi que não tava dando assim, tentava falar pro pessoal, ah, vamos voltar pra pauta, vamos discutir, vamos fazer... mais foi dando assim um tempo que eu já não quis insistir nisso assim, foi um tempo que o Núcleo não tava muito bem organizado nesse sentido assim... (Malik)

Contudo, um outro elemento é importante nesse cálculo. Se o NCN não representava mais um espaço significativo de formação, oportunidades de reconversão das competências adquiridas no processo de adesão ao Núcleo em outros coletivos de militância, ambos vinculados à formação se apresentaram. Por um lado, Malik se vincula como educador em um cursinho popular, por outro, ocupa nesse mesmo período a posição como fundador, ao lado de outros estudantes do curso de graduação em Filosofia, do Grupo de Estudos em Filosofia Africana e Afro-diaspórica – GEFAA.

Eu saí também por que apareceu uma oportunidade de eu ser bolsista num cursinho popular, que é uma coisa que eu já queria me envolver, o Quilombo Urbano, tava me sentindo mais útil, vendo as coisas acontecerem, então eu saí tanto do NCN quanto do centro acadêmico nessa época. E aí o GEFAA começou na mesma época, saí do cursinho no ano passado, fiquei três anos... (Malik)

Entre os militantes considerados lideranças do grupo, os processos de desengajamento do NCN também são fundamentalmente marcados pela sensação de que a principal missão de suas gerações no grupo havia sido cumprida (garantir a adesão à política de cotas pela universidade) e pela priorização de suas próprias carreiras acadêmicas. No caso de Taió, a finalização da graduação e ingresso no mestrado em História Social. No caso de Obi a aplicação em processos seletivos para o doutorado no exterior. O único a permanecer no grupo por mais tempo, foi Akin. Assim como em seu envolvimento na infância e adolescência, onde se configurou como o único jovem multiplicador da ONG em que foi atendido na infância, o “Projeto Travessia”, no contexto do NCN, também tomou para si a responsabilidade de garantir que o grupo “ficasse pra sempre”. Assumindo esse papel, Akin passou a ativamente procurar ensinar os demais membros do grupo, engajados após a luta por cotas, competências necessárias para a sua continuidade, procurando estimular o surgimento de outras lideranças. Após um período de atuação assumida por ele como de transição, percebeu que para além da necessidade pessoal de desengajar-se, com vistas a investir em outras esferas de sua vida, sua presença no NCN se configurava como um obstáculo para que os demais militantes de fato se comportassem de forma independente com relação ao grupo, conforme sinaliza o relato transcrito a seguir:

No final da minha atuação no NCN eu era a pessoa mais velha do Núcleo. Isso já há algum tempo, eu já era a pessoa com mais tempo de trajetória no Núcleo, então eu já tava com quatro anos de trajetória no Núcleo e outras pessoas com trajetória mais antiga tinham em torno de um ano no máximo. Então já tinha uma geração muito mais nova, e aí eu decidi sair pra tomar conta dos meus projetos pessoais, e também por que eu fiquei meio que um ano e meio passando o bastão, eu já via como um processo de transição pra mim... então ensinar as pessoas a fazerem determinadas coisas e também não sair e ficar assim largado... eu tinha uma preocupação, as pessoas tinham a preocupação de sair e o Núcleo acabar né. E eu acho que eu consegui fazer uma boa transição nesse sentido sabe, incentivar as pessoas a falarem, fazerem o QTCA, participarem das bancas, como lidar com as organizações... a gente teve uma série de coisas que aconteceram que fez parte da transição, mas que eu consegui meio que encaminhar, desocupar também esse lugar de ser a pessoa que vai falar... e o NCN tá aí até hoje. Eu vi que já tava na hora desse espaço ser ocupado por outras pessoas, queria me dedicar

melhor ao meu mestrado, fazer estágio no exterior, também cuidar da minha vida pessoal, ler minhas coisas, ter mais tranquilidade por que o Núcleo consumia muito tempo da minha vida. Mas eu também via que era um momento que não era bom pro Núcleo a minha permanência sabe, por que as pessoas precisavam andar com as próprias pernas né, e ficavam muito em torno de mim... dar uma refrigerada na atuação das pessoas... (Akin)

Contudo, embora esses processos de desengajamento sejam diversificados em seus meandros, um fator comum está implicado: o custo emocional envolvido. Para maioria deles, o desengajamento é visto como um processo penoso e que foi decidido após longo tempo de elaboração e hesitação: A narrativa de Talib quanto a seu processo de desengajamento, representa bem o custo emocional assumido no processo de deserção do grupo, diretamente atrelado a incorporação de uma profunda sensibilidade com o social e a valorização das saídas coletivas:

Foi bastante difícil, quando a gente tá militando parece que cai várias responsabilidades sobre a nossa cabeça, parece que sempre o movimento é maior que a gente, tipo, parece que sempre é uma coisa que vai além, então às vezes eu pensava em desengajar mas aí eu sempre pensava: “mas caramba, eu sair de algo tão coletivo por uma razão tão individual...”, então ao mesmo tempo que me batia essa vontade também tinha do outro lado a minha responsabilidade coletiva né... então foi bastante difícil assim, complicado... bate um sentimento de culpa sabe (Talib).

Um outro exemplo desse processo de hesitação é o de Núbia. O comprometimento com o grupo e com a causa da implementação das cotas, além das redes de sociabilidade estabelecidas por ela no movimento negro interno e externo à universidade, fizeram com que, embora desengajada em 2018, ela se (re)engajasse em 2019, com o objetivo de prestar apoio ao processo de implementação das primeiras bancas de hétero-identificação.

Eu saí com muita dor no coração assim, enrolei muito pra sair... mas Núbia, é isso, já deu seu tempo, vai ter que ir pra outras instituições... saí mas as pessoas sempre procuram a gente né, pra discutir as questões, e aí veio o primeiro vestibular com as cotas, eu ainda tava tentando participar da recepção dessas pessoas, que não saiu, e aí veio a questão das fraudes... e aí com o NCN e com outro projeto que eu tinha feito em SP eu conheci a Educafro. Eu participei de um projeto que eu achei que era pra quem queria entender de políticas públicas, por fim era um outro projeto, pra fazer negócios sociais, que foi durante um ano em São Paulo, a gente se reunia todo final de semana por uma instituição que eu posso dizer que era ligada a fundação Lemman, criada por pessoas que saíram dessa fundação, e todo final de semana tinha

formação, e em uma das formações foi o Frei Davi falar sobre o Educafro, e aí tinha alguns negros no Pró-líder (nome do projeto) e aí a gente se conheceu e estabeleceu um contato... aí quando surge essa questão das denúncias alguns estudantes procuram a Educafro pra ajudar e aí a gente acaba se acionando enquanto rede, e aí a Educafro acabou tendo bastante atuação no processo de denúncia e de organização das comissões de hetero-identificação na UNICAMP, aí eu voltei pro NCN pra fazer parte disso, fui intimada basicamente pela CADER pra fazer parte e aí eu fui. Mas também já saí por que aconteceram algumas coisas das quais eu fiquei muito chateada e eu falei, agora é mesmo hora de sair e fazer outros projetos (Núbia).

É interessante observar que Núbia afirma ter sido intimada pela Comissão Assessora de Diversidade Racial – CADER, recentemente criada, a partir de uma das demandas levantadas ao longo da greve por cotas, que dizia respeito à criação de uma secretaria voltada à promoção da igualdade racial na universidade. Essa intimação é um indicativo do reconhecimento da instituição quanto a uma reputação adquirida por Núbia no curso de sua militância. O que por um lado pode ser visto como uma retribuição, por outro também pode ser percebido como um custo. Outro relato de Núbia sobre o assunto reflete a complexidade dessa questão:

Dos prejuízos é uma questão de uma sobrecarga de trabalho, a gente já tem muito trabalho na universidade, a gente já tava fazendo trabalho de graça para uma instituição que, na real, deveria estar nos pagando pelo conhecimento que a gente tem... um trabalho de pensar política pública, a gente pensou em tudo, pensou em como ia ser a política de cotas, em como implementar a banca de hetero-identificação, em como gerir denúncia, eu fui fazer parte depois do grupo gestor do Pacto de Direitos Humanos por conta da participação no NCN, então assim, embora isso tenha sido talvez, um logro, “nossa você fez parte do Pacto dos Direitos Humanos”, mas deu muito trabalho, e deu muito trabalho mesmo com essas pessoas que estavam achando que estavam fazendo bem e incluindo, no quanto essas pessoas não tem uma construção, um debate firme racialmente falando assim né... não conhecem as pessoas que estão debatendo esse assunto, então é a gente o tempo todo ensinando como a Universidade pode se tomar diversa, como é que ela pode ser mais aberta e muitas vezes a gente sendo atacado por isso né, seja institucionalmente ou seja também nas relações informais né, numa conversa, numa coisinha que aconteceu aqui ou ali... (Núbia).

Núbia afirma ter se desengajado novamente do NCN no início de 2020 devido a conflitos que diziam respeito a novas propostas de organização interna do grupo, encabeçadas pelos membros atuais, e sobre as quais ela não concordava. Entende que estão se constituindo hierarquias fixas no grupo. Segundo comentou brevemente,

as pessoas têm tentado agora colocar departamentos, mas isso não me agrada assim, então até por isso que eu saí e também por que eu já tô bem cansada de ficar discutindo na universidade, brigando toda hora com todo mundo (risos) mas enfim... (Núbia)

A percepção de que o grupo está se tornando hierarquicamente definido, de forma institucionalizada, também é compartilhada por Zuri, que se reengaja no início de 2020 e se desengaja também no mesmo período que Núbia. É curioso observar que a proposta de organização interna estabelecida pela geração de militantes engajados atualmente, a maioria ingressantes via a política de cotas, é bastante parecida com aquela que no primeiro ano de existência do NCN, culminou em conflitos que em partes definiram os primeiros processos de desengajamento entre os militantes do NCN, entre eles, o de duas militantes fundadoras: Abayomi e Adenike. Segundo relata Ayana, alguns participantes do grupo propuseram que além de comissões de trabalho (modo de organização que acompanhou o NCN de sua fundação até muito recentemente), havia também a proposta de que em cada comissão, um militante fosse responsável por gerenciar internamente as atividades, conforme sinalizam os relatos de Ayana e Abayomi.

No final, quando eu saí, a gente tava tentando dividir em coordenações, pra dividir as tarefas de forma mais fixa, mas algumas pessoas eram muito resistentes. As pessoas achavam que iria colocar hierarquia, que o grupo não ia ser coeso, o que na verdade nunca foi, as pessoas acabam pegando tarefa pela afinidade que tem com determinada coisa... eu que tinha mais experiência de militância, óbvio que eu pegava as coisas mais densas, por que eu sabia como resolver. E aí então a ideia era ter coordenação rotativa, finanças, formação, onde a gente chegou a fazer algumas atividades muito legais, comunicação... (Abayomi)

Só que a ideia era o estabelecimento de comissões né. De ter a comissão do cultural, financeiro, enfim, cada um era responsável por uma comissão e aí tinha o debate sobre a centralização das coisas por que tinham pessoas que eram a favor de centralizar e tinha pessoas que não, e aí isso foi alvo de alguns embates. Tem pessoas que enxergam essa centralização como uma espécie de hierarquia e tem pessoas que não, que acham que é só pra organizar mesmo... ia ter uma pessoa responsável por mandar em todo mundo, tipo (risos)... tipo assim, uma pessoa ia ficar responsável por ver se todo mundo fez o que tinha que fazer e chamar pra responsabilidade, supervisionar essas comissões, eu pelo menos entendia assim, isso tem muito a ver com o modelo de militância a qual cada pessoa estava filiada, nós tínhamos pessoas em partido, tínhamos pessoas anarquistas, independentes, então isso fazia com que o formato fosse uma questão né... (Ayana)

Atualmente, segundo o relato de Núbia e Zuri, o modo de organização anteriormente rejeitado por um conjunto de membros do NCN que participavam do grupo

em 2014, e que acabaram por vencer as disputas na época, está sendo assumida como a principal forma de organização da geração atual. Compreender as razões dessas diferenças internas e geracionais, permanece como uma lacuna para estudos futuros. Quanto a esses processos de desengajamento, motivados por conflitos em torno da noção de hierarquia, serão melhor abordados no tópico a seguir.

Conforme sublinhamos anteriormente, a luta pela política de cotas-raciais que ocorreu entre os anos de 2014 e 2017 se configurou como a principal pauta defendida pelo NCN. Essa pauta, ao passo que contribuiu para dar sentido à adesão dos estudantes ao grupo, ao ser conquistada, também se configurou como uma razão significativa para o desengajamento. O sentimento de “missão cumprida” é expresso pelos militantes que estiveram envolvidos no grupo até poucos anos depois da aprovação da política de cotas, em 2017.

Diante dessa conquista, embora felizes e realizados, os estudantes declaram terem ficado exaustos. No caso de Jamila, o intenso envolvimento nas atividades do grupo e na condução da greve pelas cotas, ao passo que trouxe aprendizagens importantes, também se tornou cada vez mais difícil de compatibilizar com as responsabilidades exigidas por seu curso de graduação. Jamila afirma ter se desengajado por que “estava sem tempo nenhum e precisava muito se formar”. Além disso, a família exigia mais de sua presença física, em sua casa na Brasilândia, em São Paulo. Ainda, há um ponto importante que diferencia a posição de Jamila com relação ao restante do grupo de estudantes entrevistados. Ela não direcionou sua formação para a constituição de uma carreira acadêmica. Vinculada ao curso de Letras, demonstra em seu relato que o desengajamento também passou por um cálculo com relação ao repertório que sua formação e profissão desejada, inicialmente como professora na Educação Básica, exige:

Eu dediquei bastante tempo ao Núcleo, eu ia nas reuniões, fazia ata, fazia formação, isso tomava uma energia muito grande que por que eu coloquei isso em um lugar bem importante da minha vida também, essa luta foi muito importante pra mim e eu passei muito tempo fazendo isso organizando atividades, ajudando, colaborando, então eu tive que sair pra conseguir me formar, fazer todas as matérias, ir em todas as aulas, ler todos os textos (...) teve uma questão também que eu acho que as relações raciais não tem um lugar central em muitos outros ambientes por exemplo, eu faço um curso de licenciatura e não é sempre que o racismo, as Relações Étnico-Raciais vão ter um papel central como tinha no Núcleo, então eu não acho que é um prejuízo mas é um ponto né, não é sempre que eu vou ter como dizer que essa bagagem tem um espaço central, então eu sai do Núcleo por causa disso eu tinha que estudar muita coisa e eu tava sem tempo, eu precisava entregar muitos trabalhos, e eu precisava me dedicar mais em outras frentes, que era a coisa do meu curso mesmo, precisava organizar muitas coisas, muito

trabalho pra fazer na minha casa, muito trabalho na casa da minha mãe, precisava ficar mais perto da minha família por que eles estavam em um momento em que precisavam muito de mim, então eu comecei a ir por outros caminho pra seguir minha vida e me estruturar enquanto mulher independente né, eu preciso ter um emprego, preciso de um monte de coisa que eu vou precisar trabalhar muito pra conseguir ter quando eu sair da faculdade (Jamila).

O relato de Malik também compartilha uma dimensão importante envolvida em alguns processos. Ao passo que o grupo deixa de atender as expectativas individuais e os sentidos assumidos pelos atores para suas lógicas de adesão, a permanência no grupo perde também o sentido. No caso específico de Malik, sua principal motivação para adesão ao grupo passava pela formação para as relações étnico-raciais e constituição de uma “consciência negra”. Ele relata que embora em seu segundo ano, pensasse em se afastar do grupo, a greve por cotas contribuiu para que um novo sentido fosse atrelado à participação. Além disso, as reuniões, assembleias, e as formas variadas pelas quais o grupo atuava na greve, constituíam para si um importante espaço de aprendizado. Na medida em que o grupo tem sua principal pauta atendida e as reuniões posteriores se tornam menos organizadas, já que a pauta mais urgente já havia sido acolhida, o interesse de Malik mingua.

Mas depois... ainda... assim, teve o problema das coisas não avançarem, não encaminhava as pautas, passava a reunião e tinha coisa que não andava, quem pegava coisa pra fazer não fazia, eu tentava mas eu vi que não tava dando assim, tentava falar pro pessoal, ah, vamos voltar pra pauta, vamos discutir, vamos fazer... mais foi dando assim um tempo que eu já não quis insistir nisso assim, foi um tempo que o Núcleo não tava muito bem organizado nesse sentido assim... (Malik)

Contudo, um outro elemento é importante nesse cálculo. Se o NCN não representava mais um espaço significativo de formação, oportunidades de reconversão das competências adquiridas no processo de adesão ao Núcleo em outros coletivos de militância, ambos vinculados à formação se apresentaram. Por um lado, Malik se vincula como educador em um cursinho popular, por outro, ocupa nesse mesmo período a posição como fundador, ao lado de outros estudantes do curso de graduação em Filosofia, do Grupo de Estudos em Filosofia Africana e Afro-diaspórica – GEFAA.

Eu saí também por que apareceu uma oportunidade de eu ser bolsista num cursinho popular, que é uma coisa que eu já queria me envolver, o Quilombo Urbano, tava me sentindo mais útil, vendo as coisas acontecerem, então eu sai tanto do NCN quanto do centro acadêmico

nessa época. E aí o GEFAA começou na mesma época, saí do cursinho no ano passado, fiquei três anos... (Malik)

Entre os militantes considerados lideranças do grupo, os processos de desengajamento do NCN também são fundamentalmente marcados pela sensação de que a principal missão de suas gerações no grupo havia sido cumprida (garantir a adesão à política de cotas pela universidade) e pela priorização de suas próprias carreiras acadêmicas. No caso de Taió, a finalização da graduação e ingresso no mestrado em História Social. No caso de Obi a aplicação em processos seletivos para o doutorado no exterior. O único a permanecer no grupo por mais tempo, foi Akin. Assim como em seu envolvimento na infância e adolescência, onde se configurou como o único jovem multiplicador da ONG em que foi atendido na infância, o “Projeto Travessia”, no contexto do NCN, também tomou para si a responsabilidade de garantir que o grupo “ficasse pra sempre”. Assumindo esse papel, Akin passou a ativamente procurar ensinar os demais membros do grupo, engajados após a luta por cotas, competências necessárias para a sua continuidade, procurando estimular o surgimento de outras lideranças. Após um período de atuação assumida por ele como de transição, percebeu que para além da necessidade pessoal de desengajar-se, com vistas a investir em outras esferas de sua vida, sua presença no NCN se configurava como um obstáculo para que os demais militantes de fato se comportassem de forma independente com relação ao grupo, conforme sinaliza o relato transcrito a seguir:

No final da minha atuação no NCN eu era a pessoa mais velha do Núcleo. Isso já há algum tempo, eu já era a pessoa com mais tempo de trajetória no Núcleo, então eu já tava com quatro anos de trajetória no Núcleo e outras pessoas com trajetória mais antiga tinham em torno de um ano no máximo. Então já tinha uma geração muito mais nova, e aí eu decidi sair pra tomar conta dos meus projetos pessoais, e também por que eu fiquei meio que um ano e meio passando o bastão, eu já via como um processo de transição pra mim... então ensinar as pessoas a fazerem determinadas coisas e também não sair e ficar assim largado... eu tinha uma preocupação, as pessoas tinham a preocupação de sair e o Núcleo acabar né. E eu acho que eu consegui fazer uma boa transição nesse sentido sabe, incentivar as pessoas a falarem, fazerem o QTCA, participarem das bancas, como lidar com as organizações... a gente teve uma série de coisas que aconteceram que fez parte da transição, mas que eu consegui meio que encaminhar, desocupar também esse lugar de ser a pessoa que vai falar... e o NCN tá aí até hoje. Eu vi que já tava na hora desse espaço ser ocupado por outras pessoas, queria me dedicar melhor ao meu mestrado, fazer estágio no exterior, também cuidar da minha vida pessoal, ler minhas coisas, ter mais tranquilidade por que o Núcleo consumia muito tempo da minha vida. Mas eu também via que era um momento que não era bom pro Núcleo a minha permanência sabe, por que as pessoas precisavam andar com as próprias pernas né, e

ficavam muito em torno de mim... dar uma refrigerada na atuação das pessoas... (Akin)

Contudo, embora esses processos de desengajamento sejam diversificados em seus meandros, um fator comum está implicado: o custo emocional envolvido. Para maioria deles, o desengajamento é visto como um processo penoso e que foi decidido após longo tempo de elaboração e hesitação: A narrativa de Talib quanto a seu processo de desengajamento, representa bem o custo emocional assumido no processo de deserção do grupo, diretamente atrelado a incorporação de uma profunda sensibilidade com o social e a valorização das saídas coletivas:

Foi bastante difícil, quando a gente tá militando parece que cai várias responsabilidades sobre a nossa cabeça, parece que sempre o movimento ele é maior que a gente, tipo, parece que sempre é uma coisa que vai além, então às vezes eu pensava em desengajar mas aí eu sempre pensava: “mas caramba eu sair de algo tão coletivo por uma razão tão individual...”, então ao mesmo tempo que me batia essa vontade também tinha do outro lado a minha responsabilidade coletiva né... então foi bastante difícil assim, complicado... bate um sentimento de culpa sabe (Talib).

Um outro exemplo desse processo de hesitação é o de Núbia. O comprometimento com o grupo e com a causa da implementação das cotas, além das redes de sociabilidade estabelecidas por ela no movimento negro interno e externo à universidade, fizeram com que, embora desengajada em 2018, ela se (re)engajasse em 2019, com o objetivo de prestar apoio ao processo de implementação das primeiras bancas de hétero-identificação.

Eu saí com muita dor no coração assim, enrolei muito pra sair... mas Núbia, é isso, já deu seu tempo, vai ter que ir pra outras instituições... saí mas as pessoas sempre procuram a gente né, pra discutir as questões, e aí veio o primeiro vestibular com as cotas, eu ainda tava tentando participar da recepção dessas pessoas, que não saiu, e aí veio a questão das fraudes... e aí com o NCN e com outro projeto que eu tinha feito em SP eu conheci a Educafro. Eu participei de um projeto que eu achei que era pra quem queria entender de políticas públicas, por fim era um outro projeto, pra fazer negócios sociais, que foi durante um ano em São Paulo, a gente se reunia todo final de semana por uma instituição que eu posso dizer que era ligada a fundação Lemman, criada por pessoas que saíram dessa fundação, e todo final de semana tinha formação, e em uma das formações foi o Frei Davi falar sobre o Educafro, e aí tinha alguns negros no Pró-líder (nome do projeto) e aí a gente se conheceu e estabeleceu um contato... aí quando surge essa questão das denúncias alguns estudantes procuram a Educafro pra ajudar e aí a gente acaba se

acionando enquanto rede, e aí a Educafro acabou tendo bastante atuação no processo de denúncia e de organização das comissões de hetero-identificação na UNICAMP, aí eu voltei pro NCN pra fazer parte disso, fui intimada basicamente pela CADER pra fazer parte e aí eu fui. Mas também já saí por que aconteceram algumas coisas das quais eu fiquei muito chateada e eu falei, agora é mesmo hora de sair e fazer outros projetos (Núbia).

É interessante observar que Núbia afirma ter sido intimada pela Comissão Assessora de Diversidade Racial – CADER, recentemente criada, a partir de uma das demandas levantadas ao longo da greve por cotas, que dizia respeito à criação de uma secretaria voltada à promoção da igualdade racial na universidade. Essa intimação é um indicativo do reconhecimento da instituição quanto a uma reputação adquirida por Núbia no curso de sua militância. O que por um lado pode ser visto como uma retribuição, por outro também pode ser percebido como um custo. Outro relato de Núbia sobre o assunto reflete a complexidade dessa questão:

Dos prejuízos é uma questão de uma sobrecarga de trabalho, a gente já tem muito trabalho na universidade, a gente já tava fazendo trabalho de graça para uma instituição que, na real, deveria estar nos pagando pelo conhecimento que a gente tem... um trabalho de pensar política pública, a gente pensou em tudo, pensou em como ia ser a política de cotas, em como implementar a banca de hetero-identificação, em como gerir denúncia, eu fui fazer parte depois do grupo gestor do Pacto de Direitos Humanos por conta da participação no NCN, então assim, embora isso tenha sido talvez, um logro, “nossa você fez parte do Pacto dos Direitos Humanos”, mas deu muito trabalho, e deu muito trabalho mesmo com essas pessoas que estavam achando que estavam fazendo bem e incluindo, no quanto essas pessoas não tem uma construção, um debate firme racialmente falando assim né... não conhecem as pessoas que estão debatendo esse assunto, então é a gente o tempo todo ensinando como a Universidade pode se tomar diversa, como é que ela pode ser mais aberta e muitas vezes a gente sendo atacado por isso né, seja institucionalmente ou seja também nas relações informais né, numa conversa, numa coisinha que aconteceu aqui ou ali... (Núbia).

Núbia afirma ter se desengajado novamente do NCN no início de 2020 devido a conflitos que diziam respeito a novas propostas de organização interna do grupo, encabeçadas pelos membros atuais, e sobre as quais ela não concordava. Entende que estão se constituindo hierarquias fixas no grupo. Segundo comentou brevemente,

as pessoas têm tentado agora colocar departamentos, mas isso não me agrada assim, então até por isso que eu saí e também por que eu já tô

bem cansada de ficar discutindo na universidade, brigando toda hora com todo mundo (risos) mas enfim... (Núbia)

A percepção de que o grupo está se tornando hierarquicamente definido, de forma institucionalizada, também é compartilhada por Zuri, que se reengaja no início de 2020 e se desengaja no mesmo período que Núbia. É curioso observar que a proposta de organização interna estabelecida pela geração de militantes engajados atualmente, a maioria ingressantes via a política de cotas, é bastante parecida com aquela que no primeiro ano de existência do NCN, culminou em conflitos que em partes definiram os primeiros processos de desengajamento entre os militantes do NCN, entre eles, o de duas militantes fundadoras: Abayomi e Adenike. Segundo relata Ayana, alguns participantes do grupo propuseram que além de comissões de trabalho (modo de organização que acompanhou o NCN de sua fundação até muito recentemente), havia também a proposta de que em cada comissão, um militante fosse responsável por gerenciar internamente as atividades, conforme sinalizam os relatos de Ayana e Abayomi.

No final, quando eu saí, a gente tava tentando dividir em coordenações, pra dividir as tarefas de forma mais fixa, mas algumas pessoas eram muito resistentes. As pessoas achavam que iria colocar hierarquia, que o grupo não ia ser coeso, o que na verdade nunca foi, as pessoas acabam pegando tarefa pela afinidade que tem com determinada coisa... eu que tinha mais experiência de militância, óbvio que eu pegava as coisas mais densas, por que eu sabia como resolver. E aí então a ideia era ter coordenação rotativa, finanças, formação, onde a gente chegou a fazer algumas atividades muito legais, comunicação... (Abayomi)

Só que a ideia era o estabelecimento de comissões né. De ter a comissão do cultural, financeiro, enfim, cada um era responsável por uma comissão e aí tinha o debate sobre a centralização das coisas por que tinham pessoas que eram a favor de centralizar e tinha pessoas que não, e aí isso foi alvo de alguns embates. Tem pessoas que enxergam essa centralização como uma espécie de hierarquia e tem pessoas que não, que acham que é só pra organizar mesmo... ia ter uma pessoa responsável por mandar em todo mundo, tipo (risos)... tipo assim, uma pessoa ia ficar responsável por ver se todo mundo fez o que tinha que fazer e chamar pra responsabilidade, supervisionar essas comissões, eu pelo menos entendia assim, isso tem muito a ver com o modelo de militância a qual cada pessoa estava filiada, nós tínhamos pessoas em partido, tínhamos pessoas anarquistas, independentes, então isso fazia com que o formato fosse uma questão né... (Ayana)

Atualmente, segundo o relato de Núbia e Zuri, o modo de organização anteriormente rejeitado por um conjunto de membros do NCN que participavam do grupo em 2014, e que acabaram por vencer as disputas na época, está sendo assumida como a

principal forma de organização da geração atual. Compreender as razões dessas diferenças internas e geracionais, permanece como uma lacuna para estudos futuros. Quanto a esses processos de desengajamento, motivados por conflitos em torno da noção de hierarquia, serão melhor abordados no tópico a seguir.

2. Tensões relacionadas aos modos de organização interna e divisão de tarefas

Conforme comentamos anteriormente, a percepção de que existiam hierarquias veladas no grupo, marcadamente relacionadas aos diferentes níveis de experiência militante e posição ocupada em nome do NCN, ou seja, alguns estudantes atuando mais frequentemente como porta-vozes, outros, mais ativos em atividades dos bastidores, culminou, em alguns casos, em processos de desengajamento.

Um caso de desengajamento motivado em partes por conflitos dessa natureza foi o de Abayomi. No início do ano de 2014, ela decide se desvincular do NCN. Nos meses anteriores, diversas tensões envolvendo seu nome haviam se instalado no grupo que a apenas um ano estava formalizado como tal. Segundo Abayomi, um dos principais gatilhos para os conflitos foram comentários gerados por um membro branco de posição política anarquista que naquela época era vinculado ao grupo. Afirma também, que sua vinculação ao PT e sua atuação nacional era vista como um problema por alguns membros.

Foi a disputa política pautada pelo hábito branco, do desrespeito à divergência, desqualificação. Eu lembro de uma situação do fulano insinuar que a fulana só gostava de chamar gente famosinha, por que a gente tinha convidado alguém e ele tinha perdido uma votação no grupo e ele chegou e falou isso pra uma mulher preta no meio da reunião, e as pessoas... e também tem isso, a gente devia ter enfrentado aquele cara... as pessoas compraram a dele... Gata, ainda que ele tivesse razão, quem é ele? Um homem branco, chegar no meio da reunião, falar daquele jeito com uma mulher preta e aí eu a defendi e os mais jovens não. E aí eu ser do PT, eu ser trotskista era um problema pra outras pessoas... teve muita reprodução da política branca, que eu acho que não tinha lugar ali, pela iniciativa que a gente tomou. Na hora que eu e a Adenike falamos, bom, tá tomando um rumo que não é o que a gente construiu, então, continuem aí, e foi então que eu saí. Se vocês não têm condição de me acolher como uma mulher preta eu não tenho condições de ficar aqui mais, eu não quero (Abayomi).

Além dos desconfortos gerados por esse membro do grupo, Abayomi avalia que sua vinculação ao PT e sua atuação nacional não era vista com bons olhos por alguns membros.

Então... não é pessoal, mas estávamos em níveis de militância diferentes e as pessoas entendiam que eu estivesse talvez me aproveitando do Núcleo, quando eu já tinha projeção nacional, eu já estava há oito anos em entidade nacional! E aí isso era um problema pra algumas figuras e eu comecei a perceber que começou a ter picuinha dentro do grupo, começou a não cumprir a função que eu achava que tinha que ter, que era de acolhimento mesmo, quando eu rachei, eu falei olha, ainda que vocês achem que eu esteja me aproveitando do Núcleo (risos), não sei como isso se dá, vocês tinham a tarefa de vir conversar comigo... o processo de acolhimento perpassa inclusive você poder dizer pra pessoa, olha, você está vacilando... então essa é a forma que eu acho que a gente tinha que ter... não faço esse tipo de política em partido político por exemplo. Com branco eu quero que se foda... mas com negro, eu acho que a gente tem que ter esse cuidado, nós somos muito vulneráveis, a gente é muito sofrido, a gente passa por muita pressão, então a gente tem que ter muito cuidado com como a gente lida com a dor daquele irmão ali, por que ele já vem de outras dores... então é um processo de construção diário que a gente tem, de como você militar e permanecer saudável emocionalmente, então a gente tem que se cuidar, a gente não tem que se atacar, e aí quando eu reparei que as pessoas estavam meio que se atacando entre si, eu falei, ah não gente... fiquei decepcionada com pessoas mas sinceramente não era mais... eu já tinha mais de 30 anos, ficar naquela coisa, sabe, de início... ai não... ai resolvi sair (Abayomi).

Os conflitos gerados pelas diferentes avaliações dos membros do NCN em relação à implementação de comissões para organização interna do grupo e a vinculação de Abayomi à política institucional, bem como a posição de liderança que ocupava diante das pautas mais densas dentro do Núcleo, podem ser vistas, por um lado, a partir do prisma que caracteriza os coletivos universitários contemporâneos, marcados pela afirmação de uma sociabilidade militante desconfiada de modos de organização centralizados e partidarizados, afirmando um modo de intervenção social pautado em agrupamentos horizontais e autônomos (Perez e Souza, 2020). Conforme vimos, durante todo o trajeto do NCN, entre 2012 e 2019, as atividades internas do grupo seriam organizadas a partir de comissões. E embora afirmem que não haviam posições hierárquicas, quando perguntados sobre os principais porta-vozes e referências do grupo, todos os entrevistados que participaram do NCN a partir de 2014, ano de desengajamento de Abayomi e Adenike, indicam os mesmos três nomes enquanto porta-vozes e referências: Taió, Akin e Obi.

Conforme afirma Pudal apud Tomizaki (2009, n.p), existe uma contradição inerente à condição de porta-voz: “representar o outro já é se diferenciar, se beneficiar de uma promoção intelectual e social” Assim, a despeito de se tratar de um coletivo horizontal, é notória uma agência diferenciada entre os membros do grupo, (Ortner,

2006). Também é evidente, que após o desengajamento de Abayomi, o NCN seguiu sendo organizado com a existência de lideranças e sujeitos-chave (Severo e Severo, 2015). No que se refere Abayomi, consideramos que um elemento fundamental para a desconfiança de que foi objeto foi o fato de ela ser uma militante partidária. Abayomi se diferencia de Taió, Akin e Obi por seu ativismo não ser percebido, na condição de militante vinculada a partido político, como um ato desinteressado (Bourdieu, 2012).

Contudo, embora essa perspectiva quanto às lideranças do grupo fosse compartilhada por uma maioria, a posição de destaque ocupada por eles nas atividades do grupo gerou incômodos entre alguns militantes. Essa é a grande justificativa do processo de desengajamento de Hanna. Conforme comentamos no capítulo anterior, Hanna se engajou no NCN muito motivada pelo desejo de constituir uma formação para as relações étnico-raciais. Contudo, o sentimento de que não estava bem preparada do ponto de vista teórico e prático, no momento de mobilização do NCN na greve pró-cotas, lhe gerou um sentimento de desidentificação e marginalização com relação ao grupo.

Sinceramente, pra mim quanto mais bagagem teórica você tinha, mais bem visto você era e mais inserido você era, então tinha a panelinha de quem já tinha uma bagagem e falava bem, se você mostrava que você tinha esse valor, que você tinha essa bagagem, essa habilidade né, da oralidade, você conseguia se inserir (Hanna).

Uma outra experiência que veio a compor o trajeto de desengajamento de Hanna com relação ao NCN, diz respeito, assim como no caso de Malik, a sua adesão como educadora em um cursinho popular. Naquele espaço, embora percebesse a existência de diferenciações internas, sentia-se mais inserida e avaliava que as atividades ali desenvolvidas eram mais significativas para ela.

E daí eu comecei a participar do “Cursinho Popular Flor de Maio” que ali foi o lugar ali eu falei mano aí sim, aqui sim eu tô vendo as coisas mudarem sabe (...) no Cursinho Flor de Maio tinha comissões, era muito mais organizado assim, tinha comissão financeira, comissão de comunicação, e tinha pessoas cabeça? tinha, tinha uma hierarquia velada? tinha, mas ao mesmo tempo a gente tinha mais voz, agora no Núcleo me parecia que a coisa era bem mais desorganizada e bem mais liderada pelas pessoas que tinham mais o domínio da discussão racial, a partir do momento que tem pessoas que têm mais domínio né, que tem mais chão, as coisas aconteciam, e o difícil é que quando perguntavam para a gente, quando chegava na roda, “quem vai falar em qual mesa”, por mais que você tivesse a vontade de falar naquela mesa você não tinha bagagem porque você não tem informação, então de uma forma

ou de outra sempre acabava caindo nas mesmas pessoas, por mais que você quisesse falar... (Hanna)

Outro elemento que compõe a narrativa de Hanna, diz respeito à sensação de não acolhimento de discussões em torno da subjetividade das pessoas envolvidas no grupo. Esse tópico, que atravessa outros processos de desengajamento, fará parte da narrativa de Ayana, comentada adiante.

3. *Crises biográficas*

Em alguns casos, os processos de desengajamento foram vivenciados por força de crises biográficas. Aqui, assumimos a noção de crises biográficas como o resultado de um conjunto de situações que integram as trajetórias dos sujeitos, culminando em reestruturações e desajustes no cotidiano, e em muitos casos, momentos de transição nas biografias, implicando em processos de adaptação a uma nova realidade, e em alguns casos, de redefinição identitária (Caetano, 2018, p. 94).

O caso de Lueji foi um deles. Seu processo de desengajamento do NCN, e de todos os outros coletivos em que estava inserida, foi inicialmente marcado por uma crise depressiva, no ano de 2015. Além disso, havia se formado em seu curso de graduação em Pedagogia no início daquele ano, o que não tornava sua presença na universidade uma necessidade cotidiana. Contudo, reitera em seu relato a percepção de que apesar de todas as tensões internas, o NCN era um dos lugares mais tranquilos para militar, com relação aos outros grupos que compôs. Inclusive, conforme revela em sua narrativa, tensões vivenciadas em outros grupos contribuíram para que se sentisse profundamente desgastada emocionalmente, integrando o quadro depressivo pelo qual passou.

Eu tive crise depressiva né, no final de 2015, que foi o momento que eu saí de tudo assim né, eu acho que o pior que tava acontecendo ali foi o cursinho né, que agente tava sofrendo muitos ataques vindo da especulação imobiliária e ataques de pessoas que trabalhavam lá antes e que queriam tomar a coordenação de novo né, e isso foi bem forte pra mim e, no PSTU também, era completamente bizarra a militância deles, eram muitas coisas bizarras... e eu acho que o núcleo foi o único lugar assim que não tinha mais condição de participar por não ter mais emocional. Eu também tinha me formado então não tava vendo tanto sentido em continuar participando, mas não foi uma coisa assim que eu saí por que teve alguma treta ou por que aconteceu alguma coisa errada e eu não concordava, foi mesmo esse processo mais pessoal, de

afastamento mesmo, tanto que eu falo que o núcleo é o único lugar que eu sinto saudade de militar assim, mesmo com as tretas assim, era bastante aquilombador assim, e bastante frutífero né, as coisas que a gente fazia (Lueji).

O processo de desengajamento de Ayana também é marcado por eventos que culminaram em uma profunda reestruturação de seu cotidiano e condição de vida. Inicialmente envolvida em um relacionamento abusivo, se vê constrangida por seu parceiro na época a afastar-se da vida pública. Pouco tempo depois, engravida, reorganizando toda sua vida em função da nova posição social ocupada enquanto mãe.

E aí eu não saio oficialmente do Núcleo, eu me afasto por que eu começo a ter um relacionamento abusivo e quando eu vejo eu tô fora de todos os espaços que eu tava antes, de militância, de lazer, da universidade... então eu entrei nessa relação e logo engravidei, tal, foi um período bem difícil da minha vida, passei dificuldades financeiras, enfim (...) o pai da minha filha tinha ciúmes das coisas que eu ia na UNICAMP e eu ficava só em casa assim, e eu tinha vergonha de estar grávida na universidade né, quando eu ia grávida na universidade eu me sentia um bicho, por que já bastava eu ser negra na universidade, tudo bem que depois de 2015 mais ou menos começou a ficar mais plural né, mas uma mulher negra grávida na universidade, jovem, uma menina de 20 anos, negra, com barrigão. Você já viu isso na UNICAMP? Então assim, eu me sentia um bicho, eu era o objeto do objeto do objeto de estudo, então eu não me sentia bem, não me sentia, me sentia horrível e daí só que assim, ninguém foi atrás de mim pra conversar, pra nada e aí eu fiquei com ranço assim... (Ayana).

Tava todo mundo no “oba oba” da universidade, eu acho que as pessoas que estavam mais de expoentes do núcleo e quem eu tinha mais contato na época estavam no “oba oba” da universidade assim. É... e aí eu fiquei com bastante ranço assim, por que eu tinha um medo de não conseguir voltar sabe, tanto que eu fiquei um ano e meio longe, eu fiquei os 9 meses da gestação mais os 10 meses da minha filha... e aí tanto que teve uma reunião da FPC e uma galera do NCN também, em 2016, que foi o saldo pós cotas, que todo mundo foi conversar, foi uma reunião que foi um grande marco sabe, e eu fiz uma fala sobre a saúde mental das pessoas que se perderam nesse caminho, “olha, a gente precisa lembrar dessas pessoas, a gente precisa tá um do lado dos outros e se apoiar e tudo o mais”, eu fiz uma fala nesse sentido, sobre a saúde mental das pessoas que estão na militância e como a gente precisa se apoiar, e aí as pessoas não entenderam, eu sinto que as pessoas não entenderam (...) Eu disse isso por que naquela última semana eu tinha conversado com umas cinco pessoas assim que saíram da militância por conta de processos de saúde mental mesmo, e que tiveram essa sensação de abandono das pessoas que elas imaginavam estar se apoiando, se identificando... pra você ver mesmo ,que ser negro na universidade é também ser uma fragilidade, por que a gente pode até compartilhar as conquistas e vitórias mas a gente não tem essa estrutura material, emocional, tão solida pra poder apoiar uns aos outros, por que a gente já tem essa coisa, referência de família e tudo, que é... a gente tem muita dificuldade assim, se a gente for dar a mão pra todo mundo a gente vai cair também, é uma coisa... só que ao mesmo tempo a gente precisa

investir nessas ferramentas, pra apoiar essas pessoas que deram energia, deram vida pela luta sabe (Ayana).

Assumindo que o espaço do NCN não estava preparado para acolher sua nova condição como universitária jovem, negra e mãe, e a complexidade que essa vivência representava do ponto de vista social e identitário, o retorno de Ayana à universidade não foi acompanhado de um retorno ao NCN. Contudo, no processo de retorno, Ayana descobre, na reflexão sobre seu sentimento de inadequação, um objeto de pesquisa que a acompanharia nos primeiros meses de mestrado e a levaria ao doutorado direto em Antropologia Social:

Eu retorno pra universidade primeiro por conta da bolsa, por conta da dificuldade financeira e aí com as aulas eu vou percebendo como eu gosto de estar na universidade, apesar de estar me sentindo mal naquele espaço, por ser mãe, me sentir um corpo estranho, gestante negra e jovem, 21 anos quando eu tive minha filha, depois com um bebê nos braços na universidade... Mas eu gostava muito das aulas e a partir disso eu fui elaborando uma reflexão sobre a especificidade do meu lugar: por que que eu não me via acolhida da maneira como eu gostaria de ter sido por quem eu enxergava como meus pares? Por que poucas pessoas conseguiram, poucas pessoas com a minha configuração, muito jovem, negra, mãe, conseguiram acessar esse lugar. A identificação das pessoas, ela para no “ser negra”, não vai até a “mãe”, então as pessoas não conseguiam enxergar que eu precisava disso, desse acalanto... e a partir de perceber essa especificidade eu comecei a elaborar mais reflexões sobre esse meu lugar e essas reflexões se tornaram o meu projeto de pesquisa que me fez ir pro doutorado direto e tudo mais. E também me possibilitaram hoje uma discussão maior sobre saúde da população negra e tudo mais né, não só no âmbito materno, por que no limite pensar maternidade é pensar saúde, eu gosto muito, maternidade é pensar saúde mental também né, e saúde mental é população negra... esse assunto que a gente tava conversando sobre os militantes que adoecem né... está muito relacionado... (Ayana)

Nesse sentido, Ayana afirma perceber que na atualidade sua militância se dá no âmbito da intelectualidade, ainda que tenha projetos relacionados à construção de coletivos em andamento. Conforme veremos a seguir, essa realidade será compartilhada por outros sujeitos da pesquisa.

4. Implicações biográficas: sedimentação de uma identidade militante, reconversão de capitais políticos em científicos e profissionalização da militância

Uma implicação biográfica da experiência militante dos entrevistados no NCN é unânime: todos os quatorze entrevistados seguem reivindicando-se como militantes

antirracistas, independentemente da vinculação a coletivos. Assim, afirmam a politização de todas as esferas de suas vidas.

Minha atuação muda né... cultura, educação, sendo muito atendido pelas instituições... aqui é essa coisa de atuação sempre constante né. Movimento né, se ver em movimento o tempo inteiro. Eu não acho que eu sai do núcleo e não tô mais... (militando) não tô mais dentro de nenhuma organização do movimento negro, mas eu tô em movimento o tempo inteiro né. Tem a ver com cada coisa que eu faço, com as minhas relações mais íntimas. Sem dúvida, me classifico como um militante, ativista, tô meio que cagando pras classificações, os termos (Akin).

Eu não tô mais organizada coletivamente, não tô em nenhum coletivo negro e nem ligado ao movimento estudantil, mas ainda me considero sim militante, continuo estudando do meu jeito, por meio de músicas, por meio dos textos que eu leio, então eu acho que tem essa questão né, ser militante é ter uma ação mais coletiva? Estar ligado a algum grupo político? Eu colocaria essa questão, mas eu me sinto uma mulher negra sempre em movimento sempre discutindo racismo sempre que eu posso, eu tenho essa perspectiva, eu sofro na minha pele e eu tenho essa bagagem do núcleo, isso não acaba, isso não se perde, isso vai ficar sempre comigo, isso é uma prática, uma experiência. Então isso está comigo o tempo todo, eu tô sempre olhando as coisas dessa perspectiva das relações raciais (Jamila).

Eu acho que pessoalmente eu encontrei um projeto de vida, eu encontrei um motivo, por que pelo que eu milito hoje, as coisas que eu estudo hoje, acho que isso orientou todo o meu projeto de vida (Paki).

A militância negra hoje na minha vida é praticamente tudo, por que eu entendo isso como uma coisa muito ampla, por que meu corpo negro, essa existência minha é política, mas eu também elaboro uma atuação política a partir disso no meu espaço de estudo, no meu espaço de trabalho, nas redes que eu círculo... a minha religião pra mim é estar em um lugar político e lutar pela manutenção dela é uma ação política, cuidar da minha mãe é uma ação política (Taió).

Na atualidade, a maioria dos sujeitos não se encontra vinculada a partidos, coletivos ou outras organizações dos movimentos sociais. Assim, refletem sobre suas atuações militantes afirmando estarem diretamente relacionadas às atividades profissionais assumidas. Percebem também, a relevância da reconversão das competências adquiridas no curso da militância para as práticas atuais. Para alguns, a atuação como educadores em diferentes modalidades da educação básica. Esse é o caso de Lueji e também de Adenike.

Em termos de aprendizagem eu acho que as questões, o arcabouço teórico mesmo que eu tenho sobre a questão racial né, isso me ajuda muito no trabalho né, já que tô trabalhando mais na periferia, tenho muitas crianças negras né, então eu acho que isso me ajuda bastante no trabalho assim, e acho que a questão de falar, de se colocar em público assim... eu acho que quando a gente tá num processo mais ativo obriga

mesmo a gente a ler e tal, mas sempre busco ler alguma coisa assim, entender, tem conceitos daquela época que eu tô entendendo hoje assim, tipo, branquitude foi uma coisa que demorou muito pra eu entender direito o que que era né, cai uma ficha assim no negócio que você tava discutindo lá em 2014, de repente cai assim (Lueji).

Não dá pra você estar em uma escola pública e ter o histórico de militância que eu tenho e ignorar isso. É bom por que é possível sim você ter uma aula boa, que trate dos conteúdos que são necessários, mas a gente precisa formar cidadãos, precisa aprender a lidar com a realidade, o conteúdo não precisa ser todo branco pra aprender gramática enfim... então é bacana você poder colocar em pratica toda essa bagagem quando você tá ajudando a formar pessoas né, e na escola pública eu posso usar isso, tem sido muito bom assim (Adenike).

Ainda, entre os 14 entrevistados, nove estão vinculados à UNICAMP no âmbito da pós-graduação, quatro deles, vinculados a cursos de mestrado acadêmico, quatro vinculados a cursos de doutorado acadêmico e uma vinculada a um pós-doc. Em todos os casos, as relações raciais figuram como parte essencial das agendas de pesquisa, em uma multiplicidade de abordagens:

Eu parti de um projeto de iniciação científica, que era analisar a influência da arquitetura da favela na forma com que as pessoas caminham. Fiz o PIBIC, tal, entrei no mestrado, lancei esse projeto, continuei, propus uma caminhada performativa na favela de Heliópolis... e aí aprendi muito sobre circularidade, percebi né, que essa corporeidade que a gente expressa na favela é circular né, descobri que essa circularidade transatlântica, essa circularidade vem de África, teve um processo histórico, teve uma *varreção* do centro né, tem todo esse contexto de caminhadas e de rotas né, e daí eu entendi que aquelas rotas que a gente tá caminhando ali na favela, aquele percurso, tem a ver com a caminhada de pessoas que caminharam há muitos anos atrás né, que ali era o barraco do ex-escravo, que era a casa do ex-escravo né que é uma arquitetura vernacular... (Zuri).

Meu projeto de pesquisa do doutorado chama o amor é branco. O que eu pesquiso na verdade é, provar que o amor, como construção política e ideológica, o amor que a gente persegue hoje, sonha, foi uma criação da burguesia pra controlar as relações da classe trabalhadora... isso passou a ser um dos fundamentos da nossa sociedade né, o amor é fundamental, a família é fundamental no mundo moderno né... só que as pessoas negras foram excluídas do processo né elas foram excluídas tanto do processo de construção do conceito quanto do sentimento amoroso assim né... então daí é na área de teoria literária né, e no meu projeto eu quero mostrar isso né, a possibilidade da construção do conceito de amor e como que isso leva a quase uma impossibilidade que essa vivencia ocorra né, na literatura por exemplo ela não ocorre... a gente não tem grandes histórias de amor entre pessoas negras, casais negros famosos na literatura... e o que eu quero mostrar no meu no meu projeto de pesquisa é que a literatura negra, ela traz uma outra proposta de amor, apesar dessas constantes tentativas de impedir que esse sentimento surja entre pessoas negras, que exista, ele existe, ou não é ele que existe, ou é alguma outra coisa que nós construímos desses

retalhos de afetos que a gente conseguiu fazer sobreviver apesar de toda brutalização... a literatura negra, ela tem um amor que é construído a partir de uma ideia, de uma observação da realidade, ele não tem idealização nenhuma, então ela é o amor ali... ele é o que de fato acontece... (Adenike).

Doutorado em filosofia eu tô na City University of New York Center, no Graduate Center... também tô fazendo doutorado em Sociologia na UNICAMP também, então o período que eu passei em Harvard que foi de janeiro a junho do ano passado de 2019 foi o sanduíche do doutorado de Sociologia aqui no Brasil... A ideia inicial do projeto aqui na Sociologia foi aproximar Abdias do Nascimento e Angela Davis porque os dois pensam violência contra a população negra em contextos diferentes e eu acho que dá para casar essas duas discussões por causa que há muitas coisas em comum e que são bem interessantes de serem analisadas, então meu interesse é ler Abdias e Angela Davis lado a lado pensando a ideia de genocídio e interdição da cidadania e a minha ideia é explorar também uma veia filosófica dessa discussão sobre liberdade e o que não é liberdade.. Talvez uma discussão sobre teorias ideais e não ideais, até que ponto as nossas teorias que são formuladas pensando no mundo ideal servem para gente analisar essa tragédia que a gente chama de mundo, então a ideia que os dois projetos caminhem lado a lado para eu não precisar escrever duas teses... (Obi).

E lógico né, essa trajetória minha de atuação política tá totalmente explícita na minha atuação de produção de conhecimento né... ah, a pessoa estuda racialização de profissões de mulheres pobres... você quer entender por que que a sua mãe, a sua avó e todo mundo foi empregada doméstica, ou trabalhadora da limpeza, ou costureira... é um pouco isso... (Taió)

Em narrativas como a de Núbia, a percepção de que o processo de desenvolvimento do mestrado e de ingresso no doutorado foi profundamente impactado pela militância, tanto do ponto de vista da formação teórica, quanto do ponto de vista do suporte emocional, é bastante explícita:

Uma grande conquista talvez foi o doutorado, acho que foi assim, foi uma mola assim, pelas coisas que aconteceram, eu nunca tinha pensado em ser acadêmica até então... e para o doutorado também foi uma grande conquista, e aí ter debatido o suficiente, o engajamento foi me suportando pra poder chegar, pra poder ter um projeto... no mestrado eu estudei a lei de cotas e como ela tava sendo cumprida nas federais, no doutorado o que eu vou olhar é a permanência, eu quero saber se essas pessoas tão permanecendo e se elas estão conseguindo concluir... E aí eu acho que o núcleo me ajudou no sentido de trazer o debate e entender as questões sociais até pra conseguir colocar no meu projeto mesmo né... e eu não sei, até hoje eu não entendo, também tem outras questões de às vezes não dar valor pra própria pessoa né, por que passar em primeiro lugar no doutorado, eu não esperava... (Núbia).

Já a experiência de Taió, é representativa de um processo de reconversão de capitais políticos não apenas em capitais científicos, no âmbito de sua carreira acadêmica, mas também de reconversão de capitais políticos em políticos, por sua adesão à política institucional, na posição de assessora parlamentar:

Eu consegui circular nacionalmente a partir dessa militância. A militância pelas cotas me levou pra muitos lugares do Estado principalmente, desde a UNESP eu já circulei... porque, pela rede de contatos que vai criando, eu era parte do DCE provisório da UNESP, então eu viajava pra ir nas reuniões das reitorias, nas reuniões locais e tal, a UNESP tem uma configuração diferente né... essa circulação, as cotas potencializou, me deu uma circulação nacional assim... eu consegui circular nacionalmente a partir desse trabalho que a gente fez... e isso acabou visibilizando meu trabalho acadêmico, enquanto intelectual produzindo conhecimento acadêmico e também visibilizou o trabalho que eu fiz politicamente, não é à toa que eu fui parar em um mandato sem ser militante do partido político. E um mandato em que as pessoas também não são militantes de um partido político, isso também é uma coisa interessante... tem uma pessoa que é filiada ao PSOL, o resto, ninguém é filiado. E agora eu trabalho em um mandato parlamentar, da Deputada Érica Malunguinho, que é a primeira deputada trans e negra da América Latina né (Taió).

A experiência de Ayana, é também representativa daqueles que estão aliando a trajetória acadêmica à vinculação em aparatos institucionais, na condição de especialista, bem como a novos projetos de construção de coletivos de militância:

Essa militância negra na minha vida ela é sobretudo muito mais intelectual no sentido que participo de mesas, aulas e escrevo artigos sobre o tema, a temática racial, maternidade e mulheres negras... mas eu estou em um momento específico, que eu estava antes da COVID-19, mas já no início do ano eu estava num momento de tentar trazer essas minhas reflexões num plano mais material assim, é, falando de maneira chula né, eu acho que a produção intelectual também é material né, mas falando num pragmatismo mais dessa ordem cotidiana de ver isso afetar a vida das pessoas mais rapidamente, esse ano eu comecei a integrar o comitê técnico do conselho municipal de saúde da população negra, com a intenção de estar mais próxima da cidade e construir as políticas a partir desse conhecimento da academia e na base também a partir dos profissionais de saúde, e também começamos a idealizar um coletivo na maloca que provisoriamente se chama sussurros maternos, que era a ideia de ter um coletivo pra pensar educação popular e saúde da mulher em contexto de periferia e tudo mais, e era uma coisa que tava surgindo, a gente ainda tá em alguns diálogos mas eu tô caminhando pra essa práxis... (Ayana)

Já a experiência de Abayomi, é representativa da adesão a uma outra esfera de militância: a esfera virtual. Após o desengajamento do NCN a militância negra em grupos associativos diversos, articulada a produção acadêmica, continuam se configurando como

as principais frentes de intervenção e seu projeto de vida. Contudo, após o NCN, Abayomi inicia um projeto de inserção na militância que se dá nas redes virtuais. Salientando sua necessidade de estar próxima a outras mulheres negras, cria o projeto “Central das Divas”. Com páginas nas principais redes sociais, como *FaceBook*, *YouTube*, e *Instagram*, além de um blog. Abayomi articula a militância feminista negra a partir da discussão de temas comuns a experiência dessas mulheres, em especial, discussões sobre representatividade, autoestima, estética preta e pensamento feminista negro. Além disso, no contexto do Pós-Doutorado, vinculada ao IFCH – UNICAMP, Abayomi tem desenvolvido uma pesquisa dedicada ao Pensamento Feminista Negro nas Américas e Caribe.

A central das divas surge na minha vida como uma válvula de escape. Conforme eu fui fazer o Doutorado, eu fui percebendo um distanciamento das mulheres negras no geral, do problema do cotidiano, que é o cabelo, que é não achar a base, não saber que livro ler, não ter referência, ser preterida... eu comecei a sentir que eu tava virando uma “doutora”. Só que eu não sou uma doutora branca, eu sou preta, então eu tenho que me manter conectada com o lugar que eu vim senão não faz sentido, senão é melhor rasgar esse diploma. Depois de ter sido financiada com milhões de reais, sei lá quanto custou o financiamento dos meus estudos, por que eu sou fruto da escola pública desde criança, e aí chegar aqui agora e eu não conversar com as pessoas. Então eu queria ter esse contato, então foi isso, um manifesto de desespero e aí surge o Central das Divas. E o Central das Divas foi incorporando coisas, vendendo coisas nos momentos que eu tava sem bolsa, aí eu consigo um blog pra fazer esse diálogo, aí então foi ampliando, foi chegando em mulher que eu não conhecia, aí me permite incorporar com o Blogueiras Negras²⁰ e aí através do Blogueiras Negras eu recebo uma indicação como uma das mulheres negras mais influentes da web, no ano em que eu lancei o Central das Divas... ou seja, tem alguma potência nesse outro instrumento são as redes sociais. No final das contas a militância é isso, pelo menos na minha vida ela não surgiu pra eu lutar pelas pessoas, ela surgiu pela necessidade material da minha vida. Cada movimento social que eu me aproximei na vida foi pra me salvar, me salvar da loucura, da solidão, me sentir fazendo alguma coisa contra uma estrutura que me pressiona, uma estrutura que tá acima de mim e que eu não vou cair sem lutar. E aí a central das divas foi isso também, eu preciso me conectar com as mulheres negras que são minha estrutura (Abayomi).

As narrativas de Abayomi nos permitem inferir que o principal significado atribuído por ela à construção e engajamento no NCN, bem como à sua atuação política de forma geral, passa pela centralidade das emoções.

²⁰ O Blogueiras Negras é um projeto criado em 2012, a partir da Blogagem Coletiva da Mulher Negra. Trata-se de um veículo de comunicação coletivo, que atualmente agrega a produção de cerca de 200 blogueiras de todo o país. < <http://blogueirasnegras.org/>>. Acessado em: 14/08/2020.

A gente precisa praticar uma outra forma de política, que as pessoas brancas não sabem e nunca vão saber por que elas não têm os ensinamentos ancestrais que a gente tem. Dentro do NCN e nos movimentos negros eu acho que a gente precisa aplicar uma forma de política que honre esse legado. É o legado do afeto, da consideração, e o legado de você entender que a gente tem uma ligação que não é momentânea, nossos passos vem de longe, essa ligação com a ancestralidade deveria provocar uma atuação política nas pessoas negras diferente, não se sentir subserviente, não se sentir em competição com os mais velhos, ouvir o mais velho, cuidar das pessoas com as dores que elas têm. Dentro de um Centro Acadêmico, dentro de um DCE, eu vou pra cima mesmo, eu não quero nem saber. Agora entre pessoas negras, eu acho isso muito ruim, a gente vai se eliminar, é todo mundo machucado demais, todo mundo cheio de trauma, com feridas de desconfiança então a gente vai errar mesmo, mas a forma que eu vou tratar o seu erro ela não pode ser a forma como o branco trataria o seu erro. Essa relação predatória não nos pertence, e eu realmente acho que é possível construir novas formas de relacionamento nos nossos ambientes. Muita gente preta me salvou nesse mundo (Abayomi).

Reflexões como a de Abayomi, assim como os relatos de Ayana com relação a dimensão da subjetividade nas práticas políticas, estão em consonância com o sentido declarado por bell Hooks com relação ao engajamento político entre mulheres negras (1995, 2017). Um principal sentido que atribuem ao mergulho em um projeto de futuro marcado pela intelectualidade e ação política diz respeito a perceber nessas atividades um lugar para cura, conexão com as comunidades mais amplas de pessoas negras e comprometimento intelectual e político com a produção de um novo projeto civilizatório (Collins, 2019).

Ainda, a adesão à militância entre os entrevistados impactou as famílias, no sentido de tornar a reflexão sobre os processos históricos do racismo e suas consequências, mais frequente no interior delas, ainda que essas reflexões sejam também atravessadas por estranhamentos e posições divergentes.

Minha família sabe que eu atuo, não entendem muito bem, meus irmãos mais... eu acho que meus pais estão à margem, meus irmãos mais envolvidos... a coisa do meu cabelo, deixar crescer... até acostumar na paisagem da família... tive que (re)educar um pouco, tem a ver com raça, com sexualidade também, mas hoje é uma coisa muito tranquila na minha família... e aí mexe com outras referências deles né, os meus irmãos hoje me acham muito estiloso, acham legal... (Akin).

A partir do momento que eu comecei a significar o que é a pessoa negra no Brasil né, eu olhei para minha mãe e vi que eu tinha medo de conversar coisas com ela por que para mim eu preferia deixar ela lá de boa sabe, indo da casa pro trabalho, passando o final de semana fazendo churrasco de costela ou de linguiça com a família, bebendo a breja dela, eu não queria falar nada para ela porque é tão doído que... sabe... mas aí aos poucos a gente foi conversando sobre algumas coisas,

principalmente quando eu fiz a pesquisa sobre a solidão da mulher negra, a gente tava conversando sobre muitas coisas mas até hoje para ela nada vai mudar, isso me aflige de um jeito... quando eu terminei e entreguei o relatório final da pesquisa liguei para ela e falei: “mãe, entreguei aquele texto final da pesquisa, tal” e ela falou assim: “é, mas isso não vai mudar nada” daí eu chorei, eu não conseguia argumentar com ela (Hanna).

Com certeza sim mudou tudo, mudaram os assuntos inclusive com a minha mãe, a minha mãe a gente nunca tinha conversado diretamente sobre racismo e tal, aí mudou a relação que eu tenho com ela e com meu pai... as coisas vão muito se mesclando, e minha mãe falando de situações de racismo no hospital que ela trabalhava em SP, foi muito importante em um evento do QTCA poder trazer minha mãe pra mim foi muito bonito assim e minha mãe também ficou muito feliz... (Núbia)

A adesão à militância, vinculada ao acesso à universidade, também impactou as famílias no sentido de contribuir para a mobilização de novos projetos de futuro. Nesse ponto, as mães são um grande exemplo.

Conforme comentamos ao longo do primeiro capítulo, no momento das entrevistas, oito mães possuíam ensino superior, duas delas em andamento. Conforme também destacamos, apenas duas delas obtiveram esse título quando os filhos ainda eram pequenos. As outras seis mães (cinco delas após completarem a educação básica a partir da modalidade EJA), quando os filhos já estavam cursando o ensino médio, lograram ingressar em universidades privadas, motivadas pelo acesso de seus filhos ao ensino superior, em um contexto de expansão do acesso, em especial na modalidade privada (Corbucci, 2016). Essas mães possuem (ou estão em vias de obter) diplomas de licenciatura em Pedagogia, com exceção de três, formadas em Licenciatura em Matemática, Psicologia e Serviço Social. Uma delas concluiu um mestrado e outra uma especialização. Mais do que a expectativa de utilizarem esses diplomas e certificados para se inserirem no mercado de trabalho, essas mulheres tomam o acesso à universidade como um exercício de autocuidado e realização pessoal.

E aí ela fez o supletivo e aí agora há poucos anos, quando eu terminei o mestrado ela se formou em Pedagogia, pelo PROUNI. Ela não exerce Pedagogia, mas foi muito bacana, um processo que ajudou bastante, o diálogo melhorou muito. Esses dias ela ligou pra mim pra falar sobre o livro do Paulo Freire que eu dei pra ela e ela tava lendo... super fofa assim, então, eu acho interessante por que foi um trabalho que ela escolheu fazer pra ela mesmo, não foi pra arrumar emprego, até porque agora a gente não quer nem que ela trabalhe, já trabalhou a vida inteira, a maior parte da vida como doméstica (Adenike).

A minha mãe... ela concluiu o ensino médio quando eu estava concluindo a faculdade, acho que um ano, dois anos antes, e agora ela cursa Pedagogia, na Faculdade Zumbi dos Palmares (...) A minha mudança de vida tem dado algumas condições de poder proporcionar uma vida melhor pra minha mãe, isso é uma militância, que todos os filhos negros fazem por suas mães né, por que todos nós ajudamos nossas mães, todos somos preocupados em garantir a dignidade da nossa família. Eu continuo pobre, minha mãe continua morando lá na zona leste, em SP, mas minha mãe hoje estuda, tem condição de ter as coisas dela, ela mora em um lugar que é uma periferia, é perigoso, é complicado, não é aquela maravilha mas ela tem uma casa, tem aquelas coisas básicas, ela come, hoje ela consegue se informar, hoje ela consegue ter até livros, que é uma coisa que ela não teve antes na vida dela, essa oportunidade, esse tempo pra usufruir disso... minha mãe também é uma pessoa que hoje deixou de ser doméstica, depois de todo esse processo, acho que minha mãe também de certa forma, depois desse processo meu de aprofundamento na minha atuação e existência política a minha mãe também aprofundou a existência política dela, porque sair do trabalho doméstico tem a ver com esse sentimento de eu não devo mais me submeter, já chega, eu já passei suficientemente por isso (Taió).

Diferente da lógica observada por Charlot (1996), no contexto francês, de que cada geração pode autorizar simbolicamente a geração seguinte a emancipar-se de sua posição de origem, essas mães lograram modificar a própria posição com relação à escola e projetar para si o acesso ao ensino superior a partir das experiências dos filhos. É importante considerar nesse processo, não apenas o impacto da expansão do ensino superior no país, em especial na modalidade privada, mas também o efeito simbólico do acesso dos filhos à universidade e a incorporação de uma retórica, a partir da militância, que toma o direito ao ensino superior como fundamental. Além disso, não se pode deixar de lado, as implicações materiais da emancipação dos filhos após esse acesso, que libera uma parte da renda da família para esses investimentos escolares. Os entrevistados, tendo sido beneficiados pelos programas de auxílio permanência ao longo de suas trajetórias acadêmicas, além do acesso, em alguns casos, a bolsas de iniciação científica e fomento à pesquisa no âmbito da pós-graduação, tiveram no acesso a esses recursos não apenas um apoio para suas trajetórias individuais nas universidades, mas também contribuíram para a composição da renda das famílias, desafogando em alguma medida a posição das mães enquanto únicas ou principais fontes de renda familiar. Assim, com a constituição da independência financeira dos filhos, além do incentivo emocional e politicamente orientado, essas mães passam a investir maior energia e recursos materiais nos próprios planos pessoais.

Conclusões

Em consonância com o que é observado na literatura especializada, os processos de desengajamento do NCN experimentados pelos entrevistados são bastante variados com relação às motivações, os modos e os caminhos percorridos por eles após os processos.

É comum nas narrativas dos entrevistados que permaneceram no grupo até o momento da aprovação da política de cotas, em 2017, a afirmação de que a efetivação da principal bandeira defendida pelo grupo entre os anos de 2014 e até aquele momento, culminava num sentimento de que suas contribuições à universidade e à militância no NCN estavam dadas. Além disso, embora realizados com a conquista, sentiam-se exaustos pelo envolvimento no processo de greve e reivindicação. Assim, justificavam a necessidade de investirem em esferas da vida cuja importância, no momento, se sobrepunha à participação no Núcleo. A principal delas dizia respeito à carreira acadêmica. Em alguns casos, a finalização da graduação. Na maioria deles, a dedicação à pós-graduação.

Observamos também que na medida em que as principais expectativas dos entrevistados quanto ao grupo não são atendidas, os processos de engajamento perdem o sentido. Assim, um exemplo que verificamos, foi que para aqueles que tinham como principal motivação no NCN um espaço de formação, o sentimento de que essa demanda não estava mais sendo atendida se configurou também como motivação para deserção. A possibilidade de reconversão das competências adquiridas ao longo do processo de adesão ao NCN na construção de outros espaços de militância, também se verificou como significativa para definir os processos de desengajamento. Em muitos casos, o desengajamento do Núcleo é acompanhado pelo engajamento em outros grupos, em especial cursinhos populares, e também por processos de fundação de outros coletivos, onde entrevistados que no contexto do NCN afirmavam atuar nos bastidores das atividades, nesses novos coletivos passaram a atuar como fundadores e lideranças, colocando a serviço dos novos grupos as competências adquiridas no contexto da atuação no Núcleo.

Ainda, embora o NCN seja evocado pelos entrevistados, em especial por aqueles que estiveram simultaneamente vinculados a diferentes organizações políticas no momento de engajamento no Núcleo, que o grupo era um dos mais saudáveis e confortáveis para militância, a despeito dos conflitos, uma motivação que também se

mostrou frequente para processos de desengajamento foram tensões relacionadas aos modos de organização interna do grupo. Frequentemente esses conflitos estiveram relacionados a percepção de existência de hierarquização interna. Em alguns casos, desconfianças em torno de militantes partidários. Em outros, tensões relacionadas a posição de protagonismo ocupada por militantes voluntários, mas com trajetórias mais longas de militância.

Em outros casos, os processos de desengajamento foram vivenciados por força de crises biográficas. Nesse sentido, questões relacionadas à saúde mental são bastante frequentes. Além disso, esses processos se ligam a um tópico também mencionado pelos entrevistados como de tensionamento no grupo: percepções diferenciadas sobre o sentido de acolhimento e o lugar de discussões relacionadas à subjetividade e sofrimento psíquico no interior do grupo. Para alguns, a percepção de que esses aspectos eram desprestigiados no Núcleo, para outros, a percepção de que essas questões não poderiam ser resolvidas internamente, sendo necessário trabalhá-las em outras instâncias, como o atendimento especializado, a adesão a religiosidade, entre outras esferas.

Contudo, embora as lógicas individuais de desengajamento variem entre os entrevistados, um fator comum é observado: o custo emocional dos processos. Para maioria deles, o desengajamento é percebido como doloroso e foi formalizado após longo tempo de hesitação e negociação interna. O sentimento de culpa pela deserção e o desejo de investimento em interesses individuais, em detrimento de uma saída coletiva, é frequentemente evocado.

Essas declarações relacionadas ao sentimento de culpa ajudam a revelar uma importante implicação biográfica do processo de engajamento militante observado em todos os casos: a incorporação de uma identidade militante e de um sentido para a própria existência que passa necessariamente pela aposta em enfrentamentos coletivos e o desejo de contribuição para transformação da realidade social.

Nesse sentido, todos os entrevistados seguem se reivindicando militantes do movimento negro, mesmo aqueles que não se encontram vinculados a nenhuma organização política. Além disso, afirmam politizarem todas as esferas da vida. Uma das mais destacas é a esfera profissional. Ademais, é evidente a reconversão das competências adquiridas no curso da militância em suas práticas. Em alguns casos, isso se expressa na atuação como educadores, seja no âmbito da educação básica, seja em propostas de educação não formal. Na maior parte dos casos (nove deles), no curso de suas atuações como pesquisadores vinculados à diferentes programas de pós-graduação da

universidade. Em todos os casos, as relações raciais figuram como parte essencial das agendas de pesquisa.

Verificamos também, que o processo de adesão ao NCN contribuiu para que militantes reconvertessem capitais políticos não apenas em capitais científicos, mas novamente em políticos, ocupando posições no campo da política institucional, como no caso de Taió, que se tornou assessora parlamentar no mandato de uma deputada na Assembleia Legislativa de São Paulo, e Ayana, que passou a fazer parte do comitê técnico do Conselho Municipal de Saúde de Campinas.

Ademais, os processos de engajamento ressoaram nas relações familiares dos entrevistados. Outrora assunto pouco tocado, debates a respeito das relações raciais no país se tornaram frequentes no seio das famílias, sendo os entrevistados responsáveis por contribuir para processos de letramento racial entre seus familiares. Além disso, a adesão à militância, articulada a experiência de ingresso na universidade, contribuiu para que novos projetos de futuro fossem mobilizados pelos familiares, sobretudo as mães. Incentivadas pela retórica militante dos filhos, aliada a independência financeira vivenciada por eles no acesso à UNICAMP, as mães de seis estudantes ingressaram no ensino superior, em universidades privadas, num exercício de autocuidado e realização pessoal.

Destaca-se também, que o NCN, ao contrário do NEN, logrou “ficar para sempre”, permanecendo ativo até os dias atuais. Nesse sentido, considerando os processos de desengajamento dos militantes que passaram pelo grupo em diferentes momentos desde sua fundação até o processo de implementação da política de cotas, observamos que o esforço de uma das lideranças do grupo na época, Akin, em permanecer vinculado no Núcleo até que os novos membros, ingressantes após a implementação das cotas, estivessem suficientemente formados para manter as atividades do coletivo autonomamente, foi relevante para que o NCN não se dissolvesse após o desengajamento dessa geração inicial de militantes.

CAPÍTULO IV – AFIRMAÇÃO DE UMA INTELLECTUALIDADE NEGRA COMO AÇÃO POLÍTICA

Neste capítulo, que se configura como um esboço de análise comparada, aplicamos a mesma estrutura analítica utilizada para o caso do NCN, agora com enfoque nas experiências dos entrevistados que foram vinculados ao NEN. O texto está dividido em quatro itens. No primeiro, discutimos os processos de constituição de disposições ao engajamento militante. Observaremos que os diferenciados processos de socialização pelos quais passaram serviram para determinar dois tipos de repertórios de ação política como mais atrativos para cada um deles: no caso de Ras, a militância de viés acadêmico. No caso de Aziza, Nala e Layla, uma militância mais orientada a ações confrontacionais. No segundo item, discutiremos os processos de engajamento. No terceiro, os processos de desengajamento e no quarto, as implicações biográficas.

1. O caso de Ras: processos de socialização orientados a um ethos de ascensão pautado na valorização da vida intelectual

Ras nasceu em 1982 na cidade de São Paulo. Tem apenas um irmão, dez anos mais velho. Neto de trabalhadores braçais e empregadas domésticas, tem sua trajetória de vida marcada pelo profundo *ethos* de ascensão de seus pais. Sua mãe estudou até a quarta-série, trabalhou durante a infância como empregada doméstica e na vida adulta foi dona de casa. Já seu pai, durante anos da juventude um “faz-tudo”, logrou formar-se em direito nos anos 80, tornando-se tempos depois delegado.

Hoje eu percebo que eles fizeram um esforço consciente ou inconsciente que foi decisivo para nossa trajetória pessoal: o primeiro, os dois vinham de famílias extensas e eles reduziram a sua família a duas crianças, eu e o meu irmão, e eu acho ainda que era para ser só um né, eu brinco com eles..., mas nitidamente foi uma estratégia de reduzir a família ao máximo. Outra estratégia, não pagar aluguel nem morar em terreno coletivo. Então namoraram durante nove, dez anos, mas a partir de um momento noivaram e começaram a ter uma estratégia de guardar dinheiro para comprar um terreno no bairro popular que era na zona leste de São Paulo, eles vão morar em São Paulo na Vila Antonieta até perto da Vila Formosa que é perto da Vila Carrão. O meu pai vem dessa família de faz-tudo e foi um faz tudo também. Meu pai também começou a trabalhar muito cedo e consertando guarda-chuva, trabalhando em fábrica de vidro, trabalhando como alfaiate com o irmão etc... ele começou a estudar e aí precisou deixar a escola para trabalhar e depois ele voltou a fazer supletivo já na fase adulta mas a diferença

que dá um outro ponto de virada na minha trajetória, do meu irmão, da nossa família, é que quando meus pais se conheceram e noivaram o meu pai tinha entrado como guarda municipal de São Paulo, Antiga Força Pública de São Paulo na Guarda Municipal e depois meu pai fez concurso e é um policial civil, eu sou filho de um delegado de polícia... durante muitos anos meu pai trabalhou como investigador da Polícia Civil e quando eu nasci, estava perto de nascer na verdade, final dos anos 70, meu pai já estava na Polícia Civil. Meu pai tinha feito o supletivo antes de casar, acho que ele chegou a fazer cursinho nos anos 70 e foi prestar vestibular e entrou em Direito na USP, no começo dos anos 80 ele foi fazer Largo São Francisco, e quando eu nasci meu pai tinha se formado em Direito na USP no começo dos anos oitenta e depois ao longo dos anos 80 ele continua como investigador e no final dos anos 80 começo dos anos 90 ele virou delegado de polícia em São Paulo então a grande virada na trajetória familiar tem a ver com esse esforço deles. A minha mãe sempre foi dona de casa, mas aquelas donas de casa que guardava todo dinheiro, que costurava horrores, então tudo que pudesse ser feito em casa ela fazia, e meu pai também sempre foi muito econômico, os dois praticamente construíram nossa casa né, meu pai e minha mãe desenharam a casa, era uma casa que tinha dois quartos, dois banheiros, um quintal daqueles quintais de cerâmica vermelha de caquinhos de cerâmica vermelha né... (Ras)

Ras estudou durante o ensino fundamental em escola pública. Já ao longo do ensino médio, estudou em escola particular, e técnica. Seu trajeto de certo modo espelhava aquele que os pais haviam estabelecido para seu irmão.

Ele relata que os pais, muito impactados pela propaganda da ditadura militar entorno da necessidade brasileira por “técnicos”, obrigaram seu irmão a fazê-lo. Acabou estudando no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, num curso de mecânica, e a partir daí se encaminhou para uma carreira de exatas, se tornando engenheiro.

Do meu lado quando chegou a minha época, como filho mais novo, também meio que repeti os passos do meu irmão, só que meus pais já estavam decididos a mudar de cidade, minha mãe queria muito voltar a morar em Piracicaba, e quando chegou a minha vez de prestar o vestibulinho meus pais tinham decidido que a gente ia morar em Piracicaba. E aí eu fui fazer curso técnico em Piracicaba, que eu odiei, técnico em processamento de dados... aí eu fiz o curso técnico e junto do curso técnico eu também prestei um vestibulinho para bolsa no Colégio Anglo de Piracicaba, e aí eu consegui bolsa de 90%, 95% pra fazer o ensino secundário (Ras).

Sua rotina durante a adolescência se tornou “uma rotina desgraçada”. Acordava muito cedo, por volta das cinco horas da manhã, e encaminhava-se para a escola. Durante a tarde, participava de uma espécie de treinamento para o vestibular, oferecido pela escola, e entre as 19h e 23h30 permanecia na escola técnica.

Nessas escolas, Ras se via numa posição de *outsider* em diferentes sentidos. Na escola particular, era o único negro. No curso técnico, onde a maioria dos alunos eram negros, Ras se diferenciava como o único estudante que não trabalhava simultaneamente aos estudos.

Os pais de Ras tinham uma postura bastante “rígida” e determinada a que os filhos se constituíssem como *independentes*, desde o aprendizado de tarefas básicas relacionadas à vida doméstica, até a valorização dos estudos e constituição de uma profissão.

Então, frases clássicas dos meus pais: a primeira coisa, os pais não vão ficar pra semente. Então você precisa se virar desde criança, então desde criança embora eu nunca precisasse trabalhar, com minha mãe e com meu pai aprendi a lavar, passar, cozinhar, enfim, e meu pai de final de semana ele pegava a gente para fazer trabalhos manuais, então coisas de marcenaria, pintar a casa, erguer muro, *assentar* azulejo, tijolo, porque a ideia era que a gente não tinha grana para contratar essas coisas então eles construíram uma casa e meu pai e minha mãe ficaram de servente do pedreiro que eles contrataram para construir nossa casa e a manutenção da nossa casa, das coisas mais simples, era basicamente feita por nós, então eu aprendi a fazer muita coisa porque os pais não iam ficar pra semente e porque a gente não ia poder nem eu nem meu irmão depender de ninguém (Ras).

Conforme comentado, outro ponto de profunda vigilância da família tinha a ver com a educação. Ras relata que nunca reprovou nenhuma série e tinha muito medo de chegar em casa com notas baixas no boletim. Para o parâmetro dos pais, nota sete já era um problema. Ainda, foi socializado pelos pais a adquirir um rico repertório cultural e um profundo gosto por literatura. Sua casa era a única do bairro com uma pequena biblioteca. Seus pais mantiveram a assinatura de um clube de livros, chamado “Círculo do Livro”, entre os anos 70 e 90, constituindo um acervo que incluía também uma literatura negra, como a obra de Alice Walker, a *Cor Púrpura*, e o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, obra que Ras leu pela primeira vez quando tinha apenas 13 anos de idade, e que seria parte de seu objeto de estudo no doutorado, quase dez anos depois.

Um dos passeios que eu fazia com meu pai quando era criança, eu tenho memórias da gente ir no centro da cidade, ir até o sebo na praça João Mendes, até a Rua São Bento a Praça do Patriarca, em sebo, e meu pai comprava gibi pra mim, e eu sempre vi os meus pais lendo, sempre vi meu irmão... e meu pai tinha aquela coisa também de: estudante precisa ter uma gramática, precisa ter um livro de aritmética, precisa ter enciclopédia, então tinha enciclopédia, e os livros do círculo do livro que eram basicamente livros de literatura brasileira, coisas que foram

importantes para mim depois, Machado de Assis, Lima Barreto, Carolina de Jesus, João Antônio, enfim e literatura Internacional Dostoiévski, não sei porque tinha em casa, meu pai gostava, Edgar Allan Poe, tinha em casa, Gibi, Turma da Mônica até X-man... e música, a minha casa nunca ficou um dia sem música... minha mãe adorava Samba, meu irmão Rock e meu pai, Chico Buarque, Milton nascimento, Gilberto Gil, música italiana, Jazz, essas coisas (Ras).

Ras indica em seu relato, não ter sido socializado para uma vivência gregária. Por um lado, pelo medo que sua mãe nutria com relação a violência. Nesse sentido, afirma ter tido desde muito cedo um *letramento racial* pela defesa da própria vida.

Primeira coisa, você é preto, você é negro, e eu não tô brincando, eu lembro de conversa desse tipo com 6, 7 anos, você é negro e o mundo não vai ser legal com você. Mas por que? Por que você é negro. Segunda coisa, você tem hora pra sair e hora pra chegar, e a hora para sair de casa basicamente é a hora da escola, e no caminho da escola minha mãe ia me levar e me buscar, porque meu pai trabalhava o dia todo, funcionalismo né, na polícia... a outra coisa, eu aprendi a ler muito cedo né, aprendi a ler e escrever antes de entrar na escola e aí a coisa que você tem que saber de cor: o nome dos seus pais, têm que saber de cor e salteado seu endereço, até hoje eu sei o nome da minha rua que eu morava em São Paulo que eu não moro a quase 30 anos, sei o número de casa, o CEP da casa, o CEP da rua até hoje, eu não moro lá e lembro de cor, até pouco tempo atrás eu sabia o número do telefone da minha casa e eu aprendi quando eu tinha 8 anos, 9 anos, e eu aprendi a ler as horas em relógio de ponteiros antes de entrar na escola, mas por que tudo isso, não é porque eu sou genial mas porque eu tinha que saber como me movimentar e tinha que saber também como como responder caso encontrasse com a polícia, sofresse algum tipo de assédio, de violência né, e tinha que ficar memorizado, ficar na cabeça assim. E no bairro tinha muito bar, muito bandido e tinha muita polícia e tinha muitas histórias de violência policial, de gente que amanheceu com a boca cheia de formiga mesmo morta, então eu nunca pude jogar bola na rua a não ser escondido... e eu era o *nerd* como diziam, era gordinho, preto, *nerd*, usava óculos, e não sabia jogar bola, não sabia jogar bolinha de gude, me dava mal na educação física, e a gente não participava de atividades coletivas. Não me recordo de no meu bairro ter coisas como, associação de bairro, oficina cultural, coisas para jovens... tinha essa coisa do medo, medo da rua, da violência, do filho não voltar (Ras).

Socializado durante toda a infância e adolescência para assumir uma postura *devotada*, em especial com relação aos estudos, e tendo o acesso à universidade pública como um projeto dado pela família, ingressou no ano de 2000 na UNICAMP. No momento em que estava prestes a se aplicar para o vestibular, Ras decidiu subverter, em partes, o projeto da família. Não queria seguir uma carreira de exatas, tal qual o irmão. Ao mesmo tempo, queria também uma justificativa para voltar a morar em São Paulo.

E aí o negócio era que “a gente não vai pagar faculdade e também se você bombar no vestibular não tem cursinho”, então aí a nossa vida sempre foi uma vida de um tiro só né, e aí eu resolvi que eu ia fazer USP, eu tinha o meu plano secreto que era voltar a morar em São Paulo então se eu passasse no vestibular eu podia voltar a morar em São Paulo com meu irmão, minha mãe tinha me proibido de ficar em São Paulo com meu irmão por que ela achava que não era uma boa ideia deixa um adolescente de 14 anos com um adulto de 23, que não ia dar muito certo, e ela tinha toda razão, mas eu não entendia assim, e o meu plano era que eu queria voltar a morar em São Paulo e eu decidi que eu ia fazer jornalismo na USP... então eu prestei vestibular pra Jornalismo, na ECA e bombei na segunda fase, e prestei vestibular na UNICAMP e o que eu queria fazer era Jornalismo por que eu gostava de ler e escrever basicamente, e eu nunca tinha ouvido falar de Ciências Sociais... quando eu peguei o catálogo da UNICAMP eu fui olhar os cursos de humanas, aí tinha letras, tipo, ah, até que eu gosto de letras né, até participava de um grupo de discussão de literatura no colégio, mas letras, vou virar professor? História, gostava muito e tive bons professores tanto no fundamental quanto no secundário... aí eu vi sociais... e você vai dar risada, mas é verdade, Fernando Henrique era presidente, e para minha geração ele quem fez Ciências Sociais e ele resolveu muitos problemas de almoço de domingo por que, “Que raios é isso que você faz?” “Não, a gente estuda pra se tornar sociólogo”, “Aí com que trabalha?” “Ah, não sei você pode virar presidente, fazer pesquisas” (risos) enfim, eu decidi como primeira opção sociais, segunda história e terceira letras. E na UNICAMP eu passei na primeira chamada, e aí eu já tinha a resposta que não tinha passado na ECA, mas enfim, o que eu queria era basicamente sair de casa, tava doído pra sair de casa não por que tivesse algum tipo de problema, sempre tive uma família bastante estruturada, não tive problemas com condições materiais, o casamento dos meus pais sempre foi estável, nunca tive visão de cena de violência familiar e etc., mas meus pais eram muito rígidos, tinham essa coisa do valor da educação muito presente... (Ras).

O ingresso na universidade veio acompanhado da adesão de Ras as primeiras atividades coletivas. Contudo, todas elas estavam relacionadas a suas *afinidades acadêmicas*. Desenvolveu seus interesses por literatura, publicou seus primeiros contos no jornal “Caixeiros Viajantes”, do CACH – Centro Acadêmico dos Estudantes de Ciências Humanas, participou de cineclubes e laboratórios de fotografia também desenvolvidos por estudantes.

Na faculdade eu comecei a ter a coisa do grupo né também, então os meus grupos sociais no princípio foi um grupo que tinha a ver... eu nunca fui uma pessoa muito gregária, eu não gosto de andar em grupo, não gosto de bando, mas era o grupo de afinidade de gente que gostava de literatura, que escrevia no caixeiros, aí eu comecei a andar com gente que gostava de cinema comecei a andar com gente que gostava de fazer pesquisa, no IFCH tinha o ENCHUMA, que era o encontro de alunos de ciências humanas, aí a gente conhecia gente da universidade inteira... (Ras).

1.1 Aziza e Nala: processos de socialização orientados à participação política

Aziza²¹ nasceu em 1974 na cidade de Campinas. Sua trajetória familiar, tal qual a de Ras, também é marcada por um *ethos* de ascensão²². Embora os pais não fossem escolarizados em nível superior, o pai apresentou uma pequena ascensão com relação ao seu próprio pai, escolarizando-se até o ensino fundamental e tornando-se um trabalhador urbano. A mãe era babá e completou sua escolarização na modalidade EJA, depois de adulta. Contudo, Aziza relata que ambos os pais eram grandes leitores e a família também respirava musicalidade.

Então do ponto de vista econômico da nossa família, a gente é uma família de classe média baixa, acho que é o que define aí, então, embora a gente seja da classe trabalhadora, a gente deu uma melhoradinha, nada impactante, mas não lembro da gente ter passado por privações materiais, ao contrário, meu pai sempre teve carro, nos anos setenta, oitenta era difícil pra pessoas da mesma classe que a gente né, carros bons, ele gostava de carros grandes e tal, e a gente viajava sempre, enfim, tinha uma coisa que comparando com os amigos né, tinha carne em casa, meu pai é da Bahia e ele sempre gostou dessa dieta bastante abundante do ponto de vista da carne vermelha. Eu acho que a coisa muito marcante do ponto de vista da classe era a coisa do repertório cultural, sempre teve livro na minha casa, meus pais embora eles não tivessem curso superior eles já tinham acesso a digamos, uma norma urbana, meu pai já era um trabalhador urbano quando ele vem de Salvador nos anos sessenta pra Campinas e minha mãe também, eles eram trabalhadores urbanos, a norma urbana de prestígio já foi passada pra gente, o que fez bastante diferença na escola, aquela coisa, eu sou linguista, então esse é um traço que eu sempre marco, então foi um fator do ponto de vista de como nós éramos tratadas na escola, não teve preconceito linguístico, por que nós adquirimos dele além desse repertório cultural, de lerem, a gente cresceu vendo nossos pais lendo, e esse falar aceito na escola, que não era estigmatizado (...) Minha mãe comprava enciclopédias que vendiam de porta em porta, a gente tinha um acervo nosso, gibi, dicionários, a gente mesma, na sexta série, comprava dicionário de francês, de inglês, a gente gostava de comprar livro, a gente vivia no shopping gastando... e a gente aprendia assim e com música, tinha uma revista chamada “Letras Traduzidas” nos anos oitenta, e a gente decorava... quando a gente viu a gente falava, escrevia... (Aziza).

²¹ Cabe ressaltar, como já foi comentado, que Aziza é também tia de Lueji, que viria a se tornar militante do NCN.

O projeto de futuro da família de Aziza também passava explicitamente por seu acesso à universidade. Moradores da Vila Miguel Vicente Cury em Campinas, numa localização muito próxima à UNICAMP, cresceu juntamente com suas três irmãs passeando frequentemente pelo campus. Conforme afirma:

A gente sabia, ao contrário da maioria da população de Campinas que a UNICAMP não era hospital, era uma universidade... então meus pais falavam isso, fazer faculdade e ser professora... o que foi falado foi cumprido (Aziza).

Contudo, a mãe de Aziza, ao contrário da família de Ras, incentivava constantemente que suas filhas se vinculassem a atividades coletivas. Além disso, sua mãe era envolvida no movimento negro e cultural da cidade:

A gente fazia tudo isso com a minha mãe, mais com a minha mãe, e a gente ia pra cinema, pra teatrinho, parque, Taquaral, coisa de igreja, essa coisa de tá no movimento social é muito da minha mãe, escola de samba, essa coisa de tá enfiada em muito movimento, a gente sempre tava participando de alguma coisa. Minha mãe quando estudou também participava de grêmio, fazia teatro, então a gente herdou... meu pai era mais quieto, mas essa coisa... (Aziza).

A relação da família com movimentos sociais na cidade culminou que Aziza e as irmãs ingressassem na universidade com um longo trajeto de participação política. No âmbito religioso, Aziza atuou como coordenadora da pastoral da juventude da igreja católica que frequentava. Declara ter sido crismada com os freis da teologia da libertação, o que representou uma experiência de forte socialização política. Além disso, o bairro vizinho ao seu era marcado por um forte movimento cultural:

A gente tava na redemocratização né... então tinha todo o engajamento, a gente só brigava né, na verdade, com os grupos fundamentalistas... Renovação carismática... então a gente brigava com eles, porque eles só queriam ficar rezando o terço, adorando manto de Maria, e a gente fazia campanha, a gente fazia o teatro, a gente agitava a comunidade... então lá na igreja eu participei do grupo de jovens que era da pastoral jovem né, aí participei da pastoral litúrgica né, e aí a gente ia pra retiro, essas coisas, mas eu lembro na igreja católica do bairro né que tinha um movimento forte do PT aqui na vila Costa e Silva né o meu bairro é Vila Cury que era grudado na Vila Costa e Silva.. A Vila Costa e Silva sempre teve movimentos culturais mais fortes, a escola de samba, o movimento hip-hop né e a capoeira né, então, e o movimento católico né, então eu lembro que eu ia à missa quando era Barracão ainda, o canto de comunhão era Geraldo Vandré, era na época da ditadura ainda, oração de São Francisco então eu lembro dos discursos né... eu não ouvia na época falar em MNU, eu sei que tinha gente ligada à movimento negro aqui mais nessa época... fui ouvir falar mesmo só nos anos 90 né, então os grupos que eu participei, tinha a escola de samba,

a gente desfilou na escola de samba na ala das crianças né, minha mãe era da Diretoria da escola de samba, lembro que em 88 quando a escola ganhou, saiu no jornal, Estrela Dalva em Azul e Branco, e então os enredos eram muito significativos assim... minha mãe saia no Afoxé, Afoxé Ilê Ogun, minha mãe e minha irmã mais nova... (Aziza)

Com relação à escolarização, Aziza estudou a maior parte do tempo em escolas públicas, cumprindo três anos de sua formação na Fundação Bradesco. Assim como Ras, Aziza compartilhava, junto as irmãs, de uma postura devotada com relação aos estudos.

A gente sempre estudou sozinha, naquela época nossa não tinha cursinho popular, a minha entrada e da minha irmã no vestibular foi por essa disposição de sempre estudar sozinha, tanto que com 12 anos a gente era praticamente fluente em inglês, a gente já tinha esse interesse por causa do conhecimento musical e a gente se interessava por francês, italiano, e sempre estudamos tudo sozinhas... (Aziza)

Em 1997, Aziza ingressa na UNICAMP, no curso de Letras. Um ano antes, havia ingressado sua irmã, mãe de Lueji, no curso de Pedagogia, o mesmo que seria cursado pela filha em 2010.

Entre os anos de 1997 e 2007, Aziza se graduou em três cursos de graduação vinculados ao curso inicial de ingresso: Bacharelado em Letras, Licenciatura em Letras e Bacharelado em Linguística. Por volta dos anos 2000, ingressa como educadora no Cursinho Popular Hebert de Souza, onde permanece até o ano de 2004. Neste mesmo ano, se torna filiada ao PT, onde se mantém até os dias de hoje.

Então ali naquela época a gente começou os primeiros debates sobre cotas, que a outra geração do NEN que levou adiante como prática, o “NCN”²³, por que aí depois do Hebert eu me filiei ao PT, entrei no Núcleo de Combate ao Racismo, cheguei a ser secretária no Núcleo de Combate ao Racismo (Aziza).

É neste mesmo ano, em 2004, que Aziza se juntaria à Nala e Fayola, para pensar a fundação do NEN, conforme comentaremos no próximo item, trazendo em sua bagagem competências políticas e uma identidade militante sedimentada.

Nala também é campineira, nascida em 1975, neta de avós pouco escolarizados e migrantes, assim como os demais três entrevistados. Contudo a trajetória social de sua

²³ Curiosamente, na perspectiva da Aziza, o NCN se configura como uma nova geração do NEN, embora não exista relação direta entre os grupos, e os repertórios de atuação sejam diferentes. Essa avaliação corrobora com uma perspectiva militante que entende que as possibilidades de ação política no hoje, estão conectadas aos caminhos trilhados por outros membros do movimento negro no passado, conforme traduz a máxima de Jurema Werneck, “nossos passos vêm de longe”. Ler, WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo In: *Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux* [online]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. Disponível em: <<http://books.openedition.org/iheid/6316>>. Acessado em: 19/12/2020.

família se diferencia daquela experimentada por Ras e Aziza. Seus pais são pouco escolarizados e possuem uma trajetória de estabilidade com relação aos próprios pais, atuando como empregada doméstica, no caso da mãe, e pedreiro, no caso do pai, em posição homóloga ao dos avós. Nesse sentido, as condições objetivas de existência eram mais instáveis:

Quando eles casaram nós ficamos morando um tempo na casa dos meus avós, e aí meu pai, ele é mais esquentado, acabou brigando na casa da minha avó, um ano depois, e aí eles saíram, só que eles não tinham casa, então minha mãe conta que ficamos morando dois anos em ocupação, não sei exatamente onde... passado esse tempo, meus pais se inscreveram na COHAB, minha mãe já trabalhava, tinha nascido meu outro irmão, nossa diferença de idade é de 2 anos e meio, nós saímos da ocupação e fomos pra uma casa, um ano e meio nela, alugada e depois nós fomos morar no Von Zuben, quando nasceu o meu segundo irmão, foi quando meus pais foram chamados pra COHAB, eu tinha 6 anos e meio... eles foram morar na região do Campo Grande, no conjunto habitacional parque Itajaí, então eu morei dessa idade de 6 anos e meio até entrar na universidade eu morei com meus pais na casa deles, numa casa de COHAB, eu sou uma menina de COHAB, com tudo que isso significa, um bairro popular, afastado do centro, com poucas condições de acesso... era uma região que não tinha nada, quase não tinha escola, postinho de saúde... tanto que eu estudei a vida toda em escolas centrais. Uma realidade difícil... e eu vivi a vida inteira nesse bairro... só que como eu estudava na região central eu tinha acesso a outras coisas (Aziza).

Nala relata que sua mãe trabalhava na casa de uma senhora que havia sido patroa de sua avó. Essa mulher, ex-professora de uma escola pública no bairro Cambuí, bairro considerado de classe média alta na cidade, acabou por garantir uma vaga para que Nala e o irmão lá estudassem.

Minha mãe precisava de uma escola perto do trabalho pros filhos estudarem e a patroa da minha mãe era ex-professora da escola em que eu estudei... a ideia da minha mãe era mais pragmática, não queria a gente no bairro sozinhos, queria perto dela e pra tá perto dela tinha que estudar perto do trabalho. Só que ajudou nas outras questões, por que ao ser uma escola central, tinha mais acessos, e nessa escola eu descobri o magistério, comecei a criar pequenos planos (...) eu decidi que eu tinha que fazer algo pra não seguir a trajetória da minha mãe, minha avó trabalhou pra aquela família, a minha mãe também e eu não queria acabar trabalhando pra aquela família, eu decidi pra mim isso (Nala)

Com uma postura reflexiva e insubmissa, diante do trajeto típico vivenciado pelas mulheres de sua família, Nala afirma que “o plano de mudar de vida” foi construído de

forma bastante solitária. Os pais incentivavam os estudos, mas não compreendiam bem o funcionamento da escola. Foi no contexto dessa escola central que Nala foi socializada para saber sobre a existência de ensino técnico, magistério, faculdade. Com o objetivo de garantir uma renda que possibilitasse seu acesso à faculdade, Nala resolve se matricular em uma escola de magistério, devido ao salário atrelado ao curso:

E eu quis fazer magistério, a questão não era nem dar aula, mas eu pensei: preciso de um trabalho que me permita fazer faculdade, mas pra mim faculdade era apenas pago... então eu precisava de um trabalho, mas precisava de tempo pra estudar, magistério trabalha meio período, então fiz magistério pensando nisso... e aí nessa demanda do magistério, a escola mais próxima era a Carlos Gomes, mas ela seria conseguida no mesmo favor que a outra, a patroa da minha mãe conversar e não sei o que, e eu não queria essa vida de favores. Eu queria ser livre, e nessa angústia eu descobri conversando com o inspetor da escola, que existia um projeto chamado CEFAM, de formação intensiva pro magistério.... ficava quatro anos estudando o dia inteiro, uma bolsa de um salário mínimo... e eu falei, esse é meu plano de libertação. Convenci minha mãe a não me matricular no Carlos Gomes, minha mãe tava acostumada com isso, com os favores, e eu não queria favor. Aí estudei no CEFAM e lá eu descobri a UNICAMP... e fiquei com aquilo, eu posso não pagar pra fazer faculdade... minha trajetória foi planos, surgia a informação e eu ia articulando pra conseguir o que eu queria... (Nala).

Em sua primeira tentativa de acesso à universidade, Nala não foi bem sucedida. Passando a atuar no magistério, acabou descobrindo a partir de uma colega de trabalho que existia um cursinho popular vinculado ao DCE da UNICAMP. Após um ano de estudos, e trabalhando como professora eventual no magistério, foi aprovada no vestibular de 1998, para o curso de Ciências Sociais. Entre os anos de 1998 e 2005, graduou-se em Sociologia e Ciência Política.

Se a trajetória social de Nala se diferenciava do de Aziza do ponto de vista das condições objetivas de existência, no que se refere a experiências de adesão à militância anteriores à universidade, elas se aproximavam. Aos 20 anos, Nala participava das Comunidades Eclesiais de Base – CEBES, e na Pastoral da Juventude de seu bairro vivenciou suas primeiras experiências de militância. Nos anos 2000, aos 25 anos, desejando se orientar para uma militância “mais adulta” acaba por se vincular à Pastoral do Negro, o que representou um processo de conscientização e adesão efetiva ao movimento negro.

Então eu fiz parte desse movimento pelos anos de 2001 em diante... e quando eu ingressei na Pastoral do Negro foi algo muito libertador eu diria, porque a minha família foi uma família que sempre se discutiu a questão da negritude, mas não na perspectiva de militar, discutia na

perspectiva de “olha nós como negros a sociedade nos trata desta forma, temos que nos proteger desta forma”, mas não no sentido de precisamos nos unir, lutar, reivindicar direitos. E a Pastoral do negro trouxe para mim essa discussão de “olha, temos que fazer enfrentamentos, a nossa vida é uma vida que é marcada pela história, nós vivemos conquista que outras pessoas fizeram então nós temos obrigação de fazer conquistas para as gerações futuras”. Então esse sentimento, essa discussão foi me impactando e eu disse, nossa, é isso, o meu papel histórico é esse, eu tenho que ser a menina, a jovem negra que entrou na universidade como poucas pessoas mas tem que abrir um caminho para outras pessoas, aí eu comecei a acompanhar tudo que tinha discussão de negritude, então era debates eu ia participar, encontros, conferências, eu ia participar de tudo que existia, o meu objetivo era aprofundar na discussão... (Nala).

A trajetória social de Layla é semelhante, em partes, com a de Nala, do ponto de vista da posição social de sua família. Também nascida e criada em Campinas, em 1978, filha de uma dona de casa e de um operário de indústria alimentícia, seus pais são pouco letrados, possuem uma trajetória de estabilidade com relação a ocupação profissional dos próprios pais e as condições objetivas de existência também eram instáveis. Além disso, o abandono paterno, durante alguns anos da adolescência de Layla e seu irmão, contribuiu para que a situação se agravasse.

Nasci e me criei em um bairro pobre, a minha casa era de frente para um lugar que seria uma espécie de... era uma mata né, mas foi uma área ocupada. Então tinha um processo crescente de ocupação ali daquele pedaço, eu não sei se te dizer se era uma área pública ou não, mas o fato é que parece que depois de um tempo a prefeitura regularizou a situação daquela ocupação. Do lado de cá onde eu morava era área particular, mas ainda assim com famílias muito pobres, então assim, financeiramente, a gente não tinha muita diferença de poder aquisitivo em relação ao outro lado da rua... inclusive tinha muita gente que morava do outro lado da rua que tinha mais bens materiais do que a gente e aí o pessoal que morava no lado particular sempre falava, ah, também, eles não pagam impostos né, então tem dinheiro para comprar carro, para comprar móveis né, e a gente não tem... então era sempre a desculpa. (...) Na minha casa eu o meu irmão, nós somos em dois né, a família era em quatro, aí em um determinado momento como meu pai foi morar com uma outra pessoa e eu e o meu irmão, a gente não tinha trabalhado ainda né, ele tinha 14 e eu 16, aí eu comecei a trabalhar numa fábrica que tinha lá perto do nas imediações do bairro que pegava todos os jovens e o meu irmão foi trabalhar na empresa de um cara na quebrada e aí depois de alguns anos o meu pai voltou para casa... a situação financeira ficou um pouco mais estável né, e foi o momento que eu pude sair da fábrica, eu já tava ficando doente que eu trabalhava na linha de produção eu tinha 16 anos trabalhava no período da noite depois eu comecei a trabalhar no integral, eu desenvolvi uma LER²⁴ fiquei super depressiva no lugar, era bem ruim, linha de produção bem assim... tem que fazer um tanto de peças por minuto né, ficava lá o dia

²⁴ Lesão por esforço repetitivo.

inteiro apertando parafuso literalmente né, apertando hastes de óculos (Layla).

No que se refere a escolarização, embora sua mãe não fosse escolarizada, tinha o panorama de que escolas centrais ofereciam uma melhor qualidade de ensino. Assim, Layla também sempre estudou em escolas públicas centrais, por desejo de sua mãe.

Então eu tive a oportunidade de estudar em todo o meu período escolar no período diurno, só no meu último ano do ensino médio que eu tive de mudar para o ensino e noturno, e aí pra mim foi um pouco traumatizante, por que tava acostumada com aquela coisa do período diurno, que o pessoal é mais jovem, os professores eles dão um pouco mais de atenção, no período noturno era um pessoal mais velho, já cansado de trabalhar o dia inteiro né, eu inclusive, condução, tinha que ir correndo pra casa pra conseguir chegar a tempo na escola, tinha muito essa coisa de matar aula né... e assim eu sempre fui uma aluna.. eu não era estudiosa, no sentido de chegar em casa e estudar, mas não por preguiça, é porque eu não tinha assim um modelo, e a minha mãe também não cobrava porque ela não sabia que ela tinha que fazer né, ela não sabia o que era a escola, então eu chegava em casa e não fazia nada assim, e então quando eu me mudei para o noturno eu não precisei me esforçar muito né porque eram matérias já repetidas, os professores também, acho que todo mundo cansado, ninguém prestando atenção.. e também não se falava em universidade (Layla).

Em uma noite, no ano de 1995, enquanto passeava pelo pátio da escola, Layla se deparou com um cartaz de divulgação do cursinho pré-vestibular DCE UNICAMP, o mesmo em que Nala estudou. Participando do cursinho, teve contato com professores engajados, vinculados ao movimento estudantil na universidade, e cujos discursos cotidianos promoviam um ambiente de politização.

Eles eram muito conscientes, embora a maioria desses professores, eles tinham uma vida confortável né, de uma classe média, eram brancos né, tinha apenas um professor negro que era baiano, um cara bem mais velho, ele já tinha uma graduação em química e tava fazendo uma outra em medicina e ele era nordestino, preto e gay, então ele tinha uma presença muito forte, naquela época não existia geração tombamento mas se fosse naquela época ele seria da geração tombamento... mas esse cara ele era uma inspiração para todos os alunos e pros professores também porque ele era muito inteligente, num nível assim, muito alto. Quando passou a primeira fase do vestibular, depois tinha a segunda fase e tinha os testes de aptidão que eu nem sei se existe ainda hoje para os cursos de dança, e ele deu. E ele dava aula de química, era a profissão dele, mas ele falava de história, falava de geografia, falava de tudo. Era fodástico. Enfim então o clima do cursinho era muito isso assim, eles falavam o tempo todo, ele falava, e os professores de humanas também, e a maior parte dos professores de humanas eram antropólogos e eram muito incisivos em falar assim, “olha, vocês estão aqui e vocês tem que

estudar muito mais que o cara do COC”, então era um papo reto todo dia, tinha um pouco de conteúdo e um pouco de *couch* (Risos) tudo isso pra te dizer que eu fiquei um ano nessa mentalidade de, não tem moleza, tem que estudar, corre... (Layla).

A passagem de Layla pelo cursinho durou dois anos, por que ela não foi aprovada em sua primeira tentativa, para o curso de Ciências Sociais. Contudo, afirma que o cursinho representou uma divisão de águas, modificando sua visão e postura diante do mundo.

E eu sempre brinco, eu falo que existe um antes e um depois da Layla né, o antes da Layla é até o cursinho, até a terminar o Ensino Médio, aquela pessoa retraída, eu tinha medo né, das pessoas na escola, nem abria minha boca, eu não falava, não participava, era um ambiente para mim hostil, hoje em dia eu não sei se era porque era um ambiente branco e de uma classe social diferente mas era um ambiente assim que eu não me sentia à vontade. Quando eu entrei no cursinho, aí eu fui também, tentei ser aquela caxias que fica ali, que não quer passar vergonha mas já era outra coisa por que eu já fui informada que tudo que eu tinha visto na escola era insuficiente, eu fui informada que provavelmente eu tinha sido vítima de racismo, por que até então, nem pensava nisso, tinha sido informada que o vestibular era excludente, que a universidade pública era excludente, tudo isso lá nas aulas né...e tinha um professor de Geografia, que era Antropólogo, e ele falava assim, “vocês acham que é coincidência o *Shopping Galeria* ficar lá naquele bairro que não tem ônibus? É para você não chegar, seu pobre!” ele brincava né, então foi uma espécie de choque de realidade né, por isso que eu brinco que além de conteúdo de pré-vestibular a gente teve conteúdo de vida né, de consciência de classe, de raça, mais a de classe do que a de raça, professor negro era só o Elias (Layla).

Ao contrário da experiência dos outros entrevistados, Layla relata que em sua família a questão do racismo nunca era mencionada. Evangélicos vinculados à igreja Congregação Cristã, tinham como única literatura da casa a bíblia. Segundo comenta, a casa “*Não tinha uma revista, um quadrinho, não tinha mesmo, zero, nenhum. Televisão foi ter eu já tava na segunda série do ensino fundamental.*”

Layla atribui seu silêncio, além da socialização religiosa, à condição de disciplina a que era submetida dentro de casa. Contudo, comenta que embora obediente, era também questionadora:

Eu então tinha muita coisa também do machismo né, você tem que ajudar nas coisas de casa e o irmão não fazia nada, brincava na rua. Mas eu era quieta, era obediente, mas era questionadora, minha mãe questionava, “ah, você já arrumou sua cama e a do Marcelo?” O Marcelo é meu irmão. “Eu falava não, ele que arrume a dele, ele não é

aleijado”, eu dava essas respostas vez ou outra, não fazia sentido pra mim..., mas foi uma fase da docilidade do corpo mesmo, por causa da igreja e tal... de um lado mulher, de outro lado homens, eu ficava sentada, quietinha, não dava um trabalho, e aí quando cheguei na escola era fácil ne essa coisa da disciplina (Layla).

Assim, foi no contexto do cursinho que Layla teve seu primeiro espaço de socialização política, questionando o próprio passado. Ainda, afirma que seu principal incentivo para desejar acessar a universidade, passava, assim como no caso de Nala, pelo desejo de não vivenciar a mesma situação de fragilidade vivida por sua mãe:

Por que a mulher quando não tem autonomia quando ela não tem uma profissão digamos assim, ela fica à mercê de manter o relacionamento que já não deu certo. E aí minha mãe falava, incentivava bastante a estudar. E aí eu cresci sem nenhuma vontade casar nem ter filhos. Eu achei que era um mundo tão pesado, que eu não quis isso. E eu tive umas três bonecas só na vida, e eu nunca brinquei que elas fossem minhas filhas, eu brincava muito com minha prima, que a gente tinha escritório, empresa de moda, menos de mãe. E aí eu tinha essa coisa, eu lembro que uma vez a gente montou um banco, tinha uma mangueira enorme lá em casa, as folhas da mangueira eram dinheiro, na borracha a gente desenhou o nome do banco, costurava fitas de sulfite fazia cheque, era toda uma engenhosidade que a gente tinha quando era criança (risos), mas boneca mesmo... Então é eu acho que foi uma coisa mais assim para eu não passar pelo que minha mãe passou (Layla).

Layla ingressou na universidade no ano de 1998, no curso de Ciências Sociais, juntamente com Nala. Beneficiária do que na época era denominado Bolsa Trabalho, passava o dia todo na universidade, entre as atividades da bolsa, e os estudos na biblioteca. Foi a convite dela e Aziza que se engajaria no NEN em 2006.

2. Construindo o Núcleo de Estudos Negros

Até o ano de 2002, a UNICAMP não coletava dados relativos à raça/cor de seus candidatos e alunos ingressantes através do vestibular. Entre os anos de 2003 e 2008, período que contempla a existência do NEN, as taxas de ingresso de pessoas pretas não superaram 2,2%, e as de pessoas pardas, 13,3%, conforme indicam as estimativas divulgadas pela Comissão Permanente para os Vestibulares – COMVEST²⁵.

Em relação ao período compreendido entre 2001 e 2008, três dissertações de mestrado foram defendidas por estudantes negros da UNICAMP, com estudos enfocados

²⁵COMVEST. Perfil Sócio-econômico Geral. Disponível em: <http://www.comvest.UNICAMP.br/estatisticas-comvest/estatisticas-sociais/perfil-socioeconomico/perfil-socioeconomico-geral/>. Acessado em: 29/11/2020.

na experiência dos demais alunos negros na universidade neste período. A primeira dissertação, intitulada “A exclusão do negro na universidade pública: história oral de graduandos afro-brasileiros da UNICAMP”, foi defendida em 2001 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, sendo de autoria de Júlio da Costa Silva.²⁶ A segunda, intitulada “Anônimos e invisíveis: os alunos negros na UNICAMP”, defendida em 2006, também no IFCH, é de autoria de Fabiana Mendes de Souza²⁷ e a terceira dissertação, intitulada “Elas são Pretas: cotidiano de estudantes negras na UNICAMP”, defendida em 2008 na Faculdade de Educação é de autoria de Janaina Damaceno Gomes²⁸. Importa destacar, que essas duas últimas autoras também foram engajadas no NEN.

Essas dissertações representam certo ineditismo, no sentido de que se tratam das primeiras já registradas na UNICAMP, que problematizam a presença negra na universidade do ponto de vista de jovens alunos negros e pesquisadores na instituição. Acreditamos também, que as conclusões apresentadas por estas três dissertações informam um panorama geral da experiência dos alunos negros no contexto da UNICAMP naquele período.

As três pesquisas cobrem quase uma década, revelando regularidades e constatações comuns: a presença negra na universidade como uma ausência, do ponto de vista do acesso e da invisibilização dos que logram ingressar, mas que se faz visível em experiências coletivas de racismo percebidas pelos alunos negros na universidade.

É neste contexto que surge o Núcleo de Estudos Negros– NEN. Conforme já comentamos na introdução dessa dissertação, O NEN é fundado em 2003, congregando alunos negros, em sua maioria de pós-graduação, vinculados à cursos de Ciências Humanas. A ideia de constituir o grupo teve relação com a participação de Nala e Fayola no II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, em novembro de 2002.

O I COPENE aconteceu no ano 2000, na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Naquele contexto, reuniu cerca de 350 estudantes e pesquisadores negros de todo

²⁶ SILVA, Julio da Costa. A exclusão do negro na universidade pública: história oral de graduandos afro-brasileiros da UNICAMP. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2001.

²⁷ SOUZA, Fabiana Mendes de. Anônimos e invisíveis: os alunos negros na UNICAMP. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2006.

²⁸ GOMES, Janaina Damaceno. Elas são Pretas: cotidiano de estudantes negras na UNICAMP. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2008.

o país. Foi também neste evento que se fundou a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN.

Segundo narrativa da Prof^a. Dr^a Lídia Nunes Cunha (UESB)²⁹, uma das responsáveis pela criação do congresso, o I COPENE foi organizado a partir das inquietações dela e de outros pesquisadores negros que participavam, no ano de 1999, do XX Simpósio Nacional de História – ANPUH, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina. Durante um café, questionavam entre si a baixa presença negra no evento, e comentaram, inicialmente de forma despretensiosa, que seria importante construir um evento voltado a reunião de estudantes e pesquisadores negros. Aquele momento, marcado por uma intensa efervescência política e pela organização de setores do movimento negro em torno da participação na Conferência de Durban, que aconteceria de 2001, serviu de mola, segundo Cunha, para a efetivação do congresso e da ABPN.

Dois anos depois, o evento seria significativo para impulsionar a criação do NEN na UNICAMP:

O congresso foi bacana, eu conheci os pesquisadores que estavam na UFSCAR, imagina, todos os grandes nomes, por exemplo, Valter Silvério, eu conheci nesse momento... tem um professor, Dagoberto, também da UFSCAR... ele foi o precursor de um dos primeiros grupos de consciência negra universitária.... então eu voltei com todas essas ideias. “Gente, existe grupo pra discutir essas questões na universidade, as pessoas tão discutindo, na USP discutem, na Unesp discutem, a UNICAMP tem que discutir, a gente não pode ficar de fora disso! Aí, passamos de 2002 a 2003 articulando isso (Nala).

Retornando do COPENE, uma das primeiras pessoas a ter contato com a ideia foi Silvia Cipriano, que naquele momento era aluna do IA. Segundo relatos de Nala em entrevista, Silvia já possuía certo acúmulo em espaços do movimento negro, como por exemplo, experiências em torno de cursinhos populares para pessoas negras. Assim, “Silvia agregou muito para o debate”, indicando como deveriam se organizar para articular um grupo associativo novo. Assim, o primeiro grupo articulador do NEN foi constituído pela Sílvia, Fayola, Nala, e Aziza, irmã de Fayola.

Segundo a perspectiva de Nala, o NEN foi pensado inicialmente como um “grupo de solidariedade”. A partir de suas redes de amizade, o coletivo se ampliou ao ponto de o grupo congregar, no seu auge, cerca de 20 pessoas. Entretanto, as finalidades do grupo não estavam bem definidas no início:

²⁹ Declaração disponível em vídeo compartilhado na página da ABPN na rede social Facebook. Disponível em: <https://fb.watch/23v1eU-a79/>. Acessado em: 29/11/2020.

Só que a discussão, não tava muito clara pra nós o que que a gente iria fazer... cada um tinha um interesse diferente. Eu tinha como interesse um grupo de solidariedade, eu achava que o NEN tinha que ajudar e ser um espaço de refúgio pro jovem que entrasse. Os jovens negros vão entrar, vão ficar perdidos, e eles precisam saber: existem jovens negros aqui? Existem. O que eles fazem? O que a gente pode fazer, o que é possível? Ah, eu sofri um caso de racismo em tal lugar, eu posso falar com alguém, eu posso reivindicar, eu posso protestar? Ou seja, eu achava que o NEN tinha que ser um espaço pra isso. Só que como nós éramos pessoas muito diferentes, foram surgindo muitos interesses ali, tinha gente que achava que não, nós estamos na academia, tem que ter um viés acadêmico, tinha que promover estudos, então nós íamos assim nos configurando conforme o andar da carruagem. Então havia momentos que a gente militava mais e havia momentos que a gente deixava ações pra estudo (Nala)

Eles eram do IFCH né, e eu sou vizinha ali no IEL, então a gente começou como um grupo de leitura de autores e autoras negras, aí eu não sei exatamente em que momento né, talvez quando entra a Cassandra, o Ras, a Janaína Damaceno né, todo mundo que hoje está dando aula na universidade pública, eu acho que nós começamos a pensar mais em termos de intervenção acadêmicas mais incisivas (Aziza).

Com o ingresso de um conjunto de membros mais orientado a atividades de estudo, os membros do NEN passaram a construir uma agenda comum de leituras sobre a produção de intelectuais negros invisíveis nos currículos da Universidade, como Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Kabengele Munanga, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzáles, entre outros, além de discutir casos de racismo e a modalidade de ação afirmativa corrente no período, o PAAIS. Como resultado de suas atividades, eventos abertos foram desenvolvidos, atraindo dezenas de inscrições. Como salienta Gomes,

O NEN se solidifica em torno da organização do Seminário de Estudos Negros que em seu primeiro ano (2006) recebe em torno de 40 inscrições de todo o país e em sua segunda versão, em 2007, têm mais de 80 inscritos. Seu perfil de ação é acadêmico, refletindo possivelmente o aumento do número de estudantes negros pesquisadores na área de humanas que têm a oportunidade de discutir seus projetos e temas referentes à negritude, é daí inclusive a origem da maioria de seus participantes: dos cursos de humanidades. Nesse caso, reunir-se seria um outro modo de fazer política na universidade (GOMES, 2008, p. 75).

Do ponto de vista organizativo, o grupo se reunia periodicamente, ocupando as mesas de estudos do jardim do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL. Segundo Nala, foi a partir da entrada de Ras, que os encontros começaram a ser organizados de forma mais metódica e constante:

No começo variava bastante, era uma vez a cada dois meses, quando entraram mais pessoas, e principalmente quando entrou o Ras, ele é muito preciso, ele é muito metódico, muito cuidadoso com isso, e aí a

gente percebeu que tínhamos que aumentar a constância e começamos a fazer uma reunião por mês, marcávamos a data, combinávamos a pauta, às vezes eram questões relacionadas a institucionalização do NEN, por que uma das propostas nossas era transformar o NEN em algo permanente, algo que existisse no campus para além da gente, que nós iríamos sair, iríamos prosseguir nossa vida mas o NEN ficaria, nossa proposta era essa, então tinha reuniões que discutíamos essa questão, tinha reuniões que discutíamos sei lá, problemas que surgiram, um menino sofreu um caso de racismo na moradia, e aí, vamos apurar, é racismo, não é racismo, então tinha várias demandas.. e a gente ia estabelecendo as pautas uns 15 dias antes... era algo principiante, mas que tinha ares de institucionalização... mais ou menos assim caminhou nos últimos anos, nos três últimos anos de existência do NEN... (Nala).

Segundo a narrativa de Nala, durante os dois primeiros anos de atividades do NEN, o grupo se organizava numa perspectiva que mesclava o estudo com ações confrontacionais. Contudo, nos últimos anos, o viés acadêmico se tornou predominante, justamente pela maioria dos participantes estarem vinculados a cursos de pós-graduação:

Olha foi assim, eu acho que nós tivemos dois momentos do NEN. O primeiro momento, os dois primeiros anos, estávamos mais na perspectiva ação. Nos últimos anos a perspectiva do estudo já tinha se configurado de forma bem presente, nesse momento estávamos na pós-graduação e estudávamos questões relacionadas a negritude. Isso era uma demanda forte. Como a nossa vida foi se estruturando na perspectiva da academia, o NEN acabou correspondendo isso, mas foi acontecendo, aí uns foram falando, de repente é um viés que a gente precisa aprofundar... (Nala).

Contudo, conforme já afirmamos, embora o viés acadêmico tenha se tornado predominante, os repertórios de ação assumidos pelo grupo serão continuamente objeto de disputa, culminando na sua dissolução em 2008. Esse ponto será melhor explorado adiante.

3.Processos de engajamento

Conforme já relatamos, Nala e Aziza atuaram como idealizadoras do grupo. No momento em que pensaram o coletivo, estavam finalizando seus cursos de graduação. Em 2006, dois anos após a fundação do NEN, Nala ingressaria no Mestrado em Educação, na UNICAMP, e em 2007, Aziza ingressaria no Mestrado em Letras, na Universidade de São Paulo. Já Ras, se engaja a partir de um convite dessas amigas, em seu primeiro ano

de Doutorado, em 2006, mobilizado justamente pelo viés acadêmico das atividades do grupo.

Eu passava literalmente o dia inteiro na UNICAMP. Das 09h as 23h. A UNICAMP pra mim era tudo em termos de experiência, socialização, formação, nunca participei de partido, mas sempre estava com o pessoal da esquerda, do PT, com o pessoal do CACH que na época era comandado por mulheres... então a UNICAMP era tudo em termos de socialização, mas não o mundo negro. O mundo negro na UNICAMP era pra mim o mundo de estudantes que eu via a distância, alguns que eu conhecia do meu curso outros que eu conheci fazendo disciplinas no IEL, na FE, mas não tinha uma organização negra estudantil, nenhuma organização negra dos trabalhadores... tudo o que eu fui ler sobre questão racial eu fui ler com o Octavio Ianni, com a Élide Bastos, e fui ler por conta própria. e não comecei meu envolvimento na pesquisa estudando o mundo negro, comecei com a ditadura... aí quando eu entrei no doutorado, em 2006, já tinha sido formado o NEN que eu não fui, eu acho que eu fui convidado para ver as primeiras reuniões mas eu não fui, não fui membro fundador, mas tinham pessoas que eu gostava no NEN, tinha a Layla, a Janaina, tinha a Kassandra, a Nala, tinha esses negros que eu conhecia de corredor, de encontrar em aulas, e todo mundo tava indo no NEN. Aí em 2006 eu entrei no doutorado, 2006 pra 2007 eu lembro que me fizeram um convite, “a gente tem um núcleo de estudantes negros, todo mundo faz mestrado, doutorado”, o Pedro era o único da graduação, “a gente tem um núcleo de estudantes negros, todo mundo tá fazendo pesquisa e a gente quer ser um grupo de pesquisadores negros”, poxa, legal, pesquisa, todo mundo é preto? Legal. Eu lembro, eu acho que eu recebi convites aleatórios assim, a Nala veio falar comigo, a Layla... e o que me chamou a atenção no NEN era que era um núcleo de estudantes, não tinha professor, não tinha funcionário. Tinha a Magali que meio que apadrinhava a gente, por que ela conhecia todo mundo, tinha umas funcionárias negras do IEL, do Xerox, que davam uma acolhida pra gente nesse sentido, mas elas não faziam parte do NEN, professor negro não tinha, mesmo porque hoje nós somos 20 professores negros, na universidade inteira né (Ras).

O mesmo aconteceu com Layla. Ela afirma nunca ter tido interesse por militar no movimento negro, do ponto de vista de se envolver em ações mais confrontacionais. Do ponto de vista da militância, seus interesses estavam ligados à educação popular. Assim, tendo sido individualmente muito impactada por sua experiência enquanto aluna no Cursinho do DCE, atuou anos depois em diversos projetos de educação popular, até ingressar no mestrado em Antropologia Social, em 2003.

Eu nunca tive esse negócio de ah, vou militar no movimento. O que mais me tocou foi atuar na inclusão. Então eu trabalhei em vários cursinhos populares, na Moradia, no Hebert, no IEL, eu tive esse processo e depois eu fui trabalhar num projeto da FE chamado PEIS, com a Sônia Jubilei, onde os alunos eram em boa parte negros, por ser

EJA e eu levei a minha mãe... e aí depois eu entrei no mestrado e aí ficou difícil conciliar (Laya).

Layla afirma que antes de sua vinculação ao NEN, acabou sendo convidada, por um aluno da filosofia, a fazer parte de um grupo de estudos de alunos negros vinculados ao Centro de Estudos Marxistas – CEMARX, constituindo seu primeiro espaço de estudo negro na universidade. Anos depois, a convite de Nala e Aziza, se incorporaria ao NEN.

E aí quando eu conheci um pessoal da filosofia... um belo dia eu tava num gramado lendo, aquele dia a biblioteca tava um inferno, aí um moço negro, ele me viu e falou assim, perguntou se eu estudava ali e eu falei que sim, ele aí, queria te convidar pra fazer parte do nosso grupo, aqui no CEMARX, tal dia e tal dia, aí cheguei lá era um grupo, de negros, não sei se existe ainda o Centro de Estudos Marxistas, o cara na época era da filosofia, acho que ele tá de reitor no Recôncavo Baiano, o Ronaldo Barros. E aí esse pessoal tava lá e eles iam ler Frantz Fanon, eu nunca tinha ouvido falar em Frantz Fanon, e aí eu lembro que eu fiz xerox do livro e li e fiquei chocada. Eu achei aquilo assim, uau, um tapa na cara, super. E aí depois eu participei de algumas reuniões e aí o grupo foi se extinguindo assim naturalmente porque eles foram se formando, defendendo, eram todos da pós já, e acabou o grupo e aí anos depois, conversando, a gente começou a se identificar no campus, os estudantes pretos, eram poucos, e aí tivemos o NEN (Layla).

4. Processo de dissolução do grupo

Conforme os entrevistados apontam, desde o princípio do grupo os principais motivos de tensão entre os membros tinham relação com diferentes perspectivas sobre o tipo de repertório de ação política o grupo deveria assumir. Por um lado, manter-se exclusivamente como um grupo de estudos e se institucionalizar como um Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro – NEAB, por outro, manter-se não-institucionalizado e atuar de forma híbrida, mesclando atividades de estudo a ações diretas diante de situações de racismo.

A posição de Ras, é representativa da perspectiva de que o coletivo deveria se manter como um grupo de estudos:

Então a gente era um grupo de estudos, mas tinha muito conflito. Kassandra vinha de Pernambuco, eu de São Paulo, Janaína do Paraná, Daniela de Marília, a maior parte de nós não éramos de Campinas e não tínhamos interação e nem queríamos ter interação com Campinas e espaços negros de Campinas que a gente não conhecia, nem com o movimento negro de Campinas... e a gente tava estudando, Mestrado, Doutorado, bolsa, era uma coisa muito conflituosa. Várias vezes a gente

era chamado pra agir, assim como hoje o NCN é chamado pra intervir diante de situações de racismo, mas não, a gente era um grupo de estudos, o que a gente quer ser? Um grupo político, a gente é parte do movimento negro? Então começou a ter uma espécie de racha entre nós, uma parte pensava que a gente devia ser um grupo de estudos e era muito importante marcar lugar como estudantes negros, como pesquisadores negros... e no nosso caso nós éramos um núcleo de estudantes de pós-graduação e todos nós gostávamos de estudar e ser pesquisadores. Porém algumas pessoas por conta das suas trajetórias anteriores à UNICAMP tinham experiências políticas, com a igreja, o PT, associações de bairro e etc... e aí a gente começou a rachar, a ter muitas discussões. Hoje eu acho que a gente teve um conflito, que é, nós não somos declaradamente Movimento Negro, mas nós somos Movimento Negro também e é muito importante ser isso que a Patricia Hill Collins teorizou que é ser parte de um ativismo intelectual, nós éramos ativistas sem nos dar conta eu acho, mas a gente tinha um conflito muito grande interno, por que uma parte de nós, justamente as pessoas que eram de Campinas e tinham uma ligação com o movimento de Campinas, a gente era cobrado o tempo todo pelo movimento negro Campineiro... (Ras).

A minha turma com o NEN era a turma dos pesquisadores negros, eu via o NEN como uma oportunidade muito bacana de enfrentar o racismo na universidade e de nos afirmarmos como pesquisadores, como intelectuais negros e negras, isso era o NEN pra mim. Eu não tava procurando um grupo de sociabilidade, até por que eu tinha outras experiências que inclusive não estavam nesse mundo negro (Ras)

A gente começou a ser chamado para né (resolver situações de racismo) e foi aí que começou a divergência no grupo, por que alguns queriam que gente se envolvesse nas questões das denúncias de racismo, mas ao mesmo tempo, a gente não tinha nenhum respaldo institucional, teve por exemplo a situação de um menino da Biologia, o professor disse na aula que tinha “cheiro bom e cheiro de negão” e o menino saiu da aula indignado, ele não era negro mas ele ficou indignado e procurou a gente, e a gente não conseguiu se mexer, era um grupo muito pequeno, teve outras situações também, a gente até fez uma nota, acho que foi o máximo que a gente fez, começou daquela época as notas de repúdio (risos) você não tem poder pra fazer nada, faz nota de repúdio (risos). Teve também os funcionários também que queriam que a gente formasse um grupo mesmo político né, e enfim, acabou, teve esse desentendimento (Layla).

Já a posição de Nala, é representativa da perspectiva de uma movimentação mais contenciosa:

Eu tinha resistência a isso, eu tinha um histórico de militância, por que tem isso, a gente carrega pros espaços a nossa identidade, eu era da militância, minha vida era militante, mas não necessariamente o grupo inteiro abraçou... a maioria se orientou pro estudo... a minha pesquisa não era negritude, era juventude, então minha demanda era militância, mas a maior parte do grupo estudava negritude, tinha essa demanda. Militar demanda experiência, traquejo, coisa que naquele momento a maioria não tinha. (Nala).

Nala e Ras são bastante precisos no modo como analisam o próprio passado. Por um lado, Ras, socializado para uma postura devotada e voltada à vida intelectual, e pouco socializado para vinculação a atividades coletivas, tinha como grande interesse no NEN as atividades de estudo. Por outro lado, Nala, socializada para ação política em diferentes instâncias antes de seu acesso ao NEN, embora também estivesse na pós-graduação, entendia que o grupo deveria incorporar o repertório de ação mais contencioso.

Quanto a questão da institucionalização do grupo, os relatos indicam que apesar das disputas entorno da pertinência de assumir esse caminho, durante um tempo o grupo procurou desenvolver reuniões internas e externas para melhor compreender como deveriam proceder para se institucionalizar. Nesse ponto, o desincentivo institucional serviu para desgastar ainda mais o grupo:

O fator de dissolução foi tentar entender qual era o nosso papel. Além das tretas pessoais, desavenças, fuxicos. A questão do prazo de validade. E o quarto fator foi uma armadilha que gente caiu, o debate sobre institucionalização, vamos nos institucionalizar ou não? A gente começou a perceber que precisávamos ter sucessores. Percebemos que em função dos eventos que fazíamos muitas vezes era mais simples conseguir grana se tivesse professor na parada ou se fossemos institucionalizados. E acho que a Layla tinha uma ligação com o pessoal do Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP. Eu lembro que a gente caiu na ilusão que dava pra virar um Pagu, tanto que a gente foi bater na porta da Marisa Corrêa, a gente fez um evento pra tentar entender como era o processo de institucionalização... ah, centro, núcleo, NEAB, toda aquela burocracia... e a gente caiu na armadilha de ficar correndo atrás de professor, de ser desincentivado por professores, e cara, você tem sua tese, sua dissertação pra fazer, sua vida pra tocar, a relação já tava meio desgastada entre nos... mas num tiro final, num esforço final, a gente tentou duas coisas: continuar lendo o que estávamos fazendo, nossas pesquisas, nos apoiar, ter discussões teóricas e também tentar nos institucionalizar, a gente não conseguiu virar um NEAB, não teve solidariedade do Pagu, não teve solidariedade institucional, o diretor do IFCH não “sabia que tinha estudantes negros” e a gente precisava tocar a vida (Ras).

Mas eu posso dizer, embora fosse um grupo que tinha essa definição mais acadêmica eu acho que quem queria que se tornasse um núcleo da universidade eu acho que era uma posição minha, do Ras, da Layla de mais alguém que eu não lembro e quem não queria né era a Nala, a Sandra... é diferente do Núcleo de Consciência Negra né, eu lembro que eu levei essa conversa lá, no NCN e eu quase fui linchada mas é diferente entendeu, o Núcleo de Consciência Negra: “não, a gente é militante, a gente não é um núcleo institucional da universidade”, mas aí fez tudo aquilo né, conquistou as cotas agiu de fato né, assim, mostrou a sua identidade na sua prática ali na sua ação dentro da universidade... agora eu não sei as outras pessoas, do NEN porque

por outro lado também não apresentaram nenhuma outra proposta né, a gente ia ficar até quando lá, 80 anos a gente sentado lendo o texto né, hoje a gente com 50 anos lendo Sílvio de Almeida risos (Aziza).

Conforme o relato de Aziza, observamos que ela e Layla também eram favoráveis à institucionalização do grupo. No caso de Aziza, embora também fosse bastante socializada politicamente, tal qual Nala, se diferenciava da amiga por ser também vinculada ao Partido dos Trabalhadores, o que pressupõe uma grande confiança nas formas mais institucionalizadas de fazer política.

Segundo é relatado a última reunião do grupo foi conflitiva. Entretanto, não foi demarcado que se tratava do último encontro. As coisas acabaram acontecendo de forma natural, os membros se desentenderam e nunca mais marcaram outro momento de diálogo. Assim, o grupo se dissolveu desde então.

Não teve uma reunião pra dizer que estávamos acabando... eu participei da última reunião, foi conflitiva, a gente tinha um problemão imenso, externo ao grupo, foi um problema que surgiu e nos deixou de mãos amarradas... e a partir dali não se chamou uma outra reunião, não houve isso, mas houve um confronto e ninguém se sentiu disposto a chamar outra reunião... o tempo acabou passando, não se tinha mais ninguém... (Nala)

Não teve um fim assim, as pessoas saíram, cada um saiu, foi para o seu lado, mas ninguém chegou tipo, eu e a Nala que ficamos aqui na cidade né, eu acho que só nós duas ficamos aqui na cidade, a gente não chegou eu e ela e a Silvia né e falamos “vamos acabar”, não, ninguém nunca acabou né.... então foi aquela coisa, estamos indo né, cuidar aí das nossas coisas né, funcionais, acadêmicas né, então foi desse jeito que aconteceu... (Aziza).

Eu não sei como o NEN foi formado, mas eu sei como começou a morrer e eu participei da reunião de encerramento. (...) eu não vou entrar em detalhes, mas uma parte do fim foi treta, fofoca, que foi minando o cotidiano (Ras).

Atualmente, Ras e Nala, convergem em suas reflexões sobre os sentidos que o grupo assumiu no passado. Na perspectiva de ambos, a história mostrou que foi pertinente o enfoque dado ao viés acadêmico do grupo, na medida em que parte expressiva dos membros acabou se tornando parte dos quadros docentes de universidades públicas brasileiras e seguem tomando as relações raciais como parte de suas agendas de pesquisa.

A impressão que eu tenho é que nós tínhamos algo muito importante, muito grande acontecendo, mas não tínhamos a dimensão do que significava. A nossa proposta era institucionalizar o NEN, mas perdíamos tempo com questões pouco importantes, a gente era jovem. Eu acho que eu era uma pessoa que tumultuava muito, eu queria um grupo mais militante do que acadêmico e eu acho que não tava aberta pro dialogo e isso atrapalhou. Meu medo, meu receio era, nós criamos

o núcleo, ele fica importante, e ele é cooptado para os professores. Eu pensava, olha, os professores não são solidários mas se der certo vai ser deles, é isso que vai acontecer, eles vão se apoderar dessa experiência que é nossa, então para mim tinha que ter uma questão de militância, pra mim professor não quer militar, professor quer fazer pesquisa... mas a pesquisa também é importante, naquela época eu não tinha me atentado... e hoje, o Ras é professor, o Wilson, Kassandra, então pra quem se tornou professor foi importante, é uma experiência interessante, eu não conseguia ver isso naquela época, eu tava muito presa a questão do momento né, eu tava muito presa na experiência estudantil e eu não tinha a preocupação de que essa experiência ia passar como todas as outras né... (Nala)

Eu acho que teve uma aposta muito complexa que levou a uma rachadura mas tava todo mundo querendo fazer o melhor, de ser um núcleo de estudantes de pós-graduação e isso tem um ar de ineditismo... e as pessoas que entraram no NEN se você olhar a trajetória delas em algum momento da trajetória acadêmica você começa a entender que pode dar certo... e aí tem questões políticas por exemplo, saída do governo FHC, da escassez pro governo Lula, os primeiros dois mandatos foram um oásis em termos de experiência universitária, você sai de um contexto de um momento de greve de universidade, professor levando papel higiênico em algumas federais, pro Lula abrindo universidade pra dar com o pau, tem grana, tem SEPPIR, lei 10.639/03, considerando o que tinha antes, porra! Talvez fora as questões individuais, essas circunstâncias de natureza contextual, tenham levado alguns de nós a fazer a aposta de que poderíamos ser professores universitários negros... e pra isso no Brasil você tem que ser doutor. A gente fez essa aposta, poderia ter dado muito errado, deu certo... e cada um virou u pequeno NEN nos espaços. Com quem eu tenho mais contato ainda hoje, Janaina, Ana Flavia, Kassandra, pautaram os debates de ações afirmativas em seus espaços, deram cursos pros estudantes negros, viraram pontos de referência, de acolhimento... não é um legado organizado, é um legado possível (Ras).

5. Implicações biográficas

A principal implicação biográfica evocada pelos membros, diz respeito a reconversão de capitais políticos em científicos, ao passo que uma parte expressiva dos participantes do grupo se tornou professor universitário.

Contudo, entre aqueles que entrevistamos, apenas Ras e Aziza seguiram esse caminho. Ras se tornou professor da UNICAMP em 2013, vinculado ao departamento de Sociologia do IFCH. Afirma não ter se vinculado a nenhum outro grupo após o NEN. Contudo, desde seu retorno à UNICAMP como professor, esteve envolvido em ações políticas voltadas à implementação da política de cotas, inicialmente em programas de pós-graduação e posteriormente no vestibular:

Então em seis anos de UNICAMP eu participei de cinco GTs, três audiências públicas, os GTs de discussão pra Ações Afirmativas nas cotas na pós, eu e Lucilene estávamos, pras 3 audiências estávamos, eu e Lucilene tava pra mudança do vestibular em 2017, o GT pra fazer valer as cotas, a gente tava, a reunião do CONSU, a gente tava, as comissões de hetero-identificação, a gente tava (...) Esses dias tava conversando com o Walter Silvério, eu conheço ele por causa do NEN inclusive, se tornou um amigo. A gente tava tomando uma cerveja e ele falou pra mim, algo que outras pessoas já falaram também e eu não tinha percebido: “Você sabe Ras, eu comecei a te respeitar mais pelos riscos que você correu”. E eu, “riscos?” “Você nem percebeu né? Você entrou na UNICAMP e já entrou nesses debates sobre cotas, Ações Afirmativas, GT, e você tava no probatório, você ficou três anos tretando com gente em GT, congregação, reitoria”. Mas enfim, eu não percebi, eu não pensei em nenhum momento de verdade, não fiz o cálculo político... eu não pensei nisso... então o lugar dessa militância pra mim é fundamental e ela tem a ver com minha trajetória pessoal, familiar, eu sei de onde eu vim, sou neto de empregada doméstica e trabalhador braçal, sou neto de carregador de esterco. Sou neto de uma família extensa, onde muita gente ficou pelo caminho, eu sei os custos pessoais que tiveram pra eu chegar onde estou e sei também o que é o racismo no Brasil, as resistências à mudança. Sei que não sou igual a muitos colegas, que batem nas minhas costas e etc. A gente não vem do mesmo lugar e não sai do mesmo lugar. Sei também de alguma importância que eu possa ter tido para alguns dos meus alunos. Inicialmente me incomodava muito quando terminava aula e alguns alunos me cercavam pra que eu falasse sobre mim... eu detesto ficar falando sobre mim... lá vem um grupo de estudantes negros... (risos). Poxa vida, não tenho nenhuma história triste pra contar... (Ras).

Nesse sentido, a militância de Ras está imbricada a sua atividade profissional. Permanece apostando num ativismo intelectual como sua principal frente de intervenção.

A gente tá falando de coisas que aconteceram há quase quinze anos, eu não sou a mesma pessoa que eu era, mas teve algumas coisas que não mudaram. A militância intelectual, antirracista, intelectual, eu não acho uma coisa menor, considerando a história do Brasil, a história universitária brasileira, a história do racismo no Brasil. Não tem nada que me dê mais prazer do que bater em racista intelectualmente. Não tem nada que me dê mais prazer do que fazer pesquisa e mostrar que os negros estiveram em todos os momentos de nossa história de luta por direitos, cívica, de cidadania, do mundo da literatura, política, enfim, e muitas dessas histórias são absolutamente desconhecidas, foram maltratadas, invisibilizadas. Então tudo o que eu faço academicamente hoje tem a tentativa de pesquisar, revisitar, visibilizar trajetórias de homens e mulheres negros nesses espaços, então eu chamaria isso de um ativismo intelectual, e eu não acho menor, e esse ativismo intelectual também me engajou para as ações afirmativas (Ras).

Já Aziza concluiu seu mestrado em Letras no ano de 2013, onde estudou literatura árabe, com enfoque na palestina, e se doutorou em letras no ano de 2018, também na Universidade de São Paulo, com pesquisa voltada à literatura egípcia. Desde 2016, passou

a ocupar o quadro docente da Faculdade IESCAMP. Após o NEN, seguiu vinculada ao Partido dos Trabalhadores e chegou a ser pré-candidata a prefeita pelo partido, nas eleições de 2016. Além disso, seguiu participando do movimento de mulheres negras da cidade e permaneceu vinculada as Associações Pastorais Nacionais, até o ano de 2017. Em 2015, se vinculou ao Coletivo Negro Com Práticas Pedagógicas em Africanidades – CONEPPA, coletivo de educadores negros, muitos vinculados à UNICAMP como pós-graduandos. Em 2019, foram responsáveis, em parceria com a Escola de Extensão da UNICAMP - EXTECAMP, pelo desenvolvimento do curso de Extensão “Educação para as africanidades: formação para cidadania”. Contudo, no momento da entrevista, Aziza declarou já ter se desengajado de todos esses grupos, conforme explica na narrativa transcrita abaixo:

Do cursinho Hebert de Souza eu saio porque essa coisa de ceder, tem um tempo pra ficar lá, não é uma coisa que você fica 20 anos. Nos APNs eu saí por que na época da eleição tinha APNs apoiando Sergio Moro e Michel Temer, isso foi em 2017 já, eu vi que tinha membros da pastoral... aí tinha membros do APNs que apoiava Sergio Moro e Michel Temer, e aí eu discuti, não é possível, são coisas antagônicas, então antes que eu visse alguém apoiando Bolsonaro eu saí, eu falei gente, ou tem formação ou não tem, tá no movimento negro e vai apoiar golpista? Nessa decadência nossa quem tem sido destituído de direitos né é a classe trabalhadora e especialmente a população negra, agora nessa pandemia as coisas ficam muito mais evidentes né... então aí eu saio dos APNs, depois do coletivo de mulheres eu saí também por que não entendi o propósito delas, achava que tinham disputas que não favoreciam a coletividade, deliberações que não eram coletivas, isso me irrita profundamente, aí em 2015 eu entro no CONEPPA, do qual eu saí esse ano, também saio pelo desgaste de não ter deliberação coletiva, aí no CONEPPA a gente fez coisas bem interessantes né, o curso de extensão da UNICAMP, aí depois houve também esse problema mas o curso foi bem sucedido... Enfim acho que hoje eu não tô em movimento nenhum, eu tô só no Afoxé Ile Ogun, mas por causa da pandemia o Afoxé tá parado (Aziza)

Nala e Layla seguiram caminhos diferentes. Nala se doutorou em Educação, na Faculdade de Educação da UNICAMP, em 2015, com pesquisa dedicada a questão da vulnerabilidade juvenil. Desde 2009, atua como educadora da Educação básica, vinculada à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Com relação a militância, afirma ter se afastado de todos os grupos em que estava vinculada já no mestrado.

Na militância eu acabei não voltando. Eu me afastei no mestrado, quando eu entrei no mestrado eu tive uma discussão séria, eu precisava de mais tempo pra estudar, então me afastei e disse que depois voltava. Faz cinco anos que eu me formei e ainda não voltei, e não sei dizer por que ainda não voltei. Não sei se é por que eu não sei o que vou

encontrar, por que a sociedade mudou, mas é algo que me inquieta bastante, mas não decidi pra quais grupos voltar, ainda tô refletindo nisso... (Nala).

Contudo, assim como observamos nos relatos dos membros do NCN, Nala segue assumindo uma identidade militante:

Olha, eu vou dizer que eu me vejo militante, se você me perguntar não é só alguém que tá na pratica, é alguém que tem um olhar diferente pro mundo... ser militante é alguém que sente o mundo de uma forma diferente, se posiciona de forma diferente. Esse posicionamento, esse sentir, esse estar no mundo leva a uma ação. Eu não estou na ativa, mas eu sou militante (Layla).

Já Layla, também não se vinculou a nenhum outro grupo após o NEN, nem se incorporou a quadros docentes de universidades ou da educação básica. Finalizou seu doutorado em Antropologia Social, no IFCH da UNICAMP, em 2015. Na pesquisa, se dedicou a construir uma etnografia dos homossexuais em Maputo. Conforme Layla relata, desde que adquiriu o título de doutorado, participou de diversos concursos públicos, na tentativa de integrar-se como docente ou pesquisadora em centros de pesquisa e universidades. No entanto, até o momento, não teve êxito.

Aí foi quando eu conheci a academia de verdade, quando eu fui fazer concurso para professor aí sim que você sabe como racismo funciona. É lá, o racismo institucional e estrutural. Eu prestei um na UNILAB lá na Bahia, esse foi acho que o mais correto que eu fiz né e eu não passei por que eu esqueci de levar um documento, foi erro meu assim. Aí eu prestei um para Saúde Coletiva na USP e nesse eu fui de alegre assim né, como era de graça, a UNICAMP e a USP, não sei se é assim ainda, mas elas não cobravam a inscrição, as federais cobram e é um valor bem alto, mais a passagem e tudo mais que você tem que arcar né e eu pensei, ah, vou fazer né, aqui pertinho né, pega o ônibus, pega o metrô lá na Consolação né pra fazer a prova, enfim, aí eu não passei nem na primeira fase. Menina, depois eu fui ver, tinha gente até da França, e quem ficou com a vaga foi o menino da Colombia. Tinha gente da Argentina, Colombia, EUA, França, tava bem disputado assim sabe, e a gente sabe do nosso vira-latismo, pessoal adora um professor estrangeiro né. E eu achei assim super estranho, por que na prova escrita, um pré-requisito é o bom português, tinha gente lá que não falava português e aí deixaram fazer a prova em inglês, falei gente... aí fiz dois outros concursos aqui na federal do ABC. Um deles era pra uma vaga de Filosofia e Gênero. Era pra uma disciplina que tinha a ver com gênero e relações raciais... aí eu fiz, fui indo, fui indo, fiquei até os últimos. Aí depois quem passou foi uma menina, depois descobri que já era pós-doc lá, aí falei ah... tá bom né. Aí depois, fui fazer outro concurso pra uma vaga específica pra relações raciais, aí toda pretaria do Brasil veio fazer o concurso, duas salas pra prova escrita, era muita gente. Nessa não passei nem na primeira fase. Mas o último concurso, que foi quando caiu a ficha mesmo, que eu falei, é aí que mora o

problema, foi no ano passado, que eu prestei na UFSC. Era um concurso também para uma disciplina de relações raciais na antropologia, e aí fui passando, passei na primeira, fui pra aula didática, depois pra entrevista, depois apresentei projeto... aí quem ficou com a vaga foi uma menina que já era professora na UERJ, já tinha feito trezentos pós-doc fora, tinha um currículo bem foda. Aí que eu fui analisar direito a coisa da academia. Se você saiu em algum momento da academia, dificilmente você vai conseguir voltar. Por que na hora de fazer a avaliação esse pessoal meio que se conhece, é tudo clube da Luluzinha. Nas federais, a prova tem um peso x, a prova didática 2x e o currículo 3x... e aí assim, pra você conseguir ter alguma chance tem que gabaritar nas provas. Eu tô te falando isso, por que essa menina que passou, tirou nota 10 no currículo, mas tirou notas medianas nas outras provas. Teve gente lá que teve nota muito maior que a dela na escrita e na didática que não tinha currículo e não passou. Então assim, é muito difícil você romper essas estruturas, por que quem que vai ter um currículo nota 10? A pessoa que nunca precisou trabalhar, a que teve chance de fazer pós-doc, que estudou línguas e publicou em outras línguas e quem já teve experiência docente em universidade. Então ali naquele momento que eu falei, oh, Layla, não vai dar pra você. E aí depois veio Bolsonaro, exterminador de futuro, exterminador de ciência, sem chance. Então como diz meu amigo, vamos nos acostumar à vida de barnabé, a vida de funcionário público e ainda agradecer por ter um emprego... e é isso, foi toda uma vida de dedicação pra academia, pra universidade pública... (Layla).

Bastante desiludida quanto a possibilidade de se inserir numa universidade pública como docente, Layla segue atuando no funcionalismo público, na Secretaria Municipal de Habitação de São Bernardo do Campo.

Pesquisando através de buscas na internet os *currículos lattes* dos demais membros do NEN cujos nomes tivemos acesso, observamos que entre as sete pessoas pesquisadas, cinco mantém as relações raciais como parte de uma agenda de pesquisas e atuação. Contudo, apenas três estão integrando quadros docentes de universidades brasileiras: Janaina Damaceno Gomes (UERJ), Daniela do Carmo Kabengele (UNITAL) e Kassandra Muniz (UFOP). Já Cristina Mandau Ocuni Cá, segue cultivando sua carreira acadêmica, vinculada a um pós-doutorado em Educação (UFC). Daniela Rosa, alia um ativismo intelectual negro ao ativismo pela humanização do parto, tendo sido fundadora de uma ONG de doulas chamada Sankofa. Mulumba Kabengele e Pedro Costa, seguiram para o funcionalismo público, o primeiro, como Analista de Ordenamento Territorial, em São Paulo e o segundo, como Analista Executivo no Instituto Nacional de Meteorologia do Rio de Janeiro, conforme sintetizamos no quadro abaixo:

Membros do NEN – Formação, atuação profissional e Agenda de Pesquisa

Nome	Formação	Atuação Profissional	Agenda de Pesquisa
Daniela Rosa	Graduação em Ciências Sociais (UNESP, 2003.) Mestre em Sociologia (UNICAMP, 2007). Doutorado em Ciências Sociais (UNICAMP, Interrompido em 2018).	Doula. Ativista pela humanização do nascimento e consultora Educacional Espaço Sankofa/ Alfenas. Fundadora e Coordenadora do grupo de educação perinatal “Materna Alfenas”. Colunista do Portal Alfenas Hoje, escrevendo sobre maternidade. Membro da comissão científica do Simpósio Internacional sobre parto (SIAPARTO).	Relações raciais, teatro negro, relações raciais em educação, relações raciais e saúde e educação perinatal.
Pedro Henrique Pereira Costa	Graduação em Ciências Sociais (UNICAMP, 2006). Mestre em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento (UFRJ, 2017).	Servidor público federal no Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia, com experiência em avaliação de impacto e riscos regulatórios.	Políticas públicas, redes de pesquisa e determinantes à eco-inovação.
Cristina Mandau Ocuni Cá	Graduação em Pedagogia (UNICAMP, 2005). Mestrado em Educação (UNICAMP, 2009). Doutorado em Educação Brasileira (UFC, 2015).	Pós-doutorado (UFC, 2020).	Relações raciais; Formação pedagógica; Guiné Bissau;
Janaina Damaceno Gomes	Graduação em Filosofia (UNICAMP, 1999). Mestrado em Educação (UNICAMP, 2008). Doutorado em Antropologia Social (USP, 2013).	Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ).	Cultura, Diferenças e Desigualdades, Afrodiáspora, Arquivos e cultura visual, Relações raciais, Intelectuais negros e pensamento social brasileiro, Educação.

Mulumba Kabengele	Graduação em Ciências Sociais (UNICAMP, 2004).	Analista de Ordenamento Territorial da AMLURB, São Paulo.	-----
Daniela do Carmo Kabengele	Graduação em Ciências Sociais (UNICAMP, 1998). Mestrado em Antropologia Social (2005). Doutorado em Antropologia Social (2012).	Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes UNITAL. Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão do Centro Universitário Tiradentes UNITAL.	Relações Raciais; Identidades; Trajetórias; Estudos de Família e Gênero, Educação, Práticas Culturais; Saúde da População Negra, líder do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq; Marcadores Sociais da Diferença
Kassandra Muniz	Graduação em Letras (UFPE, 2001). Mestrado em Linguística (UNICAMP, 2004). Doutorado em Linguística (UNICAMP, 2009).	Professora associada do Departamento de Letras da UFOP. Coordena o GT Práticas Identitárias em Linguística Aplicada da ANPOLL - Associação Nacional de Pós Graduação em Linguística e Literatura.	Pragmática e estudos culturais, Filosofia da linguagem, Humor, Formação de Professores, Educação das relações étnico-raiais, Linguística Aplicada/ Linguagem e identidades, Literaturas africanas e afro-brasileiras, Manifestações afro-culturais na América Latina e Políticas linguísticas.

Assim, apesar dos caminhos diferenciados percorridos por alguns membros, parece ser pertinente a afirmação de que entre a maior parte daqueles que um dia se engajaram no NEN, a adesão a uma carreira marcada por um ativismo negro intelectual, se fez realidade.

Conclusões

Num esforço de promover uma análise comparada entre as carreiras militantes dos entrevistados vinculados ao NEN e o NCN, observamos de partida que uma regularidade importante entre os membros dos dois grupos diz respeito à origem social. Os membros do NEN que foram entrevistados também são oriundos de famílias migrantes, de diferentes cidades do Estado de Minas Gerais e Bahia. Além disso, são netos de avós

pouco escolarizados e marcados por ocupações profissionais manuais. As mulheres, empregadas domésticas. Os homens, como lavradores e pedreiros.

Outro aspecto comum foi a adesão à escola por parte das famílias. No caso de Ras e Aziza, oriundos de famílias mais escolarizadas e marcadas por uma trajetória ocupacional de ascensão com relação aos avós de ambos, percebemos um grande investimento na constituição de um repertório cultural rico, além da projeção de um projeto de futuro para os filhos que passava necessariamente pelo acesso à universidade pública. Já no caso de Nala e Layla, oriundas de famílias menos escolarizadas e marcadas por uma trajetória de estabilidade com relação aos avós, essa adesão à escola também se faz presente, ainda que os pais possuíssem pouco capital informacional sobre o funcionamento da escola. Esse investimento é verificado, por exemplo, nos relatos que afirmam o incentivo feito pelos pais aos estudos e também no esforço das mães para que as filhas tivessem acesso a escolas públicas centrais e mais estruturadas.

Assim como observado em alguns casos do NCN, se para Ras e Aziza o acesso à universidade era tido como dado pela família, no caso de Nala e Layla a possibilidade de ingressar em uma universidade pública foi uma descoberta. Para elas, a informação chegou através de oportunidades vivenciadas no contexto dessas escolas centrais, ocupadas majoritariamente por alunos cuja origem social era diferente das suas. Ainda, outro elemento comum nos chama atenção nos relatos de Nala e Layla. Ambas afirmam que a adesão a ideia de acessar a universidade passava por um desejo de garantir a própria independência e vivenciar uma trajetória diferente daquela vivida por suas mães, atravessadas por precariedades. Assim, tal como observado nos trajetos de algumas mulheres do NCN, Nala e Layla incorporam um *ethos* de ascensão atravessado pela bandeira da independência com relação às figuras masculinas e a condição de subalternização com relação a pessoas brancas.

No que se refere aos processos de engajamento no NEN, após o ingresso na universidade, tornou-se evidente a relação entre as socializações vivenciadas pelos entrevistados antes do ingresso na UNICAMP e a definição do repertório de ação política mais atrativo para cada membro. Ao passo que todos foram socializados para sentirem-se atraídos pela bandeira do antirracismo, seja no caso de Aziza, Nala e Ras, letrados racialmente no contexto das famílias, no caso de Aziza, numa perspectiva da militância, no caso de Ras e Nala, da autodefesa e no fortalecimento da autoestima diante das discriminações, e por fim, no caso de Layla, no contexto do cursinho popular, no que se

refere aos repertórios de ação assumidos, observamos escolhas diferentes, relacionadas às instâncias de socialização que os sujeitos experimentaram.

No caso de Ras, pouco socializado para participação em atividades coletivas e marcado por um *ethos* de ascensão que passava por uma postura de devotamento com relação aos estudos, tinha como principal interesse no NEN a constituição de uma militância intelectual. Layla, também pouco socializada ao envolvimento em atividades coletivas, e marcada, em especial pela religião da família, por uma educação voltada a disciplina, devotamento e autorefinamento, encontrando na participação em um cursinho pré-vestibular popular um primeiro espaço de socialização política, vê-se também mais atraída por atividades de estudo, seja no contexto do CEMARX e do NEN, seja em sua militância em projetos de educação popular.

Já Aziza e Nala, socializadas politicamente em diferentes organizações dos movimentos sociais e movimento negro na cidade de Campinas, como Afoxé, escola de samba, partido político, Pastorais da Juventude e do Negro, entendiam que o grupo deveria também assumir uma ação política contenciosa.

Conforme observado, essas disputas em torno do repertório de ação que deveria ser assumido pelo grupo contribuíram para desgastes que culminariam em sua dissolução. Nesse ponto, observamos uma diferença importante com relação ao NCN. Ao passo que o NEN nunca conseguiu definir seu propósito e modo de atuação, no contexto do NCN essas definições ficaram enraizadas desde o princípio. Nesse sentido, mesmo na ausência de documentos oficiais que regulassem a ação do grupo, todos os membros entrevistados apontam os mesmos objetivos e princípios para o NCN, o que demonstra a incorporação de um mesmo repertório organizacional entre os membros, favorecendo a estabilidade interna do grupo.

É relatado que a maior parte dos membros do NEN eram estudantes de pós-graduação. Além disso, a maioria dos membros não tinha nenhuma relação com a cidade de Campinas e o movimento negro local. Tampouco se viam interessados em tê-lo. Nesse sentido, a orientação da ação política do grupo passou a privilegiar as atividades de estudo. Com relação ao NCN, ao contrário, observamos que a maioria dos entrevistados estava vinculada à graduação no momento do engajamento. As dinâmicas da graduação, enquanto uma etapa inicial de formação, mais abrangente e coletiva, parece ter favorecido o investimento dos estudantes na atuação em um coletivo que se reunia semanalmente para organizar ações políticas na universidade. Essa relação se modifica na pós-graduação. No geral, a pós-graduação define o direcionamento à uma carreira acadêmica.

Conforme foi observado, os nove entrevistados do NCN vinculados a pós-graduação, se desengajaram do grupo tendo como uma das motivações o desejo de empregarem maior investimento às suas carreiras acadêmicas, o que nos leva a pensar sobre um cálculo comum feito pelos estudantes entre o custo da participação e investimento de tempo e energia em ações políticas mais confrontacionais e o investimento nas atividades exigidas pela atuação como pesquisador.

Outro ponto de diferenciação que nos chama atenção entre o NEN e o NCN tem a ver com a periodicidade dos encontros e a natureza das relações estabelecidas entre os membros. Ao contrário do NCN, cujas reuniões eram fixas e semanais, no caso do NEN os encontros eram mais espaçados, uma vez por mês, no geral. Ainda, com relação ao NCN, observamos que os membros estabeleceram amizades profundas e duradouras, e que o compartilhamento do cotidiano ultrapassava a atuação política no grupo. Já no caso do NEN, os entrevistados afirmam que suas principais redes de sociabilidade não orbitavam entre os membros do grupo. Ademais, embora a construção do NEN também passe por um esforço de deslocamento de uma posição de marginalidade para de pertencimento a um grupo, no caso específico, de afirmação de uma intelectualidade negra no Campus, ao contrário do caso do NCN, as noções de aquilombamento, acolhimento, subjetividade, não são mencionadas nas narrativas. Além disso, a discussão sobre implementação de cotas ainda estava emergindo em nível nacional. Não havia consenso sobre a pertinência de sua implementação entre os membros do NEN e assim a pauta não representava um tópico prioritário de ação política, ao contrário do caso do NCN.

Ademais, os relatos dos entrevistados do NEN indicam que um último esforço do grupo esteve relacionado à tentativa de institucionalização do mesmo, ainda que uma minoria não fosse favorável a esta causa. Apesar dos esforços, a proposta não avançou e os relatos indicam que esse foi mais um fator de desgaste e desincentivo. Já no caso do NCN, a principal pauta do grupo durante anos, a implementação das cotas na universidade, foi conquistada, gerando um saldo político importante para que o grupo permanecesse ativo e experiências como a do NCN se multiplicassem na universidade, pelo surgimento de novos coletivos negros a partir do contexto da greve pelas cotas.

Esse ponto nos leva a uma outra diferença importante. Desincentivados, com as relações internas do grupo desgastadas, e sem uma definição clara sobre o seu propósito, o NEN se dissolve naturalmente após uma reunião final marcada por tensionamentos. Já no caso do NCN, observamos que os processos de desengajamento acontecem em

diferentes momentos, e de forma hesitante, pelo apego emocional dos membros com relação ao grupo. Já o NEN não logrou deixar herdeiros. A dissolução do grupo a um só tempo impossibilitou o movimento executado por Akin, no contexto do NCN, de procurar garantir um período de transição entre sua saída e o engajamento dos membros mais novos, para que o NCN não se dissolvesse.

Por fim, observamos que assim como no caso do NCN, a principal implicação biográfica dos processos de engajamento foi a reconversão de capitais políticos em científicos, e principalmente, a sedimentação de uma identidade militante, ainda que nenhum dos membros entrevistados se encontrem vinculados a organizações políticas. Ainda, quanto aos percursos profissionais, chama a atenção que aqueles que conseguiram se integrar em quadros docentes de universidades públicas são pessoas que não apresentaram hiatos entre a graduação, mestrado e doutorado, ingressando nos quadros de universidades públicas após um ou dois anos da formação como doutores. Entre nossos entrevistados, apenas Ras logrou seguir um percurso único e emendado entre a graduação e a carreira docente. Já Nala, Aziza e Layla, se vincularam a cursinhos populares, foram educadoras na educação básica, deram pausas entre o mestrado e o doutorado, e não lograram se incorporar aos quadros docentes de universidades públicas.

Uma análise mais aprofundada sobre a experiência do NEN permanece como lacuna para estudos futuros. Contudo, acreditamos que esse esboço de análise permite sinalizar elementos importantes de generalização e diferenciação entre essas duas gerações de militantes negros que compõem o quadro mais geral de uma militância negra de base acadêmica no país. No caso do NEN, representantes de uma geração inicial de pesquisadores negros a se incorporarem nos quadros docentes de universidades públicas, em um contexto de expansão do ensino superior público no país e de incorporação de uma agenda socioestatal antirracista. No caso do NCN, uma geração mais contemporânea, num contexto marcado, por um lado, pela ampliação do número de pessoas negras nos quadros discentes das universidades públicas brasileiras, por outro, pela desdemocratização do país (Machado e Freixo, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as carreiras militantes de universitários negros foi o objetivo central desta pesquisa. A experiência de uma “militância negra de base acadêmica” (Ratts, 2011), expressada na constituição de coletivos de universitários negros orientados ao enfrentamento do racismo dentro e fora das universidades se faz cada vez mais comum, e embora as primeiras experiências remontem ao período de surgimento do movimento negro contemporâneo, aos finais dos anos de 1970, (Ratts, 2011, p. 29), essa forma de organização política ganhou uma inflexão especial no período posterior à I Conferência de Durban e de implementação de políticas de cotas raciais nas universidades, no início dos anos 2000 (Lima, 2020, Perez e Souza, 2020).

Nesta pesquisa, nos debruçamos sobre as experiências de universitários negros que ao longo de suas trajetórias acadêmicas foram engajados em dois diferentes coletivos de estudantes negros da Universidade Estadual de Campinas: o Núcleo de Estudos Negros (NEN), fundado em 2003 e dissolvido no ano de 2008, e o Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP (NCN), fundado em 2012 e ativo na universidade até os dias de hoje. Considerando o número de pessoas que nos foi possível entrevistar com relação a ambos os grupos (no caso do NEN, quatro pessoas, e no caso do NCN, quatorze), e o diferencial volume de dados que pudemos coletar, tomamos a experiência do NCN como exemplar, analisando a experiência do NEN de forma comparada, o que foi verificado no capítulo quatro desta dissertação.

Na esteira de Tomizaki (2016), a pesquisa nos permitiu observar que o modo como os sujeitos entrevistados se relacionam com o universo da política é resultado de diversos processos educativos que foram elaborados em múltiplos espaços de socialização, relacionados, no caso aqui estudado, à esfera familiar, à esfera religiosa, à escolarização formal, à vinculação a projetos sociais e de educação não formal, e por fim, a processos de socialização na esfera política, junto a grupos militantes organizados, como partidos, sindicatos e movimentos estudantis universitários. Nessas instâncias, os entrevistados foram socializados para a incorporação de um sistema de percepções, sensibilidades, valores e aprendizagens favoráveis à adesão à escola e à universidade como projeto de

futuro e também favoráveis ao engajamento militante. Esse rico conjunto de experiências implicou que os estudantes fossem socializados para desenvolver habilidades como a resiliência, autonomia, independência, além da incorporação de um *ethos* do esforço, responsabilidade e devotamento.

Suas trajetórias sociais, marcadas por condições de vida bastante instáveis, atravessadas por experiências de discriminação racial, violência urbana, violência de gênero, entre outras, e atravessados também pela busca por melhores condições objetivas de existência, implicaram que os entrevistados se tornassem resilientes e sensibilizados com relação às injustiças sociais. Ainda no contexto familiar, alguns jovens foram incentivados à aproximação com a militância e adesão a atividades coletivas, por meio da vinculação dos próprios pais e familiares a entidades dos movimentos sociais e negro, atividades voluntárias diversas e adesões à partidos políticos.

A religiosidade também se configurou como uma esfera de socialização importante. A adesão de alguns entrevistados a religião católica e evangélica propiciou que eles fossem socializados a um modo de vida socialmente regulado. Ademais, atuando na linha de frente de atividades de proselitismo, desenvolveram habilidades de oratória e defesa pública de ideologias. Pudemos verificar também, que uma implicação biográfica comum da adesão dos entrevistados à militância no movimento negro foi a africanização da crença religiosa, tornando-se devotos de religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé.

Outra importante instância de socialização de disposições favoráveis ao engajamento militante foi a escola. Nessas instituições, alguns entrevistados se aproximaram de grupos militantes organizados, como os grêmios estudantis. Foram também socializados a uma vivência gregária e à participação em atividades de voluntariado. Cabe destacar que a maior parte deles passou pela experiência de migrar, no contexto do ensino médio, de escolas localizadas em seus bairros de origem para escolas públicas centrais, escolas técnicas e em menor número de casos, escolas particulares. Nessas instituições, uma experiência comum relatada é a da vivência mais explícita das contradições raciais e de classe, decorrente do compartilhamento do espaço com sujeitos cuja posição social de origem era diferente das suas. Diante de tais contradições, parte dos entrevistados demonstram em suas narrativas a incorporação de um sentimento emergente de se sentir sujeito de direitos, intervindo a favor de seus próprios interesses, com uma postura crítica.

Ademais, uma instância de socialização bastante comum entre os entrevistados foi a passagem por projetos sociais desenvolvidos por ONGs e cursinhos populares pré-vestibulares. Participando dessas organizações, os entrevistados foram socializados para assumir protagonismo e aprenderem a ocupar a posição de porta-vozes e de liderança. Vimos que em especial os cursinhos populares se configuraram como um importante espaço de formação política e de desenvolvimento de uma perspectiva militante e de esquerda entre eles.

Além disso, alguns desses entrevistados foram também socializados politicamente em grupos militantes organizados, passando por partidos, sindicatos e movimentos estudantis universitários antes dos processos de engajamento no NCN. Dentre eles, três são reconhecidos por todos os demais como lideranças e referências do grupo. Observamos assim, que as experiências militantes prévias ao NCN, vivenciadas por esses sujeitos, foram também relevantes para que adquirissem competências políticas que foram colocadas a serviço do grupo, contribuindo para que assumissem posição de liderança e protagonismo.

Ademais, ao ingressarem na universidade, todos os estudantes que entrevistamos estiveram vinculados a cursos relacionados às Ciências Humanas, onde o interesse pela ação política é compartilhado de um ponto de vista também conceitual, por um grande número de estudantes e docentes.

No que se refere aos processos de adesão a militância no contexto do Núcleo de Consciência Negra da UNICAMP, pudemos verificar que os processos de engajamento estiveram diretamente relacionados a possibilidade de deslocamento de uma posição de marginalidade e solidão, para a posição de pertencimento a um grupo próprio no contexto da universidade. Percebendo-se em uma posição de *outsiders* com relação ao conjunto majoritário de estudantes e docentes da universidade, do ponto de vista da origem de classe e pertencimento racial, esses estudantes encontram na constituição do NCN uma oportunidade para promoverem um espaço de integração, acolhimento e organização política diante dos diversos desafios impostos pela experiência do racismo e outras formas de opressão na universidade. Ademais, a sensibilização desses estudantes com relação as baixas taxas de ingresso de estudantes negros na universidade, refletida em partes na condição de solidão que experimentavam, tornou a principal pauta política assumida pelo NCN a partir de 2014 especialmente atrativa: a luta para *enegrecer* o corpo discente da universidade, através da implementação das cotas.

Verificamos que algumas condições estruturais favoreceram que os estudantes fossem expostos, logo em seus primeiros momentos na universidade, a redes de mobilização no movimento estudantil e no NCN. Nesse sentido, as políticas de permanência estudantil oferecidas pela UNICAMP, com destaque para a Moradia Estudantil, foram centrais. Por um lado, as relações estabelecidas nesse espaço, percebido como mais homogêneo do ponto de vista da origem social e do pertencimento racial de seus habitantes, implicou que os entrevistados, em sua maioria moradores da Moradia Estudantil desde os primeiros dias na universidade, acolhidos nesse espaço inicialmente como hóspedes, constituíssem suas primeiras redes de amizade entre estudantes vinculados aos movimentos estudantis, em especial o movimento por permanência. Ademais, foi em uma casa da moradia que as primeiras atividades de constituição do NCN aconteceram.

Por outro lado, as políticas de permanência estudantil oferecidas pela UNICAMP e usufruídas por todos os entrevistados, foram necessárias para compor a disponibilidade dos estudantes à vivência universitária e à participação política, garantindo que os estudantes pudessem estar na universidade em dedicação exclusiva, passando a maior parte do dia no Campus.

Além disso, a condição de disponibilidade dos entrevistados também teve relação com os cursos de graduação e pós-graduação em que estiveram inseridos, todos eles vinculados às ciências humanas e onde as aprendizagens vivenciadas nos processos de engajamento militante puderam ser também mobilizadas para a garantia de seus sucessos acadêmicos, possibilitando que os entrevistados reconvertessem capitais políticos em científicos e vice-versa. Soma-se a isso o fato de que a adesão a militância no NCN se confunde em certa medida com o próprio processo de ingresso à universidade, dado que a maioria deles se engajou no NCN em seus primeiros anos de curso, implicando que a militância tivesse um lugar privilegiado com relação a outras experiências que poderiam fazer parte de suas vidas acadêmicas.

Em consonância com o que é observado na literatura especializada, redes de amizade direta ou parcialmente vinculadas ao Núcleo foram os principais responsáveis pelo processo de recrutamento dos estudantes entrevistados. Além disso, o aprofundamento nas relações de amizade entre os membros do NCN foi crucial para suas permanências no grupo. Pudemos observar que as redes de sociabilidade dos entrevistados se tornaram profundamente vinculadas à militância. Nela, foram

constituídas amizades duradouras que permaneceram mesmo após os processos de desengajamento.

Pudemos observar também, com relação a oferta associativa, que o NCN figurou ao longo de seus primeiros oito anos de existência como uma estrutura para adesão política que contava com poucas concorrências, dado que se tratava do único coletivo negro apartidário em atuação na universidade. As ofertas passaram a se diversificar e ampliar apenas a partir de 2016, quando no contexto da luta por cotas novos coletivos de estudantes negros com características semelhantes começam a surgir.

O modo de organização interna do grupo, horizontal, autônomo e avesso a institucionalização acabou por corresponder a um mecanismo velado de filtragem dos membros. Assim, embora em diferentes momentos estudantes vinculados a partidos fizessem parte do grupo, em maioria, os membros eram apartidários. Além disso, alguns dos principais conflitos enfrentados no cotidiano do grupo diziam respeito, na narrativa dos estudantes, a disputas partidárias e a percepção de alguns, de estratégias de aparelhamento e cooptação por parte dos militantes partidários. Pudemos observar também, que a despeito das competências políticas dos militantes engajados em partidos, a condição de liderança no NCN foi protagonizada por militantes independentes, mas com trajetórias de engajamento prévias ao Núcleo, colocando a serviço dos interesses do grupo suas habilidades e competências políticas.

Pudemos também verificar que os entrevistados compartilharam de motivações comuns aos seus processos de engajamento, embora algumas dessas motivações de forma isolada pareçam ter papel central para as lógicas individuais de adesão. Entre elas, identificamos a busca por experiências de formação para as relações étnico-raciais e formação política, a demanda por acolhimento e a demanda por representatividade como as principais. Nos casos de algumas entrevistadas, processos recentes de ressignificação do próprio pertencimento racial, passando a perceberem-se como pessoas negras no contexto da universidade, corresponderam também a motivações para o engajamento. Por fim, observamos também processos de engajamento motivados centralmente pela incorporação, por parte dos entrevistados, de um sentido para a própria existência no mundo que passava necessariamente por saídas coletivas, com vistas a transformação da realidade social.

O atendimento dessas expectativas iniciais no curso dos processos de engajamento, a incorporação dos esquemas interpretativos socializados no grupo, atrelado ao aprofundamento das relações de amizade, as aprendizagens, a visibilidade e

o prestígio adquiridos pelos estudantes por meio das ações políticas desenvolvidas por eles, contribuíram para intensificar o engajamento, configurando-se como algumas das retribuições materiais e simbólicas dos processos. Além disso, essas retribuições parecem terem sido negociadas com relação aos custos do processo, como o sentimento de esgotamento e o risco de perseguição política, favorecendo a manutenção da adesão.

Com relação aos processos de desengajamento, pudemos observar que eles se deram por motivações tão diversas quanto foram os processos de engajamento. Em alguns casos, a luta pela implementação da política de cotas, que se configurou como uma importante motivação ao engajamento dos estudantes, se configurou também, após sua conquista em 2017, como uma motivação para o desengajamento. Por um lado, os estudantes compartilhavam do sentimento de que após a implementação das cotas, suas contribuições à militância no NCN estavam dadas. Por outro, embora bastante realizados, sentiam-se também exaustos. Nesse contexto, o investimento em outras esferas de vida passa a ser percebido como mais relevante, como por exemplo, a dedicação às carreiras acadêmicas. Há também processos que foram motivados por crises biográficas, muitos deles relacionados à saúde mental. Nesse sentido, um ponto comum de tensão percebido no grupo eram diferentes percepções dos membros a respeito do sentido do viés de acolhimento do grupo. Por um lado, a perspectiva de que o grupo deveria tomar como uma prioridade discussões relacionadas à subjetividade negra e sofrimento psíquico. Por outro, a percepção de que o espaço do NCN não seria adequado para o acolhimento de tal demanda da maneira como alguns membros desejavam, e que essas questões deveriam ser trabalhadas em outros espaços, como na busca por atendimento psicológico especializado. Outros processos de desengajamento marcados por tensões internas do grupo foram aqueles relacionados a disputas com relação ao modo de organização do Núcleo. Nesses casos, a desconfiança com relação a constituição de hierarquias veladas no grupo foi o fator predominante.

Ainda, quanto aos processos de desengajamento, foi possível observar que em muitos casos a possibilidade de reconversão das competências políticas adquiridas na atuação em outros coletivos se fez relevante. Em alguns casos, os processos de desengajamento são acompanhados por processos de engajamento em outros coletivos, em especial relacionados à educação popular. Em outros, os processos foram acompanhados da participação dos entrevistados na fundação de novos coletivos. Nesses casos, destaca-se que os militantes, no contexto do NCN atuantes nos bastidores, passam

a protagonizar posições de liderança nos novos grupos, indicando a relevância da participação no NCN para suas formações políticas.

Contudo, embora as lógicas de desengajamento sejam diversas, todos os processos de desengajamento são atravessados por um custo emocional com relação ao grupo. Os processos de desengajamento são narrados como tendo sido penosos e afirmados após longo tempo de hesitação.

Verificamos que também foram diversas as implicações biográficas resultantes da adesão dos entrevistados à militância no Núcleo. Uma delas, compartilhada por todos os ex-membros, foi a incorporação de uma identidade militante e a adesão a um sentido para a própria existência que está atrelado a busca por saídas coletivas. Desse modo, mesmo entre aqueles que não estão vinculados a organizações políticas, a afirmação de que permanecem militantes é geral. Afirmam que militam continuamente em todas as esferas da vida, por que enxergam o mundo de forma politizada. Uma das importantes esferas em que se percebem militando é na esfera profissional. Para alguns, na condição de educadores na educação básica e em projetos de educação não formal. Para outros, na condição de pesquisadores no âmbito da pós-graduação. Todos os nove entrevistados vinculados à pós-graduação desenvolvem projetos de mestrado, doutorado ou pós-doutorado que tomam as relações raciais, em diferentes abordagens, como agenda de pesquisa, evidenciando processos de reconversão de capitais políticos em científicos. Além disso, há também os casos em que as entrevistadas se encaminharam para atuação no campo da política institucional, atuando, em um caso, como assessora parlamentar no mandato de uma deputada na Assembleia Legislativa de São Paulo, e em outro, como membro do comitê técnico do Conselho Municipal de Saúde em Campinas.

Por fim, os processos de engajamento também impactaram as relações familiares dos entrevistados, redimensionando o lugar da discussão das relações étnico-raciais no seio das famílias.

Processos de constituição de disposições ao engajamento, gestadas em diferentes esferas de socialização, condições estruturais favoráveis à adesão no contexto da universidade, retribuições materiais, simbólicas e possibilidades de reconversões de capitais políticos em científicos, e em alguns casos, novamente políticos, foram alguns dos elementos visibilizados nas carreiras analisadas. Evidenciou-se também a relevância da experiência de engajamento e de constituição de uma coletividade negra no Campus não apenas para a permanência estudantil dos estudantes, seja pela percepção do acolhimento, seja pela constituição de relações de amizade duradouras, seja pela

aquisição de aprendizagens importantes para a definição de suas carreiras acadêmicas e ocupacionais, mas também para o tensionamento do processo de enfrentamento ao racismo na universidade, no âmbito das relações interpessoais, das decisões institucionais, da produção de conhecimento científico.

Compreender regularidades e dissidências na constituição de carreiras militantes de estudantes negros no NCN após o processo de implementação das cotas e ampliação do número de pessoas negras em todos os cursos da universidade, e diversificação dos coletivos de estudantes negros na instituição permanece como uma lacuna para estudos futuros. Além disso, a ampliação da estrutura analítica empregada nessa pesquisa, para análise das carreiras militantes de pessoas negras envolvidas em outros coletivos de estudantes negros pode servir para apoiar um esforço de generalização dos resultados que obtivemos.

Ademais, ampliar o escopo da análise para outras esferas de ação política, pode ser útil para revelar trajetórias típicas e dissidentes de socialização política entre pessoas negras e sua relação com a atração por diferentes repertórios de ação, seja a militância vinculada à academia, como coletivos e NEABs, quanto a espaços associativos profissionalizados, como ONGs, quanto à política institucional, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, W. M. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Cadernos CRH**, v. 20, p. 35-46, 2007.

AGRIKOLIANSKY, E. Carrières militantes et vocation à la morale: les militants de la LDH des les années 1980. **Revue Française de Science Politique**, v. 15, n. 1-2, p. 27-46, 2001.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALONSO, A. As Teorias dos Movimentos Sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

ALVAREZ, M. I. F. Além da racionalidade: o estudo das emoções como práticas políticas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 41-68, 2011.

ANJOS, G. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cadernos Pagu**, v. 31, p. 509-534, 2008.

ANUNCIACAO, D; TRAD, L. A. B; FERREIRA, T. “Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 1, 2020.

BARBOSA, Márcio. (org.). **Frente Negra Brasileira: depoimentos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

BECKER, H, STRAUSS, A.L., Careers, Personality, and Adult Socialization. **American Journal of Sociology**, v. 42, p.253-263, 1956.

BECKER, H. **Outsiders**. Studies in the Sociology of Deviance. New York: The Free Press, 1963.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org). **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-58.

BERLIVET, L., SAWICKI, F. La foi dans l'engagement. Les militants syndicalistes CFTC de Bretagne dans l'après-guerre. In: **Politix**, vol. 7, n.27, Troisième trimestre, 1994.

BINGEL, B. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. **EccoS Revista Científica**, vol. 11, n. 1, p. 97-121, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. MICELI, Sergio (org). São Paulo, Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 10. ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.14-15, 2007.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BOURDIEU, P; NOGUEIRA, A. M. CATANI, A. M. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação, **Cadernos Pagu**, n. 26, p.329-365, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 12.288/10, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 12.711/12, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 13.341, de 29 de setembro de 2016**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Emenda Constitucional 95/16, de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRENNER, A. K. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRINGEL, B. Crisis política y polarización en Brasil: De las protestas de 2013 al golpe de 2016. In: BRINGEL, B.; PLEYERS, G. **Protesta e indignación global**, Buenos Aires: CLACSO, p. 141-154, 2017.

BRINGEL, B. Mudanças no ativismo contemporâneo: Controvérsias, diálogos e tendências. In: **A luta popular urbana por seus protagonistas**: Direito à cidade, direitos nas cidades. Rio de Janeiro: Fase, 2018, p. 20-29.

BRINGEL, B. Mudanças no ativismo contemporâneo: controvérsias, diálogos e tendências. In: FASE (ed.). **A luta popular urbana por seus protagonistas**: Direito à cidade, direitos nas cidades. Rio de Janeiro: FASE, 2018.

BRINGEL, B; SPOSITO, M. P. Apresentação do dossiê: Movimentos Sociais e a Transformação do Ativismo Contemporâneo. **Educação e Sociedade.**, v.41, 2020.

CAETANO, A. O léxico das crises biográficas. **Análise Social**, Lisboa, n. 226, p. 88-111, 2018.

CAIMI, F. E; SERAFINI, S. F. C.; DICKEL, A. Se não estudar, não tem futuro! Lógicas socializadoras familiares e expectativas de sucesso escolar em camadas populares. **ReVEL**, n. 15, 2018.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CARVALHO, J. J. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 88-63, 2005-2006.

CHALHOUB, S; PINTO, A. F. M. (Org.). **Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. 447 p.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo, SP: Boitempo, 2019.

COMERFORD, John. Etnografia dos espaços e dos tempos da política. **Revista de Sociologia Política**, n. 25, p. 205-207, 2005.

CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. **Construindo o autoexílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos, 1968-1981**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. In: **Feminism in the Law: Theory, Practice, and Criticism**. Chicago: University of Chicago Legal Forum, p.139-67, 1989.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Woman of Color. In: **Stanford Law Review**, Vol. 43, n. 6, 1991.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, **Estudos feministas**, n. 1, p.171-189, 2002.

CRIADO, E.M. Reversão de capitais. In: NOGUEIRA, M.A, HEY, A.P, MEDEIROS, C.C. (orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CROSSLEY, N. From reproduction to transformation: social movement fields and the radical habitus, **Theory, Culture & Society**, v. 20, n. 6, p. 43-68, 2003.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**: Ferguson, Palestina e as bases para um movimento. São Paulo: BARAT Frank, Boitempo, 2018.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, n. 23, p. 100-122, 2007.

DOS SANTOS, Adilson Pereira. Itinerário das ações afirmativas no ensino superior público brasileiro: dos ecos de Durban à Lei das Cotas. **Revista de Ciências Humanas**, v. 2, p. 289-317, 2011.

FILLIEULE, O. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue Française de Science Politique**, v. 51, n. 1-2, p. 199-217, 2001.

FILLIEULE, O. Some Elements of an Interactionist Approach to Political Disengagement, **Social Movement Studies**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2010.

GAXIE, D. Rétributions du militantisme et paradoxes del'action collective. **Swiss Political Science Review**, v. 11, n. 1, p. 157-188, 2005.

GIUNGNI, M.G . Personal and Biographical Consequences. In: **The Blackwell Companion to Social Movements** (eds D.A. Snow, S.A. Soule and H. Kriesi), 2007.

GOHN, M. G. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na américa latina. **Cad. CRH**, v. 21, n. 54, p. 439-455, 2008.

GOHN, M.G. **Manifestações e protestos no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2017.

GOMES, N, L. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZÁLES, L. HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, L. Por un feminismo afrolatinoamericano. **Isis Internacional**, Santiago, v. IX, p. 133-41, 1988.

GONZALEZ, L. **A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica**. In: RODRIGUES, C; BORGES, L; RAMOS, T. R. O. (Orgs.). Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Funarte, p. 149-168, 2016.

GOODWIN, J.; JASPER, J.; POLLETTA, F. The return of the repressed: The fall and rise of emotions in social movement theory. **Mobilization: An International Journal**, v. 5, n. 1, p. 65-83, 2000.

GUIMARAES, A.S.A; RIOS, F.; SOTERO, E. Coletivos negros e novas identidades raciais. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 309-327, 2020.

GROPPO, L. A.; OLIVEIRA, A. R. G.; OLIVEIRA, F. M. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 2019.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women. The reinvention of nature.** Routledge, New York, 1991.

Hooks, b. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

Hooks, b. **Olhares Negros: raça e representação.** São Paulo, SP: Elefante, 2019.

HUGUES, E. **Men and Their Work.** Glencoe: The Free Press, 1958.

JASPERS, J. Emotions and social movements: Twenty years of theory and research. **The Annual Review of Sociology**, v. 37, p. 285-303, 2011.

KUNRATH SILVA, M., RUSKOVISK, B. O. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 21, p. 187-226, 2016.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

LEITÃO, L.R.S, SILVA, M. K. Institucionalização e contestação: as lutas do movimento negro no Brasil (1970-1990). **Política & Sociedade**. Florianópolis, v. 16, n. 37, Set/dez. de 2017, p. 315-347.

LIMA, S. P. “**A gente não é só negro!**”: Interseccionalidade, experiência e afetos na ação política de negros universitários. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

LIMA, S. P. “Nós negros e LGBT estamos aqui!”: Raça, gênero e sexualidade na ação política em universidades brasileiras. **Conexão e Política**, v. 8, n. 1, p. 71-89, 2019.

LIMA, S. P. **As bi, as gay, as trava, as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução!** Uma análise socioantropológica do Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES). 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MAIA, G. L. A juventude e os Coletivos: como se articulam novas formas de expressão política. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v.8, n.1, p. 58-73, 2013.

MANCEBO, Deise. Reforma universitária: reflexões sobre a privatização e a mercantilização do conhecimento. **Educação e Sociedade.**, v. 25, n. 88, p. 845-866, 2004.

MCADAM, D. Beyond structural analysis: toward a more dynamic understanding of social movements. In: DIANI, Mario; MCADAM, Doug (Eds.). **Social movements and**

networks: relational approaches to collective action. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MEDAETS, C.; MÉZIE, N.; CARVALHO, I. “De cabeça e com o coração”: O fazer política de jovens ocupantes das escolas estaduais de Porto Alegre (maio e junho 2016). In: FONSECA, C.; MEDAETS, C.; RIBEIRO, F. B. **Pesquisas sobre família e infância.** Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 130-152.

MEDEIROS, L.; MOREIRA, V. S.; SOARES, M. G.; MARTINS, S. Representatividade em coletivos estudantis: análise com base nas relações estabelecidas no contexto universitário. **Revista de Ciências Humanas**, v. 17, n. 1, p. 160-181, 2017.

MELUCCI, A. **A invenção do presente:** Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MESQUITA, M. R. Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 81, p. 179-207, 2008.

MESQUITA, T.V.L. **Exclusão escolar racializada:** implicações do racismo na trajetória de educandos da EJA. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

MORENO, R. C, Almeida, A.M.F. Quando jovens ativistas do *hip hop* encontram a política partidária. **Revista de Sociologia Política**, v. 25, n. 61, p. 5-29, 2017.

MORENO, R. C., ALMEIDA, A. M. F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 130-142, 2009.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, A.; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938- 1997. In: GUIMARÃES, A. S. A.; HUNTLEY, L. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

OLIVEIRA, L. F.; PORTES, É. A. 2014. Ascensão e distanciamento na trajetória social de um jovem das camadas populares. **Perspectiva**, vol, 32, n. 3, p. 1145-1164.

OLIVEIRA, W.J. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p. 49-77, 2010.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva:** os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

ORTNER, S. “Identities: the hidden life of class”. **Journal of Anthropological Research**. v.54, n. 1, p. 1-27, 1989.

ORTNER, S. **New Jersey Dreaming:** Capital, Culture and the Class of 58. Durham: Duke University Press, 2003.

- PEREZ, O. C. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, v. 25, n. 3, p. 577-596, 2019.
- PEREZ, O. C.; SOUZA, B. M. Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos. In: **41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, Anais. Caxambu, 2017.
- PERRY, K., Y. MÜLLER, M.R. et al (orgs). Educação, diferenças e desigualdades. In: **“Por uma pedagogia feminista negra no Brasil: O aprendizado das Mulheres Negras em Movimentos Comunitários”**. p.161-184, EDUFMT, 2019.
- PIOTTO, D. C. Universitários de camadas populares em cursos de alta seletividade: aspectos subjetivos. In: **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, nº. 2, pp. 229-242, 2010.
- PIOTTO, D. C. (Org.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & Paki, 2014.
- PIOTTO, D. C.; Alves, R. O. 2016. “O ingresso de estudantes das camadas populares em uma universidade pública: desviando do ocaso, quase por acaso”. **Revista de Educação PUC-Campinas**, 21: 139-147.
- PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, vol. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.
- PRESTA, S; ALMEIDA, A. M. F. Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. **Educação e Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 401-424, 2008.
- RATTS, A. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. **Nguzu**, v.1, n. 1, p. 28-39, 2011.
- RIOS, F. **Institucionalização do movimento negro no Brasil Contemporâneo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RIOS, F. M. Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000). **Sociedade e Cultura**, v. 12, n. 2, p. 263-274, 2009.
- RIOS, F. O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010). **Lua Nova**, São Paulo, n. 85, p. 41-79, 2012.
- RIOS, F; PEREIRA, A. C; RANGEL, P. Paradoxo da igualdade: gênero, raça e democracia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 69, n. 1, p. 39-44, 2017.
- RIOS, F. **Elite política negra no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RIOS, F., GATO, M, SOTERO, E. Classe, cor, raça e racialização na agenda das ciências sociais. **Plural**, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.23.1, p.75-95, 2016.

RIOS, F.; MACIEL, R. Feminismo negro brasileiro em três tempos: Mulheres negras, negras jovens feministas e feministas interseccionais. **Labrys**, estudos feministas, 2018.

RIOS, F, PEREZ, O, RICOLDI, A. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, vol. 22, n.40, p.36-51, 2018.

SANTOS, S. A. A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais. **Revista Mosaico**. v.3, n.5, p. 103-111, 2011.

SAWICKI, F; SIMÉANT, J. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, v. 13, n. 28, p. 200- 255, 2011.

SEIDL, E. Disposições a militar e a lógica de investimentos militantes. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 21-39, 2009.

SEVERO, R.G., SEVERO, R.V. Dinâmicas de Engajamento: análise de trajetórias em uma rádio comunitária. **Repocs**, v.12, n.24, p. 254-276, 2015.

SILVA, M. K.; RUSKOWSKI, B. O. Levante juventude, juventude é prá lutar: Redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p. 23-48, 2010.

SOMMIER, I. Engagement radical, désengagement et déradicalisation. Continuum et lignes de fracture. **Lien social et Politiques**, v.68, p.15–35, 2012.

SOUZA, R. M. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, v.1, n.1, p. 1-28, 2009.

TARROW, S. **Poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

TATE, S. A. Descolonizando a raiva: a teoria feminista negra e a prática nas universidades do Reino Unido. In: Bernardino-Costa, J, Maldonado-Torres, N. Grosfoguel, R. **Decolonialidade e Pensamento Afro-diaspórico**. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

THIN, D. Para uma análise das relações entre famílias de classes populares e escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 211-225, 2006.

TILLY, C; TARROW, S. **Contentious politics**. Boulder: Paradigm Publishers, 2007.

TOMIZAKI, Kimi. Da militância ao estudo do militantismo: a trajetória de um politólogo. Entrevista com Bernard Pudal. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 129-138, 2009.

TOMIZAKI, K. Socialização Política. **Revista Educação e Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 929-934, 2016a.

TOMIZAKI, K, Carvalho-Silva, H.H, VALDIVINO SILVA, M.G. Socialização política e politização entre famílias do movimento dos trabalhadores sem teto. **Revista Educação e Sociedade**, v. 37, n. 137, p.935-954, 2016b

TRAPP, R. P, SILVA, M. L. Movimento negro no Brasil contemporâneo: estratégias identitárias e ação política. **Revista Jovem Pesquisador**, Santa Cruz do Sul, v. 1, p. 89-98, 2010.

WEST, C. The Dilema of the Black Intellectual. **Cultural Critique**, Autumn, 1985, n. 1, p. 109-124. Disponível em: < <http://www.jstor.com/stable/1354283>>. Acessado em 13/08/2020.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: VERSCHUUR, Christine (org). **Vents d'Est, vents d'Ouest: mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux**. Genève, GraduateInstitute Publications, p. 151-163, 2009.

WILLEMEZ, L. Perseverare Diabolicum: l'engagement militant à l'épreuve du vieillissement social. **Lien social et politiques**, v, 51, p. 71–82, 2004.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n.32, 226-237, 2007.

APÊNDICE I: SOBRE UM OBJETO DE PESQUISA EXPLICITAMENTE AUTOBIOGRÁFICO

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (Hooks, bell, 2018, p. 83).

O filósofo afro-americano Cornel West afirmou, em seu já clássico ensaio *“The dilemma of the black intellectual”* (1985) que a “escolha por se tornar um intelectual negro é um ato de marginalidade auto-imposta, assim como garante-lhe um status periférico dentro e para a comunidade negra” (West, 1985, p.110). Avalia que em boa parte dos casos, a decisão de tornar-se intelectual nas comunidades negras é uma experiência de conversão, protagonizada pela figura de professores, que logram estimular seus alunos a dedicarem-se ao mundo das letras, ou então, trata-se de um ato interessado na busca de “prazer individual, riqueza pessoal, ou melhoria política do povo negro (e com frequência para outros oprimidos)” (West, 1985, p. 110).

bell Hooks, partindo do argumento delineado por West, acrescenta, com base numa análise crítica sobre seu próprio processo de conversão para a vida intelectual, uma importante perspectiva: a condição de tornar-se uma intelectual negra como uma estratégia de sobrevivência, em um contexto de experiências dolorosas. Tornar-se intelectual configura-se como uma potência, na medida em que essa atividade possibilita um exercício de compreensão, ressignificação e produção de ferramentas para a transformação da realidade concreta experimentada de forma particular pelas mulheres negras em sociedades racistas (Hooks, 1995). Afirma, sobretudo, que a atividade intelectual não pode ser divorciada de seu caráter político, nem precisa levar-nos a nos separar de nossas comunidades. Antes, pode ser vista como um exercício que nos capacite a uma participação mais profunda diante de nosso povo, enquanto parte necessária para um processo de tornar-se sujeito e descolonizar-se enquanto grupo oprimido (Hooks, 1995, p. 466).

Neste mesmo sentido, refletindo sobre uma das faces do pensamento feminista negro, afirma Patricia Hill Collins:

Logo, um papel para mulheres negras intelectuais é o de produção de fatos e de teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras. Em outras palavras, o pensamento feminista negro contém observações e interpretações sobre a condição feminina afro-americana que descreve

e explica diferentes expressões de temas comuns (Collins, 2016, p. 102).

A perspectiva dessas autoras, em consonância com outras intelectuais negras (González, 1988, Crenshaw, 1991, Carneiro, 2003, Werneck, 2016, Ribeiro, 2017, Kilomba, 2019, Lorde, 2019), nos convidam a mobilizarmos a posição de marginalidade que ocupamos, em especial no contexto da academia, enquanto “*outsiders within*” (Collins, 2016) para produzirmos perspectivas distintas e criativas, que qualificam e reconfiguram os paradigmas sociológicos hegemônicos e racializados, do ponto de vista da branquitude. Trata-se de uma abordagem que desconstrói centralmente as perspectivas que afirmam uma suposta neutralidade da produção científica, enfatizando, conforme sintetiza Kilomba, que a “ciência é, neste sentido, não um simples estudo apolítico da verdade, mas antes a reprodução racial de relações raciais de poder que definem o que conta como verdade e em quem acreditar” (Kilomba, 2019, p.51). Assim, trata-se de uma perspectiva que considera que a produção intelectual não pode ser divorciada das condições concretas de existência que modulam a vida daqueles que a produzem (Collins, 2016, p. 101).

Entendendo que todos os sujeitos, independentemente de seus pertencimentos raciais e posições sociais que ocupam, possuem *lugar de fala* (Ribeiro, 2017), considero obrigatório, no contexto dessa pesquisa, delinear reflexões sobre o meu próprio processo de constituição enquanto militante e intelectual negra, procurando colocar luz sobre diferentes “constrangimentos e possibilidades” (Presta e Almeida, 2008) que lograram me apresentar a atividade intelectual como projeto de futuro.

Desde a primeira vez em que tive contato com o trecho citado no início desta página, retirado da obra “Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática Libertadora” (2017), de autoria de bell Hooks, senti profunda identificação. Passados seis anos, desde o momento em que tive contato com a obra³⁰, vez ou outra relembro e me refiro a ele como a melhor síntese não sobre minha chegada à universidade, mas sobre minha constituição enquanto pesquisadora e professora. Contudo, às palavras de bell Hooks, acrescentaria outra sentença: cheguei à militância como um local para cura.

Sendo eu mesma uma militante negra, engajada no NCN da UNICAMP entre os anos de 2013 e 2015, foi impossível construir meu objeto de pesquisa e analisar as carreiras militantes dos entrevistados sem recuperar na memória e reconfigurar os sentidos de acontecimentos, escolhas, implicações da passagem pela universidade e pela

³⁰ Hooks, bell. Teaching to Transgress: education as the practice of freedom. New York: Routledge, 1994.

militância na minha própria trajetória acadêmica e ocupacional. Assim, considero importante me posicionar ao lado dos demais sujeitos, refletindo de um ponto de vista sociológico sobre meu próprio trajeto.

A constituição de disposições para adesão à escola, universidade e militância

Sou uma mulher cisgênera, preta, de 26 anos. Nasci na cidade de Campinas, SP, cidade onde fui criada e vivo até os dias de hoje. Sou filha de mãe preta solteira, como ela mesma se classifica, embora tenha passado os primeiros 12 anos de minha vida convivendo na mesma casa que meu pai biológico. Poucas informações tenho a respeito da história de meu pai. Embora vivêssemos na mesma casa, entendo que ele teve pouca participação em minha história. Em nossa convivência, poucos laços foram formados. Hoje compreendo que isso se deve em grande medida não apenas a características de nossas personalidades, mas sobretudo ao racismo religioso (Nogueira, 2020). Meu pai biológico era um homem branco. Era também pai de santo. Pai de santo de Quimbanda. Escolarizado até a oitava série, e quimbandista desde os 15 anos de idade, tinha na sua posição como sacerdote de religião de matriz africana sua fonte de sustento material. Minha mãe, embora o tenha conhecido em um jogo de *Merindelogun*³¹, uma arte divinatória utilizada nas religiões de matriz africana, se tornou evangélica nos meus primeiros anos de vida. Passando por profundas dificuldades financeiras, a fonte de acolhimento disponível durante as noites de insônia, a televisão, apresentou como alternativa para uma vida próspera e plena a Igreja Universal do Reino de Deus. Como poderei explicar melhor adiante, a profunda socialização religiosa (Berlivet e Sawicki, 1994) que tivemos, a partir da conversão de minha mãe à religião evangélica, teria impactos importantes para a minha criação, os projetos de futuro cultivados por minha mãe a nosso respeito e a conformação de minhas disposições à militância. Seria também essencial para meu processo de reconversão de um capital religioso em escolar (Criado, 2017, p. 304). O fato, no que se refere a meu pai, é que crescendo muito ligada à minha mãe, a quem a grande responsabilidade por minha criação e sustento material e emocional era relegada, e aprendendo constantemente nas igrejas que frequentávamos que pessoas como meu pai eram sacerdotes de um conjunto de entidades da mitologia cristã, designadas como “demônios” (entidades que não fazem parte do panteão das religiões de matriz africana), não me sentia atraída a participar da vida dele.

³¹ Conhecido popularmente como “jogo de búzios”.

No que se refere ao lado materno da família, as informações são mais precisas. Um singelo, mas grande privilégio, enquanto pessoa negra, é que retalhos de informações sobre meus antepassados, guardados em fotografias, em memórias dos mais velhos e documentos, permitem que eu não tenha que “voltar para África”, por não possuir nenhum registro além dos meus avós. Por esse motivo, e por compreender que as pequenas experiências de ascensão social que vivenciaram tiveram um papel fundamental para a constituição de minha mãe, e por consequência, minha constituição, faço questão de falar sobre eles. Sou tataraneta de Amâncio Castro Pinto de Oliveira e Elvira Maria de Jesus, pais de meu bisavô, Roberto Castro Pinto de Lima. Ambos eram negros e segundo relatos de meu avô, Ervino Roberto de Lima, vieram da Bahia. Meu avô relata que nas conversas entre os adultos, diziam que o sobrenome Castro Pinto havia sido obtido, na escravização, por meu tataravô estar vinculado a um fazendeiro baiano de mesmo sobrenome. Quanto a informações sobre a tataravó Elvira, meu avô, embora tenha seu nome em sua homenagem, pouco comenta. Os motivos que os trouxeram a São Paulo - SP são desconhecidos. Entretanto, um registro de batismo relativo à irmã mais velha de meu bisavô, Celestina de Castro Lima, lavrado em 1891, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, situada em Campinas - SP, indica que meus tataravós transitaram nessa cidade desde aquele período.

Não sabemos que funções ocupacionais meu tataravô Amâncio cumpria. Não sabemos também se ele nasceu livre ou escravizado. Sobre relatos da escravidão, meu avô relata apenas uma, sobre a mãe de minha bisavó, Conceição Martha. A *“nhá Maria Rita”*, como meu avô costumava chamar minha tataravó, era *“escrava de cozinha”* e *“contava histórias sobre os castigos que sofria, com queimaduras de óleo quente nas palmas das mãos.”*

Maiores informações sobre a caminhada de meus tataravós não tenho. Entretanto uma aventura extraordinária, no que se refere a condição histórica da gente negra naquele período, atravessou minha família: meu bisavô, Roberto Castro Pinto de Lima, nascido em 1905, foi escolarizado até o ginásio, e além de ocupar a posição de artilheiro no Guarani Futebol Clube, em meados de 1920 e 1930, sendo considerado até os dias de hoje o 6º maior goleador da história do clube, onde é conhecido como “Roberto Caco” trabalhou boa parte da vida como maquinista da FEPASA (Ferrovia Paulista S/A) antigamente chamada Mogiana, em um contexto em que este cargo era ocupado majoritariamente por pessoas brancas, sobretudo, portugueses (Stefanoni, 2004, Lanna, 2016). Chegou a possuir muitas terras em Piracicaba, que foram perdidas por motivos

que meu avô desconhece. Segundo meu avô, seu pai gostava de viajar muito, e gastava boa parte de seu dinheiro com festas e roupas de alfaiataria. Por conta dessas viagens, meu avô relata quase ter perdido um ano na escola, por faltas. Ainda, ao que meu avô relata, sua mãe, Conceição Marta de Oliveira, complementava a renda familiar trabalhando como lavadeira para as famílias de médicos da região e também era alfabetizada. Além disso, era mãe de santo.

Meus bisavós tiveram apenas dois filhos, meu avô Ervino e minha tia-avó Elvira. Ambos estudaram, na idade própria, até o antigo ginásio. Meu avô Ervino atuou durante toda a vida como operário da Bosch. Tia-avó Elvira trabalhou durante muitos anos no Restaurante Universitário da UNICAMP, o “Bandeirão”, em uma época em que a função era concursada. Aposentou-se nesse trabalho e é lembrada ainda hoje pelos funcionários mais velhos da universidade. Quanto a minha avó, Maria Helena Ventura, e seus antepassados, não temos grandes informações. Avó Maria Helena não gostava de falar sobre seu passado. Sei que trabalhava como doméstica e era alfabetizada. Mantinha diversos diários, que minha mãe bisbilhotava na infância.

Ao contrário de seus pais, meu avô Ervino construiu junto da avó Maria Helena uma família extensa. Tiveram seis filhos, minha mãe a mais velha. Embora minha mãe tenha lembranças de que meu avô atuava como *Ogã*³² no terreiro de minha bisavó, fazendo parte do grupo de *Alabês*³³, ele se tornou, junto a minha avó, vinculado à denominação religiosa “Testemunhas de Jeová”, quando minha mãe ainda era criança. Segundo ela relata, desde a infância as redes de sociabilidade se davam no *Salão do Reino*³⁴, pois minha avó não permitia que os filhos brincassem na rua. Avó Maria Helena se preocupava muito com a reputação da família. A casa estava sempre impecavelmente limpa, contando com os cuidados de minha mãe para esse processo. Ela era a filha mais velha, e cuidava dos irmãos e da casa enquanto os pais trabalhavam. O modo de autoridade era imperativo e marcado por constantes castigos físicos, desempenhados sobretudo por minha avó (Thin, 2006, p. 218), e que recaíam com frequência sobre minha mãe, que era responsabilizada pelas peripécias dos irmãos.

Embora a situação financeira não fosse a mais confortável, no contexto de uma família com seis filhos, e vez ou outra fosse necessário matar pombos do quintal para o

³² Ogã é um título designado a sacerdotes que no contexto dos terreiros, desempenham diversas funções masculinas. São escolhidos por Orixá, mas não entram em transe.

³³ Título designado aos tocadores de atabaques.

³⁴ Título designado aos espaços de congregação local das Testemunhas de Jeová.

almoço, a profissão de meu avô de tempos em tempos permitia algumas regalias. A família foi a primeira da rua a ter televisão e telefone. A vizinhança se reunia na sala da casa deles para assistir à novela toda a noite. O local de moradia era a Vila Boa Vista, na época, uma vila de operários. A adesão à escola também era evidente. Chegar em casa com uma nota vermelha no boletim era motivo de castigo. Todos os filhos foram escolarizados até o nível médio, sendo que uma das filhas, a segunda após minha mãe, cursou ciências contábeis na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em meados de 1980.

Um corte no tempo e chegamos ao início dos anos 90. Minha mãe embora tenha atuado em funções administrativas em algumas empresas, sempre foi acompanhada por um ofício, ensinado por minha avó quando ela tinha cinco anos: a costura. Atuando como costureira, a partir do meu nascimento, a maior parte do tempo de forma autônoma e com oficina dentro de casa, minha mãe garantiu meu sustento material e ocupa essa profissão até os dias de hoje.

Durante toda a vida vivemos em casas alugadas. Entre os 2 a 12 anos de idade, quando ambos meus pais passaram a compartilhar da mesma casa, por conta de um contexto de caos financeiro e familiar que culminou em uma ordem de despejo e na conversão de minha mãe à religião evangélica, vivemos em um único lugar: a Rua Meciaçu, número 281, no comecinho da Vila Ypê, em Campinas, SP. Este lugar se solidificou em minha memória como referência de lar. Ainda hoje, na maioria das vezes em que meu cérebro inventa sonhos ambientados em uma casa, é esse cenário em específico em que as narrativas se desenrolam.

Era uma casa de dois quartos, um banheiro, uma sala e dois quintais. Em um dos quartos, dormíamos juntas eu, e minha mãe. No outro, dormia meu pai. A sala era o espaço de trabalho de minha mãe. Nela ficavam as mesas de corte de tecido, as máquinas de costura e um grande espelho, junto de outros instrumentos de salão de beleza, já em alguns momentos minha mãe articulava o trabalho como costureira com o trabalho como cabelereira no bairro. A mesa de corte de panos era a única da casa, além da mesa da cozinha. E era nessa mesa, na sala, utilizando como lousa o papel pardo com o que minha mãe fazia as modelagens das roupas que produzia, que eu fui alfabetizada por ela, aos seis anos.

No quintal dos fundos, em um quarto sempre fechado, meu pai guardava alguns dos instrumentos de sua religiosidade. No quintal da frente, eu me divertia muito, comendo acerola, passando folha de limão no corpo para sentir o perfume, colhendo as

romãzinhas que quase nunca vingavam, conversando com minha amiguinha da casa vizinha através do muro.

Durante a infância eu tinha uma grande amiga, Camila, um ano mais velha que eu. Aconteceu que ela acabou por ingressar antes de mim na primeira série do ensino fundamental. Muito entusiasmada, ela passou a comentar comigo, em nossos momentos de brincadeiras, que estava aprendendo a ler e escrever. Eu fiquei muito ansiosa. Eu queria aprender a ler também! Na época, cursando a educação infantil, comecei a insistir diariamente com minha mãe, dizendo que “não queria mais fazer desenho”, queria aprender a ler e escrever. Com minha insistência diária, minha mãe resolveu ir à Escola Estadual Neli Helena, a mesma em que minha amiga estudava, para conversar com a diretora. Tanto insisti que consegui convencê-la a me matricular na mesma sala que minha amiga, mesmo fora de prazo. Ao me matricular, em meados de abril, a diretora foi enfática: “se a Tayná não conseguir acompanhar o resto da turma, ela terá que repetir a primeira série”. Minha mãe também foi enfática: “minha filha vai se adaptar sim, ela é inteligente!”

Decidida a me ver com um bom desempenho escolar, minha mãe assumiu para si o papel de me alfabetizar e garantir que eu executaria todas as tarefas que havia perdido até então. Minha mãe se dirigiu então a uma ONG que existia em nosso bairro, chamada “Romília Maria”. Aquele espaço promovia cursos de férias, cursos de capacitação profissional, distribuição de alimentos. Mas de todos os serviços fornecidos por eles, me lembro de que utilizávamos com muita frequência apenas um: a biblioteca. Para me alfabetizar, minha mãe emprestou a cartilha “Caminho Suave”, referência que carregava por ela mesma ter sido alfabetizada com este livro. Seguindo os passos da cartilha e também estratégias próprias, em duas semanas me alfabetizou. Uma das estratégias utilizada por ela, cujo processo está fincado na minha memória, foi trabalhar comigo a divisão das palavras em sílabas, depois em letras, escritas em cartas de papel sobre a mesa. Me ensinando o som que elas representavam e me fazendo repeti-las, íamos juntando, como num quebra-cabeça, as palavras possíveis. Conforme eu compreendia e assimilava os sons e funções das letras, minha mãe me colocava para estudar a cartilha e o caderno de caligrafia para efetivamente escrever. Meu processo de alfabetização foi rápido e o clima emocional de todo processo foi leve. Quando consegui efetivamente ler as primeiras palavras, a comemoração foi intensa. Eu era inteligente! Eu era muito inteligente! A convicção na minha capacidade de aprender, cultivada por minha mãe, e que foi legitimada por minha adaptação ao sistema escolar, me acompanhariam por toda a vida,

sendo abalada apenas na ocasião de meu ingresso no curso de Química, na universidade. Após meu processo de alfabetização, além dos livros que minha mãe mantinha em casa, a biblioteca do Romília Maria seria um lugar muito frequentado por nós, seja para coletar informações para trabalhos da escola, seja para emprestar literaturas infantis e infanto-juvenis.

Durante minha trajetória escolar, não tive acesso a cursos, grupos associativos, ou outras atividades extracurriculares. Em minha casa não havia uma biblioteca de livros clássicos. Mas havia uma estante vermelha, cheia de livros religiosos, entre dicionários bíblicos e dos tempos bíblicos, livros de hermenêutica, exegese, bíblias de diferentes traduções, e algumas enciclopédias escolares que minha mãe havia comprado nos meus primeiros anos de vida. A religiosidade evangélica tinha um lugar muito especial na constituição de minha mãe. A disciplina ascética (Catani et al, 2017, p. 58) aprendida ainda na infância, com meus avós e as relações estabelecidas no contexto dos Testemunhas de Jeová, foram rapidamente botadas à serviço da religiosidade evangélica neopentecostal. E ela trabalhava ativamente para se informar sobre a bíblia e me informar também. Era muito comum vê-la lendo, “estudando a palavra”. Os primeiros livros que ganhei, ao ser alfabetizada, foram uma bíblia com capa infantil, cheia de bichinhos coloridos, e um livrinho de histórias, sobre “Noé e a Arca”. A bíblia, que não é propriamente um livro fácil de ler, me acompanharia como livro de cabeceira pelo menos até meus 14 anos. Em alguns momentos, minha mãe exerceu cargos de liderança na igreja. Fazia pregações e coordenava o grupo de mulheres. Naquele espaço social, nossa posição era de prestígio. Eu me destacava entre os outros adolescentes: conhecia as histórias bíblicas com profundidade, e tinha um grande volume de versículos memorizados. A pastora da igreja e os obreiros mais velhos se surpreendiam com meu conhecimento. Naquele espaço, tinha mais uma vez minha convicção sobre minha própria inteligência legitimada, e me sentia dominando os conhecimentos necessários para tomar a palavra nas reuniões.

Através dos estudos que minha mãe conduzia em casa, desenvolvi meus primeiros exercícios de abstração: líamos um trecho diário, contextualizávamos historicamente o conteúdo e “ruminávamos na palavra”, refletíamos ao longo de todo o dia sobre ela, procurando estabelecer relações com nossa realidade vivida. Anos depois, já na escola, esse exercício seria precioso para o aprendizado dos conteúdos relacionados às humanidades. Minha mãe também foi a pessoa que me ensinou a fazer resumos, na ocasião de minha primeira prova de história, na quarta-série. Sua posição sobre minha

escolarização sempre foi de muita vigilância. Além de brigar para que eu pudesse ser matriculada em uma escola pública central e tradicional da cidade, a Escola Estadual Dom Barreto, onde estudei até o ensino médio, quando percebia que eu estava com dificuldades de aprendizado em alguma disciplina, em especial durante o ensino fundamental, me sentava na sala de casa e me dava aulas por dias, reforçando os conteúdos e me testando até perceber que eu os havia compreendido. Privilégios que tive em relação aos colegas da mesma idade e vizinhança, sendo filha de uma mulher que reunia um certo volume de capitais culturais objetivados e incorporados, conhecia o sistema escolar e, embora não tenha ascendido, sonhou para mim um projeto de futuro que passaria necessariamente pela Universidade. Minha mãe atuava sobre meu processo de escolarização, com estratégias comuns às camadas médias e superiores (Nogueira, 1995, Zago, 2003, Almeida, 2007, Thin, 2006, Piotto, 2008, Caimi, 2018). Sua postura reflete de forma profunda o que Bourdieu denomina como “boa vontade cultural”. Para mim, suas melhores ambições foram projetadas. O futuro que me sonhou, e as estratégias para fazê-lo se cumprir, ocuparam com centralidade sua vida. “Devoraram seu presente” (Bourdieu, 1974, p. 20).

A vigilância rigorosa e o controle de minha mãe sobre meus estudos, do ponto de vista de minha aprendizagem, só diminuiu nos anos finais do meu ensino fundamental, momento em que já me mostrava bastante autônoma, e que também coincidiu com nossa saída da casa na Rua Meciaçu, quando passamos a viver longe de meu pai.

Naquele momento, não éramos apenas eu e minha mãe. Éramos três. Quando completei oito anos, minha mãe, em uma caminhada pelo centro da cidade de Campinas, acabou por encontrar um de seus irmãos mais novos, vivendo em situação de rua. Minha mãe, que já não mantinha contato com o restante da família há anos, devido a vários conflitos que se estabeleceram a partir do meu primeiro ano de nascimento, descobriu naquele dia que meu tio, trazido por minha avó em sua companhia, em uma das visitas feitas por ela à cidade de Campinas, havia sido por ela abandonado, determinando sua expulsão da casa em que viviam em Curitiba. O motivo: considerava que meu tio não conseguia permanecer em nenhum emprego por ser “vagabundo”. Ao encontra-lo na rua, minha mãe imediatamente o trouxe para nossa casa. Em poucos dias foi possível observar que meu tio tinha especificidades que precisavam de um olhar atencioso. Ele passava muito tempo rindo e conversando com vozes que nós não escutávamos. Minha mãe decidiu leva-lo para ser atendido no Centro de Atenção Psicossocial mais próximo de nossa casa, o CAPS-Toninho. Ali, após conversas com os psiquiatras e de um período de

observação, meu tio foi diagnosticado como esquizofrênico paranóide, relatando ter passado a ouvir as primeiras vozes aos 14 anos. Até então, nunca havia tido tratamento específico, processo que se iniciou apenas por intervenção de minha mãe, desde o dia desse diagnóstico. A chegada de meu tio foi marcada por vários processos de estranhamento para mim. Seu corpo maltratado pelas ruas, seu silêncio, e as explicações que minha mãe dava sobre os sofrimentos que ele provavelmente viveu e a importância de morarmos juntos, me provocava grande identificação. Além disso, ele era diferente de outros tios. Estava sempre disposto a brincar comigo, principalmente jogando videogame. Mas nem tudo em nosso relacionamento foram flores. Meu sentimento em relação à presença de meu tio foi sendo ressignificado na medida em que percebi que eu não era mais a criança da casa e centro das atenções. Além disso, passei a compartilhar com ela da responsabilidade por cuidar dele, atentando-me para que não tomasse atitudes que pudessem o colocar ou nos colocar em risco. Em alguns dos poucos episódios de surto que ele sofreu desde que passou a morar conosco, acabei sendo a responsável por levá-lo e visita-lo semanalmente no contexto do CAPS, me passando por uma irmã com maioridade, já que minha mãe precisava trabalhar para garantir nosso sustento. Meu tio silenciava, e silencia até hoje, sobre as experiências que viveu em condição de rua. Sabemos apenas que foram oito anos vivendo nessa condição. A sua presença em nossas vidas, seu carinho e a maneira como, dentro de suas possibilidades, sempre demonstraram cuidado e afeto, ao passo que me obrigou a amadurecer com maior velocidade a partir dos oito anos, causando em mim certo ressentimento, no começo, também foi um ingrediente fundamental para minha indignação diante das injustiças sociais que fui podendo perceber conforme crescia. Ganhei, sobretudo, o tio-irmão mais doce.

Os anos que se seguiram após nossa mudança da casa da Rua Meciaçu, foram os mais turbulentos de minha vida. Até então, nunca havia passado por nenhuma falta. Nada que me chamasse atenção. A condição financeira era de estabilidade. Embora a vida fosse modesta, a comida, o pagamento dos serviços essenciais, a vestimenta, os brinquedos, o acesso ao computador e internet estavam mensalmente garantidos. Ao nos mudarmos, as condições se tornaram instáveis, e assim foram até o meu último ano de graduação na Universidade. Minha mãe sempre se esforçou para que não morássemos em “quebrada”. Assim, vivíamos migrando por casas em bairros de classe média, cujos aluguéis não conseguíamos pagar por muito tempo. Minha mãe também sempre proibiu que eu trabalhasse durante o meu período escolar. Por maiores que fossem as dificuldades financeiras, seu desejo era que eu tivesse possibilidade de dedicação exclusiva aos

estudos. Acontece que várias intercorrências, sempre relacionadas a aluguéis, nos atravessaram. No período que compreendeu meu ensino médio até o terceiro ano na Faculdade, sofremos três ordens de despejo. Chegamos a morar por um ano em uma casa sem geladeira, e nenhum outro eletrodoméstico, apenas um fogão de duas bocas. Os alimentos que precisavam ser refrigerados ou não eram consumidos, ou eram consumidos no mesmo dia de compra. Chegamos a passar quatro meses sem fornecimento de água nem energia elétrica, acendendo lampiões e velas de noite, e tomando banho com canequinha e, na ocasião de lavar os cabelos, pedindo ajuda para vizinhos. Nunca me esqueço do dia que, saindo da igreja no centro da cidade, com o objetivo de caminhar a pé para nossa casa no Jardim das Oliveiras, encontramos um real no chão. Com aquele dinheiro minha mãe comprou um rim de boi, garantindo a refeição do dia.

Entretanto, minha mãe nunca permitiu que nossas perspectivas de futuro se reduzissem a nossa condição material. A reflexão que minha mãe fazia, a partir de sua religiosidade, era que as situações de dificuldade que passávamos eram “provações” e por isso mesmo, transitórias. O sentimento de que não éramos pobres era tão intenso, que nem mesmo apoio das políticas de distribuição de renda minha mãe jamais solicitou. Essa perspectiva trazia certa leveza para aqueles momentos. Eu confiava em minha mãe, e assim acreditava que aquelas situações se reconfigurariam, e que estaríamos em breve ocupando posições melhores. A perspectiva de que éramos as filhas amadas do “Senhor dos Senhores”, imprimia a minha mãe uma postura sempre ativa. Ela fazia questão de ultrapassar os problemas sem a ajuda de familiares, sem a ajuda de meu pai, sem a ajuda de vizinhos nem membros da igreja. Nossas dificuldades não eram relatadas a terceiros. A vida deveria seguir de forma normal na medida do possível. Não perdi um só dia de aulas por esse motivo. E no final das contas, com seus esforços e criatividade, íamos seguindo em momentos de maior ou menor estabilidade, até sermos interpeladas por outras derrocadas.

Não me lembro exatamente em que momento de minha escolarização minha mãe começou a colocar para mim a universidade como etapa seguinte necessária à minha formação no ensino médio. Lembro apenas de uma cena: estava no início do terceiro ano do ensino médio, minha mãe varria a casa e me dizia: “esse ano você vai se formar e depois vai fazer faculdade. Eu não consegui fazer, mas você vai.”

Uma interrogação se colocou pra mim. Qual faculdade eu faria? Que curso eu gostaria de fazer? Lembro que as universidades públicas inicialmente não estavam no meu norte. Eu não sabia que elas existiam. Lembro de ter feito pesquisas na internet, no

site da Universidade Paulista - UNIP, a representação de faculdade mais famosa que eu conhecia. Ali, olhando as ementas de curso, decidi que queria fazer design gráfico. Eu gostava de mexer no computador e sabia fazer edições de fotos, era uma profissão que parecia dar dinheiro. Depois resolvi que queria estudar letras. Eu gostava de escrever e não necessariamente teria que ser professora, poderia aprender inglês e trabalhar com traduções. Professora eu não queria ser. Não ia dar dinheiro.

Acontece que o meu desconhecimento sobre a universidade, não era compartilhado nos mesmos termos com minha mãe. Um belo dia, assistindo o noticiário noturno, minha mãe se deparou com uma reportagem em que a UNICAMP anunciava a criação de uma nova modalidade de acesso, o Programa de Formação Interdisciplinar Superior – ProFIS³⁵, que garantiria o ingresso de estudantes da cidade de Campinas que haviam completado, no ano de inscrição no ProFIS, o seu ensino médio em escolas públicas da cidade. O melhor aluno de cada escola, classificado por sua nota no ENEM seria selecionado. Pronto, minha mãe havia encontrado a solução. Eu apareci a tempo de ver apenas os últimos segundos da reportagem, e ela, muito ansiosa, começou a compartilhar comigo a notícia que tinha acabado de ouvir. Ela tinha certeza que aquilo era uma provisão de Deus para nós! “Na UNICAMP só entra filho de gente rica, de médico, só pessoas importantes estudam lá. Pelo vestibular você não iria conseguir, mas com a nota do ENEM você consegue”. Estava resolvido meu problema: eu teria a melhor nota do ENEM de minha escola e entraria em uma das melhores universidades do Brasil.

³⁵ O ProFIS é um curso sequencial de ensino superior, com duração de dois anos, em período integral. O curso visava oferecer uma formação geral. Ao longo de dois anos, recebíamos uma bolsa permanência, no valor de R\$400, sem contrapartida de trabalho, além de bolsa transporte e alimentação. Ao final do período, os alunos eram classificados com base em seus coeficientes de rendimento e podiam escolher, por ordem de classificação, um dos demais cursos de graduação da UNICAMP, que contavam com vagas adicionais reservadas para esse fim (Andrade, et al, 2012). A proposta inspirou a criação do Programa de Inclusão Com Mérito no Ensino Superior Paulista, o PIMESP. Criado com a contribuição das três estaduais paulistas, UNICAMP, UNESP e USP, como mais uma alternativa em resistência às cotas, foi apresentado em 2013 pelo então Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin. O programa tinha como objetivo ampliar o percentual de ingresso de pretos, pardos e indígenas bem como de estudantes de escolas públicas, garantindo até 2016 que 50% das matrículas em cada curso e em cada turno das universidades paulistas fosse ocupada por esses estudantes. O programa também implicava no ingresso, via ENEM, em um curso sequencial com duração de dois anos, que poderia direcionar os estudantes que assim desejassem, após concluído o primeiro ano, a vagas em cursos das FATECs. Os concluintes do segundo ano teriam ingresso garantido em cursos das universidades estaduais, tal qual o ProFIS, ranqueados conforme suas classificações no curso. O projeto foi recusado por parte significativa das comunidades acadêmicas das universidades estaduais paulistas (Minto, 2013, p. 61), sendo também objeto de discussão da FPC e NCN da UNICAMP, que promoveram em 2013 atividades abertas sobre o PIMESP e a política de cotas (Inada, 2018, p.61).

Me sentaria em meio aos filhos dos “reis e rainhas”, por que eu era filha do “Senhor dos Senhores”, conforme a bíblia ensina.

Na perspectiva de minha mãe, o projeto de garantir que eu conquistasse uma vaga na UNICAMP através do ProFIS não passava apenas pela fé em Deus. Estratégias materiais deveriam ser executadas. Eu precisava estudar e me aplicar para garantir a melhor nota do ENEM da escola. Assim, com essa perspectiva bem delineada comecei a me esforçar para revisar sozinha os conteúdos necessários. Mas eu não sabia muito por onde começar e também não tinha conhecimento sobre a existência de cursinhos populares. Aconteceu que comentando com uma colega de sala que eu pretendia fazer faculdade, ela me avisou que naquela semana haveria provas de seleção para bolsas em dois cursinhos particulares da cidade. Fomos então, eu e minha mãe buscar a conquista dessas bolsas. Acabei por ingressar nas “turmas de maio” do cursinho Objetivo, com bolsa de 68%. O restante minha mãe garantiu com muito trabalho, alguns meses atrasados, mas todos pagos.

Durante meu terceiro ano do ensino médio, me dirigia à escola de ônibus e retornava caminhando a pé cerca de 18km até minha casa. Assim economizei parte do dinheiro da passagem, para utilizá-lo para ir ao cursinho, que ficava no centro de Campinas, SP. Chegava em casa, almoçava em 15 min e já me dirigia ao ponto de ônibus para ir ao cursinho. Chegava sempre com meia hora de atraso. Mas estava tudo bem. No retorno, ainda tentava estudar um pouco pela noite, mas normalmente não tinha muito sucesso.

O fato é que, passado esse ano de cursinho, que me proporcionou ter acesso a conteúdos que nunca havia visto na escola, logrei obter a maior nota do ENEM naquele ano. E fui aprovada em primeira chamada na turma piloto do ProFIS, em 2011.

No ProFIS, eu me sentia bem integrada em relação à minha turma. Éramos todos campineiros, estudantes oriundos de escola pública e, por heteroidentificação, considero que éramos em maioria pretos e pardos. Compartilhávamos de uma mesma grade curricular, fazíamos todas as aulas juntos e assim seguimos até o final. O estranhamento acontecia no nosso contato com o restante dos alunos. Por mais de uma vez, ao caminhar com amigas pelo Ciclo Básico II fui destinatária de comentários jocosos de homens brancos de cursos de exatas. Quando chegávamos nos prédios de outros institutos para nossas aulas, os olhares denunciavam que não éramos bem-vindos. Tínhamos tomado um “atalho” para estar naquela universidade. E éramos facilmente identificados. Me surpreendia às vezes, questionando como sabiam, ao me olhar, que eu era do ProFIS.

Hoje entendo que isso acontecia por que éramos um grupo de jovens de 17 anos, pretos e pardos, pobres, caminhando sempre juntos.

Ao longo do segundo ano de ProFIS, tínhamos, como parte de nosso conteúdo programático, que participar em um projeto de iniciação científica. Vinculei-me, por escolha, em um projeto no Laboratório de Ecologia Química, sob orientação do Prof^o Dr^o José Roberto Trigo, no IB. Não me lembro exatamente o que me motivou à escolha dessa área em específico. Durante o ensino médio, tinha um bom desempenho em química, bem como ao longo do ProFIS. Entretanto, sempre tive muitas dificuldades em matemática. Era nas aulas relacionadas às humanidades que eu me destacava. Mas, mesmo assim, optei por esse projeto. Em nossas biografias, o caminho nunca é linear (Bourdieu, 1986) e nem sempre as escolhas são as mais racionais.

O fato é que a vinculação a esse laboratório me trouxe um conjunto de aprendizados muito novos. Para além dos conteúdos específicos relacionados ao projeto, foi minha primeira oportunidade de acesso a uma rotina em laboratório de química. Também foi o momento em que mais li em inglês até então. Aprendi a consultar os repositórios de artigos científicos e li dezenas de artigos para compor meu relatório, todos eles em inglês, combinando o instrumental que tinha adquirido de forma autodidata ou nas aulas de inglês ao longo do ProFIS, com o uso de tradutores eletrônicos. Foi também minha primeira experiência de escrita de um relatório de iniciação científica e minha primeira experiência com a apresentação de um banner no Congresso Interno de Iniciação Científica da UNICAMP. No final do ano, meu orientador me presenteou com um parecer elogioso. Salientava minha capacidade de trabalho e afirmava acreditar que eu seria bem sucedida em qualquer curso tradicional da universidade que escolhesse. E eu comprei a ideia. No final daquele ano, ingressei, “por mérito” de minha classificação na turma (a 21^o posição de 120), em um curso de minha escolha, em primeira opção: o curso de Química, modalidade Tecnológica, na turma de 2013. Na ocasião de decidir qual curso faria, tive uma conversa com minha mãe. Decidimos que eu não tinha entrado na UNICAMP para virar professora. Química, então, me pareceu uma boa opção. Havia sido bem sucedida em minha iniciação científica, e essa profissão poderia me garantir um futuro profissional em alguma multinacional. Minha mãe conhecia gente que ganhava 30 mil reais com essa função! Eu seria essa pessoa. Além disso, meu orientador havia sugerido: caso você deseje seguir fazendo mestrado na área de Ecologia Química, é vantajoso que você faça a graduação em Química e depois migre para o IB na pós-graduação. Figurei esses dois possíveis projetos de futuro, e decidi.

A passagem pelo curso de Química foi desastrosa. Percebi logo nos primeiros meses que, após dois anos em um curso que tinha como uma de suas propostas públicas promover uma formação interdisciplinar para que os alunos pudessem melhor decidir seu futuro acadêmico, eu ainda assim escolhi errado. O curso de Química era basicamente um curso de exatas. E em nada se parecia com aquilo que eu entendia como Química até então. A postura dos professores não era tão flexível como no ProFIS. As turmas eram bastante homogêneas, mas não para mim. Alunos brancos, oriundos de escolas particulares, que já haviam cursado escolas técnicas em química, moravam em repúblicas ao redor da universidade, não dependiam das bolsas auxílio do SAE, mal comiam no bandeirão. O estranhamento que passava pela comparação de minha trajetória social com aquela observada nos colegas de sala só se aprofundou, ao passo que me tornei uma das piores alunas da turma, em termos de notas, em todas as disciplinas. Para piorar minha situação, enquanto meus colegas estudavam na biblioteca, eu executava minha bolsa trabalho. Em minha casa, as coisas não estavam fáceis, mais uma ordem de despejo se anunciava. E minha autoestima, a cada prova, se desconstruía. Passei alguns meses em estado de depressão. Afirmei a mim mesma que havia acreditado em uma fantasia. Eu pensei que era inteligente e que sairia da UNICAMP com um diploma, mas a realidade de um curso “de verdade”, de um curso tradicional da universidade, me disse que a UNICAMP realmente não era pra mim. A história foi tão bem contada que por um momento até minha mãe passou a duvidar de minha capacidade de estar na universidade. Isso foi a gota d’água. Se nem ela acreditava, era por que a UNICAMP não era mesmo para pessoas como eu. O resultado: fui jubilada ao final do ano de 2013, por ser reprovada em todas as disciplinas obrigatórias do segundo semestre do primeiro ano de curso, ferindo uma resolução da Pró-Reitoria de Graduação – PRG.

ILMO SR. DIRETOR ACADÊMICO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

Ref.: Pedido de reconsideração de jubramento por projeção.

Eu, Tayná Victória de Lima Mesquita, brasileira, estudante regularmente matriculada no curso de Química (05) Instituto de Química, RA de nº 115888 nesta r. Instituição, venho respeitosamente à presença de V.Sa. requerer a reconsideração de meu jubramento por reprovação, pelos fatos e fundamentos que passo a aduzir:

DOS FATOS

Acredito que é impossível fazer um balanço sobre as dificuldades que tive ao longo de todo esse ano para me desenvolver no curso de Química, sem pensar no meu passado no que diz respeito aos estudos, e também sem pensar em minha conjuntura familiar e problemas pessoais.

Em 2011 ingressei na Unicamp, num curso que naquele momento era um projeto piloto: o Programa de Formação Interdisciplinar Superior. Ao longo dos dois anos de curso, tive ótimo desempenho (concluí no 21º lugar de mais de 90 alunos), nenhuma reprovação e concluí o programa em fase. Ao longo do ensino médio e do ProFIS, tive ótima relação com as disciplinas de Química, o que me influenciou muito na escolha do meu curso de graduação tradicional pós ProFis. Ao longo do ProFIS, tive a oportunidade de durante um ano construir e desenvolver um projeto de iniciação científica, vinculado ao Laboratório de Ecologia Química do Departamento de Biologia Animal, do Instituto de Biologia da Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. José Roberto Trigo. Era um projeto que dialogava profundamente com a composição química de plantas ricas em alcalóides pirrolizidínicos e sua relação com mariposas do gênero *Utetheisa ornatix* (Lepidoptera: Arctiidae). Ter contato com esse laboratório, e tudo que ali estava sendo estudado, foi decisivo para que ao final do ProFIS eu me decidisse pela Química. Reconhecendo a amplitude de conhecimentos e possibilidades de estudo e pesquisa que essa área agrega, e meu interesse pelos fenômenos químicos, decidi que seria o curso ideal. Além disso, ao longo de todo ensino médio, ao longo do ProFIS, e ao longo de minha Iniciação Científica, havia tido ótimo desempenho nessa área. Terminei o ano de 2012 recebendo uma avaliação completamente positiva de meu orientador, e o parecer de que certamente seria bem sucedida em minha vida acadêmica, tendo em vista o esforço e a força de trabalho que havia demonstrado naquele laboratório. (PARECER EM ANEXO)

Ingressei no curso de química esperançosa a respeito da minha escolha e do meu futuro, mas durante os primeiros meses de curso já me deparei com profundas dificuldades, que dialogam em muito com minha conjuntura familiar.

Figura 1 – Primeira página do pedido de reconsideração de matrícula, protocolado em 19/12/2013.

O processo de engajamento

Neste ano turbulento de 2013, tive a sorte de bons encontros, principalmente em meados de setembro. Nos primeiros meses daquele ano, eu costumava encontrar o meu principal núcleo de amigos do ProFIS nos intervalos entre aulas e bandeirão. Mas com o passar do tempo, fui me afastando de todos eles, até conscientemente desaparecer de seus círculos. Minha família estava passando por diversos problemas que eu não conseguia compartilhar, afinal, sempre aprendi que deveríamos ultrapassar nossas dificuldades sem o envolvimento de terceiros. Meu desempenho no curso estava péssimo, enquanto meus demais colegas, com menos dificuldades, estavam conseguindo se adaptar a seus novos cursos. Eu sentia vergonha de minha condição e não queria contato com mais ninguém que me remetesse ao ProFIS. Nesse meio tempo, dois estudantes vinculados ao

movimento estudantil acabaram se tornando meus colegas. No contexto do movimento estudantil partidário, eu era carne-nova. Era uma pessoa jovem e preta, em um contexto em que essa presença não era comum. Configurava o sonho de consumo dos coletivos estudantis partidários. A perspectiva que tenho hoje, é de que a aproximação desses rapazes tinha o objetivo de me cooptar aos seus partidos e me usar como “token” termo que utilizamos nos movimentos para designar a prática de algumas organizações políticas, que se configura em incorporar sujeitos pertencentes a grupos oprimidos para apresentar uma imagem de diversidade nas organizações.

Um dos referidos colegas, assumiu depois de alguns anos que sua aproximação teve inicialmente esse objetivo. Entretanto, independentemente dos motivos, conhecê-los teve implicações importantes no curso de meu trajeto na universidade. Um colega era estudante do curso de Química, mais velho, vinculado ao Partido Socialismo e Liberdade – PSOL e ao coletivo estudantil que dirigia o Diretório Central dos Estudantes – DCE naquele ano. Por sua retórica militante e sempre crítica à estrutura universitária, me motivei a compartilhar com ele as dificuldades que estava enfrentando em relação às disciplinas. Descobri que, caso fosse jubilada, não seria impossível retornar, já que poderia apresentar recurso à coordenação de meu curso. Ele me mostrou um modelo de pedido de reconsideração de cancelamento de matrícula utilizado no passado e, baseada nesse documento, compus o meu próprio pedido de reconsideração, argumentando sobre minha trajetória. No final das contas, fui reincorporada pela coordenação do meu curso, em janeiro de 2014.

A convite deste colega, comecei a participar de assembleias do movimento estudantil e fui conhecendo outras pessoas. Ficava a maioria do tempo em silêncio, observando, participando das conversas paralelas, mas nunca tomando a palavra publicamente. Aquele lugar não era a igreja e toda aquela estrutura era completamente nova para mim. No dia 03 de outubro daquele ano, uma assembleia que reuniu cerca de 700 alunos aconteceu, deflagrando uma ocupação de reitoria que duraria 13 dias, contrária a proposta anunciada por Geraldo Alckmin, quanto a disponibilizar a PM como alternativa à segurança no Campus, após o trágico assassinato do aluno Dennis P. Casagrande, no contexto de uma festa promovida no teatro de arena, pouco tempo antes. O clima de indignação que pairava na assembleia, os discursos apresentados pelos porta-vozes dos grupos, fazendo conexões entre aquele momento e as Jornadas de Junho (Perez, 2019), acusando a universidade de configurar-se como um espaço elitista, racista, criado para reprodução da ordem capitalista e que devia ser ocupado pela maioria da população,

me causou profunda identificação. Admirava a postura ativa das pessoas e concordava com seus discursos. Descobri ali: a culpa de minha primeira experiência de fracasso escolar não era minha! Eu era fruto de uma condição histórica e social e a universidade era, sim, meu direito!

Naquele momento, o movimento estudantil que seria um mês depois somado ao movimento negro na universidade, serviu como um espaço de organização de minha indignação. Minhas redes de sociabilidade foram definitivamente modificadas. O lugar deixado pelos amigos do ProFIS, de quem eu havia me afastado, foi substituído pelos “companheiros” de militância. A religiosidade evangélica, que já vinha sendo vivenciada com menor devoção desde os meus 15 anos, foi completamente abandonada e, passados alguns anos de militância no movimento negro, após um processo de ressignificação das coisas pretas e das narrativas racistas, me tornei candomblecista, minha religião atual.

O segundo colega a que me referi era um jovem negro, estudante de Ciências Sociais, vinculado ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados – PSTU, e membro do NCN. Ele foi responsável por me convidar a participar do núcleo.

Fui informada de que o grupo de alunos negros que construía o NCN se encontrava às sextas-feiras, 12h, aglomerados nas mesinhas do PB. Na semana seguinte ao convite, apareci. Vi de longe vários estudantes negros tirando fotos com faixas. Duas delas me acolheram com muito calor: Abayomi, e Adenike. As pessoas eram bonitas, as pessoas eram alegres e atenciosas. Após minha primeira reunião, segui com eles ao bandejão para almoçarmos. Quase enchemos uma mesa. Existiam pessoas negras no campus para além do ProFIS e elas estavam bem. E falavam sobre coisas que eu nunca havia ouvido: mito da democracia racial, genocídio da população negra, afrocentricidade, feminismo negro. Até então, a frase clássica de minha família sobre a questão racial era: “somos negras, o machado vai ser sempre mais pesado para nós. Tem que ser duas vezes melhor”. Para além disso, eu não tinha nenhum acúmulo teórico ou político sobre as relações étnico-raciais. Foi no espaço do NCN que tive contato com os primeiros debates, até passar a me formar mais autonomamente. Ali construí laços de amizade que mantenho até hoje. E naquele contexto, entendi que meu lugar na UNICAMP deveria ser conquistado. Afinal, para nenhum dos nossos era fácil. Acabei por não atender às expectativas daqueles que me tokenizaram, não me vinculei a nenhum partido, e passei a ter no NCN meu principal espaço de engajamento, até me desengajar em 2016.

Me mantive vinculada ao curso de Química por 2 anos e meio. Após meu retorno em 2014, estava decidida a mudar de curso. Percebi, na militância, que o que eu queria

explicar estava relacionado às Ciências Sociais. Àquela altura, não me importava, nem à minha mãe, que eu me tornasse professora. Minha mãe queria que sua filha saísse da UNICAMP com um diploma. Nesse período, a cada vez que me perguntavam o que eu estudava, não conseguia dizer simplesmente que era aluna do curso de Química. Não me sentia pertencente àquele lugar. Sempre me colocava na situação atípica de informar estranhos sobre meu projeto de vida: “estou vinculada ao curso de Química, mas quero mudar para Ciências Sociais”. No início de 2014, criei uma estratégia: enquanto estivesse vinculada àquele curso, faria apenas as disciplinas da licenciatura. Assim me manteria vinculada à universidade, sem me submeter à tortura das disciplinas específicas do curso de Química. Além disso, resolvi cursar, como ouvinte, algumas disciplinas obrigatórias e eletivas do IFCH. Mesmo não estando formalmente matriculada, fiz questão de desenvolver os trabalhos, exercícios de leitura e provas. Queria ter certeza que, ao me vincular ao curso de Ciências Sociais, seria bem sucedida. Assim, considereei essa estratégia como um teste. Receber notas máximas nos trabalhos, além do encantamento que as aulas produziam em mim, apenas serviu para sedimentar o meu desejo de mudar de curso.

Na metade do ano de 2014, tentei um pedido de remanejamento para o curso de Ciências Sociais, sem sucesso. Não havia vagas ociosas para mim. Os pedidos de remanejamento deveriam ser feitos ao final de cada semestre, no período de matrículas para o semestre seguinte. Eu havia tido a má sorte de selecionar um período sem vagas disponíveis. Foi realmente uma questão de sorte, já que a UNICAMP não conseguia disponibilizar uma lista com o número de vagas ociosas disponíveis em cada curso para o processo de remanejamento no período aberto para pedidos.

No dia em que descobri que minha tentativa de remanejamento havia sido frustrada, minha mãe estava na porta do bandejão, vendendo seus artesanatos. Lá estava eu de novo, chorosa e com medo de efetivamente, não conseguir estar no meu curso desejado “nunca”. Minha mãe logo aplacou essa ansiedade com a maturidade de quem tinha 54 anos e sabia que a palavra nunca é dramática demais. Mas sua confiança estava apoiada em outro aspecto: àquela altura, minha mãe havia recuperado a convicção de que minha entrada na Universidade era parte de uma vontade divina e que minhas dificuldades não significavam que aquele espaço não era para mim. Além disso, acreditava que poderia resolver minha situação da maneira como já havia resolvido tantas outras na vida, conversando com as pessoas certas.

Nesse sentido, o movimento estudantil e o movimento negro não poderiam me ajudar diretamente. O repertório de ação dos grupos não seria aplicado ao meu problema. Ninguém deflagaria uma greve ou protesto para me garantir uma vaga no curso de Ciências Sociais. Então, comecei a pensar em outras alternativas. Inicialmente fui sozinha, falar com a antiga secretária do ProFIS. Eu havia ingressado em um curso tradicional já há quase dois anos, mas na ocasião de meu ingresso, algumas vagas adicionais disponibilizadas para estudantes do ProFIS ficaram ociosas. Não havia nenhuma vaga disponibilizada pelo curso de Ciências Sociais na época, mas quem sabe eu poderia me vincular a algum outro curso de humanas e depois ingressar em meu curso de desejo? Essa proposta, obviamente, foi completamente inviabilizada. Minha mãe decidiu então assumir as rédeas da situação. Passando alguns dias vendendo artesanatos na porta do bandejão, ela havia conhecido alguns funcionários, entre eles, dois funcionários negros do Sindicato dos Trabalhadores da UNICAMP. Contou a eles o que estava acontecendo com sua filha, e logo eles se prontificaram a ajudar. Um deles acreditava que, por sua relação de amizade com o chefe de gabinete da reitoria no período, talvez poderia arrumar alguma solução. Afinal, as vagas ociosas no meu curso de interesse existiam e seguiam ociosas. Eu só não havia logrado ingressar por que tive a má sorte de escolher o período noturno, enquanto, naquele momento, as vagas disponíveis para o processo de remanejamento estavam no diurno. Uma burocracia mal formulada, mas vigente, e que, para resolver minha situação pessoal, eu não queria que fosse aplicada a mim. Por um lado, minha mãe, com sua fé inabalável e a experiência prática de resolver situações com o discurso e convencimento. Por outro lado, eu, com meu desprezo militante pelas estruturas burocráticas e a convicção de que era possível, mobilizando as pessoas e argumentos certos, converter a situação. Por motivos que hoje me parecem óbvios, nenhuma das alternativas foi viável. Não é assim que uma instituição da envergadura da UNICAMP funciona. Entretanto, a tentativa e os apoios que recebi serviram como alento.

Ingressei no curso de Ciências Sociais na metade de 2015, através de um processo de remanejamento interno finalmente bem sucedido. Encontrei meu lugar ao sol! O curso correspondia às minhas expectativas e eu correspondia às expectativas dos docentes. Concluí o curso em 2018 com o terceiro maior coeficiente de rendimento de minha turma de ingresso.

O processo de desengajamento e reconversão de capitais políticos em científicos

O ano de 2016 foi marcado por meu desengajamento do NCN. Ao ingressar, na condição de bolsista trabalho, em um projeto de extensão comunitária vinculado à Faculdade de Educação da Universidade, o Projeto Educativo de Integração Social – PEIS, que se configura como um projeto de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, encontrei um novo lócus de militância. Entrei como bolsista mas atuei, durante três dos cinco anos de minha participação, como voluntária. Me autoanalisando, percebo que o espaço do PEIS substituiu o lugar que o NCN ocupava em minha vida, em linhas gerais, por dois motivos: em primeiro lugar, por que me sentia profundamente útil e necessária naquele lugar. Eu era a única pessoa durante algum tempo, a debater as relações raciais no PEIS. Por outro lado, ao remanejar do curso de Química para o de Sociologia depois de tantos anos frustrados na universidade, decidi que iria fazer valer meus anos de graduação em Sociologia. Havia convivido tempo suficiente com estudantes mais velhos, que desenvolviam projetos de iniciação científica, estavam no mestrado ou doutorado. Tendo como norte a carreira acadêmica, tinha urgência em buscar oportunidades que pudessem ser convertidas em capital científico. Assim, o PEIS me oferecia as principais retribuições que desejava (Gaxie, 2005). Por um lado, foi um espaço que dava sentido à minha vida, já profundamente marcada por uma identidade militante. Meus alunos eram jovens, adultos e idosos, das classes populares, e tinham tido seu direito à educação básica negado. Minha militância era compartilhar o conhecimento historicamente sistematizado a que tive acesso e promover uma educação que nos instrumentalizasse a refletir criticamente sobre nossa realidade e quem sabe, transformá-la. A participação no PEIS atualizava meu *habitus* militante, ao passo que engajar-me no projeto também nutria minha carreira acadêmica. Sobretudo, sendo alguém marcada por um trajeto de tantos altos e baixos no que se refere ao meu acesso ao ensino superior, identificar-me em particular com um curso voltado à educação, no contexto específico de inserir, com limites, é claro, sujeitos marginalizados no espaço da UNICAMP, não é nem um pouco surpreendente.

Durante minha passagem pelo NCN, minha postura era bastante silenciosa, aprendendo com a experiência dos colegas e auxiliando em tarefas dos bastidores. Não me sentia segura para falar publicamente como alguns deles faziam. Particpei, com muita ansiedade, enquanto palestrante de duas mesas, no tempo em que fui militante do NCN.

Entretanto, em 2015, chegando ao PEIS, fui empurrada a enfrentar a fala pública, na condição de professora. E percebi que já estava madura o suficiente para isso. Eu me tornei a referência no grupo, no que se refere as relações étnico-raciais, e coloquei todo meu repertório e capitais políticos e científicos acumulados a serviço de promover aulas e cursos que debatessem as relações raciais e o conhecimento sociológico junto aos alunos do EJA.

Naquele espaço acumulei outros recursos. Em primeiro lugar, além de aprender a lecionar, descobri um universo pouco explorado nos cursos de formação de professores: as especificidades da modalidade EJA. Em segundo lugar, naquele espaço aprendi a construir minicursos e outras modalidades, como cursos de extensão. Atuei como professora em três cursos da Escola de Extensão da UNICAMP - EXTECAMP, a partir das redes conquistadas no PEIS. Nesse projeto, me apropriei da teoria do conhecimento de Paulo Freire e o fato do projeto se organizar a partir das concepções pedagógicas deste intelectual, fazia com que o PEIS tivesse uma estrutura e finalidades que cabiam em minha concepção de militância. Ainda que tivesse uma coordenação oficial, a organização interna era bastante horizontal. As decisões eram tomadas a partir dos interesses dos educadores e educandos. Para mim, que vinha de uma experiência anterior de militância em um coletivo com organização semelhante, era difícil não enxergar o PEIS, de certo modo, como mais um coletivo político. Entretanto, compreendo que essa perspectiva tem relação com minha própria trajetória. Para outros, talvez o projeto fosse apenas um espaço para cumprir bolsa trabalho, ou estivesse na esfera da filantropia. Os significados do projeto estavam em disputa e tal qual nos espaços de militância, muitos debates aconteciam, protagonizados muitas vezes por mim e um outro membro do grupo, com uma trajetória de liderança no âmbito da igreja católica.

Sendo muito incentivada pela coordenadora do PEIS, que na época era a Prof^a Dr^a Sandra Fernandes Leite, e que se tornaria minha orientadora em iniciação científica, transformei minhas práticas e reflexões em trabalhos acadêmicos. Participei de congressos pelo Brasil, apresentei dezenas de trabalhos, ministrei diversas palestras, oficinas e minicursos. Ainda por incentivo da coordenadora do PEIS, escrevi meu primeiro artigo científico. Descobri que não era impossível publicar durante a graduação e depois dele, escrevi outros três artigos, três capítulos de livro e acabei transformando meu relatório de iniciação científica em meu primeiro livro publicado “Exclusão Escolar Racializada: implicações do racismo na trajetória dos educandos da EJA” (2019).

Cheguei também a vivenciar a experiência de atuar como parte da coordenação pedagógica do PEIS.

Formada em agosto de 2018, logo me apliquei ao processo seletivo de Mestrado em Educação, ingressando em 2019. Meu primeiro ano de mestrado foi marcado por meu desengajamento do PEIS. A decisão foi informada por mim a alguns logo no início de 2019. Por um lado, depois de cinco anos ininterruptos, faltavam-me forças para continuar comprometendo todas as minhas manhãs de sábado no projeto. Mas essa falta de forças tinha como um motivo importante um sentimento de ausência de propósito. Com a entrada de um grupo novo de professores, que não concebiam o PEIS da mesma maneira que eu e uma parte dos demais educadores de minha geração, o espaço se descaracterizou para mim. Assim, dedicar-me principalmente ao meu mestrado tomou a frente na competição entre minhas esferas de vida e o comprometimento (Passy e Giugni, 2000). Atualmente, sigo me considerando militando, mas sem estar vinculada a nenhum grupo associativo, assim como foi possível observar com relação aos meus interlocutores nessa pesquisa. A identidade militante, enquanto identidade, não se esvazia facilmente. Minha militância continua, em consonância com o que vimos nas trajetórias atuais dos sujeitos dessa pesquisa, na forma de uma militância negra que articula a luta antirracista no campo da produção intelectual. Uma militância de base acadêmica.

ANEXO 1

Quadro 1. Pertencimento étnico-racial, identidade de gênero, idade e origem (NCN)

Nome	Idade (entrevista)	Idade (engajamento)	Gênero	Id. Gênero	Raça/Cor	Id. Racial	Origem
Lueji	27	21	Feminino	Cisgênero	Preta	Negra	Campinas - SP
Akin	25	19	Masculino	Bicha	Preto	Negro	São Paulo - SP
Jamila	25	19	Feminino	Cisgênero	Preta	Negra	São Paulo - SP
Ayana	26	18	Feminino	Cisgênero	Preta de pele clara	Negra	São Paulo - SP
Hanna	25	20	Feminino	Cisgênero	Parda	Negra	São Paulo - SP
Paki	29	22	Masculino	Cisgênero	Preto	Negro	São Paulo - SP
Adenike	37	29	Feminino	Cisgênero	Preta	Negra	Rio de Janeiro - RJ
Núbia	27	23	Feminino	Cisgênero	Parda	Negra	São Paulo - SP
Zuri	30	23	-----	Não-binária	Prete	Negre	Itapevi - SP
Taió	26	20	Feminino	Cisgênero	Preto	Negra	São Paulo - SP
Obi	36	29	Masculino	Cisgênero	Preto	Negro	Passos - MG
Talib	22	18	Masculino	Cisgênero	Preto de pele clara	Negro	Campinas - SP
Malik	25	19	Masculino	Cisgênero	Preto	Negro	Santos - SP
Abayomi	38	30	Feminino	Cisgênero	Preta	Negra	Recife - PE

ANEXO 2

Quadro 2. Características sócio-ocupacionais dos avós maternos (NCN)

Nome	Origem do avô materno	Raça/Cor do avô materno	Escolarização do avô materno	Ocupação do avô materno	Origem da avó materna	Raça/Cor da avó materna	Escolarização da avó materna	Ocupação da avó materna
Lueji	Bahia	Preto	Fundamental completo	Caminhoneiro	Minas Gerais	Preta	Ensino Médio (EJA)	Babá
Akin	São Paulo	Pardo	Fundamental incompleto	Segurança	Minas Gerais	Branca	-----	Doméstica
Jamila	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	Doméstica
Ayana	-----	-----	-----	-----	Bahia	Branca	Alfabetizada	Babá/ Doméstica
Hanna	-----	Preto	-----	Caminhoneiro	-----	Preta	Fundamental incompleto	Doméstica
Paki	Minas Gerais	Preto	Fundamental incompleto	Motorista	Bahia	Preta	Fundamental incompleto	Doméstica
Adenike	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Núbia	-----	Preto	-----	Caminhoneiro	-----	Preta	Alfabetizada	Dona de casa
Zuri	-----	-----	-----	-----	Minas Gerais	Preta	-----	Doméstica
Taió	-----	-----	-----	-----	Minas Gerais	Preta	-----	Doméstica
Obi	Minas Gerais	Preto	-----	Quebrador de pedra	Minas Gerais	Preta	-----	Lavadeira
Talib	-----	-----	-----	-----	Bahia	Branca	-----	Doméstica
Malik	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Abayomi	Minas Gerais	Preto	-----	Pedreiro	Minas Gerais	Preta	-----	Doméstica

Quadro 2.1 Características sócio-ocupacionais dos avós paternos (NCN)

Nome	Origem do avô paterno	Raça/Cor do avô paterno	Escolarização do avô paterno	Ocupação do avô paterno	Origem da avó paterna	Raça/Cor da avó paterna	Escolarização da avó paterna	Ocupação da avó paterna
Lueji	São Paulo	Branco	Fundamental incompleto	Mecânico	São Paulo	Branca	Fundamental incompleto	Costureira
Akin	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Jamila	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Ayana	São Paulo	Branco	Superior completo (Direito)	Carcereiro	São Paulo	Preta	Alfabetizada	Costureira/ Cabelereira
Hanna	-----	Preto	-----	-----	-----	Parda	-----	-----
Paki	Portugal	Branco	Superior Completo (Direito)	Advogado	Portugal	Branca	Ensino secundário completo	Dona de casa
Adenike	Minas Gerais	Preto	-----	-----	Minas Gerais	Preta	Magistério	Professora
Núbia	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Zuri	Portugal	Branco	-----	Comerciant e	Portugal	Branca	-----	Dona de casa
Taió	-----	Preto	-----	Pedreiro	-----	-----	-----	-----
Obi	-----	Preto	-----	Caseiro	-----	Branca	-----	-----
Talib	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Malik	-----	-----	-----	Pedreiro	-----	-----	-----	Dona de casa
Abayomi	Ceará	Branco	-----	Pedreiro	Ceará	Branca	-----	-----

ANEXO 3

Quadro 3. Características sócio-ocupacionais das famílias (NCN)

Nome	Origem da mãe	Raça/cor da mãe	Escolarização da mãe	Ocupação profissional da mãe	Origem do pai	Raça/cor do pai	Escolarização do pai	Ocupação profissional do pai
Lueji	São Paulo	Preta	Ensino Superior Completo (Pedagogia) Mestrado (Artes Visuais)	Bancária	São Paulo	Branco	Ensino Superior completo (Tecnólogo em Construção Civil)	Técnico de laboratório (UNICAMP)
Akin	São Paulo	Branca	Ensino fundamental incompleto	Doméstica	Minas Gerais	Preto	Nenhuma.	Jardineiro
Jamila	São Paulo	Preta	Ensino médio incompleto (EJA)	Cozinheira	-----	-----	-----	-----
Ayana	Bahia	Branca	Ensino Superior completo (Serviço Social)	Babá/ Artesã/ Vendedora de roupas	São Paulo	Preto	Ensino médio completo.	Segurança patrimonial/ Vendedor de artigos eletrônicos.
Hanna	São Paulo	Preta	Ensino Superior completo (Pedagogia)	Vendedora em loja de móveis	São Paulo	Preto	Ensino Técnico completo (Enfermagem)	Bombeiro/ Enfermeiro
Paki	São Paulo	Preta	Ensino Superior Completo	Secretária	Portugal	Branco	Ensino Superior Completo	Contador

							(Ciências contábeis)	
Adenike	Bahia	Preta	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	Doméstica	Minas Gerais	Preto	Fundamental Incompleto	Operário siderúrgico
Núbia	São Paulo	Preta	Superior Completo (Psicologia) Especialização (Saúde Mental)	Psicóloga	São Paulo	Branco	Fundamental Incompleto	Motorista
Zuri	Minas Gerais	Preta	Fundamental Incompleto	Doméstica/ Auxiliar de limpeza (terceirizada)	São Paulo	Branco	-----	-----
Taió	Minas Gerais	Preta	Ensino superior em andamento (Pedagogia)	Doméstica	São Paulo	Preto	Fundamental completo	Pedreiro
Obi	Minas Gerais	Preta	Ensino Superior Completo (Licenciatura em Matemática)	Dona de casa	Minas Gerais	Preto	Superior incompleto	Vendedor autônomo.
Talib	São Paulo	Branca	Ensino Médio Completo (EJA)	Frentista/ Operadora de Telemarketing	São Paulo	Preto	Ensino médio completo	Motorista
Malik	São Paulo	Preta	Ensino Técnico completo (Enfermagem)	Diarista	-----	-----	-----	-----

Abayomi	Minas Gerais	Preta	Ensino médio incompleto	Dona de casa	Ceará	Branco	Ensino médio incompleto	Contratador de Obra
---------	--------------	-------	-------------------------	--------------	-------	--------	-------------------------	---------------------

ANEXO 4

Quadro 4. Cursos de ingresso e vínculo atual com a universidade (NCN)

Nome	Ano/Curso de Ingresso na Universidade	Ano/Curso de Ingresso na UNICAMP	Ano de Formação na UNICAMP	Ocupação Profissional após a UNICAMP	Vínculo atual com a Universidade
Lueji	2010/ Pedagogia	2010/ Pedagogia	2015	Professora PEB I	Nenhum
Akin	2014/Ciências Sociais	2014/Ciências Sociais	2017	Pesquisador	Mestrando em Antropologia Social/ UNICAMP
Jamila	2014/ Letras	2014/ Letras	Curso em andamento	-----	Estudante de Graduação
Ayana	2012/ Ciências Sociais	2012/ Ciências Sociais	2017	Pesquisadora	Doutoranda em Antropologia Social/UNICAMP
Hanna	2014/ Ciências Sociais	2014/ Ciências Sociais	2019	Pesquisadora	Mestranda em Demografia/UNICAMP
Paki	2009/Ciências Sociais	2009/Ciências Sociais	2014	Professor de Sociologia e História	Nenhum.
Adenike	2006/ Letras	2006/ Letras 2012/ Mestrado em Linguística Aplicada 2018/ Doutorado em Teoria e História Literária	Graduou-se em 2011 e concluiu o mestrado em 2014	Professora (anos finais do Ensino Fundamental)	Doutoranda em Teoria e História Literária/UNICAMP

Núbia	2011/Ciências Sociais	2011/Ciências Sociais 2016/ Mestrado em Demografia 2019/ Doutorado em Demografia	Graduou-se em 2015, e concluiu mestrado em 2018	Pesquisadora	Doutorado em Demografia/UNICAMP
Zuri	2013/Dança	2013/Dança 2018/ Mestrado em Artes da Cena	Graduou-se em 2017	Pesquisador(e)	Mestrado em Artes da Cena/UNICAMP
Taió	2012/ Matemática / UNESP	2014/História 2019/ Mestrado em História Social do Trabalho	Graduou-se em 2018	Assessora Parlamentar	Mestrado em História Social do Trabalho
Obi	2002/Cursão	2002/Cursão 2011/ Doutorado em Filosofia (interrompido) 2017/ Doutorado em Sociologia	Graduou-se em Matemática no ano de 2005. É mestre em Filosofia pela USP (2006-2008)	Servidor Técnico-Administrativo	Servidor técnico-administrativo na UNICAMP. Doutorando em Sociologia na UNICAMP e Doutorando em Filosofia na City University of New York (desde 2018).
Talib	2016/ Ciências Sociais	2016/ Ciências Sociais	Curso em andamento	-----	Estudante de graduação
Malik	2015/ Filosofia	2015/ Filosofia	Curso em andamento	-----	Estudante de Graduação
Abayomi	2003/ Educação Física / UFBA	2009 / Mestrado em Educação 2012/ Doutorado em Educação	Finalizou o mestrado em 2011 e cursou o doutorado entre 2012 - 2017	Professora universitária (UEFS)	Pós-Doc em Sociologia do Conhecimento /UNICAMP

ANEXO 5

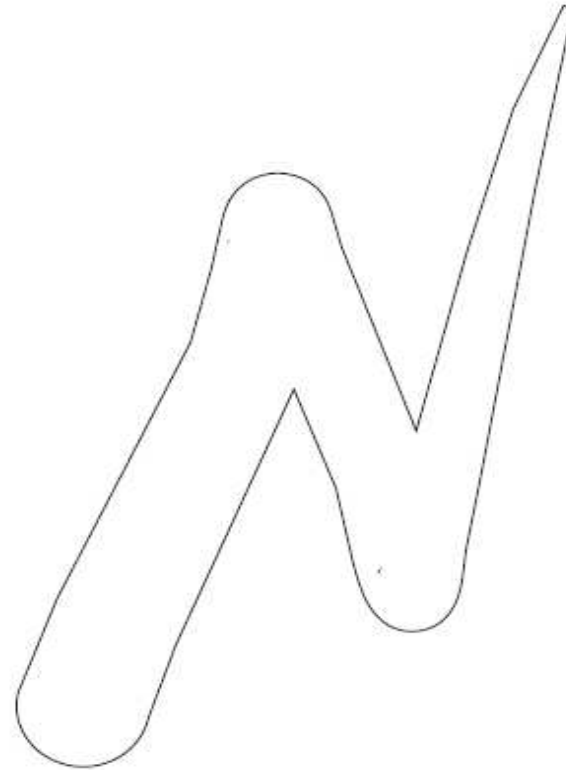
Figura 2. Panfleto de divulgação A (NEN)

**HISTÓRICO DO NEN
NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS
(2003-2008)**

A motivação para a criação de um grupo de estudos que envolvesse a temática étnico-racial surgiu em 2002, quando duas alunas da Unicamp, Angélica Garcia Sales (FE) e Raquel Honorato da Silva (IFCH) participaram do Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, quando este se encontrava em sua segunda versão, realizada na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) de 25 a 29 de novembro de 2002.

Elas retornaram motivadas e decididas a promoverem a discussão sobre a temática dentro da universidade. Durante a visita à casa de uma amiga - Sílvia Cipriano (naquele momento aluna do IA) Raquel H. da Silva expôs a idéia, que foi acolhida com interesse. Angélica G. Sales expôs a sua irmã e, também aluna da Unicamp, Anselma Garcia Sales, que compartilhou o interesse e iniciou os primeiros passos para efetivar a idéia, propondo uma reunião, com divulgação no campus, chamando interessados em participar. No começo, as coisas processaram lentamente, porém, o interesse de todos em participar da terceira versão do Congresso, (realizado de 6 a 10 de setembro de 2004 na Universidade Federal do Maranhão, cidade de São Luís), acabou favorecendo a articulação do grupo, que recebeu outros interessados: Rogério Antunes (FE), Fabiana Mendes (IFCH), Daniela Rosa (IFCH), Wilson Rogério Penteado Jr (IFCH), Pedro H. Pereira Costa (IFCH), entre outros. A idéia era adquirir mais subsídios para a promoção de um debate voltado para as questões étnico-raciais, posto que tal discussão não possuía grande expressão acadêmica na Unicamp.

O número de representantes da Unicamp que participaram do evento na UFMA foi maior, graças ao apoio do Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis (Permanente colaborador) docente do IEL. A participação no CBPN (atual COPENE) influenciou significativamente a criação e estruturação do Grupo de Estudos Negros que, inicialmente, tinha como proposta a promoção da reflexão e produção acadêmica, além do possível suporte e orientação aos negros recém-ingressos na universidade.



Em 2005, quando houve a primeira reestruturação, eram membros, além dos alunos supracitados, Kassandra Muniz (IEL), Mulumba Bertazini Kabengele (IFCH), Daniela do Carmo (IFCH) e a jornalista Márcia Regina Adão de Souza. Também contavam com a participação de funcionários e docentes da Unicamp, dentre os quais destacaram-se os funcionários Beeroth de Souza (FEF), Devison P. de Abreu (IFCH) e Magali Mendes (IFCH); e o docente Prof. Dr. Osmundo Pinho (IFCH).

Na busca do fortalecimento foi criado um grupo de discussão virtual, aberto a todos(as) interessados(as) na temática, independente do pertencimento racial. Ao mesmo tempo, para criar um espaço afirmativo dentro da Unicamp, foi criado o coletivo de negros e negras, constituído apenas por pessoas auto-declaradas negras, com o objetivo de estabelecer reuniões presenciais para tratar de questões de cunho acadêmico e político. Dentre eles a realização de um encontro de pesquisadores negros.

O encontro foi viabilizado em 2006, com a contribuição e experiência de Mário Medeiros da Silva (IFCH) que ao integrar-se ao grupo, trouxe o conhecimento adquirido na realização dos Encontros de Pesquisa em Humanidades (Enchuma). Nasceu assim, o Seminário de Pesquisas e Estudos Negros. Nesse momento, juntou-se ao grupo Janaina Damasceno (FE) e Cristina Mandau (FE).

Com a chegada dos novos membros, em destaque Mário Medeiros, a idéia de institucionalização exposta por Anselma G. Sales e Kassandra Muniz, fortaleceu-se e o coletivo adquiriu a identidade de Núcleo de Estudos Negros (NEN), embora ainda não esteja institucionalizado.

O Núcleo de Estudos Negros é atualmente um coletivo composto por alunos(as) e ex-alunos(as) da Unicamp que se associaram com o intuito de promover estudos que contemplatessem a discussão da temática étnico-racial no Brasil.

ANEXO 6

Figura 3. Panfleto de divulgação B (NEN)

**CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE
SOLANO TRINDADE - 1908-2008**



**ABOLIÇÃO
REFLEXÃO**

O 13 de maio de 1888 é importante, enquanto data histórica. Tendo sido nosso país o último a abolir a escravidão, o 13 de maio pôs fim a uma instituição milenar esgotada pelo avanço da cultura. Entretanto, o transcurso do seu centenário é essencialmente um momento de reflexão sobre a situação do negro brasileiro, que ainda aspira a sua plena realização como cidadão, livre do racismo e da discriminação social e econômica. Por essa liberdade morreu Zumbi - o herói dos Palmares - na Serra da Barriga, Alagoas, num dia 20 de novembro, há quase três séculos. Na defesa dos direitos dos negros na denúncia das suas carências atuou um grande poeta contemporâneo negro - Solano Trindade - cuja obra procura-se resgatar ao silêncio. (Texto de Nelson Ávila publicado no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro em 16 de maio de 1988).

Olorum ÈKE

Olorum Ekê
Olorum Ekê
Eu sou poeta do povo
Olorum Ekê

A minha bandeira
É de cor de sangue
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Da cor da revolução
Olorum Ekê

Meus avós foram escravos
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Eu ainda escravo sou
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Os meus filhos não serão
Olorum Ekê
Olorum Ekê

Solano Trindade

Parceria:



Apoio:



Campinas, dezembro de 2008



ANEXO 7

Quadro 5. Características sociais, cursos de ingresso e vínculo atual com a universidade (NEN)

Nome	Ras	Nala	Aziza	Layla
Idade (entrevista)	38	45	46	42
Idade (engajamento)	24	29	30	28
Gênero	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Id. Gênero	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero
Raça/cor	Negro	Negra	Negra	Negra
Id. Racial	Negro	Negra	Negra	Negra
Origem	São Paulo - SP	Campinas - SP	Campinas - SP	Campinas - SP
Ano/Curso de ingresso na UNICAMP	2000/ Ciências Sociais	1998/Ciências Sociais	1997/ Letras	1998/ Ciências Sociais
Ano de formação na UNICAMP	2003 – Graduação em Ciências Sociais 2006 – Mestrado em Sociologia 2011 – Doutorado em Sociologia	2002 – Graduação em Ciências Sociais 2005- Graduação em Ciência Política 2009 – Mestrado em Educação 2015 – Doutorado em Educação	2003 – Graduação em Letras 2007 – Graduação em Linguística 2010 – Mestrado em Sociologia 2018 – Doutorado em Letras	2001 – Graduação em Ciências Sociais e Antropologia 2006 – Mestrado em Antropologia Social 2015 – Doutorado em Antropologia Social

Vínculo atual com a universidade	2013 -Professor Doutor em Sociologia	2015- Egressa/Colaboradora – LAPPLANE/FE/UNICAMP	Nenhum.	Nenhum.
---	--------------------------------------	--	---------	---------

ANEXO 8

Quadro 6. Características sócio-ocupacionais dos avós (NEN)

Nome	Ras	Nala	Aziza	Layla
Origem do avô materno	Piracicaba – SP	Campinas - SP	-----	Itapeccerica da Serra - SP
Raça/cor do avô materno	Negro	Negro	-----	Branco
Escolarização do avô materno	-----	-----	São José do Rio Pardo - MG	Sem escolarização
Ocupação do avô materno	Lavrador/Segurança Patrimonial	Ferrovário	-----	-----
Origem da avó materna	Itu - SP	Campinas - SP	São José do Rio Pardo - MG	Mariana - MG
Raça/cor da avó materna	Negra	Negra	Negra	Negra
Escolarização da avó materna	-----	-----	-----	Sem escolarização
Ocupação da avó materna	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica	-----

Origem do avô paterno	Fernandópolis - MG	Minas Gerais	Salvador - BA	Bebedouro - SP
Raça/cor do avô paterno	Negro	Negro	Negro	Branco
Escolarização do avô paterno	-----	-----	-----	-----
Ocupação do avô paterno	-----	Ferroviário	-----	-----
Origem da avó paterna	Fernandópolis - MG	Minas Gerais	-----	Bebedouro - SP
Raça/cor da avó paterna	Negro	Negra	-----	Branca
Escolarização da avó paterna	-----	-----	-----	-----
Ocupação da avó paterna	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica	-----	-----

ANEXO 9

Quadro 7 – Características sócio-ocupacionais dos pais (NEN)

Nome	Ras	Nala	Aziza	Layla
Origem da mãe	Piracicaba – SP	Campinas - SP	São José do Rio Pardo - MG	São José do Rio Preto - SP
Raça/cor da mãe	Negra	Negra	Negra	Negra
Escolarização da mãe	Ensino fundamental completo	Ensino médio incompleto	Ensino médio (EJA)	Sem escolarização

Ocupação profissional da mãe	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica	Dona de casa
Origem do pai	São Paulo	Minas Gerais - MG	Salvador - BA	São José do Rio preto - SP
Raça/cor do pai	Negro	Negro	Negro	Branco
Escolarização do pai	Ensino Superior Completo (Direito)	Sem escolarização	-----	Ensino fundamental incompleto
Ocupação do pai	Delegado de Polícia	Pedreiro	Motorista/ Comerciante de bebidas	Carregador/ Cobrador de Ônibus